

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EMÍLIA BRAZ

HAIR IS EVERYTHING:
MATERIALIZANDO A CISGENERIDADE A PARTIR DOS PELOS CORPORAIS

PORTO ALEGRE

2024

EMÍLIA BRAZ

HAIR IS EVERYTHING

MATERIALIZANDO A CISGENERIDADE A PARTIR DOS PELOS CORPORAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Sandrine Machado

Coorientadora: Profa. Dra. Fabíola Rohden

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Bras, Emilia
Hair is everything: materializando a cisgeneridade
a partir dos pelos corporais / Emilia Bras. -- 2024.
233 f.
Orientadora: Paula Sandrine Machado.

Coorientadora: Fabiola Rohden.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Cisgeneridade. 2. Materialização. 3. Estudos
feministas da ciência. 4. Pelos corporais. 5.
Antropologia da ciência e da tecnologia. I. Machado,
Paula Sandrine, orient. II. Rohden, Fabiola,
coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EMÍLIA BRAZ

HAIR IS EVERYTHING

MATERIALIZANDO A CISGENERIDADE A PARTIR DOS PELOS CORPORAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 22/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Paula Sandrine Machado
Orientadora

Profa. Dra. Fabíola Rohden
Coorientadora

Prof. Dr. Lucas Riboli Besen (Health Information Science/UWO)
Avaliador

Prof. Dr. Sérgio Luís Carrara (IMS/UERJ)
Avaliador

Profa. Dra. Vitória Pinheiro Grunvald (PPGAS/UFRGS)
Avaliadora

Dedico esse trabalho às intelectuais trans que
antecederam e possibilitaram imaginar as
ideias aqui escritas.

AGRADECIMENTOS

Durante os dois anos de mestrado, com a mudança para Porto Alegre, muitas coisas aconteceram e muitas pessoas entraram em minha vida. Contudo, gostaria de iniciar os agradecimentos àquela que se manteve em minha vida e cuja presença é a mais importante. Agradeço, então, à Heron, meu companheiro de vida, por estar presente nos melhores e piores momentos desses dois últimos anos. Por celebrar comigo os momentos bons, desde a aprovação no mestrado até o final da escrita, por tudo o que vivemos e aprendemos durante esse meio tempo e, especialmente, por estar junto de mim nos momentos de dificuldades, fossem elas com esse projeto ou com as mais diversas situações que a vida nos coloca. Agradeço também ao meu gato, Félix, pela companhia de escrita, especialmente nos dias frios que não saíamos da cama ou nos momentos que você escolhia ficar no meu colo. A vocês dois, meu maior amor.

À minha família, minha mãe Terezinha e meu pai José pelo apoio emocional e por tudo que reaprendemos nos últimos anos. À minha irmã Cleise e aos meus sobrinhos Joaquim e Ester, meus grandes amores, por me ensinarem a ter confiança no futuro de novo. À família de Heron, sua mãe Silvane, seu pai Eron e seu irmão Israel que, desde o início, me receberam de braços abertos e com muito carinho. Retornar ao Paraná durante o último ano e estar próxima de vocês tornou esse momento muito mais feliz.

Aos meus amigos e minhas amigas paranaenses, que pude reencontrar dias antes da entrega final dessa dissertação: Amanda, Daniel, Gabriela, Guilherme, Hellen, Junior, Lívia e William. Agradeço especialmente à Melissa Barbieri pela amizade há quase 10 anos e pela disponibilidade em conversar comigo sobre todo tipo de assunto. Seguir com nossa amizade aprendendo uma com a outra e dando continuidade a nossos projetos é uma das minhas maiores felicidades!

À Sofia Favero pela amizade que nutrimos nos últimos anos: pela leitura cuidadosa de trechos que compõem essa dissertação, pelas maquiagens, pelos rolês e, principalmente, pelas conversas. Seu senso de humor e de responsabilidade me inspiram tanto a seguir na vida acadêmica quanto a produzir outras possibilidades de mundo.

À Daniel Kveller pelo acolhimento em meus primeiros dias em Porto Alegre e pelas conversas sempre tão instigantes.

Às amigas que fiz no decorrer desses dois anos, especialmente às gurias com quem descobri formas de habitar a melhor Porto Alegre possível. À Camila Silveira Cavalheiro, Victória Perfeito, Camila de Oliveira, Leonardo Pezzin, Leonardo Giasson e Bruno Moraes

pelos encontros e pelas mais diversas receitas de risoto que fizemos nos sábados à noite. À Camila, especialmente, por todas as trocas afetivas e acadêmicas, as infindáveis conversas pessoais e profissionais, horas de estudo e viagens e as experiências compartilhadas que tornaram tudo mais leve.

Agradeço aos e às colegas e amigos que compõem o Grupo de Estudos em Ecologia das Práticas: André Araújo, Cecília Severo, Émerson Pirola, Fernando Silva e Silva, Júlia Gonçalves, Leonardo Tietboehl e Luísa Muccilo pela oportunidade de construir conjuntamente outras formas de produzir ciência e de se relacionar com o mundo e com o conhecimento.

Agradeço imensamente às minhas orientadoras, Paula Sandrine Machado e Fabíola Rohden. Com ambas, participei do NUPSEX e do Ciências na Vida, seus respectivos grupos de pesquisa, onde pude compartilhar meu trabalho e aprender com o trabalho de muitas outras pessoas. Agradeço pela paciência e pelo encorajamento que demonstraram durante todo esse processo. Esse trabalho não seria o que é sem a leitura atenciosa de cada uma de vocês.

À Lucas Riboli Besen, Sérgio Luís Carrara e Vitória Pinheiro Grunvald por aceitarem participar da banca de avaliação, pela leitura e por suas contribuições.

Às intelectuais trans que cito no decorrer desse trabalho e àquelas/es/us com quem venho compondo a Rede de Estudos Trans-Travestis e aprendendo a resistir às tentativas de silenciamento e exclusão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), aos e às docentes que participaram de minha formação durante o período de mestrado e aos e às colegas discentes que conheci durante esse processo e com quem pude aprender, discutir e fazer antropologia além de desenvolver laços de amizade.

À turma *Gênero e sexualidade nos modos contemporâneos de subjetivação* do curso de Psicologia, onde estagiei durante o primeiro semestre de 2022, pelas trocas e pela oportunidade de redescobrir o desejo pelo ensino.

Agradeço, finalmente, à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento que possibilitou a dedicação exclusiva ao mestrado.

Estar emaranhado não é simplesmente estar entrelaçado com outro, como na união de entidades separadas, mas não ter uma existência independente e autônoma. A existência não é um assunto individual. Os indivíduos não preexistem às suas interações; em vez disso, os indivíduos emergem por meio de e como parte de suas intra-ações emaranhadas. Isso não quer dizer que o surgimento acontece de uma vez por todas, como um evento ou como um processo que ocorre de acordo com alguma medida externa de espaço e tempo, mas sim que o tempo e o espaço, assim como a matéria e o significado, passam a existir, são reconfigurados iterativamente por meio de cada intra-ação, tornando impossível diferenciar em qualquer sentido absoluto entre criação e renovação, início e retorno, continuidade e descontinuidade, aqui e ali, passado e futuro.

To be entangled is not simply to be intertwined with another, as in the joining of separate entities, but to lack an independent, self-contained existence. Existence is not an individual affair. Individuals do not preexist their interactions; rather, individuals emerge through and as part of their entangled intra-relating. Which is not to say that emergence happens once and for all, as an event or as a process that takes place according to some external measure of space and of time, but rather that time and space, like matter and meaning, come into existence, are iteratively reconfigured through each intra-action, thereby making it impossible to differentiate in any absolute sense between creation and renewal, beginning and returning, continuity and discontinuity, here and there, past and future.

Karen Barad, *Meeting the Universe Halfway*, p. ix

É necessário que as feministas se envolvam nas práticas da ciência, da tecnologia e da medicina, na teorização das práticas tecnocientíficas e na teorização do social, do cultural e do político. É necessário entender as leis da natureza, bem como a lei do pai. Mas entender e reformular diferentes aparatos disciplinares isoladamente não será suficiente. As intra-ações importam.

There is a need for feminists to be involved in the practices of science, technology, and medicine, the theorization of technoscientific practices, and the theorization of the social, the cultural, and the political. There is a need to understand the laws of nature as well as the law of the father. But understanding and reworking different disciplinary apparatuses in isolation won't suffice. Intra-actions matter.

Karen Barad, *Meeting the Universe Halfway*, p. 221-222

RESUMO

Fonte de debates ético-onto-epistêmicos (Barad, 2007), o conceito de cisgeneridade se tornou fundamental na compreensão da construção de fronteiras de sexo e gênero, assim como de raça e humanidade, e seus efeitos políticos. No Brasil, o conceito é uma das principais articulações transfeministas, se popularizando como a nomeação de pessoas que mantêm o gênero designado no nascimento. Visando problematizar a ideia de gênero, sexo, raça e humanidade como atributos e características inerentes e meramente discursivos, volto-me à materialização da cisgeneridade a partir de uma característica sexual secundária: os pelos corporais. Articulando os estudos feministas e sociais da ciência e os estudos trans em uma cama de gato (Haraway, 1994; 2023a), proponho contar outra história/estória do conceito de cisgeneridade a partir do seguinte questionamento: pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo? Baseando-me na noção de práticas material-discursivas (Haraway, 2023b; Barad, 2007) e na especulação fabulativa do conhecimento científico (Haraway, 2023b; 1996; M'charek, 2013), compreendo a cisgeneridade não como a constatação do dimorfismo sexual como a realidade dos corpos, mas como o aparato de produção corporal através do qual corpos cis e trans são diferencial e relativamente construídos.

Palavras-chave: cisgeneridade; materialização; pelos corporais; estudos feministas da ciência.

ABSTRACT

A source of ethico-onto-epistemic debates (Barad, 2007), the concept of cisness has become fundamental in understanding the construction of sex and gender boundaries, as well as of race and humanity ones and their political effects. In Brazil, the concept is one of the main transfeminist articulations, having become popular as the naming of people who maintain the gender assigned at birth. Aiming to problematize the idea of gender, sex, race and humanity as inherent and merely discursive attributes and characteristics, I turn to the materialization of cisness based on a secondary sexual characteristic, namely body hair. Articulating feminist and social studies of science and trans studies into a cat's cradle (Haraway, 1994; 2023a), I propose to tell another history/story of the concept cisness based on the following question: can a trans woman be diagnosed with hirsutism? Based on the notion of material-discursive practices (Haraway, 2023b; Barad, 2007) and the speculative fabulation of scientific knowledge (Haraway, 2023b; 1996; M'charek, 2013), I have come to understand cisness not as the verification of sexual dimorphism as the reality of bodies, but as the apparatus of bodily production through which cis and trans bodies are differential and relatively constructed.

Keywords: cisness; materialization; body hair; feminist studies of science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Esquema visual dos efeitos nocivos da DHT à espessura e pigmentação dos cabelos masculinos	20
Figura 2 — Diagrama do local da próstata, uretra, bexiga e pênis encontrados “somente” e “apenas” em homens (cisgêneros)	21
Figura 3 — Padrões 2, 3, 4 e 5 do crescimento de pelos púbicos da <i>Escala de Tanner</i> para classificação do desenvolvimento púbere.	67
Figura 4 — Quatro tipos de distribuição de pelos pubianos.....	68
Figura 5 — Demarcações anterior e posterior das áreas estudadas.....	71
Figura 7 — As <i>regiões</i> do corpo masculino a serem estudadas	76
Figura 8 — Tabela com variedades de padrão para as onze regiões	77
Figura 9 — Variação de pelos corporais de um homem cisgênero orquiectomizado e hormonizado	78
Figura 10 — As nove regiões do estudo de Shah.....	79
Figura 11 — Critérios adotados para graduação de crescimento de pelos corporais	83
Figura 12 — Padrões de perda de pelos pubianos masculino e feminino, respectivamente	86
Figura 13 — Ênfase nas áreas faciais (o lábio e o queixo) a partir da graduação de Ferriman e Gallwey	91
Figura 14 — Graduação de 1 a 4 de pelos faciais (lábios e queixo) a partir da <i>Escala Ferriman-Gallwey modificada</i> (FGm)	91
Figura 15 — As cinco regiões faciais do estudo de Trotter	93
Figura 16 — A constância do valor modal e a diferença na variação em relação à moda	94
Figura 17 — Reprodução visual das graduações na escala de Thomas e Ferriman	97
Figura 18: Estrutura de um folículo capilar publicado em <i>Anatomy of the Human Body</i> de Henry Gray (1858).....	98
Figura 19 — Diferenciação racial e taxonômica a partir dos pelos: <i>bearded type</i> e <i>beardless type</i>	103
Figura 20 — A prática do cuidado e da remoção da barba: uma prática masculina	105
Figura 21 — Comparações raciais e interespecíficas do século XIX difundindo a ideia de avanço e aprimoramento.....	115
Figura 22 – Comparação entre o crânio de um “homem moderno (europeu)” e um hominídeo, <i>Pithecanthropos robustus</i>	119

Figura 23 — Segunda versão da ilustração de Schultz.....	126
Figura 24 — Terceira versão de da ilustração de Schultz	126
Figura 25 — <i>Pithecanthropus alalus</i> , pintura a óleo feita por Gabriel von Max em 1894 ilustrando um possível ancestral original	132
Figura 26 — Representação diagramática das direções do crescimento dos pelos corporais de um feto de humano da primeira metade do século XIX	133
Figura 27 – Os ângulos faciais de Petrus Camper, dos 58° rudimentares do orangotango aos majestosos 100° de <i>Pythian Apollo</i> , encontrados apenas em estátuas gregas	136
Figura 28 — Seguindo a moda da época: três fotografias de Charles Darwin datadas de 1854, 1874 e 1881.....	141
Figura 29 – Representação satírica de um Darwin híbrido pós-publicação de <i>Descent of Man</i> em uma revista de 1871	142
Figura 30 — Os ornamentos e as características físicas são índices dos estágios evolutivos, “uma comparação mais justa”	145
Figura 31 — “Eu não sou descendente de um quadrupede piloso com orelhas pontudas e uma cauda”, ilustração de uma revista de 1871	156
Figura 32 — Sexo, gênero, raça e barba: Viola M. e Julia Pastrana	166
Figura 33 — “A prova viva da teoria de descendência do homem de Darwin”: panfleto de 1887 divulgando o espetáculo de Krao Farini	168
Figura 34 — Os pelos faciais jamais deixaram de figurar como uma das principais evidências de hirsutismo ou anormalidade no crescimento dos pelos.....	206
Figura 35 — A narração da história/estória de Teodora é, geralmente, acompanhada pela imagem de um rosto masculino com barba	207

Apoio de Financiamento CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	APRESENTAÇÃO.....	14
1.2	“VOCÊ É MESMO PARANOICA COM PELOS!”	18
1.3	IMPLODINDO A CISGENERIDADE.....	29
2	PELO FIM “DA” CISGENERIDADE: APONTAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS	40
2.1	MONTANDO O ARRANJO DE UMA CAMA DE GATO	40
2.2	HISTORICIZANDO A CISGENERIDADE PARA ALÉM DE CERTOS MARCOS TEMPORAIS.....	47
2.3	APARATO MATERIAL-SEMIÓTICO DE PRODUÇÃO CORPORAL.....	50
3	HIRSUTISMO	59
3.1	UM ANTECEDENTE: OS MEANDROS DA ANTROPOMETRIA	59
3.2	A FABRICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE HIRSUTISMO.....	66
3.3	AFINAL, QUEM TEM BARBA?.....	101
4	EVOLUCIONISMO	109
4.1	“PARA ALÉM” DO GÊNERO E DO SEXO.....	110
4.2	RAÇA, CIVILIDADE E PELOS NA TEORIA EVOLUCIONISTA.....	116
4.2.1	Garn, Schultz, antropologia e raça	117
4.2.2	Darwin, seleção sexual e a fronteira humano/não-humano.....	128
4.3	ENTÃO, ONDE COMEÇA O NÃO-HUMANO?.....	146
5	CISGENERIDADE	172
5.1	RASTREANDO UM CONCEITO.....	173
5.2	MATÉRIA, MATERIALIDADE, ENFIM, MATERIALIZAÇÃO.....	189
5.3	PODE UMA MULHER TRANS SER DIAGNOSTICADA COM HIRSUTISMO?	202
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	219
	REFERÊNCIAS.....	224

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 2022, me encontrei com a endocrinologista pediatra responsável pelo atendimento de pacientes diagnosticados com Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC) em um hospital de Porto Alegre, contato possibilitado pelo fato de Paula Sandrine Machado ter trabalhado com ela anteriormente¹. Fomos ao hospital no qual ela trabalha com o intuito de estabelecer um primeiro contato e, a partir disso, acessar o espaço de sua clínica de endocrinologia pediátrica para observar eventos que pudessem corroborar com o que, até então, vinha desenvolvendo na dimensão teórica: a materialização da cisgenderidade a partir dos pelos corporais. Apesar de o diagnóstico de hirsutismo se referir a mulheres adolescentes e adultas e eu estar prestando mais atenção à “adulter” do que à infância (Favero *et al*, 2022), o encontro foi bastante intrigante e prolífico.

Foi através dessa conversa que descobri a existência da *Escala de Tanner*, um método de avaliação do desenvolvimento púbere a partir da observação dos caracteres sexuais primários e secundários. Na clínica, nossa reunião com a endocrinologista era entremeada com os relatos dos residentes que atendiam os pacientes do dia. Percebi que os relatos tinham como conteúdo principal os resultados dos exames de sangue cotidianos e de crescimento ósseo. Foi a partir de nossa presença, após uma conversa consideravelmente longa, que a médica questionou dois de seus residentes quanto à pilosidade², isto é, a presença e o crescimento dos pelos corporais, de seus pacientes. O relato da segunda residente e o que aconteceu posteriormente chamaram minha atenção. Ao ser questionada quanto a pilosidade de sua paciente, ela afirmou que, considerando se tratar de uma menina de 9 anos de idade, seus pelos eram “normais”, isto é, poderiam ser classificados na *Escala de Tanner* como *Estágio 1/P1* (sem pelo). Ao fim de seu

¹ Paula Sandrine Machado possui um longo trabalho sobre o gerenciamento da intersexualidade em contextos sociomédicos e cotidianos. Em sua tese de doutoramento, Paula Sandrine (2008) investiga a produção da categoria “sexo” através de uma etnografia das representações e práticas sociais de médicos e membros da família de pacientes diagnosticados com intersexualidade em dois hospitais. Foi nesse contexto que minha orientadora conheceu a médica com quem conversamos no dia 06/12/2022.

² No decorrer deste trabalho, de acordo com o que é utilizado na literatura médica, utilizarei o substantivo pilosidade para me referir à presença (quantidade, distribuição, textura e pigmentação) de pelos corporais e o adjetivo piloso(a) para indicar a grande quantidade de pelos corporais, geralmente tomada como anormal, especialmente ao se referir a pessoas designadas do sexo feminino. Em contrapartida, o adjetivo glabro se referirá à ausência de pelos corporais. Em determinados momentos, utilizarei o adjetivo hirsuta para me referir às mulheres cuja pilosidade é diagnosticável através dos critérios de Hirsutismo. No decorrer do trabalho, as definições de termos como Hirsutismo, assim como de outros termos êmicos, serão evidenciadas.

atendimento, essa paciente e sua família vieram se despedir da médica, visto que estávamos no final do ano e eles só voltariam dentro de três ou quatro meses. Feliz natal, feliz ano novo, até logo mais!

Ao saírem do consultório, a médica nos disse que o crescimento dos pelos corporais dessa paciente não poderiam ser considerados “*normais*”. Apesar de que no momento de despedida não houve nenhum exame físico para que a médica inferisse que os pelos pubianos, também analisados pela *Escala de Tanner*, não se encaixavam no estágio diagnosticado pela residente, os pelos presentes em seus braços e pernas indicavam um avanço *anormal* no seu desenvolvimento púbere, especialmente por se tratar de uma criança que ainda não havia chegado à puberdade: para a médica, tratava-se de uma criança pilosa demais. Naquele momento, algumas relações foram feitas em minha cabeça que, apesar de não ter continuado a observação para poder confirmar ou não minha hipótese, puderam contribuir com as ideias que pretendo desenvolver nesta dissertação. As sete pessoas envolvidas nessa cena – a médica, a residente, a orientadora, a orientanda, os pais e a criança – eram todas brancas. Partindo do que já havia lido sobre o papel da conspicuidade³ dos pelos corporais na sua visibilidade, a grande quantidade de pelos nas pernas e nos braços daquela criança de nove anos de idade passou despercebida devido sua cor e densidade: ainda que conspícuos, os pelos eram finos e loiros, quase imperceptíveis.

Eu havia reparado nessa paciente enquanto aguardávamos na sala de espera para nossa reunião com a médica. Talvez assumindo a posição de uma profissional que lida com pelos corporais – como, por exemplo, as mulheres que fazem minha sobrancelha e de quem já ouvi que a observação cotidiana dos pelos corporais nos outros, especialmente os faciais, é comum, algo que se ampliou durante a pandemia com a maior visibilidade que a máscara causa à sobrancelha⁴ –, atentei-me a essa característica nas possíveis pacientes. Como estávamos em dezembro e devido ao calor significativo que faz em Porto Alegre nessa época, quase todos

³ O adjetivo “conspícuo” é frequentemente utilizado nos artigos sobre hirsutismo aqui abordados. A conspicuidade, ou a qualidade do que é conspícuo, significa que algo “está a vista” e “chama atenção” (Priberam). No caso dos pelos, sua conspicuidade está associada ao seu tamanho (pelos mais longos são chamados de terminais e os mais curtos são chamados de lanugem) ou à sua pigmentação, associada também à distribuição: em que áreas os pelos crescem? Eles deveriam crescer ali? Se sim, há uma distinção de gênero/sexo que fará com que o pelo seja menos ou mais conspícuo, ou, em outras palavras, chame menos ou mais atenção?

⁴ É interessante pensar essa dimensão das máscaras que precisamos utilizar durante os anos de 2020 e 2022: entre pessoas trans, foi comum ouvir como esse apêndice lhes oferecia maior segurança e menor visibilidade, se tratando de mulheres trans, transexuais e travestis, especialmente por tornar invisível certas características faciais masculinizantes, como o formato do maxilar e do mento ou, inclusive, os pelos faciais, popularmente conhecidos como “chuchu” ou a marca escurecida que permanece na pele facial após a retirada dos pelos com a lâmina. A característica masculinizante que menciono não é tomada como inerente à barba, mas é algo que emerge como um signo de masculinidade e virilidade através da compreensão da cisgeneridade como um aparato, o que pretendo desenvolver em maior detalhe nas páginas que se seguem.

estávamos, ao menos, com os braços expostos. A paciente à qual estou me referindo estava vestindo uma camiseta de mangas curtas e uma calça que ia até um pouco abaixo de seus joelhos, deixando seus braços e parte de suas pernas visíveis. À pouca luz natural que entrava na sala, os pelos refletiam, tornando-se visíveis. É diferente, por exemplo, em meu caso que tenho a pele bastante branca, mas pelos que, ainda que finos e macios, são bastante pigmentados, aparecendo com grande destaque em meu braço e antebraço e, com menos ênfase, nos dedos—algo que, de fato, não passa despercebido, como comentarei adiante. Não menciono esses lugares sem um motivo: no diagnóstico de Hirsutismo são levadas em conta coisas como o crescimento de pelos corporais em uma série de áreas do corpo, a presença simultânea em mais de um lugar e a soma dos pelos corporais de todas essas áreas.

Tendo em mente que a pigmentação assim como a densidade e a textura dos pelos corporais influenciam em sua visibilidade, acredito que o que pude observar ao ouvir a incongruência entre os diagnósticos da residente e o da médica foi algo descrito por Preciado (2018, p. 125): naquele momento, “o hirsutismo [tornou-se] um método para avaliar clinicamente tanto raça quanto gênero”. Tomando a cisgeneridade como um aparato material-semiótico de produção corporal, um emaranhado de gênero, sexo, raça e humanidade, acredito que os pelos corporais dessa paciente puderam ser diagnosticados como normais pela residente por se tratar de uma criança branca de pelos loiros, finos e lisos, apesar de sua inegável conspicuidade.

As intra-ações (Barad, 2007) entre sexo, gênero, raça, humanidade observadas a partir dos pelos corporais, como essa que pude observar nessa primeira e única visita ao setor endocrinólogo de um hospital pediátrico, constituem o fio que seguirei nesta dissertação. É a partir da observação dessas intra-ações que buscarei chegar a uma definição, ainda que provisória, de cisgeneridade como um aparato material-semiótico de produção corporal. Em outras palavras, quando falo de cisgeneridade, refiro-me tanto a um “imbróglio de coisas e palavras” quanto a um instrumento de visualização. Tomando uma distância diligente de rápidas e populares definições de cis como “o oposto de trans” ou “quem se identifica com o gênero designado no nascimento”, me esforçarei em elaborar o conceito de cisgeneridade em relação à sua materialização a partir dos pelos corporais a partir dos estudos sociais e feministas da ciência. Além de demonstrar como a investigação sobre os pelos corporais pode trazer à tona questões extremamente importantes para a discussão sobre a cisgeneridade, a experiência no hospital demonstrou de maneira bastante ilustrativa a inseparabilidade das dimensões material e semiótica e a importância de se investigar essas dimensões em suas exclusões constitutivas

(Barad, 2007)⁵. Para tanto, torna-se necessário rastrear um dos objetos dessa dissertação – a cisgeneridade – para além de certos marcos temporais, aproximando e distanciando elementos heterogêneos com o intuito de oferecer uma camada a mais aos diversos diálogos que já existem sobre esse tema. A abordagem aqui proposta será, em grande medida, fabulativa, isto é, baseada na compreensão da inseparabilidade entre fatos e ficções.

Antes de localizar as ferramentas epistemológicas e teóricas para tal tarefa assim como apresentar a estrutura da dissertação e os tópicos que discutirei, gostaria de oferecer um breve relato da minha relação com o outro objeto dessa dissertação, os pelos corporais, antes de me dedicar mais diretamente à cisgeneridade. Aqui, utilizo-me de trechos de um trabalho acadêmico que fiz durante os dois primeiros semestres do curso de mestrado⁶. Os trechos autoetnográficos que se seguem surgiram com o intuito de relacionar o tema desta pesquisa – isto é, a materialização da cisgeneridade a partir dos pelos corporais – à minha própria experiência como uma pessoa trans.

Um dos objetivos ao escrever esse ensaio autoetnográfico era esboçar uma articulação teórico-prática, além de material-semiótica, de como a cisgeneridade está emaranhada até mesmo nas vidas de pessoas trans. O “colocar-se” do antropólogo em seu campo de estudo, isto é, o escrever em primeira pessoa, é algo que faz parte da atividade etnográfica desde muito tempo. A clássica etnografia sobre o *kula* feita por Bronisław Malinowski, em 1922, ainda oferece uma das práticas metodológicas mais importantes para a prática antropológica, qual seja, a observação participante. No entanto, Malinowski buscava oferecer um relato impessoal do que via, ou melhor, buscava contextualizar os acontecimentos que observava a partir das razões locais dos observados, um distanciamento seu em relação aos acontecimentos. A autoetnografia, no entanto, “é uma forma de pesquisa qualitativa que parte da análise crítica de experiências pessoais para refletir sobre práticas sociais mais amplas” (Gama *et al*, 2021, p. 4), além de ser “altamente corporificada, reflexiva e emotiva” (Gama, 2020, p. 191). No meu caso, tratou-se de um movimento que parte de pequenas situações locais para discutir situações mais amplas, ainda que não universais. A experiência pessoal “de mulher trans” que apresento através desse relato, portanto, não são simplesmente minhas impressões com relação aos pelos

⁵ Como demonstrarei mais adiante, as definições do conceito de cisgeneridade tendem a se basearem em discussões construcionistas, fazendo-o aparecer como o efeito linguístico ou discursivo, por exemplo, da prática biomédica. Nessa dissertação, meu objetivo é seguir as elaborações feministas dos estudos sociais da ciência e atentar-me tanto às práticas discursivas quanto aos fenômenos materiais, especificamente na inseparabilidade de ambas as dimensões.

⁶ Agradeço às professoras Vi Grunvald e Fabiene Gama que, através dos debates possibilitados pelas cadeiras *Imagário, imaginação e fabulação na antropologia e além* e *Oficina de etnografia*, respectivamente, ofereceram-me ferramentas teóricas e políticas para a escrita desse capítulo.

corporais, mas uma tentativa de aproximar questões pessoais e questões de caráter social, histórico e político. A partir do realismo agencial proposto por Karen Barad (2007), o relato evidencia os emaranhamentos ontológicos, éticos e epistemológicos, isto é, a inseparabilidade ético-onto-epistemológica (*idem*, p. 409, nota 10) que todo fenômeno necessariamente tem.

1.2 “VOCÊ É MESMO PARANOICA COM PELOS!”⁷

“A questão é [...] entender e considerar o fato de que nós, também, somos parte do devir diferencial do mundo”⁸

Karen Barad, *Meeting the Universe Halfway*, p. 91

Em 2015, eu havia ajuizado o direito de retificar o prenome e sexo em minha documentação. Na época, ainda era necessário adentrar no sistema judicial e apresentar um conjunto de documentos – alguns dos quais ainda são necessários, após a mudança da dimensão jurídica para a administrativa na retificação de prenome e sexo⁹. Entre esses documentos, era necessário constar um laudo psicológico me diagnosticando com *Transsexualismo*, à época

⁷ Agradeço à Sofia Favero pela frase que intitula esse trecho da dissertação. Quando menciono meu objeto de estudo, a reação tende a ser de espanto e curiosidade, especialmente porque os pelos corporais não são vistos como um material digno de estudo, algo observado na forma como os pelos são tratados por alguns de seus estudiosos. No entanto, em algumas conversas, a complexidade dos pelo é vista em sua potencialidade e dedicar-se ao estudo da materialização da cisgeneridade através deles é vislumbrada como um caminho acadêmico e politicamente interessante. Este é o caso de minha amizade com Sofia. Seu comentário evidencia, ainda que de maneira irônica e divertida, a inseparabilidade da prática acadêmica (a dimensão epistêmica) da vida pessoal (a dimensão ontológica) que o relato que se segue busca evidenciar.

⁸ “The point is [...] to understand and take account of the fact that we too are part of the world’s differential becoming.” Grande parte do material bibliográfico e etnográfico dessa dissertação foi publicado originalmente em inglês e ainda não foi traduzido. Em ambos os casos, ao citar essas obras, as traduções dos trechos que utilizo foram feitas por mim e seguem acompanhadas da versão original em nota de rodapé.

⁹ Até março de 2018, era necessário pleitear judicialmente a retificação de prenome e sexo no registro civil, apresentando, junto à demanda, um conjunto de documentos comprobatórios, entre os quais laudos psicológicos, psiquiátricos e endocrinológicos e certidões negativas judiciais e fiscais. A retificação era, então, entendida nos termos do direito ao nome (a junção de prenome e sobrenome) e da dignidade humana, e o nome era retificado pelo “apelido notório público”, isto é, o nome “com o qual [uma pessoa] é conhecida no meio em que vive” (Oliveira, 2017, p. 215). Tal retificação estava, no entanto, atrelada à demanda pela redesignação sexual, visto a demanda pelos laudos comprobatórios de “transsexualismo”. Desde a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) nº. 4275, o processo de retificação passou a ser completamente administrativo e desassociado da demanda pelos “procedimentos cirúrgicos para a afirmação de gênero”. De acordo com Melissa Barbieri de Oliveira, a ADI nº. 4275 foi “a primeira ação judicial em relação à população trans perante o STF” e “pleiteia o reconhecimento do direito de transexuais alterarem seu prenome e sexo jurídico no registro civil, independentemente de cirurgia de transgenitalização”, “que, [ao ser julgada procedente [...]] [passaria] a ter força de lei e deve ser obedecida no país inteiro” (*idem*, p. 275, 282-283). Após o julgamento da ADI, foi publicado o Provimento nº 73 de 28 de junho de 2018 orientando os cartórios sobre o procedimento da retificação de nome administrativa. Depois, foi publicado o Provimento nº 149 de 30 de agosto de 2023, que dispõe no primeiro parágrafo do artigo 518, que “o atendimento do pedido apresentado ao registrador independe de prévia autorização judicial ou da comprovação de realização de cirurgia de redesignação sexual e/ou tratamento hormonal ou patologizante, assim como de apresentação de laudo médico ou psicológico”.

alocado sob o código F64.0 da 10ª edição da *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde* (CID-10). Com isto em mente, eu frequentava consultas psicológicas que aconteciam entre 15 e 30 dias. Apesar de ter dado entrada no processo judicial na cidade onde morava, em 2016 eu havia me mudado para outro estado por conta dos estudos e utilizava os serviços psicológicos do Sistema Único de Saúde (SUS). Entre o momento que iniciei as consultas até o momento que obtive o laudo, permaneci com o mesmo profissional. Ele não tinha, necessariamente, o interesse em me patologizar. Na realidade, além de questões básicas sobre a transição – porque ainda assim ele precisava estar certo de que aquela pessoa em seu consultório se tratava de uma mulher transexual *verdadeira*¹⁰ – conversávamos abertamente sobre os problemas e os limites da patologização das identidades e dos corpos trans – de agenciamentos não cis, por assim dizer –, assim como os limites em associar uma transição de gênero a certas modificações corporais, como as “cirurgias de afirmação de gênero”¹¹.

No entanto, em uma de nossas consultas entre 2016 e 2017, ele questionou por que havia mais pelos nos meus braços comparados ao início de nosso contato. Lembro-me de o questionamento ter soado tão absurdo naquele momento que minha única reação foi dizer que não havia diferença alguma ali, além de comentar quão transfóbica estava sendo sua atitude. Talvez o caráter absurdo do questionamento seja devido ao fato de eu nunca ter removido os pelos dos meus braços, muito menos tentando diminuir sua visibilidade de outra maneira, os descolorindo, por exemplo. Como ficará evidente através deste breve relato, a presença dos pelos corporais sempre foi uma questão importante para mim, e o rumo que a conversa tomou realmente me tocou. Lembro-me de, alguns meses antes, frente à psicóloga da Comarca do Juizado de Francisco Beltrão, afirmar que uma mulher não seria menos mulher por ter pelos corporais – em meados da década de 2010, estava em alta o debate quanto à recusa de se depilar

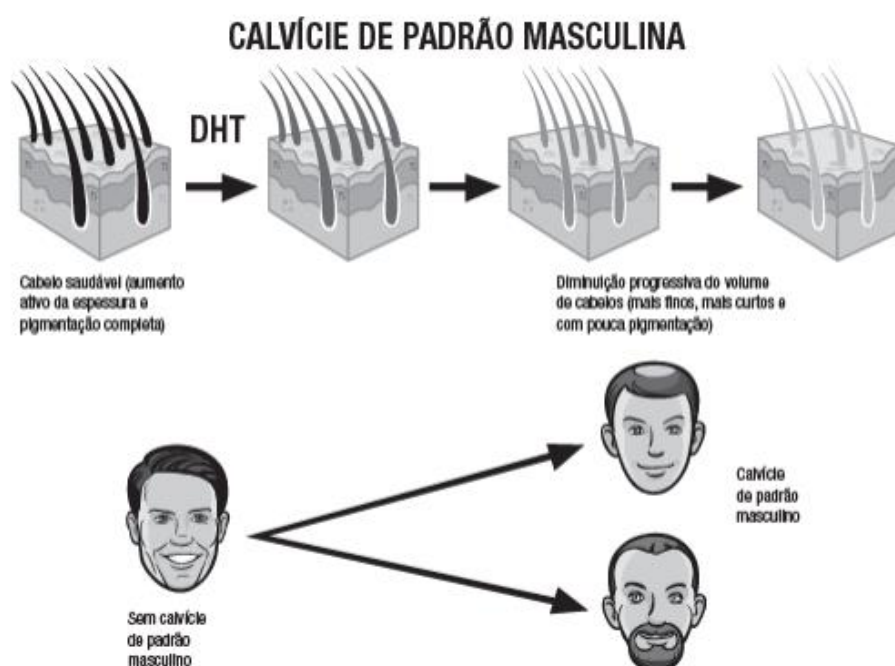
¹⁰ A categoria “transexual verdadeiro” é, de acordo com Oliveira (2017, p. 33-34), “utilizada, na medicina, [e referenciada por autores/as do direito], para diferenciar a pessoa que quer se submeter à cirurgia daquela que não pretende realizá-la”. À época da escrita e publicação do trabalho de Melissa Barbieri, a Resolução sobre a “cirurgia de transgenitalismo” ainda vigente era a 1.955/2010, que afirmava que “o transexual verdadeiro seria aquele que, segundo o artigo 3º, ‘manifesta desconforto com o sexo anatômico natural; desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto; permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos; ausência de outros transtornos mentais” (Barbieri, 2017, p. 33). Atualmente, na Resolução 2.265 de 20 de setembro de 2019 (Conselho Federal de Medicina, 2019), a noção de transexualidade foi substituída por “transgeneridade” e “incongruência de gênero” e é definida, no primeiro artigo, da seguinte forma: “compreende-se por transgênero ou incongruência de gênero a não paridade entre a identidade de gênero e o sexo ao nascimento, incluindo-se neste grupo transexuais, travestis e outras expressões identitárias relacionadas à diversidade de gênero”.

¹¹ “Procedimentos cirúrgicos para a afirmação de gênero” é a forma que as cirurgias de neovulvovaginoplastia, mamoplastia de aumento, mamoplastia bilateral, entre outras, são descritas na Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 2.265/2019.

de algumas feministas –; no entanto, os meus pelos, diferentemente, eram tidos como “de homem”, isto é, masculinos em sua quantidade e distribuição, textura, pigmentação e densidade. É interessante lembrar disso pois hoje, após várias sessões de depilação a *laser* e com a conspicuidade dos pelos consideravelmente menor, ainda me sinto estranha de deixá-los visíveis, apesar de que hoje dificilmente seriam classificados como masculinos.

À época do questionamento, eu havia mudado minha dieta hormonal de 50 mg de *Espironolactona* (*Aldactone*®), 2 mg de *Finasterida* (*Propécia*®) e 2 mg de *Natifa*® para apenas 2 mg de *Finasterida* e os adesivos semanais de *Evra*® no lugar dos comprimidos de *Natifa*®. A *Propécia*® de 1 mg é um medicamento utilizado no tratamento de *Calvície de padrão masculino* ou *Alopecia androgênica* “[reduzindo] especificamente os níveis de diidrotestosterona (DHT), a causa principal de queda de cabelo de padrão masculino” (*Propécia*, 2021, s.p.) (Figura 1)¹².

Figura 1 — Esquema visual dos efeitos nocivos da DHT à espessura e pigmentação dos cabelos masculinos

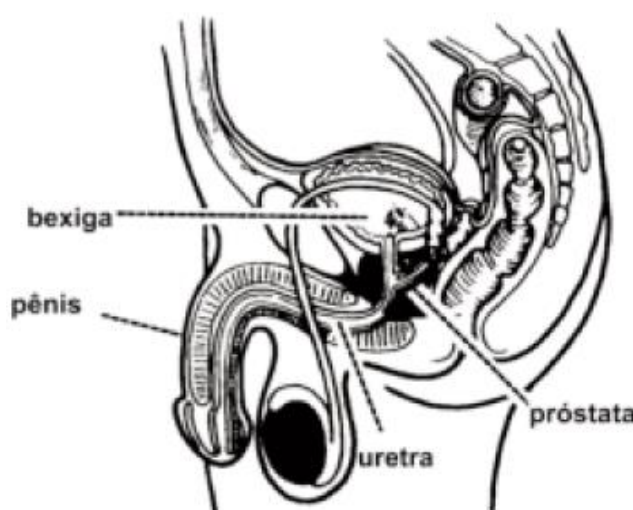


Fonte: *Propécia*, 2021, n.p

¹² Apesar de que no decorrer do texto as imagens nem sempre tenham uma função analítica, sua presença não é meramente ilustrativa. Ao contrário, tais imagens – ora reproduções de gráficos utilizados nos artigos analisados, ora diagramas que tornam visíveis as ideias centrais desses textos e, em alguns momentos, gravuras e representações artísticas – são evidências etnográficas do que estou chamando de materialização da cisgeneridade.

Por outro lado, a versão de 5 mg (Proscar®) é utilizada no tratamento de *Hiperplasia prostática benigna* (HPB), pois nessa versão ela se torna “um inibidor da 5-alfa-redutase [causando] regressão da hipertrofia [...] da próstata”, por sua vez, “uma glândula que existe *somente* no homem [e cuja] principal função é produzir fluído para o sêmen (líquido que transporta o esperma)” (Proscar, s.d., n.p., ênfase minha)¹³ (Figura 2).

Figura 2 — Diagrama do local da próstata, uretra, bexiga e pênis encontrados “somente” em homens (cisgêneros)



Fonte: Proscar, s.d., n.p

O uso ou a manipulação dos comprimidos triturados ou quebrados por mulheres (cisgêneras), especialmente mulheres “que possam ficar grávidas durante o tratamento”, é contraindicado, pois o “uso oral ou através da pele por mulheres grávidas de um feto do sexo masculino, [...] poderá [fazer com que ele nasça] com anormalidades nos órgãos sexuais” (Propécia, 2021, n.p). Entre os efeitos adversos – estes levando em conta o corpo masculino ou o que podemos chamar de um corpo de homem cisgênero –, entre 1% e 10% dos pacientes que utilizam a Finasterida “pode sentir menos desejo de manter relações sexuais e/ou dificuldade na obtenção de uma ereção” e entre 0,1% e 1% “pode ter uma redução na quantidade de sêmen liberada durante a relação sexual” (*idem*, n.p).

¹³ Durante a pesquisa sobre a *Finasterida*, encontrei duas bulas para a versão de 5mg, uma assinada pela mesma farmacêutica responsável pela versão de 1 mg, Dr.^a Telma Elaine Spina (CRF-SP 22.234) (Proscar, 2022), e outra assinada por outro farmacêutico responsável, Dr. Ronoel Caza de Dio (CRF-SP 19.710) (Proscar, s.d.). Apesar de algumas diferenças estruturais do documento, ambas afirmam que tanto *Hiperplasia prostática benigna* quanto a próstata são “somente” ou “apenas” encontradas em homens (cisgêneros) (Propécia, 2021; Proscar, 2022).

A bula afirma que “estes efeitos adversos desapareceram em homens que pararam de tomar finasterida e em muitos homens que continuaram o tratamento” (*idem*, n.p.). No entanto, problemas de ejaculação, dificuldade de ter e manter a ereção e diminuição do desejo sexual, sem contar a sensibilidade e o aumento da mama, elementos que aparecem na bula como “reações incomuns” (*idem*, n.p.), permanecem após a descontinuação do tratamento. Em linhas gerais, um dos efeitos que este medicamento causa em pessoas cujo corpo fora designado do sexo masculino no nascimento, e o motivo pelo qual algumas mulheres trans o usam, é, de acordo com os termos biomédicos, a “infertilidade masculina” (*idem*, n.p.) Posto de outra forma, se trata do que vim a conhecer e nomear o que estava fazendo comigo mesma de “castração química”, ou “um agenciamento maquínico com o hormônio” (Preciado, 2022a, p. 36). Em outras palavras, trata-se do consumo de certas substâncias (como a *Finasterida*, mas também a *Espironolactona* e o *Acetato de Ciproterona* [*Androcur*®]) visando a diminuição de produção e de circulação de testosterona pelo organismo, que será posteriormente substituída pelo consumo de estrogênio e estradiol.

Não encontrei nenhuma evidência que afirme tal possibilidade, mas me questiono se um dos efeitos da *Finasterida* não é o aumento generalizado dos pelos corporais, e não só dos cabelos. Confesso que, apesar da atenção que dedicava ao cuidado e remoção dos pelos corporais, nunca notei eles aumentarem, escurecerem ou engrossarem a partir do momento que comecei a utilizá-la para a manutenção de minha transição de gênero. Os *blogs* que eu lia e os *vlogs* que eu assistia com o intuito de aprender sobre transição e reposição hormonal não prometiam uma mudança radical quanto à constituição física, mas uma diminuição considerável na conspicuidade dos pelos sempre estava no horizonte de possibilidades ao se inibir a produção de testosterona ou “o hormônio masculino”¹⁴.

Hoje em dia, o questionamento deste psicólogo me faz entender de maneira bastante explícita a ideia de Karen Barad (2007, p. 139), para quem conceitos não são meras palavras,

¹⁴ Um dos objetivos dessa dissertação é questionar o caráter predeterminado ou inerente de propriedades e substâncias, como a ideia da testosterona como “um hormônio masculino”, sem, contudo, ignorar os caminhos que nos levaram ao estado ou à situação na qual nos encontramos. Por exemplo, de acordo com Rebecca Jordan-Young e Katrina Karkazis (2019, p. 10) a noção de “hormônio sexual” é enquadrada de uma forma em que a testosterona e o estrogênio, são fabricados como um par heteronormativo, isto é, “binário, dicotômico e exclusivo, cada um pertencendo a um sexo ou ao outro”. Além do mais, um dos efeitos de se nomear “hormônio masculino” e “hormônio feminino” gerou, de acordo com Celia Roberts (2007, p. 29), uma compreensão química da masculinidade e da feminilidade, guiada por pesquisas de ginecologistas e endocrinologistas que, com o passar do tempo, demonstram a complexidade hormonal dos corpos. Ambos os trabalhos mencionados se voltam ao caráter cientificamente fabricado da diferença sexual química. De acordo com Preciado (2018, p. 111), os hormônios sexuais compõem ficções somáticas ou tecnologias produtivas do corpo, evidenciando que “masculino” e “feminino” “são termos sem conteúdo empírico para além das tecnologias que os produzem”. Agradeço à Camila Silveira Cavaleiro pelas longas – e pacientes – conversas sobre a “organicidade” e os processos “biológicos” e “químicos” dos hormônios sexuais, em especial a testosterona, e as referências sugeridas sobre o assunto.

mas fenômenos físicos. A mulheridade que almejava ao engajar com tal profissional da psicologia e o diagnóstico, mas também com os profissionais da justiça pública ao buscar a retificação de prenome e sexo nos documentos, estava emaranhada a certos padrões de feminilidade, sendo um deles a ausência de pelos corporais. Imagino que as sessões de depilação por luz pulsada que fiz no rosto entre os anos de 2014 e 2015 contribuíram com a imagem feminina demandada pela lógica cisnormativa¹⁵ que organizava as decisões sobre nome social e retificação de prenome e sexo no Brasil, e especificamente no interior do Paraná, o que possibilitou meus documentos novos. Isto é, a demanda jurídica por uma “verdade interna”, por sua vez atestada pelo laudo psicológico, estava atrelada à uma expectativa visual de feminilidade: o externo e o interno deviam coincidir¹⁶, ou, até mesmo, intra-agir.

Não à toa, uma das minhas primeiras atitudes poucos meses após iniciar o consumo de bloqueadores e repositores hormonais, foi encontrar uma solução para os pelos faciais. Eu particularmente nunca tive uma quantidade exorbitante de pelos, mas tinha o suficiente para me incomodar ao ponto de querer tirá-los desde muito cedo. No entanto, os únicos que pude tirar sob supervisão paterna e materna foram os do rosto. Em 2006, após o divórcio de meus pais, durante um final de semana que estava com meu pai em sua casa, ele me encorajou a usar, pela primeira vez, uma lâmina de barbear. Ao voltar para casa e contar para minha mãe, ela comentou que isso não era necessário (por causa da pouca quantidade de pelos faciais) e

¹⁵ Cisnormatividade normalmente se refere ao fato de que a equação sexo + gênero + sexualidade + identidade de gênero não é meramente descritiva, mas prescritiva, isto é, ela produz, ainda que contingencialmente, os sujeitos a partir de certos marcos de inteligibilidade e coerência social e sexual (Butler, 2016). Para Viviane Vergueiro (2015), o caráter normativo cisgeneridade se dá ao ser produzida como “natural” através da pré-discursividade, binariedade e permanência, isto é, “podemos tomar a cisnormatividade como uma série de forças socioculturais e institucionais que discursivamente produzem a cisgeneridade como ‘natural’” (Vergueiro, 2015, p. 68). O trabalho de Viviane é de grande inspiração para o meu próprio trabalho, no entanto me diferencio do dela através dos marcos teóricos. Vergueiro mobiliza principalmente teorias sociais críticas e pós- e decoloniais, e sua análise da cisgeneridade se pauta na sua construção como natural através da linguagem, ou seja, se trata de uma abordagem construcionista da cisgeneridade. Como descreverei adiante, nesta dissertação, mobilizarei, em sua maioria, trabalhos provenientes dos estudos feministas e sociais da ciência, abordando o problema da cisgeneridade através de temas como “realidade” e “materialidade”, e não de sua produção discursiva como “real” ou “natural”. A cisgeneridade não está previamente dada nem existe “lá fora” como uma realidade tangível que acessamos através das categorias corretas – o que me leva a questionar a prontidão com que afirmamos o que é ser cis –; ao contrário, argumentarei que ela depende de certas práticas discursivas e certos fenômenos materiais, especificamente na inseparabilidade dessas práticas e desses fenômenos, ainda que parte desse arranjo seja esconder os processos dessa fabricação. Consequentemente, a norma não é algo que preexiste à cisgeneridade, articulando-a, mas é por ela emaranhada, dado que compreendemos a cisgeneridade como um aparato de produção corporal.

¹⁶ Em Braz e Machado (2023), através do caso Agnes, discutimos a inseparabilidade dos conceitos “mulher” e “intersexual” de uma dada materialidade, no caso, a feminilidade de Agnes na pele macia e sem pelo e na vestimenta comum às mulheres da sua idade, além dos resultados dos exames visuais e de sangue. Portanto, devemos concordar com a afirmação de que “mulher” e “homem” são conceitos ao mesmo tempo que são realidades tangíveis, ainda que nenhum elemento preceda o outro. Não subscrevemos, no entanto, à crença de que tal inextricabilidade entre coisa e palavra é dada de antemão. A forma como me interesso em trabalhar com a noção de “materialidade” é exatamente aquela que emerge a partir de emaranhados material-semióticos, isto é, processual e contínua.

resultaria no aumento de sua quantidade e espessura a partir de então. Hoje em dia acredito que a sugestão de remover os pelos faciais com uma gilete de meu pai tinha o mesmo embasamento que o receio da minha mãe: o aumento do pelo através do uso da navalha. Como sabemos – ou melhor, como buscarei evidenciar neste trabalho –, pelos corporais, especialmente os faciais, são signos de sexo e de gênero (capítulo 3), além de raça de humanidade (capítulo 4), isto é, eles são, de fato, fronteiras sexuais-raciais inscritas no regime do dimorfismo sexual (Laqueur, 2001; Preciado, 2018). Durante toda minha vida, não me recordo de ter deixado, conscientemente, os pelos faciais crescerem, com o intuito de formar um bigode ou uma barba. Eles estavam lá, mas eu não estava em paz com eles.

Eis que, em 2014 alguns meses após meu primeiro consumo de bloqueadores e repositores hormonais, comprei um pacote de dez sessões de fotodepilação a base de luz pulsada intensa (IPL) para o rosto inteiro, ou seja, em cima e embaixo dos lábios, na mandíbula, no pescoço e no queixo. Anteriormente à sessão, eu devia utilizar uma lâmina de barbear com o intuito de deixar, ao mesmo tempo, o pelo visível e o mais rente à pele possível, pois “através de um feixe de luz, a energia é atraída e captada pela melanina, pigmento presente na haste do pelo e responsável pela sua coloração, [o que] destrói ou retarda a capacidade do folículo piloso produzir um novo pelo”¹⁷. No site, o serviço é subdividido entre feminino e masculino, o que implica a seleção de áreas distintas a serem depiladas – algo que, no decorrer do terceiro capítulo, será evidenciado como uma prática indispensável à materialização da cisgeneridade. De acordo com as definições, as áreas femininas são o buço, a nuca, o pescoço, o peito, as axilas, o braço e o antebraço, o abdômen, as mãos, a lombar, as pernas, a linha alba (barriga), a virilha e o perianal. As áreas masculinas são a barba, o ombro, o pescoço, as axilas, o braço e o antebraço, o abdômen, as mãos, a lombar, as pernas, as costas e o tórax. Essencialmente, mulheres têm buço e homens têm barba, uma crença que não é injustificada, como a análise sobre os artigos sobre o diagnóstico de Hirsutismo evidenciará: entre eles, é bastante comum a afirmação de que os corpos de mulheres são, ou melhor, deveriam ser completamente glabros, isto é, lisos ou cobertos somente de uma fina penugem¹⁸. É interessante notar a diferença de nome entre o “peito” feminino e o “tórax” masculino. Entre os mesmos artigos que embasaram a discussão sobre Hirsutismo, a distribuição de pelos corporais na região torácica também é

¹⁷ As informações sobre a utilização de IPL como forma de depilação de longo prazo foram retiradas do site da empresa da qual comprei o pacote em 2014. Disponível em: <<https://dpilbrasil.com.br/tratamentos/ipil/depilacao/>>. Acesso em: 15/01/2024.

¹⁸ De acordo com o dicionário Priberam, o glabrisimo é o “estado de uma planta que nasce desprovida de pelos ou que os perdeu” enquanto glabro, para além da definição botânica, é a pessoa “desprovid[a] de pelos ou barba”, isto é, uma pele lisa, macia e suave.

uma evidência de diferença sexual que, em alguns casos, pode ser utilizada para a constatação de uma condição de anormalidade, o Hirsutismo, pois essa é uma área em que mulheres *sempre, já e simplesmente* não têm pelos. Meu argumento será de que o diagnóstico de Hirsutismo, similarmente às franquias de depilação, produzem ativamente a diferença sexual/racial a partir da cartografia capilar diferencial¹⁹.

Apesar de uma similaridade entre a maioria dos locais — o que pode nos levar a questionar o motivo de uma distinção de sexo/gênero na oferta do serviço de depilação —, a linha alba, a virilha e o perianal são áreas que aparecem somente como opção feminina. Para além de pensar quais as possíveis razões para essa distinção, lembro-me que os pelos dessas regiões são aqueles denominados nos artigos analisados no terceiro capítulo de “pelos hormonais”, isto é, seu aparecimento e crescimento dependem dos hormônios sexuais. Em um dos artigos, inclusive, os pelos terminais dessas regiões e os axilares são os únicos que devem ser encontrados em mulheres, enquanto no restante do corpo, o crescimento normal dos pelos seria só de uma penugem. Se, como demonstrarei, a prática da medição adotada pelos médicos e antropólogos aqui lidos é uma atualização da mesma prática performada por antropólogos físicos e estatísticos, cada qual com seus próprios objetivos, podemos perceber como o serviço de depilação é articulado a partir de quase todas as mesmas áreas corporais que os médicos interessados em criar o diagnóstico de Hirsutismo, o que não deve ser uma mera coincidência.

Aparentemente, a cartografia do dimorfismo sexual a partir dos pelos, isto é, a materialização da cisgeneridade nos pelos corporais, depende de um conjunto intra-ativo bastante difuso. Se fizéssemos um exercício genealógico sobre a remoção capilar, com certeza encontraríamos diversas continuidades e descontinuidades, entre as quais estão o esforço médico em criar critérios diagnósticos baseados no crescimento e distribuição dos pelos e a presença de elementos humanos e não-humanos nesse processo (como os aqui analisados), as tecnologias elétricas de remoção de pelos corporais (Van Oost, 2005; Herzig, 2015) mas também a popularização de serviços de depilação a partir do aumento de franquias voltadas a esses serviços e a diminuição do preço cobrado por eles. Para além ou aquém disso — onde se

¹⁹ Ainda que eu não chegue a mencionar a depilação a laser no decorrer da introdução, é importante dizer que a franquia onde atualmente faço a depilação a laser “é a primeira Rede de Depilação a Laser no Brasil sem distinção de gênero”. Em uma sessão de depilação das pernas, onde questioneei sobre o preço que pagaria pela depilação da virilha – uma mulher de pênis? – me informaram que, há algum tempo, os preços dos pacotes de depilação haviam sido igualados, tomando o lugar um espaço “unissex”, não mais diferenciado por gênero ou sexo. Contudo, uns meses depois, na minha primeira sessão, ao exteriorizar o sentimento de constrangimento e desconforto que estava sentido naquele momento, recebi o comentário de que, para a depiladora, aquilo era normal, uma vez que frequentemente depilavam homens. É interessante pensar a produção diferencial de sexo e gênero tanto da franquia quanto das trabalhadora do espaço.

localiza a pessoa que se lança na tarefa de desenhar uma genealogia? —, eu considerava os pelos corporais um incômodo desde muito tempo.

Tendo crescido em uma casa com duas mulheres cisgêneras, minha mãe e minha irmã mais velha, a prática de rotinas de cuidados e de beleza sempre estiveram presentes. Em 2008, minha mãe, na época com 48 anos de idade, não tinha um trabalho formal. No entanto, ela trabalhava como revendedora de produtos cosméticos, joias e *lingerie*, saindo de casa diariamente à procura de possíveis clientes. Talvez como resultado de seu trabalho, ela possuía uma grande quantidade de produtos para a pele, roupas de baixo e acessórios das mais variadas cores. Ela sempre incorporou um tipo de mulher cisgênera branca da classe trabalhadora, desempregada e conservadora: cuidava de si mesma e da casa detalhada e compulsivamente. Um desses cuidados envolvia os poucos pelos que se via em seu corpo. Desde que consigo me lembrar, ela nunca exibiu uma quantidade grande de pelos corporais, mas isso nunca a impediu de receber visitas cotidianas de especialistas de beleza – elas também, geralmente, exercendo trabalho informal como modo de equilibrar o orçamento. Há pouco mais de vinte anos, morávamos em uma cidade do norte do Mato Grosso, e lá, uma de suas melhores amigas era quem fazia sua depilação. O serviço dessa mulher era em domicílio, isto é, ela ia até a residência das clientes com seus equipamentos e performava os serviços que oferecia. Depilação com cera nas pernas e virilhas e a retirada da sobrancelha com pinças eram os serviços que minha mãe requisitava.

Há dezesseis anos, com 14 anos de idade, eu já havia demonstrado alguns sinais do que podemos chamar, emprestado da taxonomia tecnocientífica biomédica e psicológica de finais do século XX, de disforia ou incongruência de gênero (Preciado, 2018). A desidentificação com o gênero que me fora designado no nascimento e a identificação com o gênero oposto era latente. Os pelos corporais e o cabelo eram partes essenciais dessa disforia, assim como o é para muitas pessoas trans – e para quem, cis ou trans, pelos e cabelos não são importantes para a constituição de seu gênero?²⁰ Uma vez que os pelos e o cabelo funcionam como tecnologias de gênero (Preciado, 2018; De Lauretis, 2019), é comum – para não dizer prescritivo e necessário para o reconhecimento médico-legal – que mulheres trans queiram deixar seus cabelos crescerem simultaneamente à vontade de remover todo e qualquer pelo corporal, exceto as sobrancelhas, que serão, por sua vez, moldadas ao seu rosto em um estilo *naturalmente*

²⁰ Tenho em mente, obviamente, o papel que o salão de beleza e as clínicas estéticas têm na experiência de vida de mulheres cis ou trans, mas não deixo de lado o aumento perceptivo de barbeiros e barbearias que têm contribuído na experiência de gênero, sexo e sexualidade de homens cis ou trans.

feminino²¹. Homens trans, por outro lado, deveriam querer cabelos curtos ao passo que deixam os pelos do restante do corpo crescerem, devido à sua masculinidade. Afinal de contas, o gênero de uma pessoa e, ainda mais importante, seu reconhecimento (objetiva e subjetivamente, externa e internamente) é uma questão cabeluda.

A questão foi, e ainda é, tão cabeluda que nessa época, buscava, sem nunca obter sucesso, estabelecer algumas estratégias para conseguir autorização de meus pais – principalmente de meu pai – para deixar meu cabelo crescer e remover os pelos da perna. Como estratégia, assinalava, geralmente nos domingos à tarde, como os jogadores profissionais de futebol que corriam na nossa televisão não tinham pelos nas pernas e como alguns tinham cabelos compridos. Nunca tive certeza se foi essa a causa, mas a questão se tornou tão insuportável para meu pai que, por volta dessa mesma época, ele me obrigou a cortar o cabelo que estava, em sua opinião, comprido demais. Foi a única vez que chorei em uma cadeira de salão de beleza ou clínica estética, apesar das dores físicas que viria sentir nas sessões de depilação mais tarde. Em 2008, ao fim e ao cabo, dois anos após o divórcio de meus pais, pude fazer, pela primeira vez, sob escrutínio de minha mãe, minha sobrancelha: nenhum pelo a mais deveria ser retirado, acabando por deixar minha sobrancelha feminina. Foi a mesma profissional que, desde 2002, cuidava dos pelos de minha mãe.

Foi só apenas dois anos depois que tive coragem de tirar completamente os pelos das pernas. Em 2010, tendo voltado a morar no Paraná há pouco mais de um ano, eu tinha um grupo de amigos, em sua maioria adolescentes cisgêneros gays ou lésbicas, com quem pude fabular, pela primeira vez de forma coletiva, certas histórias com/como Emília. Foi através das conversas com esses amigos que pude falar sobre sensações disfóricas e os desejos de transição que almejava e, pela primeira vez, me vestir e sair em público com roupas femininas²². Compartilhar não era, necessariamente, uma maneira de “lidar com o problema”, especialmente porque uma transição de gênero não acontece pura e simplesmente em suas conjecturas. Ao contrário, como dito anteriormente, “fazer uma transição de gênero é inventar um agenciamento maquínico com o hormônio ou com algum outro código vivo” (Preciado, 2022a, p. 36), isto é, é um processo

²¹ Um tópico interessante quanto aos pelo faciais, especificamente à sobrancelha, é a afirmação feita por esteticistas profissionais que o objetivo é intensificar a feminilidade no rosto das clientes mantendo a naturalidade do olhar e do formato da sobrancelha. Quando perguntei a uma dessas profissionais como ela sabia quando parar de tirar os pelo pois havia chegado nesse padrão, ela simplesmente disse que segue o formato da sobrancelha, buscando corrigir qualquer assimetria presente.

²² Agradeço a paciência e a complacência de meus amigos e minhas amigas do final da adolescência e do início da vida adulta. Aos 17 anos de idade, saí de casa às escondidas pela primeira vez vestindo roupas femininas. Uns meses antes de completar 18, busquei apoio endocrinológico para a transição, mas a médica não quis assumir a responsabilidade de me acompanhar. Foi somente aos 20 anos de idade, em meados de 2014, que, impelida pela impossibilidade de continuar como estava, adquiri, sem acompanhamento médico, minhas primeiras caixas de Espironolactona, Finasterida e Natifa.

de negociações com e através de tecnologias de gênero, entre elas burocráticas e estéticas. De fato, trata-se de uma fabulação especulativa, a junção de elementos materiais-semióticos cujos resultados e efeitos não podem ser distintamente vislumbrados ou antecipados: trata-se de seguir com o problema (Haraway, 2023a). Foi dentro desse contexto, portanto, que agendei minha primeira depilação das pernas com cera, por volta de quatro anos antes de eu escrever a carta aberta aos meus amigos e publicá-la nas redes sociais contando que, a partir de então, me chamaria Emília.

* * *

Neste trecho, busquei evidenciar como, entre tantas coisas, a presença e a ausência dos pelos corporais, a conversa e a convivência com pessoas que se depilavam, o sentir e o caminhar sem nenhum pelo visível e o acesso ao mercado de franquias de depilação (IPL, *laser*, sobrancelha feita a fio ou com a pinça) foram elementos que não só constituíram minha experiência como mulher trans, mas, essencialmente, materializaram tal experiência. Como buscarei evidenciar neste trabalho, a distinção entre crescimento e distribuição de pelos corporais masculino e feminino, assim como outros elementos da diferença sexual e racial, não são fatos dados. Ao contrário, trata-se de uma fabricação insistente que se faz passar por natural e é a investigação dessa fabricação que me interessa nessa dissertação. Busquei demonstrar, ainda que de forma incipiente, como os pelos corporais estão diretamente conectados à transição de gênero, que está, por sua vez, diretamente conectada a certos padrões binários. A cisgeneridade, longe de ser algo do qual me afastei ao transicionar de gênero, foi exatamente um dos elementos que mediou tal transição. Não faço tal afirmação com o intuito de acabar ou ignorar as nuances que diferenciam cis de trans. Ao contrário, meu objetivo é construir um argumento que apresenta a cisgeneridade como um fenômeno físico (Barad, 2007) com o qual podemos (re)pensar os valores que termos como “de verdade” recebem e atribuem nas relações sociais. A transição de gênero como uma fabulação especulativa não se dá por acabada, ela é contínua (*ongoing*). Como Barad afirma no trecho que abre a presente seção da dissertação, trata-se de dar-se conta do caráter mundano (*worlding*) de uma transição de gênero, de nossa participação no devir diferencial do mundo.

1.3 IMPLODINDO A CISGENERIDADE

Um ótimo ponto de partida para vislumbrar o tema dessa pesquisa (a materialização da cisgeneridade) é o problema que a mobiliza. Em meados de 2022, quando este trabalho ainda era bastante incipiente, Paula Sandrine Machado e eu conversávamos sobre possíveis percursos teórico-metodológicos. Em uma dessas conversas, um interessante questionamento foi levantado por minha interlocutora e orientadora: pode uma mulher trans ser diagnosticada com Hirsutismo? Sabíamos que tal diagnóstico, como se encontra atualmente definido, diz respeito a mulheres e homens cisgêneros. Lê-se que “Hirsutismo é o aumento da quantidade de pelos no corpo da mulher em locais comuns ao homem” sendo seu principal sintoma “o surgimento de pelos em regiões incomuns às mulheres como queixo, buço, parte de baixo do abdômen, ao redor dos mamilos, entre as mamas, nádegas e na parte interna das coxas”²³. Além dessa breve definição, o site do Ministério da Saúde também nos informa que possíveis causas incluem presença de níveis altos (ou maiores que o normal) da Testosterona ou “hormônio masculino” no organismo de mulheres cisgêneras ou alta sensibilidade dos folículos capilares a esse hormônio.

Por se tratar de uma definição bastante carregada de significados sociais e sexuais, é possível notar como a cisgeneridade se emaranha nessa definição, especialmente na distinção entre o crescimento e distribuição de pelos corporais masculino e feminino, como uma presença ausente (M’charek, 2014). De antemão, sabemos que esse diagnóstico diz respeito a homens e mulheres cisgêneras, ainda que o conceito não seja utilizado na sua definição. Mas como normalmente ocorre, aquilo que aparece como normal é tomado como um fato dado, e ao se referir a homens ou mulheres sem nenhum adjetivo, especialmente no contexto biomédico, devemos ter em mente que é às pessoas cisgêneras que o texto se refere. A utilização do adjetivo “cis”, em “homens cis/cisgêneros” e “mulheres cis/cisgêneras”, tem o objetivo de evidenciar o teor normativo que essas palavras não-marcadas possuem, uma vez que a concordância morfologia/identidade é prontamente pressuposta. “O termo”, afirma Viviane Vergueiro (2015, p. 51, ênfase minha), “teve e tem seu uso contestado ou ignorado a partir dos dispositivos de poder que constroem os gêneros inconformes como os únicos demarcáveis, em comparação às identidades de gênero cisgêneras naturalizadas, fazendo do *silêncio descritivo* a fundação da

²³ A definição que aqui reproduzo pode ser encontrada em sua totalidade na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde. Disponível em: < <https://bvsmis.saude.gov.br/hirsutismo/>>. Acesso em: 15/01/2024.

cisgeneridade”²⁴. Ao utilizar-me do aparato teórico-metodológico dos estudos sociais e feministas da ciência e através da fabulação com os pelos corporais, objetivo tornar visível os emaranhamentos material-semióticos da fabricação do dimorfismo sexual como “realidade tangível” ou “fato natural” estáveis. Isto é, procurarei tornar audível a ruidosa fabricação de fronteiras de gênero, sexo, raça e humanidade. O presente trabalho, portanto, possui dois objetos: por um lado, estou dando continuidade à investigação sobre a categoria “cisgeneridade” (Braz, 2022; Braz; Machado, 2023); por outro, elenco os pelos corporais como o objeto através do qual será possível pensar sua materialização.

* * *

A origem do conceito de cisgeneridade não é certa. No entanto, há indícios de que seu primeiro uso aconteceu no contexto norte-americano, resultante do trabalho dos movimentos sociais em nomear o até então inominável/inominado e da entrada de pessoas trans em espaços acadêmicos. As primeiras menções ao termo, em meados de 1990, são constantemente atribuídas à Dana Leland Dafosse (uma mulher cisgênera bióloga norte-americana) e à Carl Buijs (um homem trans holandês), ambos em espaços virtuais. A internet, através de fóruns e grupos de discussão virtuais, foi um espaço essencial para o surgimento, o desenvolvimento e a difusão do conceito, especialmente em contexto nacional (Besen, 2018; Coacci, 2014). Como aponta Lucas Besen (2018, p. 43-44), o conceito, relativamente novo, vem passando por mudanças, especialmente de um enquadramento biomédico para outro, pautado nas demandas e articulações de movimentos sociais voltados à luta pela despatologização da transexualidade e das identidades trans. Portanto, se inicialmente a definição de cisgênero estava relacionada à normatividade contida na concordância entre morfologia e identidade, durante os anos 2000 e

²⁴ A recepção, circulação e utilização do conceito de cisgeneridade no Brasil é marcada pela resistência, e às vezes completa recusa, por parte de pesquisadores e especialistas em estudos de gênero e sexualidade e na teoria queer, de discutir ou utilizar tal conceito. Uma dessas resistências encontra-se no trabalho mais recente de Richard Miskolci (2021). Contudo, a leitura atenciosa de seu trabalho demonstrará que essa “crítica” pode ser lida, na verdade, como uma descaracterização do conceito de cisgeneridade, especificamente, e de pessoas trans, de forma mais geral. Em recente polêmica, Miskolci foi declarado *persona-non-grata* por um conjunto de pessoas cis e trans durante um evento do Sesc em parceria com a Cult em São Paulo. Como reação, um conjunto de notas “em defesa à liberdade de cátedra” emergiram pela internet, escritas pela Sociedade Brasileira de Sociologia, pelo Núcleo PAGU, pelo Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Ciências sociais da ANPOCS e em um documento assinado coletivamente por Berenice Bento, Karla Bessa, Larissa Pelúcio, Pedro Paulo Gomes Pereira e Tiago Duque. Se uniram a eles movimentos encabeçados por figuras da direita, como Madeleine Lacsco e, inclusive, um movimento chamado de Professores de Direita. Entre todas essas posicionamentos, o tom comum era a oposição entre transativistas – figuradas como uma ameaça à liberdade de cátedra e ao dissenso democrático –, e o sociólogo especialista e intelectual. Por fugir do escopo da presente dissertação, esse tema será elaborado em trabalhos posteriores sobre os perigos, retrocessos e condições de produção de ciência que circundam esse debate.

especialmente após a década de 2010, sua nova conotação passou a dizer respeito ao caráter normativo do padrão binário gênero/sexo. Passou a tratar-se de um cis-tema, corruptela proposta por Vergueiro para “ênfatizar o caráter estrutural e institucional – ‘cistêmico’ – de perspectivas cis+sexistas”, um sistema “composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero tidas como naturais, normais e biológicas, que são por sua vez as compreensões que fundamentam as leituras sobre vivências e corpos em termos de gênero” (Vergueiro, 2015, p. 15 e 61). Apesar da mudança conceitual dos termos observada por Besen (2018), é notável como há reminiscências da primordialidade de questões biomédicas, especialmente devido ao engajamento com os discursos biomédico e psicológico nos trabalhos de crítica à compreensão patologizantes da experiência de inconformidade de gênero (Vergueiro, 2015). Como demonstram os trabalhos de Barbieri (2017) e Besen (2018), o campo do direito, inseparável de questões, discursos e práticas biomédicas, também é frequentemente acionado ao falarmos de cisgeneridade.

Como já escrevi anteriormente (Braz; Machado, 2023, p. 373), nos deparamos com a utilização do adjetivo “cisgênero” (*cisgender*) se referindo “à pessoa que se identifica com o gênero atribuído anterior ou no momento de nascimento em decorrência de uma configuração morfológica”. Similarmente, o substantivo “cisgeneridade” (*cisgenderism*) diz respeito a um sistema que diferencia, hierarquiza e precariza pessoas trans em detrimento de pessoas cis, tendo como base “padrões de reconhecimento social que normalizam aquelas pessoas que, ao longo de sua vida, sempre se identificaram tanto com sua construção subjetiva quanto objetiva como homem ou mulher” (*ibidem*). Os efeitos políticos da elaboração médica e psicológica da cisgeneridade como pré-discursiva, binária e permanente é o que Viviane Vergueiro (2015, p. 60-71) chama de cisnormatividade.

Neste trabalho, as definições mencionadas acima não são abandonadas. No entanto, para desenrolar os fios emaranhados entre o dimorfismo sexual e os pelos corporais e, assim, materializar a cisgeneridade, levo em conta uma característica central para os estudos sociais e feministas da ciência, preocupando-me menos com a “natureza e produção do conhecimento científico” e mais com as “dinâmicas detalhadas da prática real da ciência”²⁵ (Barad, 2007, p. 47). Além do mais, apoiando-me nesse mesmo arcabouço teórico-metodológico, distancio-me de uma noção construcionistas/representacionista da cisgeneridade e proponho uma

²⁵ “[...] nature and production of scientific knowledge to the study of the detailed dynamics of the actual practice of science.”

compreensão neomaterialista do termo²⁶. Propondo compreender a cisgeneridade (*cisness*) como um aparato (Barad, 2007), se tornará possível visualizar o fenômeno intra-ativo entre pelos corporais e cisgeneridade, isto é, um “*padrão diferencial de materialização [...] produzido por meio de complexas intra-ações agenciais de múltiplas práticas material-discursivas ou aparatos de produção corporal*”²⁷ (Barad, 2007, p. 140, ênfase da autora). Os termos em inglês evidenciam minha utilização do conceito de cisgeneridade dessa forma. O sufixo “ness” tem a capacidade de fazer essa transformação com o adjetivo *cis*, transformando-o no substantivo *cisness* e em um objeto de investigação científica, similarmente como acontece com *thingness* (Barad, 2007), *fact-ness*, *object-ness* e *us-ness* (M’Charek, 2013; 2014; 2022) e o curioso conceito *to-be-looked-at-ness* (Mulvey, 1975; Bell, 2010). No contexto deste trabalho, a transformação de *cisgenderism* em *cisness*, que em português utilizamos o “mesmo” cisgeneridade, implica menos um sistema ideológico e cultural no qual as “pessoas se identificam com o gênero atribuído no nascimento devido à morfologia” e sim “um fenômeno material-semiótico de fabricação de fronteiras de gênero, de sexo, de raça e de humanidade que distinguem o masculino do feminino”. A partir dessa mudança, as diferenças entre masculino e feminino não são pressupostas, mas postas em suspenso, nos cabendo traçar determinados percursos dos quais emergem os limites entre tais termos, um dos quais estamos investigando, os pelos corporais. Nesse sentido, a cisgeneridade é menos a constatação de algo (*cisgenderism*) e sim um aparato material-semiótico (*cisness*) utilizado nas análises aqui pressupostas²⁸.

Ao elaborar o conceito de cisgeneridade dessa forma, inspiro-me especialmente na interpretação de Paul B. Preciado (2018). O filósofo espanhol afirma que em finais do século XX “[surge uma] nova distinção ontológico-política entre ‘cis’ (um corpo que conserva o

²⁶ O livro *Material Feminisms* (Alaimo; Hekman, 2008) articula a ideia de “neomaterialismo” ou “novos materialismos”, cujo objetivo pode ser definido como “uma desconstrução da dicotomia material/discursivo que retenha ambos os elementos sem privilegiar nenhum dos dois” (idem: 6, tradução nossa). Para esse “novo” conjunto de feministas, devemos entender de que modo a natureza age como “uma força ativa e significativa; um actante em seus próprios termos; um domínio de múltiplas culturas inter- e intra-ativas” (idem, p. 12).

²⁷ “[...] phenomena are differential patterns of mattering [...] produced through complex agential intra-actions of multiple material-discursive practices or apparatuses of bodily production [...]”

²⁸ No último capítulo, quando a distinção aqui proposta é discutida em maiores detalhes, indicarei entre parênteses quando estou me referindo à minha própria compreensão do conceito e quando estou me referindo à forma como é ele utilizado em outros trabalhos. Vale citar que não busco substituir a compreensão da cisgeneridade como um sistema de hierarquização entre pessoas cis e trans, no qual as segundas são precarizadas e preteridas em relação às primeiras. Ao contrário, devido às possibilidades de uso do conceito, proponho essa compreensão com o intuito de encontrar, nas considerações sobre pelos corporais, não a patologização ou criminalização da cisgeneridade – como já ocorreu com a transexualidade e a travestilidade –, mas a produção de algo que, ainda que tomado como normal, não é simplesmente pressuposto, mas *laboriosa e detalhadamente produzido*. Na primeira sessão do quinto capítulo indico que as produções sobre os pelos corporais – o objeto escolhido para essa dissertação, mas que poderia ser outra coisa, como as cirurgias ou outras especialidades médicas – são parte da produção iterativa da cisgeneridade, algo que contraponho ao “silêncio fundante” (Vergueiro, 2015) ou “autonaturalização e inviabilização” (Hining; Toneli, 2023).

gênero que lhe foi atribuído no nascimento) e ‘trans’ (um corpo que se utiliza de tecnologias hormonais, cirúrgicas, prostéticas ou jurídicas para modificar essa atribuição) (Preciado, 2018, p. 137). Preciado dá continuidade à definição, afirmando que

[...] esses dois *status* de gênero biopolítico são tecnicamente produzidos. Ambos dependem de métodos de reconhecimento visual, de produção performativa e de controle morfológico comuns. A diferença entre “cis” e “trans” depende da resistência à norma, da consciência desses processos técnicos (farmacopornográficos) que produzem ficções somáticas de masculinidade e feminilidade e das técnicas científicas e do reconhecimento social no espaço público. Isso significa não haver juízo de valor implícito: o gênero “trans” não é melhor nem mais político que o gênero “cis”. Em termos ontopolíticos, isso se resume a dizer que há apenas tecnôgêneros. (*ibidem*)

A princípio, a distinção entre “conservar” e “modificar” a atribuição sexual parece indicar que a cisgeneridade dos corpos das pessoas cis seria “natural”. Isto é, pessoas cujo “status de gênero” se encaixasse na categoria cis teriam corpos intocados pela maquinaria científica, biomédica, jurídica e estética que fabrica os corpos trans. No entanto, Preciado logo afirma que tanto “cis” quanto “trans” são “tecnicamente produzidos”. Para o filósofo, isso implica a necessidade, para ambos, de métodos de reconhecimento visual, produção performativa e controle morfológico. O corpo cis não é aquele intocado pelo artifício, uma vez que tal possibilidade é inexistente²⁹. A compreensão de Preciado se complica quando o autor define quais são as diferenças entre cis e trans: resistência à norma, consciência das ficções somáticas e reconhecimento social. A partir desses três pontos, e levando em conta a importância interseccional que raça, classe, magreza, deficiência etc. assumem nas interações sociais, parece-me insuficiente delimitar qualquer um desses pontos a qualquer status de gênero. Nem toda pessoa trans, por exemplo, está consciente do caráter *ficcional* – e nem por isso menos *verdadeiro* – das experiências de gênero e sexo, chegando a afirmar veementemente “ser” um homem ou uma mulher “verdadeiro/a”. Simultaneamente, nem toda pessoa cis corresponde aos ideais biopolíticos e raciais de beleza (Favero, 2019; Jarrin, 2017; Vieira, 2015) dos quais gênero e sexo são inseparáveis, comprometendo, portanto, o processo de reconhecimento social em espaços públicos. Favero (2019) e Helena Vieira (2015), ao discutirem o que elas chamam de *cisgeneridades precárias* ou *subalternas* a partir de debates políticos sobre a distribuição

²⁹ Para Preciado (2022b, p. 129), o próprio ato de atribuição sexual não é um fenômeno natural, isto é, a constatação de uma realidade morfológica (vagina ou pênis = mulher ou homem, respectivamente); ao contrário, a partir do estudo do gerenciamento de crianças intersexo recém-nascidas por John Money, Preciado conclui que tal atribuição é sempre e já uma tecnologia sexual. Em *Testo Junkie*, tal discussão emerge a partir da “relação inextricável entre categorias de inteligibilidade social (*soma*) e objetos técnicos (*techné*)” (Braz, 2022, p. 30) que o conceito de somatécnica oferece, ao propor “a noção de natureza como eminentemente tecnológica (tecnologização da natureza) e a relação entre tecnologia e corpo (incorporação das tecnologias) (*idem*, 32).”

desigual da precariedade e do reconhecimento social, apostam na interseccionalidade que compõe aqueles corpos analisados e nomeados de “cis”, intersecções que funcionam como “acoplamentos que modificam [a cisgeneridade] substancialmente” (Favero, 2019, p. 186).

“Veracidade” ou a própria possibilidade de sua verificação faz parte de meu interesse quando proponho discutir esse tema. “Verdade” e “biologia” estão intimamente emaranhadas, o que pode evidenciar o caráter político e o viés eminentemente transfeministas em se afirmar a “veracidade” dos corpos de pessoas trans. Como assinalei anteriormente (Braz; Machado, 2023), afirmações como “somos homens/mulheres de verdade/biológicos” me afetam de duas formas. Em primeiro lugar, “essa afirmação questiona as bases do que se entende por verdadeiro quando o assunto é ‘diferença sexual’, ‘homens’ e ‘mulheres’, os sentidos que os atribuímos e os corpos aqui implicados” (*idem*, p. 374). Em segundo lugar, “é como se ainda estivéssemos depositando nossas esperanças, assim como articulando nossas propostas éticas, políticas e epistêmicas [na representação do] mundo através da ciência e, assim, constatar a verdade das coisas” (*ibidem*). No decorrer dessa dissertação, me engajarei ativamente com dois conjuntos distintos de textos científicos: nos capítulos 3 e 4, analisarei o papel dos pelos corporais no diagnóstico de Hirsutismo e na teoria da seleção sexual. Apesar de não haver neles uma discussão específica sobre a “veracidade” do gênero ou do sexo, como é discutido entre e sobre pessoas trans, a biologização da diferença (de gênero, de sexo, de raça e de humanidade) é latente. Rastrear o papel dos pelos nesse conjunto de textos auxiliará a discussão, a ser feita nas considerações finais, sobre a materialização da cisgeneridade, onde apresentarei uma discussão teórica, analítica e etnográfica sobre esse tema.

* * *

Outro problema caro à essa dissertação é o meio através do qual é possível materializar a cisgeneridade. Ao pesquisar sobre esse tema, muito frequentemente se fala sobre as diferenças sexuais primárias, isto é, fala-se sobre a congruência entre genitália e identidade (dado a eminência dos discursos biomédicos nos processos de engendramento). Pênis e vagina desempenham um importante papel na designação sexual, uma vez que são eles que geralmente definirão a constatação sexual médica, visto a permanência e a insistência dos discursos biomédicos nessas regiões corporais. Nos casos de crianças intersexo, é a morfologia sexual que será cirúrgica e hormonalmente modificada com o intuito de, literalmente, performar essa mesma constatação. Elenquei os pelos corporais pois, como demonstrei na apresentação desta dissertação, sua existência está diretamente emaranhada a questões de gênero e de raça. A

escolha é interessante: entre minhas referências bibliográficas, era comum a descrição desse tema de pesquisa como “uma nota de rodapé insignificante”, “meditações vãs”, “insignificante e supérfluo”, “um assunto estranho para tamanha ruminação” (Herzig, 2015). Contudo, o resultado final dessa pesquisa demonstra como os pelos não são meros apêndices do corpo. Ao contrário, participam intra-ativamente nos processos de produção e dissolução de fronteiras.

Por exemplo, o diagnóstico de Hirsutismo – objeto tratado diretamente no primeiro capítulo etnográfico, terceiro capítulo do trabalho – revela a forma como uma característica sexual secundária (em seu sentido biomédico, mas também em seu sentido coloquial, isto é, secundária pois de pouca importância) se conecta com debates mais gerais da cisgeneridade. No momento de nascimento, os pelos corporais não desempenham papel de grande destaque, uma vez que todo recém-nascido tende a ter a pele coberta por uma fina camada de pelos chamada “lanugem”. Com o passar do tempo, no entanto, os pelos vão assumindo precedência cada vez maior na constatação e na performance de gênero – mas também de sexo, de raça e de humanidade, como demonstrarei no decorrer dessa dissertação.

Elaborar uma imagem estática dos entrelaçamentos entre pelos corporais e a cisgeneridade seria uma tarefa impossível, pois os valores e significados associados aos pelos corporais e à sua permanência ou remoção variam de acordo com o material que estou trabalhando e seu contexto de produção. Contudo, produzir uma imagem estática desse fenômeno pouco me interessa, visto que os efeitos disso seria a produção de uma imagem cristalizada da cisgeneridade, algo que prefiro evitar fazer e sou crítica com quem faz³⁰. Além do mais, a produção de conhecimento sobre a quantidade excessiva de pelos corporais abrange um escopo bastante considerável de áreas científicas. Os pelos e suas manifestações sociohistóricas são objeto de escrutínio tanto de pesquisadores da área da saúde, como a dermatologia, endocrinologia e psicologia, assim como de pesquisadores das humanidades, como a antropologia, os estudos de gênero e sexualidade e os estudos da ciência e da tecnologia. Sendo assim, dois gatilhos bibliográficos que me impulsionaram a pesquisar e estudar os pelos corporais podem contribuir na compreensão desse objeto.

³⁰ Como já mencionei anteriormente e como tornarei evidente no decorrer dessa dissertação, não me interesso em argumentar em favor de uma compreensão estática, ahistórica e monolítica da cisgeneridade. Apoiando-me na performatividade pós-humanista de Barad (2007), evito tratar qualquer característica física ou aspecto subjetivo como uma propriedade inerente de pessoas individuais (Barad, 2007, p. 57). Nesse sentido, não me utilizo dos termos “cis” ou “cisgênero” ou “trans”, “transgênero”, “transexual” ou “travesti” para reafirmar uma essência individual, mas à forma como, ainda que precariamente, uma pessoa pode ser identificada dentro de dinâmicas cisonormativas (expulsão escolar, alta taxa de prostituição, baixo acesso às instituições de educação superior e ao mercado de trabalho etc.).

O primeiro deles, tendo surgido para mim ainda em 2018, foi um trecho de *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, de Paul B. Preciado. Nele, Preciado comenta sobre a mudança paradigmática entre a figura monstruosa da mulher-barbada, exibida em circos e em praças públicas, resultante do modelo disciplinar de corpo, e a figura da paciente/cliente com hirsutismo, resultante do modelo farmacopornográfico de corpo. Preciado se volta ao corpo como uma entidade política pulsante cuja materialidade e suas construções são levadas em conta através dos processos tecno-semióticos, entre eles a presença ou não de pelos corporais, sua remoção e os efeitos que esse corpo exerce socialmente, isto é, se ele será exibido em circos e praças públicas como as fenomenais mulheres barbadas ou, por outro lado, se será visto como cliente potencial de clínicas médicas e estéticas, como as mulheres norte-americanas e europeias – inclusive as mulheres barbadas brancas – durante o século XX (Herzig, 2015, p. 75-98).

O segundo deles me deparei apenas ao final de 2021. Trata-se de um trecho do livro *A cosmopolítica dos animais*, de Juliana Fausto. Fausto retoma a história de Krao Farini, uma menina de Laos (atual Tailândia) que “sofria” de hipertricose e foi exibida em circos, praças públicas e zoológicos ao redor da Europa durante toda sua vida. A partir do emaranhamento da indústria do entretenimento das aberrações com o discurso científico, Krao foi, desde sua infância, anunciada publicamente como a comprovação viva da teoria evolucionista de Darwin, pois incorporava em si o “elo perdido” da passagem do macaco ao homem. Trazida para a “civilização”, isto é, para a Europa em 1882 (e para os Estados Unidos da América alguns anos mais tarde), Krao – palavra que em siamês significa “macaco” – iniciou sua vida popular sendo exibida como “o elo perdido” pela primeira vez no *Westminster Aquarium* em Londres em 1883. Devido à quantidade e localização de pelos em seu corpo, que era completamente coberto por uma camada grossa e escura lhe dando uma aparência símia, Krao foi exposta ao redor da Europa e dos Estados Unidos da América. Em uma das matérias de jornais divulgando sua chegada aos Estados Unidos da América no jornal *The Times* de 1884, sua história é narrada como a transformação de uma pequena selvagem ignorante em uma criança bastante inteligente, afetuosa e dócil.

A partir desses dois pontos de partida, iniciei a investigação que hoje resulta nesta dissertação. No próximo capítulo, abordarei o aporte teórico-metodológico através do qual as ideias aqui presentes puderam ser imaginadas e postas em prática. Metodologicamente, apoio-me no que Haraway vem trabalhando sobre o exercício fabulativo da cama de gato. Isto é, compreendo que minha interpretação sobre o conceito de cisgeneridade e o que estou chamando de sua materialização emerge a partir do uso que faço da bibliografia e das fontes utilizadas

assim como das próprias intra-ações do conceito de cisgeneridade. Levando em conta a provocação que Haraway faz em relação ao caráter ficcional da teoria, meu objetivo não é sair de uma definição estanque de cisgeneridade e colocar outra em seu lugar. Apoio-me, além do mais, na noção de objeto dobrado de Amade M'charek, com o intuito de justificar as demarcações histórico-geográficas que escolhi fazer. Tais demarcações não precederam a pesquisa, mas emergiram a partir do enquadramento que optei por fazer no encontro com os dados etnográficos e o desenrolar das ideias aqui expostas. Teoricamente, apoio-me no conceito de aparato material-semiótico de produção corporal, especialmente na forma que Haraway (2023b) e Barad (2007) trabalham esse conceito. O objetivo é superar uma definição representacionista ou construcionista da cisgeneridade (cis é quem se identifica/quem nasceu...) e articular uma compreensão pautada nos estudos sociais e feministas da ciência em sua intersecção com os estudos trans, prestando atenção às práticas que a produzem. Nesse sentido, a cisgeneridade deixaria de ser uma constatação estática da realidade, e passaria a ser uma “prática material-semiótica através da qual a própria distinção entre o social e o científico, a natureza e a cultura, é constituída”³¹ (Barad, 2007, p. 141).

Os capítulos 3 e 4 são densos devido seu viés etnográfico: neles, pude descrever e escrever extensamente sobre os materiais que encontrei. O terceiro e o quarto capítulos se configuram como práticas de rastreamento. No terceiro capítulo, começo retomando o contexto de surgimento e prática da antropometria: seus usos, sua popularização, sua capacidade de descrever a realidade “como ela é”. Relembrar essa estória/história é importante pois a prática antropométrica foi de grande importância para a medição do crescimento anormal de pelos corporais. Após isso, apresento a fabricação do diagnóstico de Hirsutismo. Para tanto, retomei o artigo que ainda hoje é referência para o diagnóstico, publicado em 1961. Pude ler dez dos onze artigos ali citados. Através da leitura, pude demonstrar como cada uma das referências utilizou do crescimento dos pelos corporais para delimitar o que queriam dizer por mulheres “anormais” ou “hirsutas”. Aqui, foi possível perceber como distinções de sexo e gênero são estabelecidas nas relações entre noções de mulheridade e a materialidade dos pelos corporais.

No capítulo seguinte, volto-me mais diretamente aos problemas de distinções raciais e de civilidade, onde investigo mais profundamente a influência que os debates raciais e de sexo/gênero tiveram na distinção humano/não-humano. Foi possível fazer um *link* entre o primeiro e o segundo capítulo etnográfico, pois uma das referências para o diagnóstico de Hirsutismo menciona distinções entre primatas humanos e não-humanos, estabelecendo o

³¹ “[...] material-discursive practices through which the very distinction between the social and the scientific, nature and culture, is constituted.”

caminho a ser seguido. Pude deter minha atenção, então, às teorias evolucionistas, especialmente à dimensão filogenética que afirma que os seres humanos compartilham de um ancestral comum com outros primatas. Apesar de seu caráter etnográfico, cada capítulo é concluído com uma discussão de cunho teórico sobre o tema apresentado. Portanto, finalizo o terceiro capítulo com uma discussão sobre como se define quem tem barba e o que significa tê-la enquanto no quarto capítulo, finalizo com uma discussão sobre os limites entre humanos e não-humanos nos casos das mulheres barbadas que foram expostas em *freak shows*.

O quinto capítulo é onde se encontram as considerações finais e discuto de maneira mais aprofundada minha compreensão do conceito de cisgeneridade, matéria, materialidade e materialização. Nele, me proponho a responder à questão “é possível uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo?”. Aqui, estarei mais compromissada em articular conceitualmente a cisgeneridade com a ideia de aparato material-semiótico de produção corporal. Realizarei esse propósito a partir de outra situação etnográfica, qual seja, a experiência de uma mulher trans, Teodora, ao recorrer ao serviço público de saúde para ter seus pelos faciais removidos à *laser*. Tal estória/história é narrada a partir das notícias de alguns sites jurídicos publicadas entre os anos de 2012 e 2017 e da entrevista que ela deu para uma pesquisa de doutorado publicada no ano de 2018, além dos documentos oficiais da judicialização ao direito pela depilação a *laser*. O objetivo deste trabalho, portanto, é produzir um nó especulativo sobre a possibilidade, os desvios, os usos e desusos do conceito de cisgeneridade – por sua vez, um nó passível de ser desemaranhado e retomado, eis a importância da cama de gato como metodologia.

* * *

O presente trabalho, portanto, se trata de uma investigação fabulativa sobre os emaranhamentos ou intra-ações entre cisgeneridade e pelos corporais. A cisgeneridade, materializada, entre outros elementos, por essas associações, sentidos e efeitos que atravessam os pelos corporais, é coproduzida e coproduz tais associações. Assim, considerarei distintas dimensões como a cartografia dos pelos na construção de diagnósticos que incidem na diferença sexual de forma intra-ativa com a materialização da raça (como são os casos das popularmente conhecidas mulheres barbadas) e com a materialização da humanidade (a partir dos debates sobre elos perdidos e os limites entre os primatas humanos e não-humanos). Em cada uma dessas incidências, percorrerei os processos de materialização envolvidos, mas desde a perspectiva especulativa da fabulação de Haraway. Aqui, cabe demonstrar uma certa

história/estória da cisgeneridade para além de certos marcos temporais, especificamente além da última década do século XX. Isto é, ainda que a cisgeneridade seja um objeto bastante distinto e múltiplo, podendo ser performada em diversos contextos e espaços, é possível verificar como ela está atrelada à certos debates e padrões socio-políticos de gênero, sexo, raça e humanidade localizados em momentos distintos dos séculos XIX e XX.

2 PELO FIM “DA” CISGENERIDADE: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

2.1 MONTANDO O ARRANJO DE UMA CAMA DE GATO

Coisas díspares podem ser unidas – e coisas semelhantes podem ser separadas – e vice-versa. [...] Em inglês obsoleto, articular (*to articulate*) significava estabelecer termos de acordo. Talvez devêssemos viver novamente em um mundo tão "obsoleto" e amoderno. Articular é significar. É juntar coisas, coisas assustadoras, coisas arriscadas, coisas contingentes. Quero viver em um mundo articulado. Articulamos; logo, somos.³²

Donna Haraway, *The Promise of Monsters*, p. 324

Nada está conectado a tudo; tudo está conectado a alguma coisa.

Donna Haraway, *Ficar com o problema*, p. 58

Para começarmos a conversar sobre teoria e metodologia, é importante explicitar que este trabalho não busca encontrar, nas considerações médicas ou evolucionistas sobre pelos corporais, a substância da cisgeneridade. Não é minha intenção me deslocar de uma definição estanque de cisgeneridade e substituí-la por outra. O objetivo principal deste trabalho é tentar escrever uma história/estória da cisgeneridade a partir de outros marcos temporais, conceituais e materiais. Isto é, tratarei das questões de nosso interesse para além dos anos 1990, a década que concordamos ter surgido o conceito. Digo “concordamos” pois é bastante comum, na literatura dos estudos trans e dos estudos sobre a cisgeneridade, a referência, mencionada anteriormente, ao trabalho de Dana Leland Dufosse e Carl Buijss de meados da década de 1990, ainda que entendamos as implicações problemáticas de se buscar por uma gênese. Além do mais, em uma busca por deslocar o que entendo por cisgeneridade de uma compreensão “tradicional”, vou além dos caracteres sexuais primários para discutir problemas relacionados ao dimorfismo sexual. Portanto, a escolha em elaborar uma cama de gato com/dos pelos corporais na tentativa de contar outra história/estória da cisgeneridade, é devido à forma como

³² “Unlike things can be joined – and like things can be broken apart – and vice versa. [...] In obsolete English, to articulate meant to make terms of agreement. Perhaps we should live in such an "obsolete," amodern world again. To articulate is to signify. It is to put things together, scary things, risky things, contingent things. I want to live in an articulate world. We articulate; therefore, we are.”

uma característica secundária (tanto em seu sentido médico quanto coloquial) se mostrou ativa na produção de fronteiras de sexo, gênero, raça e humanidade.

Quando afirmo que não busco a “substância” da cisgeneridade a partir dos enquadramentos empíricos que utilizarei no decorrer da escrita, é menos com o intuito de afirmar que tal substância não exista, e mais uma consequência metodológica ao respaldar teoricamente meu argumento no trabalho de estudiosas feministas da ciência. Muito menos a afirmação de que uma substância não exista, o debate tende a girar em torno das práticas de inclusão e exclusão que produzem os limites de tal substância (Haraway, 2023b; Barad, 2007), ou, como Fabíola Rohden (2012) chama, a “substancialização da diferença”, isto é, “o enraizamento constantemente renovado do gênero [e do sexo, e da raça, como veremos] em determinadas marcas corporais” (Rohden, 2012, p. 248). Em outras palavras, trata-se menos de buscar “na” natureza algum respaldo para emancipação política, e mais de entender a estabilização de elementos díspares e heterogêneos que justificam a subjugação política de alguns grupos perante outros “a partir da” natureza. É uma mudança significativa, especialmente se levarmos em conta que esses processos de substancialização atualizam frequentemente seus focos de substancialização, passando das diferenças anatômicas e fisiológicas para as hormonais (*ibidem*). Isto é, tais processos de substancialização da diferença são contínuos e sempre se atualizam, especialmente no discurso biomédico e em seus vários entrelaçamentos, como, por exemplo, com o discurso jurídico.

Portanto, ao mesmo tempo que evito afirmar que “a” cisgeneridade não existe — algo que jamais poderíamos fazer com sucesso —, também não busco em modos de vida não-ocidentais ou extra-modernos exemplos de transexualidade como forma de comprovação de sua existência ou validade. Neste trabalho, baseando-me na noção de matéria, materialidade e materialização, de Barad (2007, p. 151), a substância da cisgeneridade, isto é, sua materialidade, “é um processo estabilizador e desestabilizador de intra-atividade iterativa”³³. Ao lançar mão das referências etnográficas aqui mobilizadas, meu objetivo é menos confirmá-las e mais investir “[a] verdadeira obsessão com o esquadrinhamento e a manutenção das diferenças” (Rohden, 2012, p. 249), “um dos focos fundamentais da construção de nossa crença na modernidade” (*ibidem*). Antes de me deter com mais atenção aos termos importantes desta dissertação (matéria, materialidade, materialização etc.), é importante, assim, demonstrar o que pretendo fazer, metodologicamente, com a cama de gato.

³³ “[...] a stabilizing and destabilizing process of iterative intra-activity.”

Na introdução de *Conhecimentos situados*, Donna Haraway (2023b, p. 326-327, ênfase da autora) oferece um insight interessante quanto à tarefa das feministas em seu engajamento crítico com as práticas científicas: “não é o bastante demonstrar a contingência histórica radical e os modos de construção de todas as coisas” nem “crer [que estamos] descrevendo ou descobrindo as coisas *por meio de* [nossa] construção e argumentação”. Além do mais, não nos cabe “uma doutrina da objetividade que prometa a transcendência [ou] uma estória que perca o rastro de suas mediações”; ao contrário, cabe a nós “[oferecermos] uma abordagem mais adequada, mais rica e melhor do mundo”. Portanto, minha tarefa enquanto (trans)feminista que está se engajando com certos discursos científicos não é de simplesmente desacreditá-los — uma vez que se eu tomasse essa atitude, parte dessa dissertação não existiria —, mas estabelecer um diálogo coprodutivo com eles. Não quero produzir “uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submergem no êxtase da simbiose orgânica” (*ibidem*). Não se trata de acreditar ou depositar minhas esperanças na relação imediata, objetiva e metafísica entre palavras e coisas, pendendo entre determinismo e relativismo absolutos. Se trata, ao contrário, de apostar “no poder das teorias críticas modernas sobre como os significados e os corpos são criados não para negá-los, mas para viver em significados e corpos que tenham uma chance de algum futuro” (*idem*, p. 327). Como Haraway (1994, p. 71) afirma em *A Game of Cat’s Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies*, se trata “[da] semiose da incorporação”³⁴, isto é, dos imbricamentos indispensáveis e intra-ações entre coisas e palavras.

Trata-se, portanto, de se engajar simultaneamente com um conjunto ético, epistêmico e ontológico feminista (Barad, 2007) e conjuntos biomédicos, o que especificamente, em se tratando desta dissertação, se refere a uma série de artigos publicados entre os anos 1922-1961, voltados à construção diagnóstica do Hirsutismo, e um recorte do que chamamos de teoria da seleção sexual, ou a teoria irmã sem a qual a teoria da seleção natural não conseguiria explicar certos detalhes pertinentes ao evolucionismo. Para Haraway, assim como para Bruno Latour (2017; 2019) e Karen Barad (2007) e outros/as intelectuais da área dos estudos sociais e feministas da ciência, a produção de conhecimento não diz respeito à atividade distante e desinteressada de cientistas em laboratórios descobrindo fatos científicos na natureza. A ciência não é uma prática politicamente asséptica, isto é, abstraída de interesses sociais, políticos e econômicos específicos e contextuais e, portanto, comprometida unicamente com a verdade universal. Muitas vezes, a prática científica se encontra inserida diretamente no centro de

³⁴ “[...] semiosis of embodiment [...]”

debates políticos e econômicos, emaranhada em imbróglis internacionais, como o fomento de pesquisas e a publicação de artigos em universidades relatados por Latour (2017), ou como nas atividades materialmente engajadas de mundificação (*worlding*) e/ou produção de parentescos e companheiros *queer* relatados por Haraway (2021; 2023a). Tendo isso em mente, um possível caminho a se seguir no trabalho aqui proposto é, primeiramente, tratar do caráter fabulativo que a verdade científica reivindica e necessita. Seguindo os apontamentos sobre os limites e as relações entre a verdade científica e sua fabricação, feitos por Haraway (1992; 1994; 1996; 2021; 2023a; 2023b) e Amade M’charek (2013), trata-se de alojar metodologicamente o presente estudo na fissura fabulativa entre fato e ficção.

Nesse contexto, evocar ficção não deveria, de maneira alguma, nos remeter à ausência da verdade ou de elementos que a sustentem. Ao contrário, trata-se muito mais de uma prática de leitura que concebe tanto “a” ciência quanto seus argumentos como elementos de ficcionalização da realidade, “uma parte inerente da produção de fatos” (M’charek, p. 436). A realidade não é uma substância preexistente às ferramentas que possibilitam sua apreensão. A realidade não está presente em todo lugar simultaneamente, isto é, ela não é onipresente, exatamente porque ela também não é unívoca: ao contrário, ela é o resultado de um longo processo de fabricação (Latour, 2017). Nem preexistente nem onipresente, a realidade é o que emerge a partir da produção narrativa e material dentro de determinados enquadramentos epistêmicos, ontológicos e éticos (Barad, 2007), sempre situada (Haraway, 2023b). O crescimento e a distribuição de pelos considerados “adequados” pelos artigos que analisarei no próximo capítulo, por exemplo, não são tomados por mim como fatos autoevidentes encontrados na natureza e acessados pelos médicos e antropólogos especialistas que escreveram os artigos que definem o que é um ser humano – uma mulher, especificamente – piloso demais ou na medida certa. O idioma dos artigos é o da objetividade científica, ainda que a análise do crescimento e da distribuição dos pelos corporais tenha dependido, em grande medida, da observação subjetiva e de significados pré-estabelecidos desses cientistas e compartilhados por eles.

A objetividade, além de ser um objeto de grande interesse às feministas afiliadas aos estudos sociais da ciência (Haraway, 2023b), possui um caráter narrativo quando eleita como a base fundamental de toda e qualquer produção de fatos esperando validação como científico. Para Haraway, a questão da objetividade é tamanha que não diz respeito, “somente”, aos critérios de validação de conhecimento produzido dentro de determinados quadros de referência. A objetividade é essa “separação do conhecimento especializado da mera opinião, como o conhecimento legitimador de modos de vida, sem apelo à autoridade transcendental ou

à certeza abstrata de qualquer tipo, [...] um gesto fundante do que chamamos de modernidade”³⁵ (Haraway, 1996, p. 430). Incorporada na testemunha modesta (*modest witness*), como figuram os próprios especialistas lidos e analisados nesta dissertação – e como se pretendem os críticos da cisgeneridade –, a objetividade é resultante da análise subjetiva descorporificada dos mesmos especialistas: qualquer característica física da testemunha modesta deveria ser apagada, o sujeito investigativo deveria ser invisível, “de modo que seu relatório não fosse poluído pelo corpo” com o intuito de “garantir as descrições de outros corpos e minimizar atenção crítica aos seus próprios”³⁶ (*idem*, 435). Os efeitos políticos desse tipo de produção científica – mais um desejo, do que uma prática efetiva – vemos especialmente na “[fundamentação de] diversos séculos de discursos sobre gênero, raça e classe como relatórios científicos objetivos”³⁷ (*ibidem*).

A proposta de Haraway, contudo, é distinta: a objetividade situada, ou o que ela denomina de empirismo feminista (*idem*, 326), é um tipo de prática científica comprometida (*committed*) com a “localização limitada e ao conhecimento situado” ou, simplesmente, a parcialidade (*idem*, p. 331-337). O empirismo feminista ou a prática da parcialidade, portanto, não é feita a partir da invisibilidade ou a não demarcação dos corpos de quem a pratica, como a testemunha modesta. Ao contrário, é produzida a partir de lugares cindidos privilegiados (*idem*, p. 337), lugares subjugados sem, contudo, essencializá-los. Nesse sentido, a produção científica (a fabricação de fatos e de verdades científicas) não se confunde com a realidade, como se fossem “simples” descrições fiéis e imparciais do mundo. Tais fatos e verdades – e Haraway realmente aposta na capacidade científica de descrição do mundo, ao invés de abandoná-la – se tornam metáforas através das quais é possível não só compreender o mundo como ele é, mas compreender os processos através dos quais ele veio a ser dessa forma, bem como possíveis caminhos para a mudança. A ciência deixa de ser um espelho do mundo e passa a ser um processo crítico de engajamento e fabricação, o que Haraway (2023) chamará, em *Ficar com o problema*, de mundificação (*worlding*). Portanto, a distinção entre fato e ficção que atribui rigor e respeitabilidades científicos ao primeiro termo, relegando ao segundo o papel literário de imaginação é colocada em xeque pela autora. Para ela,

³⁵ “This separation of expert knowledge from mere opinion, as the legitimating knowledge for ways of life, without appeal to transcendent authority or to abstract certainty of any kind, is a founding gesture of what we call modernity.”

³⁶ “[...] so that their report might not be polluted by the body. [...] warrant their descriptions of other bodies and minimize critical attention to their own.”

³⁷ “[...] in the grounding of several centuries of race, sex, and class discourses as objective scientific reports.”

Etimologicamente, fatos se referem a performances, ações, atos realizados – em suma, feitos. Um fato é um particípio passado, uma coisa feita, finda, fixada, exibida, performada, realizada. *Fatos são aqueles que cumpriram o prazo do fechamento da próxima edição do jornal*. Ficção, etimologicamente, é bastante próxima, mas difere na parte do discurso e tempo verbal. Assim como os fatos, ficções se referem a ações, mas ficção é mais sobre o ato de modelar, formar, inventar, fingir e desviar. Extraída de um particípio presente, *a ficção está em processo e ainda em jogo, inacabada, ainda propensa a entrar em conflito com os fatos, mas também sujeita a nos mostrar algo que ainda não sabemos ser verdade, mas que saberemos*. (Haraway, 2021 p. 27, ênfase minha)

Nesse sentido, a cama de gato proposta por Haraway é tomada como uma das possíveis figurações metodológicas do que ela chama de empirismo feminista. Um dos efeitos do desconhecimento da produção científica, de todas as fases que compõem o que Latour (2017, p. 39-96) chama de referência circulante, é tomar os fatos científicos como verdades autoevidentes e prontamente descobertas, e não como imbróglis fabricados em e através de redes complexas. Uma cama de gato, então, tem o trabalho de relacionar um conjunto díspar de situações, momentos, atitudes, pressupostos, crenças, práticas, experimentos etc. que compõem a produção de fatos, evidenciando o caráter fabulativo dessa relação. Em *Ficar com o problema*, a cama de gato é uma das figuras principais, aparecendo como uma das possibilidades de *SF*: *string figures*³⁸. Haraway (2023a, p. 15) afirma que “fato científico (*science fact*) e fabulação especulativa (*fabulative speculation*) necessitam-se mutuamente, e ambos precisam do feminismo especulativo”. Ela define a cama de gato (*string figure/cat’s cradle*) triplamente:

Em primeiro lugar, arrancando promiscuamente as fibras de práticas e acontecimentos densos e coalhados, tento rastrear os fios e segui-los até onde eles conduzem, a fim de encontrar seus padrões e amaranhados cruciais para ficar com o problema em tempos e lugares reais e específicos. Neste sentido, *SF* é um método de rastreio para seguir um fio no escuro, em um conto de aventuras real e perigoso onde quem vive e quem morre (e de que maneiras) pode tornar-se mais nítido [...]. Em segundo lugar, a figura de barbante não constitui o rastreio, mas a coisa em si, o padrão e a assembleia que solicitam uma resposta; a coisa que não é igual a nós mesmo, mas com a qual devemos seguir adiante. Em terceiro lugar, as figuras de barbante são feitas ao passar e receber, ao fazer e desfazer, ao puxar os fios e soltá-los. *SF* é prática e processo; é devir-com reciprocamente em retransmissões surpreendentes [...]. (*ibidem*)

³⁸ *SF* é uma figura importante na escrita de Donna Haraway que, apesar da constante presença no decorrer de todo seu trabalho, aparece com especial atenção no seu último livro, *Staying with the Trouble*. *SF* é simultaneamente ficção científica (*science fiction*), fabulação especulativa (*speculative fabulation*), figuras de barbante (*string figures*), feminismo especulativo (*speculative feminism*) e até agora (*so far*) e se refere a padrões de contação de história/estória e produção de mundo, “práticas do pensar e do fazer” (Haraway, 2023a, p. 32): “contar histórias junto com bichos historicamente situados é um exercício repleto de riscos e alegrias inerentes à composição de uma cosmopolítica mais vivível” (*idem*, p. 33). De acordo com Juliana Fausto (Haraway, 2023b p. XVII), autora do prefácio da edição brasileira de *A reinvenção da natureza*, “quando Haraway afirma que ‘importam quais histórias contam histórias’ [...], trata-se de uma maneira de dizer algo que sempre foi crucial para ela no que tange à possibilidade da ‘matériação’ [*mattering*], da materialização: que as histórias fazem matéria, que a matéria é animada e que signo e carne estão resolutamente emaranhados”.

Levando em conta a definição de Haraway, portanto, em meu próprio trabalho a cama de gato se configura como o método através do qual rastreio a materialização da cisgeneridade a partir dos pelos corporais ao concatenar arbitrariamente – a partir dos elementos e fenômenos que a investigação etnográfica trouxe à tona – um conjunto diverso de textos científicos³⁹. Consequentemente, meu trabalho não é um esforço em encontrar a melhor forma de falar sobre essa materialização, mas, ao contrário, *é essa materialização*. Nesse sentido, acredito que a prática metodológica da cama de gato evidencia de maneira exemplar a ideia de parcialidade. O que escrevo aqui não é a descrição “da” cisgeneridade (unívoca, estanque), mas um possível padrão de materialização que emerge de minhas escolhas bibliográficas e a firma como as interpreto e as reformulo. Nas palavras de Barad, essa materialização é o que emerge a partir do estabelecimento de um corte agencial, isto é, a delimitação performativa de fronteiras e substâncias (Barad, 2007). Por fim, isso nos leva à terceira noção sobre a cama de gato: ela – e mais especificamente, a cama de gato que aqui monto – não está acabada e não se pretende única e estanque, mas convida ao contínuo trabalho coletivo de “passar e receber [...] fazer e desfazer [...] puxar os fios e soltá-los” (Haraway, 2023a, p. 15), isto é, um convite ao diálogo e à produção de novas definições, ainda mais parciais e, portanto, adequadas. Aparatos, afinal de contas, nunca são estanques e terminados mas, ao contrário, são *“intra-ações causais por meio das quais a matéria é iterativamente e diferencialmente articulada, reconfigurando o campo de possibilidades e impossibilidades material-discursivas na contínua dinâmica de intra-atividade”*⁴⁰ (Barad, 2007, p. 170, ênfase no original).

Emprestando o vocabulário de Preciado, a cisgeneridade é uma ficção somática “não porque [lhe] falte realidade material” mas porque é “produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação” (Preciado, 2018, p. 76 e 127). A fabulação científica, através da compreensão da inextricabilidade de fatos e ficções, nos ajuda a compreender a própria produção de “coisas” como a verdade e a natureza, até mesmo o biológico. Como afirma Haraway (1994, p. 60), “a natureza também tem a ver com figuras, histórias e imagens [...] um emaranhado de figurações materializadas [...]”⁴¹.

³⁹ Sobre o uso da noção de arbitrariedade, apoio-me no que foi dito por Barad (2004, p. 441, nota 11), quando ela afirma que “Bohr chamava esse corte [entre sujeito e objeto, objetos de conhecimento e agências de observação] de ‘arbitrário’ para distingui-lo de um corte ‘inerente’”. Mas o corte não é completamente arbitrário, então eu uso ‘construído’ em contraste com ‘inerente’.” Isto é, arbitrariedade aqui não está relacionada a uma aleatoriedade dos elementos, mas ao caráter construído, isto é, fabulativo de sua concatenação ou aproximação.

⁴⁰ “[...] causal intra-actions through which matter is iteratively and differentially articulated, reconfiguring the material-discursive field of possibilities and impossibilities in the ongoing dynamics of intra-activity [...]”

⁴¹ “Nature is also about figures, stories, and images [...] A tangle of materialized figurations.”

Portanto, durante a presente dissertação, meu objetivo será o de desenrolar os fios dessa cama de gato, propondo padrões e relações entre as figuras (hirsutismo, mulheres hirsutas e normais, seleção sexual, mulher barbada, elo perdido) e os elementos dos quais parto, quais sejam, gênero, sexo, raça e humanidade.

2.2 HISTORICIZANDO A CISGENERIDADE PARA ALÉM DE CERTOS MARCOS TEMPORAIS

O formato de minha história amoderna terá uma geometria diferente, não aquela do progresso, mas a de interação permanente e de diversos padrões, através da qual vidas e mundos são construídos, humanos e inumanos.⁴²

Donna Haraway, *The Promise of Monsters*, p. 304

Em um sentido estrito, a ciência é o nosso mito.

Donna Haraway, *A reinvenção da natureza*, p. 74

Na tarefa de escrever sobre a cisgeneridade, e apoiando-me nos estudos sociais e feministas da ciência, proponho-me a fazer uma leitura fabulativa de dois conjuntos distintos de textos. O trabalho é voltado, por um lado, à leitura atenciosa dos artigos que antecederam e o artigo que produziu, categórica e definitivamente, o diagnóstico de Hirsutismo com o intuito de encontrar neles a produção de fronteiras de gênero e de sexo. Por outro lado, volto-me aos trabalhos de alguns biólogos e antropólogos evolucionistas com o intuito de entender o papel que os pelos corporais desempenham na teoria da seleção sexual, especialmente as implicações disso na produção de fronteiras raciais a partir da distinção humano/não-humano. Essa leitura fabulativa, como afirmei anteriormente, se localiza na delicada distinção entre fatos científicos e as ficções que os subjazem. Como também afirmei anteriormente, essa leitura não tem o intuito de desconsiderar ou provar errados os cientistas lidos. Ao contrário, tem o objetivo de produzir uma compreensão diferencial sobre os fatos relatados e ficcionalizados nesses trabalhos. Ao apropriar-me desse conjunto de textos, volto-me ao passado como uma zona contestada (Haraway, 2023b, p. 35-74).

Em *O passado é a zona contestada: natureza humana e teorias da produção e reprodução nos estudos do comportamento primata*, um capítulo de *A reinvenção da natureza*:

⁴² “The shape of my amodern history will have a different geometry, not of progress, but of permanent and multi-patterned interaction through which lives and worlds get built, human and unhuman.”

símios, ciborgues e mulheres (2023b) sobre como os debates em torno da noção de natureza humana “gosta[m] de olhar para os animais [para] aprender com eles sobre os seres humanos e a sociedade humana”, Haraway afirma que uma apropriação feminista da ciência deve ser capaz de lidar com os pressupostos culturais e sociais que se passam por fatos indubitáveis da ciência (*idem*, p. 38-39). Neste caso, Haraway se refere à forma como “padrões de ordem baseados em dominação supostamente inevitáveis” (*idem*, p. 39) “têm sido poderos[o]s legitimador[e]s da crença na necessidade natural da agressão, competição e hierarquia” (*idem*, p. 36). Enquadrando a prática e a teoria científicas como “[o meio] da libertação humana [que está] a nosso alcance”⁴³ a partir de lições aprendidas com a teoria crítica, Haraway afirma que uma “história feminista da ciência” seria capaz de lidar com esse tipo de fenômeno, no qual os fatos científicos são utilizados de forma a legitimar e dar continuidade aos efeitos políticos nocivos a certas pessoas, populações ou grupos e coletivos sociais, como a colonização. No referido capítulo, escrito dez anos antes de *Conhecimentos situados*, onde Haraway desenvolve de forma mais abrangente a tarefa da apropriação feminista da ciência, ela já afirma que “essa abordagem [feminista] da ciência declaradamente interessada promete levar a sério as regras do discurso científico sem cultivar o fetiche da objetividade científica” (*idem*, p. 39). A presente dissertação, portanto, parte dessa posição: ainda que a discussão sobre a produção da boa e da má ciência tenda a aparecer rapidamente, compreendo os textos aqui lidos e analisados como um complexo índice histórico da produção de fronteiras de gênero, sexo, raça e humanidade a partir dos pelos corporais que pode contribuir com materializações, menos nocivas e violentas, de diferentes e outros mundos.

A leitura atenciosa somada ao levar a sério o trabalho desses cientistas corresponde ao chamado de Haraway sobre a produção de uma concepção feminista de ciência. Para além do terreno da primatologia (objeto de maior interesse do capítulo mencionado acima), o terreno da ciência é, em si mesma, “a zona de disputa” abrindo, então, “o futuro [como] a questão” (*idem*, p. 74). Uma inquietação, contudo, permanece: qual é o objetivo em buscar nesses textos, historicamente situados nos séculos XIX e XX, o caminho de uma outra história/estória da cisgeneridade? É importante ter em mente que a descrição do diagnóstico de Hirsutismo fornecida por Preciado (2018, p. 124-125) esteve presente desde os momentos iniciais de planejamento e escrita de projeto desta dissertação. Para Preciado, o hirsutismo pode ser

⁴³ Não devemos esquecer que na articulação de Haraway, a prática e a teoria científicas não configuram nem promessas nem terrores absolutos, mas emergem como (im)possibilidades a partir do engajamento direto e da capacidade fabulativa.

interpretado como um “método para avaliar clinicamente tanto raça quanto gênero” (*idem*, p. 125). De acordo com o mesmo autor, isso se dá devido à forma como

em uma mulher caucasiana, uma pontuação de oito é considerada um indicativo de excesso de androgênio, enquanto que [sic] nas mulheres do Leste Asiático e nas nativas norte-americanas, o hirsutismo é diagnosticado por uma pontuação muito menor [e] mulheres hispânicas são ‘grupos étnicos de alto risco’. (*ibidem*)

De acordo com Haraway (2023b, p. 123 e 133) um dos riscos de abordagens como os estudos feministas da ciência é reler a história e reproduzir a mesma mentalidade dos cientistas, deixando intocadas categorias binárias (*idem*, p. 234-235). Ao contrário, prestado devida atenção, é possível contar uma história/estória totalmente diferente. Na presente dissertação, busquei me distanciar de uma noção binária de cisgeneridade que a entende como o oposto de trans ou que a define como um topos de identidade ou de identificação do “mesmo”. Menos uma substância ou uma verdade, a cisgeneridade emerge como um aparato de produção corporal que contribui na “[compreensão da] geração [...] de corpos e de outros objetos de valor nos projetos de conhecimento científico” (*idem*, p. 350). Sendo assim, o conjunto de textos biomédicos e evolucionistas, que emergiram na investigação etnográfica e que aqui leio e analiso, contribuem com a compreensão materialmente guiada de cisgeneridade, isto é, com o foco nas práticas científicas que a produzem.

Além do mais, a investigação sobre os pelos corporais, a partir da escolha bibliográfica, me guiou para o passado. Nesse sentido, não estou propondo uma concepção anacrônica do conceito de cisgeneridade. Em nenhum momento afirmo estar falando “da” cisgeneridade nos contextos e pretextos nos quais os artigos lidos foram escritos. Contudo, essa retomada histórica de elementos díspares, ao serem concatenados na cama de gato, contribuem para uma compreensão mais ampla, além de empírica e epistemologicamente embasada, da cisgeneridade. A própria binariedade presumida pode ser problematizada quando percebemos que a fabricação de fronteiras que substancializam e excluem, que delimitam as substâncias e características que posteriormente serão tratadas como inerentes e sempre presentes, revela a própria produção histórica da norma binária que emergirá, posteriormente, como a cisheteronormatividade (Rohden, 2001, p. 223). Ou seja, como o trabalho de Thomas Laqueur (2001) demonstra, a própria divisão binária (homem/mulher, humano/não-humano, um corpo dois sexos/dois corpos dois sexos etc.) é parte constitutiva do aparato de cisgeneridade, e não exterior ou anterior a ele.

M’charek (2014), em uma discussão sobre a historicidade dos objetos científicos, afirma que a característica de um objeto científico, isto é, sua *object-ness* não é imediata. Um objeto

científico evidencia as relações entre sujeitos sociais, especialmente por ser coletivo e social, além de evidenciar as relações entre humanos e não humanos. De acordo com a autora, para compreender a política articulada por um objeto científico, é crucial “[atribuir-lhes] história e tratar de sua temporalidade”⁴⁴ (*idem*, p. 29). Além do mais, objetos científicos, especificamente o objeto dobrado, “capturam a história e a desaceleram”⁴⁵ (*idem*, p. 30). *Race, Time, and Folded Objects: The HeLa Error* é um artigo de M’charek (2014) sobre o sequenciamento do DNA e a tentativa de filtrar a raça desse sequenciamento. Nele, ela discute a materialização da raça em tempos e locais heterogêneos através das noções de objeto dobrado (*folded object*) e presença ausente (*absent presence*). Nesse contexto, objetos científicos são efetivamente compreendidos como a base material das relações sociais. Partindo de uma compreensão de raça guiada pelos estudos da ciência, ela afirma que “dado que a raça e diferença racial não são dados biológicos [...] nem camadas ideológicas que podem ser removidas cirurgicamente, é necessário prestar atenção aos objetos e práticas que performam (*enact*) a raça” (*idem*, p. 48). Nesse sentido, raça não é um elemento biológico dado, mas um objeto dobrado, cuja “essência [...] encontra-se nas formas intrincadas nas quais ele reúne espaços e temporalidades heterogêneas”⁴⁶ (*idem*, p. 33), ora funcionando como uma presença ausente ou, como ela coloca, “algo que não desaparece ou some inteiramente [mas] que nos assombra”⁴⁷ (*ibidem*). Nesse sentido, a cisgeneridade é esse objeto científico que reúne em si uma gama diversa de espaços/tempos e através do qual eu pretendo contar uma história/estória diferencial. Menos algo, a abordagem desse objeto através dos estudos sociais e feministas da ciência me (e nos) permite prestar atenção em sua performance histórica, ainda que “se mova e mude de formato dependendo do tempo e do espaço que são reunidos”⁴⁸ (*idem*, p. 48).

2.3 APARATO MATERIAL-SEMIÓTICO DE PRODUÇÃO CORPORAL

As coisas não têm fronteiras ou propriedades inerentemente determinadas e palavras não tem significados inerentemente determinados.⁴⁹

Karen Barad, *Meeting the Universe Halfway*, p. 138

⁴⁴ “[...] granting objects history and attending to temporality [...]”

⁴⁵ “[...] capture history and make it slow down.”

⁴⁶ “The essence of the folded object [...] lies in the intricate ways in which it gathers heterogeneous spaces and temporalities together.”

⁴⁷ “[...] does not disappear or vanish entirely [...] that haunts us.”

⁴⁸ “[...] moves and changes shape depending on the times and places that are drawn together.”

⁴⁹ “Things do not have inherently determinate boundaries or properties, and words do not have inherently determinate meanings.”

[...] mundo e palavra estão emaranhados um ao outro.⁵⁰

Karen Barad, *Meeting the Universe Halfway*, p. 144

Uma questão basilar para a presente dissertação, como já foi afirmado anteriormente, é evitar assumir uma posição representacionista da cisgeneridade. Definições construcionistas como “cisgênero é quem se identifica com o gênero designado no nascimento” se popularizaram, contribuindo com a disseminação da ideia (trans)feminista e queer de que o gênero não é uma substância inerente aos sujeitos, mas, ao contrário, algo que emerge a partir de incontáveis atos performativos (Butler, 2016; Vergueiro, 2015). Contudo, os efeitos desse tipo de conceituação é a cristalização de uma cisgeneridade – e, por conseguinte, de uma transexualidade, transgeneridade ou travestilidade – monolítica e estanque. Um dos efeitos dessa popularização, portanto, é a essencialização dos sujeitos, sejam eles cis ou trans, ao cristalizar no tempo e no espaço uma imagem ou identidade (pessoal? de gênero?), ao invés de lançar luz às práticas dinâmicas de fabricação de diferenças e de substâncias, em suma, de fronteiras. Com a emergência de trabalhos científicos cada vez mais complexos sobre os limites do dimorfismo sexual, sejam eles no campo da ciência biomédica (através das pesquisas sobre implantes uterinos), no campo do direito (através das lutas pelo reconhecimento civil) ou no campo da língua oficial (como os debates sobre os limites do dizível e a linguagem neutra), percebemos como falar sobre esse assunto em termos estabilizadores e substancializadores é um problema. Quer dizer, é um problema quando assumimos uma noção metafísica, e não performativa, de estabilidade ou substância. Para compreender o que quero dizer com isso e meu uso do conceito de cisgeneridade, apresentarei alguns pontos teóricos indispensáveis para a escrita desta dissertação. Baseando-me nos estudos feministas da ciência, o caminho a ser seguido é um que se volta à análise detalhada e atenciosa das práticas tecnocientíficas, ou, nas palavras de Barad (2007, p. 153), “a dinâmica da intra-atividade em sua materialidade”⁵¹.

Ao me referir à uma noção metafísica de estabilidade ou substância, estou me referindo aos posicionamentos teóricos e políticos que tomam as coisas como inerentemente definidas e substancializadas. Para Barad, essa questão é bastante explícita no debate/embate entre os estudos da ciência e o representacionismo. O representacionismo, segundo Barad (2007, p. 46), “é a crença na distinção ontológica entre as representações e aquilo que elas pretendem

⁵⁰ “[...] word and world are tied to each other.”

⁵¹ “[...] the dynamics of intra-activity in its materiality [...].”

representar; particularmente, aquilo que é representado é tomado como independente de todas as práticas representativas”⁵². Um mundo representacionista, portanto, é um mundo composto de representações (o conhecimento científico, por exemplo) mediando a relação entre sujeitos e objetos, todas essas entidades sendo ontologicamente distintas entre si, isto é, com suas próprias fronteiras, substâncias e propriedades inerentes. O tipo de conhecimento produzido nesse tipo de mundo é um de observação distante, análise introspectiva da mente do indivíduo cognoscente, o que Barad chama de metafísica do individualismo ou o que Haraway problematizaria como testemunha modesta. De acordo com Barad (*idem*, p. 47), “o exame crítico do representacionismo não emergiu até o estudo da ciência mudar seu foco da natureza e produção do conhecimento científico para o estudo das dinâmicas detalhadas da prática científica real”⁵³ em meados dos anos 1980. Levando isso em conta e se opondo à observação distante e modesta, Barad propõe uma compreensão performativa pós-humanista⁵⁴ das práticas científicas, qual seja, “*um engajamento material direto com o mundo*” chamado realismo agencial (*idem*, p. 49, ênfase no original).

Para tanto, e entendendo os limites antropocêntricos da noção de aparato foucaultiano e de performatividade butleriano, Barad retoma o trabalho do físico atômico Niels Bohr, para quem “[a atividade] teórica (*theorizing*) deve ser entendida como uma prática incorporada”, além de que conceitos “não são meras ideações, mas arranjos físicos específicos” (*idem*, p. 54; 109; 139)⁵⁵. É interessante a forma como o trabalho de Bohr (denominado de proto-

⁵² “[...] representationalism is the belief in the ontological distinction between representations and that which they purport to represent; in particular, that which is represented is held to be independent of all practices of representing.”

⁵³ “Critical examination of representationalism did not emerge until the study of science shifted its focus from the nature and production of scientific knowledge to the study of the detailed dynamics of the actual practice of science.”

⁵⁴ De acordo com Barad (2007, p. 32), o termo “pós-humanista” deve “sinalizar o reconhecimento crucial que não-humanos desempenham um papel importante em práticas naturalculturais, incluindo as práticas sociais cotidianas, práticas científicas e práticas que não incluem humanos”; além disso, Barad continua, afirmando que “[seu] uso do ‘pós-humanismo’ demarca sua recusa de tomar como dada a distinção entre humano e não-humano e fundamentar as análises nesse conjunto de categorias presumivelmente fixas e inerentes”. Mais adiante, ela complementa essa última definição, afirmando que “ao recusar os antropocentrismos do humanismo e do anti-humanismo, o *pós-humanismo* marca a prática de considerar (*account for*) as práticas produtoras de fronteiras (*boundary-making practices*) através das quais o ‘humano’ e seus outros são delineados e definidos diferencialmente” (*idem*, p. 136, ênfase no original). Finalmente, na nota número 6 do quarto capítulo de *Meeting the Universe*, Barad sinaliza “[seu] interesse em pensar sobre os limites do humanismo e, portanto, [ela] usa o termo ‘pós-humanismo’ para indicar esse engajamento crítico” o que não deveria ser tomado como a defesa de “posições que usam a noção de pós-humano como o próximo estágio do humano, como se não fizesse mais sentido falar sobre o humano” (*idem*, p. 428).

⁵⁵ Na nota número 7 do quinto capítulo de *Meeting the Universe*, Barad (2007, p. 441) afirma que essa é sua interpretação do trabalho de Bohr, “uma maneira particularmente útil de expor seu ponto de vista”, mas que o próprio físico “nunca declarou isso dessa forma”. Barad usa de forma intercambiável as noções “arranjos físicos” e “arranjos materiais” para se referir a conceitos, evidenciando a dimensão material das práticas de produção de sentido e significado.

performativo pela autora) é incorporado por Barad em seu desenvolvimento performativo pós-humanista. Buscando dar conta dos emaranhamentos entre matéria (*matter*) e significado (*meaning*), Barad parte da compreensão de Bohr sobre aparatos de medição (*measurement*), dado que “a medida é o encontro do ‘natural’ e do ‘social’ [...] um momento potente na construção de conhecimento científico [...] onde *matéria e significado se encontram em um sentido bastante literal*”⁵⁶ (*idem*, p. 67, minha ênfase). De forma ilustrativa, Barad retoma a forma como Bohr trabalha com o princípio da incerteza: na física quântica, posição e momento não são conceitos abstratos (ou meras ideias, como afirma Bohr), contudo é impossível determiná-los simultaneamente. Isto se dá porque o primeiro conceito demanda “um aparato com um conjunto apropriado de partes fixas” enquanto o segundo demanda “um arranjo material envolvendo um conjunto de partes móveis”⁵⁷ (*idem*, p. 139). Para Bohr, então, aparatos são “arranjos materiais macroscópicos através dos quais conceitos particulares recebem sua definição (*are given definition*) [...] através dos quais fenômenos particulares com propriedades físicas particulares são produzidos”⁵⁸ (*idem*, p. 142).

Levando a compreensão de Bohr aos limites, Barad procura demonstrar a “relacionalidade entre (re)configurações materiais do mundo [ou práticas discursivas] através das quais fronteiras, propriedades e significados são performados (*enacted*) diferentemente [...] e fenômenos materiais específicos”⁵⁹. Isto é, configura-se uma relação causal entre os aparatos de produção corporal (*apparatuses of bodily production*) e os fenômenos, o que ela denomina de intra-ação (*idem*, p. 137). Seguindo Bohr, essa relacionalidade é denominada de fenômeno ou, como posto pela autora, “a inseparabilidade ontológica de componentes agencialmente intra-agindo” (*idem*, p. 148) ou, de outra forma, “unidades básicas de realidade” (*idem*, p. 33) e até “unidades básicas de existência” (*idem*, p. 333). Opondo-se à metafísica do individualismo que afirma existirem fronteiras e substâncias pré-determinadas e inerentes, os fenômenos – ou a relacionalidade –, portanto, emergem como “a inseparabilidade epistemológica entre observador e observado” e implicam a “inseparabilidade/emaranhamento ontológico de ‘agências’ intra-ativas”⁶⁰ (*idem*, p. 139). É determinante compreender o que a autora quer dizer

⁵⁶ “Measurement is a meeting of the ‘natural’ and the ‘social’ [...] a potent moment in the construction of scientific knowledge [...] an instance where matter and meaning meet in a very literal sense.”

⁵⁷ “[...] apparatus with an appropriate set of fixed parts [...] material arrangement involving a specific set of movable parts.”

⁵⁸ “[...] macroscopic material arrangements through which particular concepts are given definition [...] through which particular phenomena with particular determinate physical properties are produced.”

⁵⁹ “[...] a relationality between specific material (re)configurings of the world through which boundaries, properties, and meanings are differentially enacted [...] and specific material phenomena [...]”

⁶⁰ “[...] epistemological inseparability of observer and observed [...] ontological inseparability/entanglement of intra-acting ‘agencies’.”

com intra-ação: se a metafísica do individualismo acarreta a existência de entidades com fronteiras e substâncias pré-determinadas e inerentes, consequentemente a realidade é o resultado das interações posteriores entre essas entidades. Ao contrário, para o realismo agencial, não haveria duas entidades pré-existentes que interagiriam para formar um fenômeno, mas há fenômenos que emergem a partir de intra-ações específicas, isto é, da dependência ontológica mútua das relações nos (*within*) fenômenos.

O exemplo do princípio da incerteza é interessante porque “posição” e “momento”, além de serem “arranjos materiais específicos”, resultam de fenômenos materiais distintos. Contrapondo-se ao representacionismo e ao construcionismo social, Barad afirma que as relações entre o fenômeno material e as palavras que o nomeiam não são antecedentes às práticas discursivas ou aparatos de produção corporal que as produzem, como se o trabalho do cientista fosse encontrar a melhor ou mais exata mediação entre elas. As relações entre matéria e significado são contemporâneas, isto é, o fenômeno observado é o que emerge a partir de um aparato específico (e arbitrário que, por sua vez, produzirá fenômenos diferenciais) assim como o aparato está diretamente ligado ao fenômeno produzido, não só às condições mas aos efeitos. As intra-ações entre gênero, sexo, raça e humanidade e os pelos corporais, portanto, são as relações ético-onto-epistemológicas através das quais é possível se falar em cisgeneridade. A questão que se coloca é não tomar como dada a natureza do corpo ou a natureza das práticas de materialização do corpo, algo que será abordado com maior profundidade no quinto e último capítulo.

Barad (*idem*, p. 158, ênfase minha), ao falar sobre capacidade/incapacidade física e deficiência como um fenômeno, afirma que “a capacidade física (*able-bodiedness*) não é um estado natural de ser, mas *uma forma específica de incorporação que é co-constituída através das práticas produtoras de fronteiras* (boundary-making practices) *que distinguem ‘capaz’* (*able-bodied*) *de ‘deficiente’* (*disabled*)”, isto é, “a própria natureza de ser fisicamente capaz (*able-bodied*) é viver no e como parte do fenômeno que inclui o corte e o que ele exclui [...] então, em um sentido importante, ser fisicamente capaz significa viver em uma relação próstética com o deficiente”⁶¹. Similarmente, a compreensão de cisgeneridade aqui proposta, portanto, não diz respeito a um estado natural de ser, mas a um fenômeno de intra-ação entre aquilo que é materializado como normal e aquilo que é excluído dessa materialização. Ou, em

61 “[...] ‘able-bodiedness’ is not a natural state of being but a specific form of embodiment that is co-constituted through the boundary-making practices that distinguish ‘able-bodied’ from ‘disabled’. [...] the very nature of being able-bodied is to live with/in and as part of the phenomenon that includes the cut and what it excludes [...] in an important sense, then, being able-bodied means being in a prosthetic relationship with the ‘disabled’.

outras palavras, entre aquilo que é significado como cisgênero e aquilo que é excluído através de categorias como transexual, transgênero e travesti.

Ainda criticando a metafísica do individualismo e o sujeito autossuficiente e exterior ao mundo que dela emerge, é importante ter em mente que as relações intra-ativas ou os fenômenos não são “descobertos”, mas são “fabricados” através do (ou de acordo com o) próprio aparato de observação. O aparato, então, não revela nada, mas torna possível visualizar as intra-ações (a coexistência ontológica de observado e observador, de fenômeno e aparato de visualização) das quais emergem fronteiras e substâncias, sempre relações-nos-fenômenos (*relata-within-phenomena*). Um aparato, para o realismo agencial, não é um conjunto de partes fixas ou um equipamento encontrado e utilizado no laboratório, isto é, “não estão localizados *no* mundo, mas são configurações materiais ou reformulações *do* mundo”⁶² (*idem*, p. 146, ênfase minha). Barad retoma a noção de aparato de produção corporal de Haraway, para quem o aparato pode funcionar como um meio através do qual se busca

destacar o objeto de conhecimento como um eixo ativo, gerador de sentido, do aparato de produção corporal, sem *já* implicar presença imediata de tal objeto, ou, o que é a mesma coisa, sua determinação final ou única do que pode contar como conhecimento objetivo em uma conjuntura histórica particular. (Haraway, 2023 b, p. 351)

É nesse sentido, então, que os pelos são agentes ativos na produção de fronteiras e na consequente substancialização da cisgeneridade, ainda que seja necessário ter em mente que essa substancialização é sempre inacabada e pode ser retomada e reconfigurada, reformulada – isto é, ela é performativa (Barad, 2007; Butler, 2016; 2019). Isto é, os pelos corporais por si só não são imediatamente acessados como um significante sexual ou racial, mas nas intra-ações entre distinções de gênero, de sexo e de raça com os pêlos corporais, uma noção diferencial de humano/não-humano é produzida. Como afirma Barad, essas distinções não são preexistentes, assim como a separação entre humano/não-humano ou entre cultural/natural também não o são. Ao contrário, essa distinção, que Barad chama de corte agencial, é performada no aparato. Em suas palavras, “a noção de aparato não tem como premissa divisões inerentes entre o social e o científico, o humano e o não humano, a natureza e a cultura. Os aparatos são as práticas por meio das quais essas divisões são constituídas”⁶³ (Barad, 2007, p. 169).

⁶² “[...] apparatuses are not located in the world but are material configurations or reconfigurings of the world [...]”

⁶³ “[...] the notion of an apparatus is not premised on inherent divisions between the social and the scientific, the human and the nonhuman, nature and culture. Apparatuses are the practices through which these divisions are constituted.”

De forma sintética, a perspectiva adotada na análise dos textos que compõe a base etnográfica dos capítulos 3, 4 e teórica do capítulo 5 não se refere a uma busca pela verdade última da cisgeneridade. O engajamento com textos médicos não tem o objetivo de patologizar a cisgeneridade, como é afirmado por pessoas contrárias ao uso desse conceito. O que emergiu através de minha leitura desses documentos, pautada no enquadramento do realismo agencial, foi uma compreensão da cisgeneridade como um aparato. Contudo, não no sentido foucaultiano, pois, como aponta Barad (2007, p. 63), ainda que se refira “ao dito e ao não dito” e às condições materiais dos enunciados, a noção de aparato para Foucault não explica a relação entre o discursivo e o não-discursivo nem a natureza material dessa relação. Baseando-me no trabalho de Barad (2007, p. 153, ênfase da autora), um aparato material “produz fenômenos através de intra-ações causais específicas, onde ‘material’ é sempre e já material-discursivo” – isto é, *o que significa materializar*”⁶⁴. Portanto, utilizo aparato no seguinte sentido: o conceito de cisgeneridade é o meio através do qual foi possível concatenar um conjunto de ideias, a princípio díspares (o diagnóstico de Hirsutismo, a teoria de seleção sexual e a noção de elo perdido e, finalmente, o caso da mulher trans com pelos faciais) para, então, ver emergir uma cisgeneridade materializada. A cisgeneridade é uma prática material-discursiva, dado que ela é uma prática específica de configuração (delimitação de fronteiras e propriedades) do mundo. Nos termos de Barad, isso significa dizer que as fronteiras e as propriedades (a materialidade) do conceito de cisgeneridade são performadas através de diferentes práticas tecnocientíficas e sociais em suas intra-ações contínuas.

No presente caso, tratou-se de entender qual foi o papel intra-ativo dos pelos corporais na produção de um fenômeno cujo efeito é a produção diferencial de padrões de gênero, sexo, raça e humanidade. Tais intra-ações são evidenciadas de forma exemplar na pergunta dessa dissertação: pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo? Para responder esse questionamento, no terceiro capítulo, desembarcei os nós material-semióticos da produção diferencial de corpos masculinos e femininos através da produção do diagnóstico de Hirsutismo, a figura central desse primeiro capítulo etnográfico. Através desse conjunto de textos, as questões de gênero e de sexo estiveram em primeiro plano, uma vez que os artigos estavam mais preocupados em “descobrir” o crescimento e a distribuição adequadas de pelos corporais, especialmente em mulheres cisgêneras, ainda que, como veremos, essa questão se entrelaça com outros temas, como a velhice e procedimentos médicos, como a orquiectomia. A última sessão desse capítulo centra-se na questão “afinal, quem tem barba?”. Nessa sessão, é

⁶⁴ “[...] produce material phenomena through specific causal intra-actions, where ‘material’ is always already material-discursive—that is what it means to matter.”

possível apresentar um levantamento sobre o papel dos pelos faciais nas distinções de gênero e de sexo (como veremos, a barba é um signo de masculinidade) assim como as questões raciais são apresentadas, pois a barba figura como uma distinção de superioridade e inferioridade físicas e morais entre brancos e uma diversidade de corpos colonizados, para além dos corpos de mulheres brancas que não possuíam os belos e volumosos pelos faciais.

No quarto capítulo, volto-me às questões das fronteiras raciais e civilizacionais constituídas entre os pelos corporais e outras marcas de diferenças, como os fenótipos raciais e os tamanhos cranianos, a cor da pele assim como as hierarquizações entre capacidades/incapacidades morais e físicas na teoria evolucionista. A figura central do segundo capítulo etnográfico é a teoria da seleção sexual, especialmente o que se articulou como as explicações filogenéticas, através das quais foi possível organizar e hierarquizar as mais diferentes formas de vida do mais inferior ao mais superior. Aqui, perpassamos a escolha metodológica de comparar os diversos primatas, entre os quais os humanos e não-humanos, e os efeitos desse tipo de comparação, levando em consideração os efeitos das explicações filogenéticas, especificamente a hierarquização das “diferentes raças” humanas. Tal percurso nos leva à obra de Charles Darwin sobre a evolução dos seres humanos, qual seja, o livro intitulado *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* (1871). Após demonstrar o papel dos pelos corporais na teoria de Darwin sobre a evolução humana, tal percurso é concluído com a questão “então, onde começa o não-humano”, onde, a partir da situação das mulheres barbadas em sua intra-ação com a teoria da seleção sexual de Darwin, busco demonstrar como os pelos corporais, agora não só como signos de masculinidade, mas também de animalidade, agem ativamente, através de padrões de sexo, gênero e raça, na fabricação da compreensão e da materialização de fronteiras entre o humano e não-humano.

Tomando a questão central dessa dissertação mais diretamente, o quinto capítulo, de teor mais teórico que etnográfico, investiga o conceito de cisgeneridade e as noções de matéria, materialidade e materialização para apresentar o que entendo por aparato de produção corporal. Primeiramente, apresento a discussão sobre o conceito de cisgeneridade, especificamente a recepção e circulação do conceito em território brasileiro, evidenciando sua concepção construcionista. Ainda que o que entendo por cisgeneridade frequentemente coincida com o os objetivos conceituais de outros/as/es autores, como evitar a simplificação do conceito, há uma diferença metodológica importante. Em um segundo momento, apresento as bases teórico-conceituais da discussão sobre matéria entre Judith Butler (2016; 2019) e Karen Barad (2003; 2007), não só por Barad abertamente engajar nesse debate com Butler, mas porque uma das grandes referências para a construção discursiva do conceito de cisgeneridade é a própria

Butler. A prolífica discussão entre Barad e Butler oferece os termos para compreender o que entendo por materialização, qual seja, um processo ativo e contínuo de produção de fronteiras diferenciais de gênero, sexo, raça e humanidade, isto é, um processo performativo de substancialização e dessubstancialização. A pergunta que fecha esse capítulo é sobre as possíveis relações entre uma mulher trans e o diagnóstico de hirsutismo. O objetivo aqui é retomar as figuras previamente discutidas e fabular quais as possíveis relações que podemos estabelecer entre elas. O caso de Teodora, nome fictício de uma mulher trans que recebeu tal diagnóstico, evidencia de maneira exemplar o papel ativo dos pelos corporais na produção dessas fronteiras diferenciais, nesses processos de substancialização. Por se tratar de um exemplo bastante localizado, não o utilizo com o intuito de tomar uma verdade universal sobre os pelos corporais e a cisgeneridade⁶⁵. Contudo, ele ajudará a tornar evidente a cama de gato que estou propondo. Ao fim e a cabo, o que se terá é uma compreensão localizada e fabulativa sobre a materialização do conceito de cisgeneridade e como ele opera se for elaborado como um aparato de produção corporal.

⁶⁵ Essa é uma questão notável: ainda que, a partir da base teórico-metodológica aqui usada, não devemos presumir ou construir as coisas como universais, há uma questão interessante de escala com relação aos pelos corporais. A prática de cuidado e atenção com os pelos, exemplificada nos materiais abordados, mas, também, na forma como Vi Grunvald (2016), através do relato de Laerte e os quadrinhos de Hugo/Muriel, e Pietra Conceição Azevedo da Silva Paiva (2020), através da relação de suas interlocutoras com os pelos e os espaços por onde circulam, nos indicam não somente uma relação entre pessoas trans e padrões cisnormativos, mas, a partir de minha leitura, exemplificam o que entendo por cisgeneridade como aparato de produção corporal. Em um quadrinho de Hugo/Muriel, a personagem define a remoção dos pelos corporais como “a providência sem a qual a vida é impossível” e a própria Laerte afirma que “depilar-[se] inteiramente foi talvez mais revelador do que vestir-me com roupa feminina” (Grunvald, 2016, p. 256 e 259). Não pretendo reduzir ou suprimir as diferenças entre as experiências ou *status* de gênero cis e trans, mas me questiono sobre as aproximações entre a experiência cis e trans, levando em conta não só as pessoas cis que acabam excluídas da dimensão da inteligibilidade, mas aquelas pessoas trans que são inseridas nessa dimensão através de elementos como a branquitude, a magreza, a passabilidade, a ausência ou a presença de pelos corporais esperadas ou presumidas etc.

3 HIRSUTISMO

“Quando a natureza estava funcionando propriamente [...], os homens tinham pelos e as mulheres, não”⁶⁶

Rebecca Herzig. *Plucked*, p. 67

Como já demonstrei ao descrever a estrutura dessa dissertação e apresentar os marcos teórico-metodológicos que a guiam, os próximos capítulos serão como se estivéssemos criando um padrão de cama de gato ou desenrolando o fio de um novelo. As histórias/estórias que escolhi contar são como nós nesse novelo, ou melhor, elas emergem a partir das intersecções e confusões que esse emaranhado de linhas produz. Neste primeiro capítulo, a figura central é o diagnóstico de Hirsutismo, especialmente os debates e diálogos travados entre médicos e antropólogos físicos que antecederam um artigo de 1961 que estabelece os critérios diagnósticos que servem, até os dias de hoje, de referência para seu reconhecimento. O percurso aqui traçado lida com temas de diferença sexual, pesquisas feitas em contextos clínicos, a manipulação e aplicação de conceitos e de ferramentas mergulhadas na história taxonômica comum à prática tecnocientífica ocidental. Sexo, gênero e raça são elementos ao mesmo tempo mobilizados e produzidos na fabricação deste diagnóstico. Dedico uma extensa atenção aos artigos em si, buscando evidenciar como tais elementos estão imbricados nessa fabricação, pontuando os momentos nos quais eles aparecem mobilizados nesses artigos. Aqui, buscarei demonstrar como a ausência ou a presença de pelos corporais, assim como suas características, especialmente sua conspicuidade, não são intrínsecas aos pelos, mas emergem como “verdades” ou “fatos” biológicos a partir da forma como os especialistas aqui lidos contam essa história/estória. Não busco um desvio do diagnóstico: ao contrário, invisto-me nos trabalhos que lhe antecederam e possibilitaram visando oferecer uma nova perspectiva sobre os eventos aqui narrados.

3.1 UM ANTECEDENTE: OS MEANDROS DA ANTROPOMETRIA

A antropometria é uma prática de análise clínica e científica que visa estabelecer as métricas do corpo humano e animal, como o desenvolvimento puberal, nível de hidratação corporal, massa muscular, tecido adiposo, circunferência craniana e de outras partes do corpo,

⁶⁶ “When nature was functioning properly [...] men had body hair, and women did not.”

além de beleza e simetria faciais, circunferência e comprimento ósseo e medição de órgãos sensoriais e internos. De acordo com a introdução de *Handbook of Anthropometry: Physical Measures of Human Form in Health and Disease*, “o objetivo principal [da antropometria] é estimar ou comparar parâmetros” (Bellera *et al*, 2012, p. 4)⁶⁷. Os autores continuam: “Ao selecionar uma amostra representativa, a inferência baseada na prevalência observada leva a uma estimativa do verdadeiro parâmetro” (*ibidem*, ênfase dos autores)⁶⁸, possibilitando visualizar “uma estimativa precisa da prevalência” (*ibidem*). Essa definição de antropometria é de um livro recentemente publicado, composto de 26 partes, 187 capítulos e mais de três mil páginas. Ou seja, a prática da antropometria, ainda que tenha tido uma maior influência nos discursos antropológico, médico e estatístico do século XIX e no racismo científico ainda presente no século XX, continua presente e é atualizada através de novas redes e tecnologias.

Referências à fisiologia ou à anatomia como fontes de estudo e suas medições, portanto, organizam todo um tipo de conhecimento que ainda se faz presente, apesar de se mostrar de diferentes formas. Entre os artigos que compõem a análise deste capítulo, por exemplo, é bastante comum a utilização da prática da antropometria para associar certas quantidades e padrões de crescimento de pelos corporais à padrões culturais de feminilidade e masculinidade. A partir do enquadramento teórico que estou mobilizando, não se trata de entender o pelo como o substrato material para a agência cultural do gênero, mas um fenômeno (Barad, 2007) que emerge a partir de diferentes intra-ações, os tornando um objeto implodido, isto é, um fenômeno natural-cultural (Haraway, 2018; 2021; 2023; Barad, 2007)⁶⁹. Há o crescimento de pelos e há sua observação por parte dos médicos a partir de métodos antropométricos, mas não se trata de entender essas duas coisas como entidades separadas. Técnicas como a correta distância ou a melhor intensidade de luz para a observação utilizadas na quantificação dos pelos são inseparáveis das noções de padrão de crescimento capilar ou da conspicuidade dos pelos.

⁶⁷ “[...] the primary objective is the estimation or the comparison of parameters.”

⁶⁸ “[...] an accurate estimate of the prevalence.”

⁶⁹ Os termos “natural-cultural” e “naturezas-culturas” são utilizados entre os estudos sociais da ciência, especialmente pelas feministas, em suas investigações sobre a tecnociência com o intuito de “exceder a distinção entre ciência e tecnologia, [...], natureza e cultura, sujeitos e objetos, o natural e o artificial que estruturaram o tempo imaginário chamado modernidade” (Haraway, 2018, p. 3). Trata-se de se atentar à inextricabilidade e emaranhamento nas naturezas-culturas entre “carne e significante, corpo e palavras, histórias e mundos” (Haraway, 2021, p. 28). De acordo com o posfácio de Fernando Silva e Silva para *O manifesto das espécies companheiras* (Haraway, 2021, p. 180), na frente ontológica do projeto filosófico de Haraway, “se afirma que jamais houve indivíduos – ou mesmo humanos, no sentido de uma espécie singular perfeitamente isolável de outras espécies e dos ambientes”, o que ressoa com a performatividade pós-humanista de Barad, para quem elementos individuais com propriedades e essências inerentes inexistem. Ainda de acordo com Silva e Silva, “sempre se tratou de seres que emergem de uma teia multiespécie ramificante [...] na especificidade de certos mundos coletivos coconstruídos no tempo, no espaço e na carne, enquanto outros deixavam de existir” (*ibidem*).

Neste capítulo, tomo como ponto de partida o trabalho de D. Ferriman e J. D. Gallwey (1961) que define e estabelece critérios diagnósticos para a avaliação de hirsutismo, estabelecendo a chamada *Escala Ferriman-Gallwey*. Tal escala, utilizada ainda hoje por profissionais da endocrinologia, dermatologia e ginecologia, estabelece nove áreas de crescimento capilar para análise visual. Através de uma retomada das referências utilizadas pelos autores, intento rastrear a materialização da cisgeneridade a partir da leitura sobre os pelos corporais no diagnóstico de Hirsutismo. Destacarei os trechos que definem conceitualmente o que é o hirsutismo assim como trechos que se referem especificamente aos pelos faciais. Em outras palavras, busco evidenciar os emaranhamentos intra-ativos entre sexo, gênero, raça e humanidade seguindo o fio que os pelos corporais possibilitam desenrolar.

Um dos padrões presentes entre esses artigos, por exemplo, é a afirmação da existência de distribuição adequada de pelos corporais, tanto para homens quanto para mulheres⁷⁰. Isto é, o que é considerado adequado para homens é diferente do adequado para mulheres: a maior presença de pelos em homens é relativamente contrastada com a menor incidência ou completa ausência de pelos em mulheres. Para chegar ao entendimento de “distribuição adequada”, os especialistas implicados no diagnóstico de Hirsutismo estabeleceram alguns critérios básicos de reconhecimento. Em linhas gerais, eles se lançaram à tarefa de graduar o crescimento capilar (*grading hair growth*) ao levar em conta o local, o padrão e a densidade de crescimento (Garn, 1951, p. 501; Beek, 1950, p. 317) ou ao se utilizarem de classificações qualitativas e quantitativas, dividindo a distribuição de pelos, por exemplo, como esparsa, moderada, densa ou conspícua (quando a distinção entre moderada e densa não se mostra tão óbvia) (Dupertuis *et al*, 1945, p. 139). O diagnóstico de Hirsutismo, portanto, é o resultado de um longo processo antropométrico de quantificação e qualificação de padrões de crescimento e distribuição com auxílio de diversos aparatos distintos, ou o que Barad chama de fenômeno (2007, p. 139-140).

A tarefa de graduar características físicas — como pelos corporais — que os médicos lidos assumiram não era nova. Os artigos que compõem esse conjunto bibliográfico se situam entre o início dos anos 1920 e o início dos anos 1960 (1922-1961), mas a medição de

⁷⁰ Os artigos variam no uso de adjetivos para o crescimento e a distribuição de pelos corporais desde “intermediário” e “comum” (Thomas; Ferriman, 1957, p. 173) até “clássico” (Dupertuis *et al*, 1951, p. 137), “normal” (Beek, 1950, p. 318) e “anormal” (Shah, 1957, p. 1255). No decorrer do texto de Ferriman e Gallwey (1961), o ponto de partida desse capítulo, os autores curiosamente não utilizam nenhum adjetivo específico para caracterizar o crescimento e a distribuição dos pelos corporais. No entanto, a graduação que eles propõem, baseada em levantamento de dados a partir de observação visual e análise quantitativa, pressupõe que o grau mais avançado de hirsutismo e, portanto, a presença de pelos corporais em mulheres em áreas consideradas masculinas já é algo a ser observado com atenção clínica, demandando tratamento. Uma mulher será considerada hirsuta, isto é, receberá o diagnóstico de hirsutismo porque possui pelos corporais demais, é pilosa demais etc. Apesar de não ser adjetivada, a quantidade e a distribuição de pelos corporais é valorada diferencialmente.

características físicas não era novidade nas práticas natural-culturais científica, clínica e antropológica. Desde o século XIX, a análise visual (qualitativa) atrelada à análise quantitativa era comum entre médicos, estatísticos e antropólogos físicos e criminais. Desde a segunda metade do século XIX, há um interesse na medição craniana nos trabalhos de antropologia física escritos por membros da *Société d'Anthropologie de Paris*, em sua maioria provenientes da medicina. Há também os trabalhos estatísticos como os de Adolphe Quetelet sobre os efeitos de ações institucionais em relação à população, como, por exemplo, a vacinação e a morte em contextos epidêmicos. Por sua vez, a *Scuola Positiva* italiana, liderada por Cesare Lombroso, estava interessada em encontrar e registrar tipos de sujeitos perigosos. Todos esses exemplos simultaneamente produziam e se referiam a “um conjunto instável de preocupações e práticas”⁷¹ chamado, entre outros nomes, de tipo racial, média estatística ou, simplesmente, normal (Cryle; Stephens, 2017, p. 10).

Nesse momento, ter em mente a importância que a medição física ocupou no pensamento médico, antropológico e estatístico ajudará a contextualizar o que acredito ser indispensável na análise da emergência e do funcionamento do diagnóstico de Hirsutismo: o interesse científico em estabelecer padrões de distribuições de pelos corporais entre tipos masculino e feminino, especialmente os pelos faciais, é parte de uma intra-ação entre certas práticas discursivas e fenômenos materiais (Barad, 2007) cujo efeito é a normalização do corpo. Isto é, a matéria do corpo é enquadrada em termos epistêmicos e ontológicos, fazendo-a “ser” e ser “compreendida” de uma determinada forma que, apesar de não ser a mesma hoje em dia, com certeza se estende e se prolonga no tempo, mudando conforme precisa, como o caso de Teodora evidenciará. Levando em conta que a presente análise busca entender como a cisgenderidade se materializa a partir dos pelos corporais, o elemento tempo é de extrema importância, especialmente porque estou buscando “localizar” algo cuja condições de possibilidade não existiam até muito tarde, na virada do século XX para o XXI (Rodvalho, 2017). No entanto, apoio-me no trabalho de Amade M'charek (2014) sobre a historicidade dos objetos científicos, especialmente no tocante à forma como a história pode ser recordada nos próprios objetos, especialmente “nas formas intrincadas através das quais [o objeto] aglutina espaços e temporalidades heterogêneas (*idem*, p. 31-33)⁷².

Considerando as problemáticas em se lidar com tempos heterogêneos, é importante notar, como afirma a historiadora da ciência Nancy Stepan (1982), que as práticas discursivas

⁷¹ “[...] an unstable set of concerns and practices [...]”

⁷² Na sessão teórico-metodológica, apresentei os conceitos de objeto dobrado e presença ausente de M'charek e a forma como os utilizo no decorrer dessa dissertação.

dos antropólogos, dos médicos e dos estatísticos mencionados acima não eram exatamente a mesma coisa que atualmente chamamos de “pseudociência”. Tais cientistas estavam inseridos em redes de produção de conhecimento localizadas, ainda que visassem a produção de padrões universais de reconhecimento de um tipo genérico e universal de Homem. Portanto, de acordo com Stepan (1982, p. XVI), levando em conta uma distinção entre “pseudociência” (*pseudoscience*) e “ciência ruim” (*bad science*),

os cientistas que conferiram credibilidade e respeitabilidade ao racismo científico muitas vezes eram cientistas de primeira linha lutando para entender o que lhes pareciam problemas profundamente intrigantes da biologia e da sociedade humana.⁷³

Relacionando as condições de emergência histórica do desenvolvimento da antropometria e as práticas culturais e intelectuais que dela derivaram, os efeitos sobre a realidade, isto é, sua própria produção se ampara na busca voltada ora para o entendimento de uma distribuição média (estatística), ora para o encontro de um tipo racial ou *ethnos* das diferentes raças humanas (antropólogos franceses) ou do sujeito perigoso (antropólogos criminais) (Cryle; Stephens, 2017, p. 1-20). Em outras palavras, ao invés de os antropólogos encontrarem os diversos tipos raciais existentes através da medição da circunferência craniana, os próprios tipos raciais estavam sendo fabricados por eles através desse tipo de medição. Tipos raciais ou o indivíduo perigoso, portanto, não são substâncias metafísicas que preexistem sua fabricação, cabendo aos antropólogos físicos franceses e italianos encontrá-los; ao contrário, tais tipos são fabricados por estes antropólogos através de emaranhamentos material-semióticos, emaranhamentos entre fenômenos físicos e equipamentos de medição e análise⁷⁴ (Barad, 2007). Trata-se da compreensão da composição da realidade por coisas-em-fenômenos (*things-in-phenomena*), e não em coisas-em-si-mesmas (*things-in-themselves*) nem coisas-atrás-de-fenômenos (*things-behind-phenomena*) (*idem*, p. 140). É exatamente esse

⁷³ “The scientists who gave scientific racism its credibility and respectability were often first-rate scientists struggling to understand what appeared to them to be deeply puzzling problems of biology and human society.”

⁷⁴ Em *Physical Anthropology and Its Instruments: An Historical Study*, Lucile E. Hoyme discute a história da antropologia física através de seus materiais. Similarmente a um biógrafo cujo trabalho com material arquivístico é complementado por materiais (bens e propriedades) do biografado, o historiador e o antropólogo da ciência podam se utilizar de seus instrumentos para complementar sua análise do material escrito dos profissionais da área (Hoymes, 1953, p. 409). Em sua discussão sobre aparatos de produção corporal, Barad (2007) afirma que um aparato não é meramente um equipamento passivo encontrado nas estantes dos laboratórios. Ao contrário, os próprios aparatos são fenômenos, uma vez que tais equipamentos participam ativamente da produção de conhecimento e demandam um certo conhecimento para o seu devido funcionamento (a correta posição, o foco adequado, a melhor distância etc.). No capítulo sobre cisgeneridade, buscarei evidenciar a forma como o próprio conceito que “estou materializando” funcionou como um aparato durante essa investigação fabulativa.

funcionamento ou essa fabricação que buscarei evidenciar quando tratar da questão da cisgeneridade.

Levando em conta que a medição “é um momento potente na construção de conhecimento científico [por ser] uma instância em que matéria (*matter*) e significado (*meaning*) se encontram em um sentido muito literal”⁷⁵ (Barad, 2007, p. 67), utilizo-me da antropometria, portanto, não com o intuito de olhá-la contemporaneamente, isto é, vê-la como uma pseudociência. Tais especialistas, por mais errados que pudessem estar ou por pior que fosse a ciência que produzissem, especialmente em seus efeitos políticos, estavam inseridos em um contexto de desenvolvimento de pesquisas científicas conduzidas e fomentadas por universidades e governos públicos. Nesse sentido, a história/estória que a medição do corpo humano — mas também do corpo não-humano — nos conta deve ser atentamente observada, ainda mais quando não superamos a medição de características físicas com o intuito de entender os processos físicos, anatômicos, morfológicos e fisiológicos do corpo humano.

Sendo assim, pensar (com) o funcionamento da antropometria no diagnóstico de Hirsutismo implica em pensar como o dimorfismo sexual se manifesta nessa medição. Isto é, como, por exemplo, os médicos se apoiam na distinção entre homens e mulheres a partir do que Ludwik Fleck chamou de “protoideias precientíficas” (Rohden, 2012, p. 239)⁷⁶. Ou ainda na produção da própria distinção sexual através de uma característica sexual secundária, isto é, os pelos corporais, e como isso evidencia que se trata de uma realidade bastante específica e contextual e por isso não menos objetiva (Haraway, 1988). As violências, exclusões e estabilizações constitutivas (Barad, 2007) que permeiam a história do diagnóstico de Hirsutismo, assim como da Ciência ocidental como um todo, ressoam a pergunta de Haraway (2023b, p. 336): “meus olhos foram criados com o sangue de quem?”⁷⁷ Como apontam os historiadores Peter Cryle e Elisabeth Stephens em sua genealogia sobre o normal e a normalidade (2017, p. 154), a prática de medição da antropologia física, como o trabalho de Paul Broca de 1879, *Étude des variations craniométriques et de leur influence sur les moyennes* (*Estudo sobre as variações craniométricas e sua influência nas médias*), “não levou necessariamente ao menosprezo verbal” daqueles identificados fora da média, no entanto, “[tal prática] levou sistematicamente à separação de humanos em grupos e à exclusão de indivíduos

⁷⁵ “It is a potent moment in the construction of scientific knowledge—it is an instance where matter and meaning meet in a very literal sense.”

⁷⁶ De acordo com Fabíola Rohden (2012, p. 239), “as protoideias seriam pré-disposições histórico-evolutivas que permitiram o desenvolvimento de determinados fatos científicos e de teoria correspondentes [possibilitando ou condicionando] os estilos de pensamento relacionados a cada coletivo de pensamento”.

⁷⁷ “[...] with whose blood were my eyes crafted?”

atípicos em cada grupo”⁷⁸⁷⁹. Para Barad (2003, p. 818-824), a medição é um fenômeno, isto é, uma “prática material-discursiva através da qual fronteiras se constituem” uma vez que “a constituição diferencial do ‘humano’ (‘não-humano’) é sempre acompanhada de certas exclusões e está sempre aberta à contestação”⁸⁰. A partir do trabalho de Barad, falar em diferença sexual, portanto, é levar em conta a fabricação desta diferença (entre homem e mulher, masculino e feminino, distribuição de pelos adequada ou não) através do estabelecimento de determinadas fronteiras. Entre essas fronteiras, encontram-se as fronteiras sexuais. Sobre o corpo, Barad afirma que

corpos não são objetos com fronteiras e propriedades inerentes; eles são fenômenos material-discursivos. Corpos ‘humanos’ não são intrinsecamente diferentes dos ‘não humanos’. O que constitui o ‘humano’ (e o ‘não humano’) não é uma noção fixa ou preconcebida, e nem é uma idealidade flutuante. (2007, p. 153)⁸¹

Para o presente capítulo, tal trecho nos ajuda a pensar em como os corpos não têm fronteiras de gênero ou sexual inerentes, isto é, homens e mulheres, mas também cis e trans, não são fenômenos intrinsecamente diferentes, mas emergem através de certos emaranhamentos material-semióticos como relativamente diferentes. Neste capítulo, dedico-me em especial ao diagnóstico de Hirsutismo, condição definida pela presença, em mulheres cis, de pelos corporais em locais e de acordo com um padrão de distribuição e densidade ditos masculinos. Parto da hipótese de que a literatura médico-científica analisada busca estabilizar fronteiras da diferença sexual a partir da cartografia dos pelos corporais, tendo que lidar com fenômenos que borram as linhas e o limites dessa estabilização. O argumento desse discurso dependeu historicamente de condições de possibilidade onde os pelos corporais, como realidades

⁷⁸ “Broca’s logic did not necessarily lead to the verbal disparagement of deformed people, of children, or of non-Europeans, but it did lead systematically—as systematically as it was able—to the separation of humans into groups and to the exclusion of atypical individuals from each group.”

⁷⁹ Antropólogos como Broca e alguns de seus contemporâneos, como Paul Topinard e Pierre Gratiolet, ainda que engajados com a “raça como uma categoria de conhecimento” (Cryle; Stephens, 2017, p. 155), produzindo tipos étnicos a partir da antropometria, não se apoiavam na noção de norma em um sentido totalizante, responsável pela hierarquização de uns sobre os outros. Ainda que uma distinção absoluta entre estatística e cálculos, de um lado, e valores e preconceito, de outro, não fosse possível, esses antropólogos físicos acreditavam que cada tipo racial, observado a partir da constituição de “séries diferentes”, tinha seu próprio senso de normal, diferentemente do trabalho de Arthur de Gobineau, para quem a inequidade e a hostilidade raciais eram consequências naturais da busca pela pureza de sangue (*idem*, p. 155-158). A posição dos antropólogos da *Société d’Anthropologie de Paris* diferiam, também, daquela de Adolphe Quetelet (1870) para quem havia apenas uma única raça, “a humanidade em sua extensão completa” (Quetelet, 1870, p. 263 apud Cryle; Stephens, 2017, p. 158), contrário à “hipótese de que diferentes grupos humanos poderiam ter origens diferentes.” (*idem*, p. 158).

⁸⁰ “[...] material-discursive practices through which boundaries are constituted [...] the differential constitution of the ‘human’ (‘nonhuman’) is always accompanied by particular exclusions and always open to contestation.”

⁸¹ “Bodies are not objects with inherent boundaries and properties; they are material-discursive phenomena. ‘Human’ bodies are not inherently different from ‘nonhuman’ ones. What constitutes the ‘human’ (and the ‘nonhuman’) is not a fixed or pre-given notion, but nor is it a free-floating ideality.”

cl clinicamente observáveis, contribuíram com o engendramento (*gendering*)⁸² e a racialização dos corpos.

3.2 A FABRICAÇÃO DO DIAGNÓSTICO DE HIRSUTISMO

Os pelos corporais são chamados de características sexuais secundárias, ainda que assumam uma função primária na distinção de gênero e de sexo ao aparecerem e ao lidarmos com sua presença⁸³. Seu aparecimento e crescimento se dão com o início da puberdade, especialmente nas regiões genital e axilar. A *Escala de Tanner* (Figura 3), por exemplo, identifica as fases de maturação de um corpo entre infância, adolescência e vida adulta através do desenvolvimento das glândulas mamárias, para meninas/mulheres, dos testículos, para meninos/homens e, para ambos os sexos, da genital e o aparecimento de pelos pubianos, isto é, através do desenvolvimento de caracteres sexuais primários e secundários. No caso dos pelos pubianos, a *Escala de Tanner* estabelece 5 estágios para ambos os sexos, variando entre Estágio 1 (tipo pré-adolescente, sem pelos pubianos) e Estágio 5 (quantidade e tipo adultos, bastante pigmentado, grosso e enrolado, assumindo o formato de um triângulo invertido), podendo chegar, no caso masculino, ao Estágio 6 quando os pelos pubianos se mesclam com os pelos presentes no abdômen inferior, acontecendo em 10% dos casos femininos e em 80% dos casos masculinos (Dupertuis *et al*, 1945; Marshall; Tanner, 1969; 1970)⁸⁴.

⁸² Utilizo “engendramento” como tradução para “gendering” para evidenciar que se trata de uma prática que, além de nomear algo (dizer o que são “homens” ou “mulheres”), tal termo performativamente materializa aquilo que nomeia. Busco seguir a lógica material-semiótica, na qual as palavras não são meras representações das coisas que nomeiam, como se houvesse uma mediação metafísica entre a coisa e seu nome. Se trata, ao contrário, de imbróglis de coisas e palavras, de matéria e semiótica, de natureza e cultura em emaranhados que, ainda que impossíveis de desemaranhar, deixam pistas de quais linhas seguir para vislumbrar os caminhos que tomamos para chegar aonde estamos. A aposta na intra-ação material-semiótica é um esforço metodológico de fabular com os pelos corporais com o intuito de contar essa história/estória da cisgeneridade.

⁸³ Como veremos no próximo capítulo, os pelos corporais também são acionados ao se estabelecer distinções raciais e de espécies. A visibilidade de características sexuais secundárias é, inclusive, tomada por alguns cientistas como primordiais em detrimento das primárias (sexo anatômico) na distinção de gênero. O cirurgião plástico Douglas Ousterhout, um dos responsáveis pelo desenvolvimento e popularização das Cirurgias de Feminização Facial, procedimento voltado à “reparação” dos efeitos secundários da testosterona no rosto de mulheres trans e travestis, chega a afirmar que “você não anda pela rua conferindo as calças de todo mundo antes de decidir de qual sexo eles são. Você olha em seus rostos” (Plemons, 2017, p. 5).

⁸⁴ A contradição ao dizer que “no caso masculino pode haver 6 estágios, ocorrendo em até 10% das mulheres” é apenas aparente. Tal “contradição” está presente na maioria dos estudos sobre crescimento de pelos corporais aqui analisados, sendo comum identificar um padrão masculino ou feminino em mulheres ou em homens, respectivamente. É exatamente a isso que me refiro quando falo em fenômenos que borram os limites das fronteiras estabelecidas pelos cientistas do hirsutismo.

Figura 3 — Padrões 2, 3, 4 e 5 do crescimento de pelos púbicos da *Escala de Tanner* para classificação do desenvolvimento púbere.

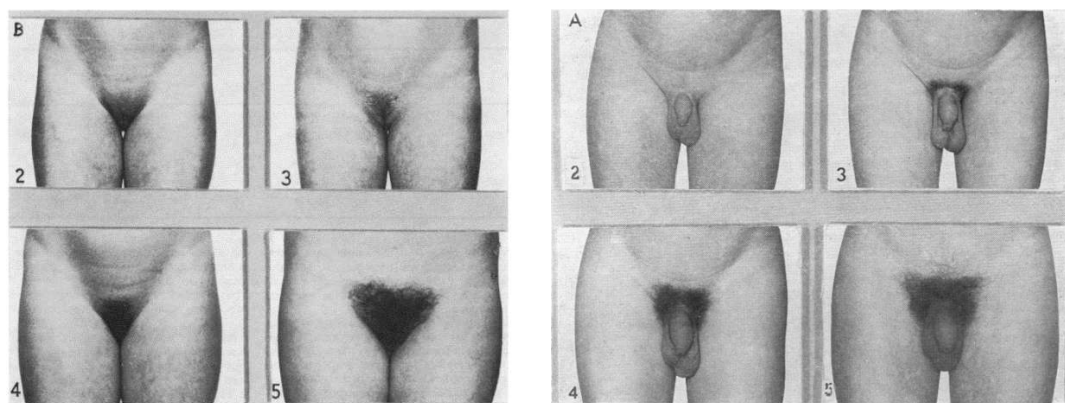


FIG. 2.—Standards for pubic hair ratings. (From Tanner, 1969.)

FIG. 2.—Standards for pubic hair ratings (from Tanner, 1969).

Fonte: Marshal; Tanner, 1969; 1970

O aparecimento dos pelos corporais e seu crescimento, portanto, fazem parte do “desenvolvimento normal” do corpo humano. Os estudos de Marshall e Tanner (1969; 1970) identificaram uma variação considerada normal entre os diferentes sujeitos estudados: a passagem entre os estágios de desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários não acontece simultaneamente. Ou seja, diferentes meninos/meninas alcançaram, por exemplo, um estágio do desenvolvimento dos pelos pubianos em diferentes estágios do desenvolvimento genital, ainda que, em sua maioria, a mudança de um estágio para o outro tenha se dado linearmente, passando do primeiro para o segundo e assim por diante (Marshall; Tanner, 1969, p. 293; 1970, p. 16).

Publicado 25 anos antes, o trabalho de C. W. Dupertuis, William B. Atkinson e Herbert Elftman, citado por Marshall e Tanner, foi escrito com o intuito de reconhecer padrões de distribuição masculino e feminino para os pelos pubianos⁸⁵. Pode parecer uma obviedade, dado que a ausência de pelos em corpos femininos, especialmente em mulheres cisgêneras, é uma expectativa social, mas a distribuição feminina clássica (*classical feminine distribution*), denominada de *horizontal*, é aquela que a base do triângulo invertido termina em uma linha reta, sem a presença de uma linha vertical em direção ao abdômen conectando as regiões pubiana e abdominal. A distribuição masculina clássica (*classical male distribution*), por outro lado, chama-se *acuminate*, e nela vemos a base invertida do triângulo conectada a outro triângulo em direção ao umbigo (Dupertuis et al, 1945, p. 137-138) (Figura 4). Os pelos

⁸⁵ Assumindo, silenciosamente, que há somente dois sexos, veremos como o dimorfismo sexual será uma prática comum à avaliação dos pelos corporais assim como entre outras práticas frenológicas de antropometria configurando entre esses artigos uma presença-ausente (M'charek, 2014).

corporais presentes no desenvolvimento das características sexuais e da puberdade dependem de um conjunto difuso⁸⁶ de práticas de medição e normalização, apesar da insistência do corpo em se mostrar diferente do padrão esperado e desejado. Neste capítulo, é exatamente no trabalho de fabricação de padrões diferenciais de distribuição e crescimento de pelos corporais masculino e feminino que demonstrarei como a cisgeneridade não é simplesmente evidenciada através de padrões diferentes. Ao contrário, ao propor uma compreensão da cisgeneridade como um aparato de produção corporal, as relações que farei nessa dissertação mostram como ela fabrica tais padrões ao mesmo tempo que é fabricada por eles.

Figura 4 — Quatro tipos de distribuição de pelos pubianos

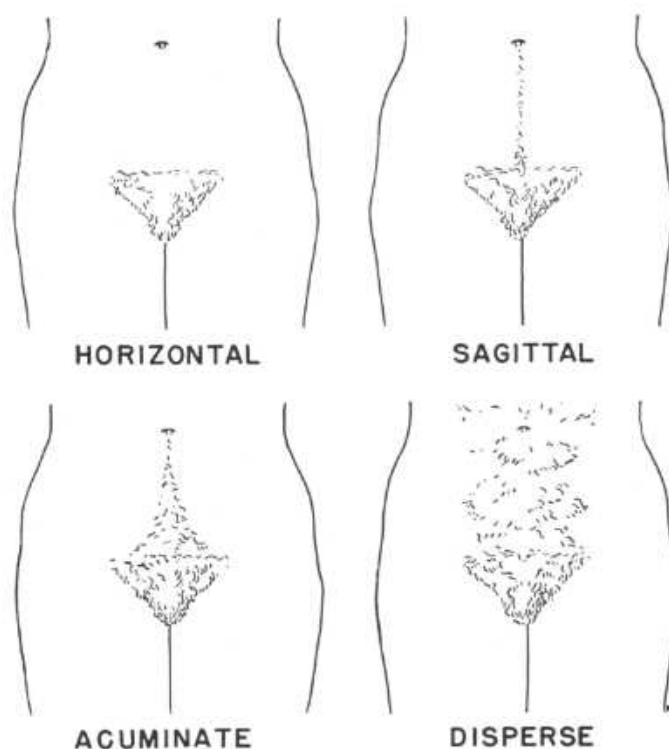


FIG. 1. FOUR FUNDAMENTAL TYPES OF PUBIC HAIR DISTRIBUTION, DETERMINED BY THE PATTERN OF UPWARD EXTENSION OF HAIR FROM THE BASIC TRIANGLE

Fonte: Dupertuis *et al*, 1945, p. 138

Talvez uma fonte maior de ansiedade devido sua visibilidade, os pelos faciais também dependem do desenvolvimento púbere, aparecendo por volta da mesma época que os pubianos

⁸⁶ Utilizo a palavra “difusa” em oposição à palavra “universal” pois, apesar de ser encontrada em distintos espaço-tempo, a remoção de pelos corporais não possui a mesma motivação nem lança mão dos mesmos materiais e utensílios ao ser performada. Sendo assim, e assumindo uma perspectiva que leva em conta a inextricabilidade material-semiótica, a prática de remoção e os próprios pelo não podem ser compreendidos como fenômenos ahistóricos ou transculturais.

e axilares. No estudo de 1922 de Mildred Trotter, por exemplo, a barba foi caracterizada como “uma das mais óbvias características sexuais secundárias masculinas [ainda que] reduzida em alguns homens e mais ou menos bem desenvolvida em algumas mulheres” (Trotter, 1922, p. 273)⁸⁷. Como colocado por Jennifer Evans e Alun Withey (2018, p. 2) “no começo da modernidade [...], os pelos faciais eram carregados de uma complexa gama de significados”⁸⁸. Os pelos faciais ou a barba sempre foram um objeto complexo, variando, então, desde um ornamento ou uma distinção entre homens e mulheres, uma distinção entre as raças dos homens, e, inclusive, participou nos debates quanto à correta nomenclatura para se referir à classe de animais vertebrados da qual fazemos parte: seria mais correto afirmar que somos da classe *mammalia* ou da classe *pilosa* (Schiebinger, 2013, p. 40-74, 120-125)?

Os pelos corporais, portanto, não são meramente objetos naturais que “garantem e atualizam o poder do conhecedor” (Haraway, 2023b, p. 345) confirmando, por exemplo, a existência da cisgeneridade, isto é, do “sexo [como] simplesmente matéria para a ação do gênero” (*ibidem*)⁸⁹. Os pelos corporais, ao serem entendidos como agentes ativos nas redes emaranhadas de produção ontoepistêmicas, produzem a cisgeneridade através de fenômenos de sexo, gênero, raça e humanidade assim como a medição de crânios produziu tipos raciais ou tipos perigosos. Seguindo o fio que puxamos do novelo de lã ao prestar atenção aos pelos corporais como agentes material-discursivos, e não meramente como objetos esperando significação humana, podemos começar a entender o complexo fenômeno que é a cisgeneridade e como ela funciona como um aparato de produção corporal. Antes de melhor elaborar o que quero dizer por aparato de produção corporal, apresentarei etnograficamente os artigos mobilizados por Ferriman e Gallwey na elaboração da categoria diagnóstica “hirsutismo”, destacando suas definições e alguns conceitos mais gerais encontrados neles. Levando a sério a relevância que o rosto assume nas distinções de gênero e de sexo, como apontada pelo cirurgião Douglas Ousterhout, irei realçar alguns trechos que tratam especificamente do rosto, dos pelos faciais e da barba devido à forma como eles podem contribuir com a continuação do debate que venho propondo.

* * *

⁸⁷ “The beard is one of the most obvious of the secondary sexual characteristics in man. While typically present in the adult human male and absent in the female, it is subject to great variation, being greatly restricted in some men and more or less well developed in some women.”

⁸⁸ “[...] facial hair in the early modern period [...] was freighted with a complex range of meanings.”

⁸⁹ “[...] sex is only matter to the act of gender [...]”

Em 1961, no *North Middlesex Hospital*, na cidade de Londres, David Ferriman e J. D. Gallwey conduziram um estudo visando a avaliação clínica do crescimento de pelos corporais de 430 mulheres com idades entre 15 e 74 anos. Já na introdução do artigo onde relatam essa investigação, publicado no vigésimo primeiro volume de *The Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*, Ferriman e Gallwey (1961, p. 1440) afirmam que esse estudo visa demarcar uma linha divisória entre mulheres com hirsutismo (*hirsutes*) e o estado normal (*normal state*). Chegar nessa demarcação se trata de um problema de seleção de áreas adequadas para estudo (*suitable sites for study*) e de escolha de um método para graduação de crescimento capilar de tais áreas (*method for grading hair growth*), uma vez que o crescimento de pelos corporais não é uma questão absoluta, e sim uma característica gradual (*graded characteristic*). Metodologicamente, Ferriman e Gallwey decidiram estudar pacientes do atendimento clínico geral que não tinham nenhuma reclamação quanto aos pelos corporais, excluindo da seleção qualquer paciente com sintomas ou doenças que pudessem estar associadas a distúrbios do crescimento capilar (*disturbances of hair growth*) (Ferriman; Gallwey, 1961, p. 1441)⁹⁰.

Foram selecionadas para o estudo as seguintes áreas: lábio, queixo, peito, dorso (*upper back*), lombar (*sacro-iliac region*), abdômen inferior e abdômen superior, braço e a parte de trás do antebraço, coxa e perna (Figura 5). Para análise final, duas das onze áreas foram desconsideradas, pois, nas mulheres entre 20-40 anos de idade, “foi observado que [...] um crescimento capilar significativo estava presente no antebraço e na perna, apesar que a graduação zero era o mais comum nas outras áreas”⁹¹ (*idem*, p. 1442). Isto é, uma vez que o crescimento nessas duas áreas aumentava exponencialmente enquanto no resto do corpo não, os médicos optaram por se dedicarem somente ao crescimento de pelos “sexualmente determinados e relacionados ao nível hormonal no sangue ou à sensibilidade hormonal dos folículos capilares”⁹² (*idem*, p. 1443). Além do mais, a soma total da graduação dessas nove

⁹⁰ De acordo com Flores *et al* (2013, p. 234-236), atualmente a avaliação e o tratamento posterior de hirsutismo se dá a partir da identificação de sua causa, podendo ser ovariana (Síndrome do Ovário Policístico (SOP) e Hipertricose), adrenal (SOP, Tumores Virilizantes e Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC)), periférica (Hirsutismo Idiopático, ou o “aumento da sensibilidade pilosebácea a níveis normais de androgênios normais”, e variações étnicas) ou medicamentosa devido ao efeito do Minoxidil, de cremes, adesivos e injeções de androgênios, entre outros. Há também, hoje em dia, a *Escala de Ferriman-Gallwey modificada (FGm)* que analisa 9 áreas: lábio superior, mento, tórax, abdômen superior e inferior, dorso, lombar, braços e pernas (*idem*, p. 233). Essas duas últimas não são levadas em conta nos artigos aqui analisados, os motivos para essa decisão são demonstradas a seguir.

⁹¹ “In the 20-40 age group, it was observed that in most of the women a significant growth of hair was present on the forearm and leg, though a zero grading was much the commonest elsewhere.”

⁹² “[...] sexually determined and related to blood hormone levels or to sensitivity of hair follicles to circulating hormone.”

áreas foi denominada de “pontuação hormonal” (*hormonal score*), tendo sido considerado somente pelos terminais, isto é, pelos grandes, espessos, escuros e visíveis⁹³.

Figura 5 — Demarcações anterior e posterior das áreas estudadas

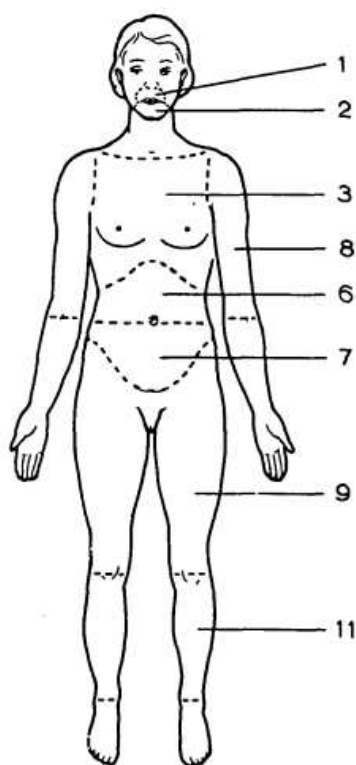


FIG. 1. Demarcation of sites—
anterior view.

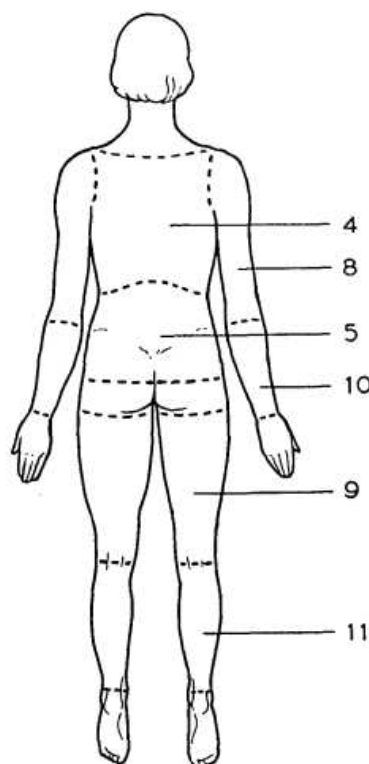


FIG. 2. Demarcation of sites—
posterior view.

Fonte: Ferriman; Gallwey, 1961, p. 1443

Uma graduação de 0 a 5 — 0 indicando a ausência de pelos terminais e 5 indicando a cobertura completa da região — foi utilizada para determinar quantitativa e qualitativamente a distribuição dos pelos corporais. De acordo com os autores, “a maioria das mulheres podia ser classificada de antemão por esse sistema”, mas “em casos limítrofes (*borderline cases*), a impressão subjetiva da densidade determinava a graduação final” (*idem*, p. 1441)⁹⁴. Cada nível de graduação possui sua definição (Figura 6). No caso do lábio, por exemplo, a área tem como referência a distância entre a margem exterior e sua metade: zero (0) indica nenhum pelo

⁹³ De acordo com a literatura, há três tipos de pelos corporais: o lanugem (extremamente finos), o vello (macios, pequenos, finos e não pigmentados) e o terminal. Para Garn (1951, p. 499) o lanugem e o vello são o mesmo “pelo curto, fino, muitas vezes não pigmentado” e o terminal é “longo, grosso, frequentemente pigmentado com raízes grandes”, assinalando que “não parece haver diferentes folículos envolvidos” mas os diferentes tipos de pelo surgem em momentos diferentes a partir da mesma fonte.

⁹⁴ “Most of the women could be classified quite readily by this system. In some borderline cases, a subjective impression of density determined the final grading.”

terminal, 1 indica “poucos pelos na margem exterior”, 2 indica “um pequeno bigode na margem exterior”, 3 indica “um bigode que se estende até a metade a partir da margem exterior” e 4 “um bigode que se estende até o meio”. No caso do queixo, além de 0 para a ausência de pelos terminais, 1 indica “alguns pelos dispersos”, 2 indica “pelos dispersos com pequenas concentrações” e 3 e 4 indicam “cobertura completa, leve e pesada”.

Figura 6 —Tabela de definição da graduação capilar em cada uma das onze áreas

TABLE 1. DEFINITION OF HAIR GRADINGS AT EACH OF 11 SITES
(Grade 0 at all sites indicates absence of terminal hair.)

Site	Grade	Definition
1. Upper Lip	1	A few hairs at outer margin.
	2	A small moustache at outer margin.
	3	A moustache extending halfway from outer margin.
	4	A moustache extending to mid-line.
2. Chin	1	A few scattered hairs.
	2	Scattered hairs with small concentrations.
	3 & 4	Complete cover, light and heavy.
3. Chest	1	Circumareolar hairs.
	2	With mid-line hair in addition.
	3	Fusion of these areas, with three-quarter cover.
	4	Complete cover.
4. Upper back	1	A few scattered hairs.
	2	Rather more, still scattered.
	3 & 4	Complete cover, light and heavy.
5. Lower back	1	A sacral tuft of hair.
	2	With some lateral extension.
	3	Three-quarter cover.
	4	Complete cover.
6. Upper abdomen	1	A few mid-line hairs.
	2	Rather more, still mid-line.
	3 & 4	Half and full cover.
7. Lower abdomen	1	A few mid-line hairs.
	2	A mid-line streak of hair.
	3	A mid-line band of hair.
	4	An inverted V-shaped growth.
8. Arm	1	Sparse growth affecting not more than a quarter of the limb surface.
	2	More than this; cover still incomplete.
	3 & 4	Complete cover, light and heavy.
9. Forearm	1, 2, 3, 4	Complete cover of dorsal surface; 2 grades of light and 2 of heavy growth.
10. Thigh	1, 2, 3, 4	As for arm.
11. Leg	1, 2, 3, 4	As for arm.

Fonte: Ferriman; Gallwey, 1961, p. 1142

Para esse estudo, Ferriman e Gallwey mobilizaram um arcabouço de estudos sobre pelos corporais que versava sobre virilismo (Ferriman et al, 1957) e hipertricose (Pedersen, 1943), diferença sexual e características sexuais secundárias (Dupertuis *et al*, 1945; Hamilton, 1951; Thomas; Ferriman, 1957), observações mais gerais sobre pelos corporais em seres humanos e

animais (Beek, 1950; Garn, 1951; Shah, 1957), ausência e diminuição de pelos corporais em idosos (Melick; Taft, 1959) e distribuição de pelos corporais e faciais racialmente diferente (Trotter, 1922; Danforth; Trotter, 1922)⁹⁵.

Nesses estudos, o corpo é detalhadamente cartografado e, a partir disso, busca-se fabricar e estabilizar padrões de distribuição de pelos corporais feminino e masculino. Como mencionei anteriormente, tal estabilização necessita lidar diretamente com fenômenos que borram seus limites. Por exemplo, no mesmo artigo que Dupertuis *et al* (1945, p. 140) definem um tipo masculino para a distribuição de pelos pubianos (*acuminate*), eles também desaconselham “o uso do termo ‘masculino’ para [esse tipo de distribuição]”⁹⁶ devido sua frequência em mulheres cisgêneras. A própria afirmação de Ferriman e Gallwey que o limiar entre o hirsutismo e o estado normal é uma “questão de graduação” deveria indicar uma cisão com a ideia de normal. No entanto, a normalidade é acionada e utilizada na fabricação de fronteiras diferenciais entre mulheres, hirsutas (*hirsutes*) ou normais.

C. H. Beek, em 1950, afirma que “a localização, a forma e a distribuição dos pelos corporais em mulheres e homens não foram ainda estudados atenciosamente” e que “a dificuldade se encontra na descrição do que deve ser considerado como o crescimento de pelos corporais normal para o sexo e a idade”⁹⁷. Incomodado com as limitações de seus predecessores devido sua incapacidade em definir limites específicos para homens e mulheres, assim como limites entre hirsutismo e hipertricose⁹⁸, Beek estudou mil homens e mil mulheres visando “estabelecer, em primeiro lugar, o crescimento capilar de indivíduos normais e saudáveis” (*idem*, p. 319).⁹⁹ Ao fazer isso, Beek reproduz uma das escolhas que marcou os antropólogos e estatísticos dos séculos passados: era necessário determinar de antemão o que seria considerado normal para, então, quantificá-lo. Curiosamente, Beek também afirma que “é muito interessante que as regiões de crescimento capilar sejam exatamente as mesmas em homens e mulheres e

⁹⁵ Entre os trabalhos citados, o único que não obtive acesso foi Pedersen, 1943

⁹⁶ “[...] the inadvisability of using the term ‘masculine’ for the acuminate type of pubic hair distribution.”

⁹⁷ “[...] the difficulty lies in the description of what must be considered as the hair-growth normal for the sex and the age.”

⁹⁸ Em dezembro de 2022, quando fomos ao setor endocrinológico que mencionei na introdução deste trabalho, perguntei à médica qual era a diferença entre hirsutismo e hipertricose. Ela me respondeu que enquanto pode-se chamar de “pelo hormonal” o crescimento de pelos corporais em pacientes diagnosticadas com hirsutismo, uma vez que o crescimento e a distribuição dos pelos estão associadas aos níveis hormonais “masculinos” ou à sensibilidade dos folículos capilares à testosterona, deveríamos chamar de “pelo genéticos” o crescimento de pelos corporais de pacientes diagnosticados com hipertricose, afirmando se tratar de uma condição étnica, “como os espanhóis”, ela afirmou. No próximo capítulo, essa relação entre raça e diferentes distribuições capilares e seus efeitos políticos é exemplarmente acionada nos casos de mulheres barbadas e quais delas eram tratadas em clínicas endocrinológicas e quais eram expostas em circos e praças públicas, quais eram enquadradas no discurso biomédico e quais eram enquadradas no discurso evolucionista do elo perdido entre humano e macaco assim como quais eram casos individuais e quais representavam uma população/um povo.

⁹⁹ “[...] to establish first the hair-growth of normal healthy individuals.”

que somente *diferenças relativas* possam ser encontradas” (*idem*, p. 322, ênfase do autor)¹⁰⁰. Beek, talvez realmente acreditando nisso, afirmava que tais diferenças eram encontradas, isto é, estavam lá de antemão e cabia a ele, ou aos seus colegas de profissão, encontrá-las.

Curiosamente, os comentários finais do artigo de Beek afirmam que “apenas diferenças relativas [...] foram encontradas” e que a importância dessa *descoberta* no diagnóstico de Hirsutismo é totalmente dependente de sua *frequência*. Contudo, se a linha vertical da borda superior dos pelos pubianos femininos se alongasse em um triângulo em direção ao abdômen, isto é, se a distribuição *disperse* (Figura 4) estivesse presente em mulheres, isto seria um sinal absoluto de hirsutismo (*idem*, p. 330). Isso é especialmente revelador pois os padrões de crescimento e perda de pelos, além de sua distribuição, são “indícios de atividade androgênica” (*ibidem*), isto é, atividade masculina. Se baseando no trabalho de Dupertuis *et al* (1945) (Figura 4), Beek conclui seu artigo afirmando ser possível classificar homens e mulheres em três grupos distintos, o grupo feminino seria: mulheres com distribuição feminina clássica dos pelos pubianos (*horizontal*); mulheres com a borda dos pelos pubianos *sagittal* acompanhada de pelos em várias regiões sem, contudo, calvície (*calvities frontalis*), bigode (*moustache*) e barba (*beard*); e mulheres com a distribuição masculina clássica dos pelos pubianos (*acuminate*), pilosas como os homens normais, inclusive quanto à calvície, ao bigode e à barba. O grupo masculino seria: homens com a distribuição feminina clássica dos pelos pubianos (*horizontal*), com a menor frequência de pelos corporais, inclusive de bigode, barba, pelos nas orelhas, “[sugerindo] baixo nível de hormônios testiculares (*testicle-hormones*)” (Beek, 1950, p. 331); homens com a borda dos pelos pubianos *acuminate* ou *sagittal*; e homens com a borda dos pelos pubianos *disperse*, sendo os mais pilosos e com maior frequência de calvície (*baldness*), “[mostrando] conexão com a hiperfunção dos testículos” (*ibidem*).

Para o antropólogo Stanley Marion Garn (1951, p. 498) os pelos podem ser utilizados de uma dupla maneira: em primeiro lugar, podem ser utilizados na comparação entre o homem e outros primatas; e, em segundo, podem ser utilizados para comparar subgrupos do gênero *Homos* entre si¹⁰¹. Garn (*ibidem*) afirma que “na quantidade e no número de tipos morfológicos de pelos, o homem difere de todos os outros primatas” ao mesmo tempo que “na forma, na distribuição e no desenvolvimento dos pelos corporais, as diferenças raciais são enormes”¹⁰².

¹⁰⁰ “It is further very interesting that the regions of hair-growth are exactly the same in males and females and only relative difference can be found.”

¹⁰¹ O próximo capítulo parte da possibilidade da comparação entre humanos e não-humanos mencionada por Garn para dar continuidade a essa história/estória com mais ênfase aos efeitos que os pelo têm nas discussões sobre raça e humanidade.

¹⁰² “In the amount of hair, and the number of morphological types of hair, man differs from all other primates, while in the form, distribution, and development of the body hair, racial differences are great.”

A análise dos pelos corporais de Garn acontece através da definição de regiões de pelos corporais (*body hair regions*) ao “descrever os padrões de pelos nessas regiões e de acordo com os dados sobre densidade e distribuição”¹⁰³ (*idem*, p. 499).

Os pelos, para Garn, podem ser classificados em duas categorias: morfológicos (cabelos; sobrancelha e cílios; barba e bigode; corporais; pubianos; e axilares) e os hormonais (que mencionarei em maior detalhe mais adiante); e analisados através de três variáveis: “(1) local, (2) padrão e (3) densidade” sendo que “local se refere à onde o pelo cresce, padrão se refere à configuração nessas áreas e densidade se refere à quantidade de pelo em cada local” (*idem*, p. 501)¹⁰⁴. A metodologia de Garn demandava o estabelecimento de “regiões” (*regions*) a serem estudadas, definindo uma região a ser observada pelo crescimento de pelos corporais como “uma área do corpo onde o crescimento de pelos é, pelo menos parcialmente, independente dos pelos terminais das regiões vizinhas”¹⁰⁵. Portanto, antecedendo a cartografia de Ferriman e Gallwey e, de fato, estabelecendo um método de seleção de áreas para observação a ser seguido e aplicado posteriormente (como por exemplo, no trabalho de Shah, 1957), Garn propôs sua própria cartografia do crescimento dos pelos corporais (Figuras 7 e 8). Afirmar Garn que, “essas regiões exibiram (a) independência regional, (b) considerável variação racial e individual nos padrões e (c) variações individual e racial em densidade”¹⁰⁶ (*ibidem*).

¹⁰³ “[...] by describing some of the hair patterns within these regions, and by data on [...] density and distribution.”

¹⁰⁴ “(1) location, (2) pattern, and (3) density. Location refers to where the hair grows, pattern refers to the configuration within those areas, and density refers to the amount of hair on each location.”

¹⁰⁵ “[...] an area of the body where hair growth is at least partially independent of terminal hair on neighboring regions.”

¹⁰⁶ “These regions exhibited (a) regional independence, (b) considerable racial and individual variation in pattern, and (c) individual and racial variations in density.”

Figura 7 — As regiões do corpo masculino a serem estudadas

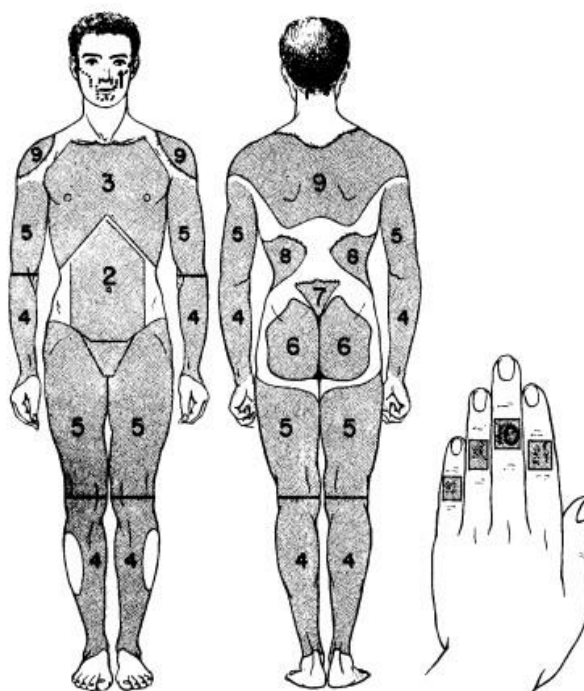


FIGURE 1. The body-hair regions in man, as defined in the text: (1), beard; (2), hypogastric; (3), thoracic; (4), lower arm and leg; (5), upper arm and leg; (6), gluteal; (7), lumbo-sacral; (8), lower back; (9), upper back; (10), mid-phalangeal. Region 11 (ear hair) not shown. The outlines delimit the approximate maximum extent of the various regions, especially regions 8 and 9. Region 10 is shown as a square shaded area, since the outline of this region has not yet been determined. In the majority of males, only part of a region bears terminal hair (see text).

Fonte: Garn, 1951, p. 502

Talvez uma das mais interessantes — e pormenorizadas — propostas do trabalho de Garn é a classificação de hirsutismo em homens ao “comparar grupos de indivíduos ou ao definir se um determinado sujeito é relativamente glabro (*glabrous*) ou relativamente piloso (*hairy*)”¹⁰⁷ (*idem*, p. 505). É possível chegar a tal classificação “somando a quantidade total de pelos por região, de todas as regiões”¹⁰⁸ (*idem*, p. 506). Na graduação, que no estudo de Garn varia de 0 (zero) a 40 (quarenta), indo desde 3 a 33 pontos, os glabros são os de pontuação de 5 (cinco) ou menos ao passo que os pilosos são os de pontuação de 18 (dezoito) ou mais e indivíduos com uma pontuação de 8 (oito) ou 9 (nove) têm uma quantidade modal de pelos corporais, isto é, a quantidade mais frequente (*ibidem*).

¹⁰⁷ “[...] comparing groups of individuals or in determining whether a given individual is relatively glabrous or relatively hairy.”

¹⁰⁸ “[...] summing up the total amount of hair by regions, for all regions.”

Figura 8 — Tabela com variedades de padrão para as onze regiões

<i>Region</i>	<i>Range of patterns</i>
1. Beard and moustache	"Amerindian" pattern of sparse moustache and isolated chin-beard hairs to "Mosaic" pattern with fully confluent facial hair.
2. Hypogastric	"Linea" pattern to the navel, pyramidal pattern, ⁵ and finally to complete coverage of m. rectus abdominis confluent with region 3.
3. Thoracic	Circum-areolar and sternal tuft, to mat confluent with deltoid hair, axillary hair, and regions 2 and 9.
4. Lower leg and arm	Distal on extremities, to entire coverage. Balding pattern on calves.
5. Upper leg and arm	Streams confluent with 4 and 9.
6. Gluteal	Perianal band, to full coverage of gluteal region and confluence with regions 5 and 7.
7. Lumbo-sacral	Patch triangular in form, varying in density. May be present prior to puberty.
8. Lower back	Infrascapular arcs, to confluence with regions 6, 7, and 9.
9. Upper back	Shoulder band, to complete "T shirt" pattern confluent with regions 3 and 8.
10. Mid-phalangeal	Varies in number of fingers (most usually digit IV) and in density per square centimeter.
11. Ear hair	Tuft at tragus, at Darwin's point, band on helix and arc at concha. Marked racial differences in expressivity.

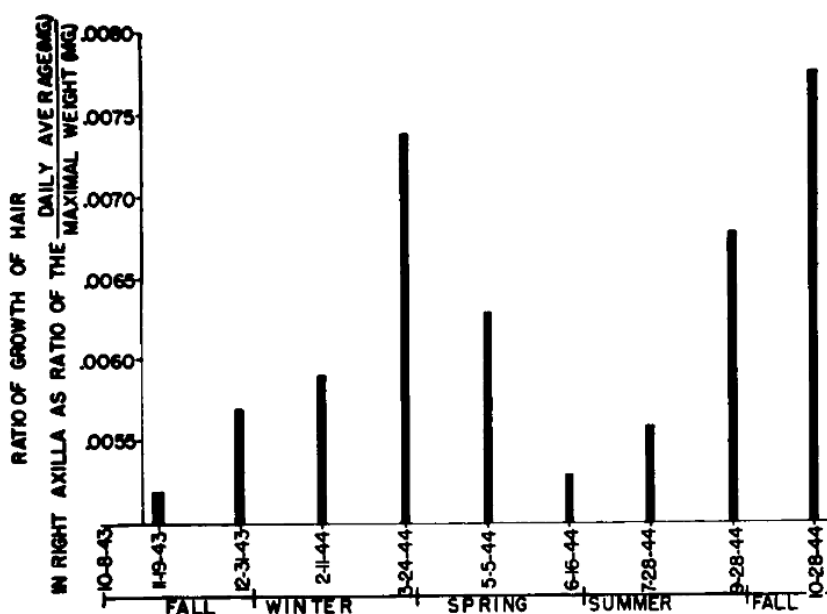
Fonte: Garn, 1951, p. 503

Em seu artigo sobre os pelos axilares como uma característica sexual secundária, James B. Hamilton (1951, p. 586) afirma que os critérios para definir os pelos dessa região como "sexuais" são as seguintes: a primeira é por eles não aparecerem até o tempo de maturação sexual (*sexual maturation*), a segunda é por seu crescimento ser praticamente nulo em homens orquiectomizados, isto é, que tiveram um ou os dois testículos cirurgicamente extraídos antes da puberdade e a diminuição dessa característica em homens orquiectomizados após a vida adulta, e a terceira é porque a manutenção dessa característica sexual secundária depende de estimulação contínua de secreções gonadais. Ressoando o que seus colegas vinham dizendo, estes pelos devem ser considerados em sua relação com os hormônios sexuais, isto é, o estrogênio, a progesterona e a testosterona.

A metodologia adotada por Hamilton para calcular o crescimento dos pelos axilares envolve três tipos de cálculos: "(1) peso da massa de cabelos axilares totalmente crescidos; (2) peso dos cabelos crescidos por dia; e (3) razão entre a taxa média diária de crescimento e o peso

da massa de cabelos totalmente crescidos” ¹⁰⁹ (*idem*, p. 585). A partir desse enquadramento, Hamilton afirma que “apesar de que os pelos tendem a ser mais abundantes em homens castrados na vida adulta do que em homens castrados antes de atingirem a adolescência, a quantidade [de pelos] é consideravelmente menor que o normal” ¹¹⁰ (*idem*, p. 587). Para um homem “normal” – não orquiectomizado – de 47 anos de idade, por exemplo, o peso médio de pelos axilares é de 110 mg, enquanto para um homem da mesma idade, mas orquiectomizado aos 39 anos de idade é de 13,4 mg. A média do peso dos pelos de homens orquiectomizados antes dos 13 anos de idade, por outro lado, é de 6,7 mg (*idem*, p. 587-588). Hamilton não especifica quais foram as condições ou contexto para as cirurgias de orquiectomia mencionadas, mas fala rapidamente do caso de um homem orquiectomizado que toma os mesmos 30 mg diários de *Propionato de Testosterona*. Tal exemplo, além de ilustrar como há uma variação individual no crescimento de pelos axilares quando analisado de tempos em tempos (Figura 9), também é um interessante componente que contribui com a distinção dos funcionamentos da cisgêneridade: entre outros, a fabricação do crescimento de pelos axilares pode ser empregada com o intuito normalizador através da estabilização de valores normais para um homem cisgênero de uma determinada idade.

Figura 9 — Variação de pelos corporais de um homem cisgênero orquiectomizado e hormonizado



Fonte: Hamilton, 1951, p. 595

¹⁰⁹ “(1) weight of full-grown mass of axillary hair; (2) weight of the hair grown per day; and (3) ratio of the average daily rate of growth to the weight of the full-grown mass of hair.”

¹¹⁰ “Although the hair tends to be more plentiful in men who were castrated as adults than in men who were castrated before they attained puberty, the quantity is considerably less than normal.”

O estudo de Prabhaker N. Shah (1957) objetiva elaborar um método quantitativo de medir os pelos corporais visando “permitir a comparação do crescimento normal de pelos corporais em vários grupos étnicos” e “elucidar diferenças hereditárias marcantes na distribuição e no padrão de crescimento do pelo se aplicadas a diferentes grupos endogâmicos da Índia ou de outros lugares” ¹¹¹ (Shah, 1957, p. 1255). Shah seguiu a metodologia proposta por Garn e selecionou nove regiões para análise (Figura 10): rosto, abdômen, peito, braço, antebraço, coxa, perna, nádegas e parte superior das costas.

Figura 10 — As nove regiões do estudo de Shah

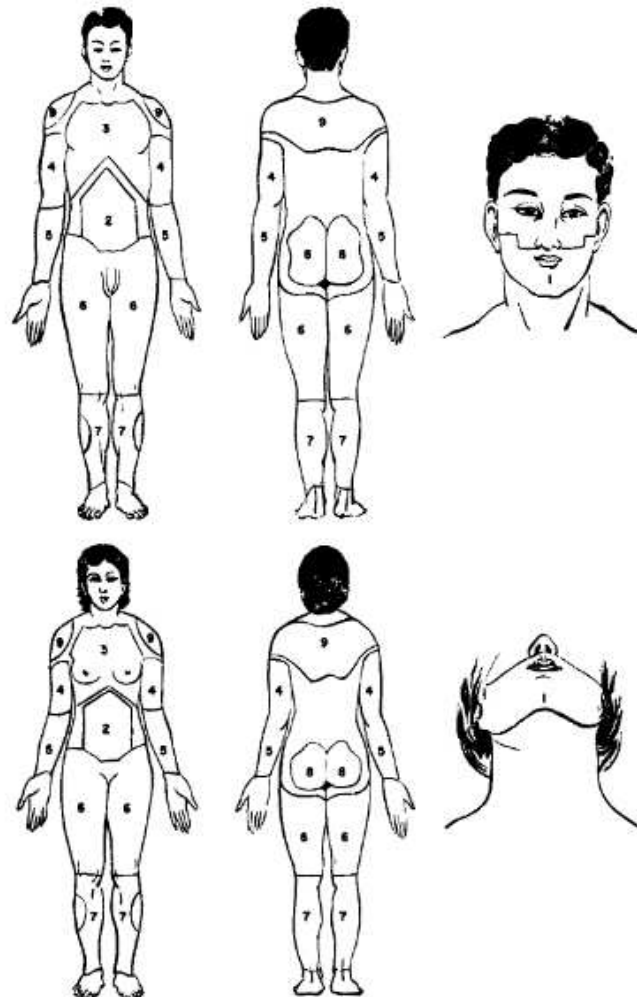


Fig. 1.—The body hair regions as defined in the text: (1) face, (2) abdomen, (3) chest, (4) upper arm, (5) lower arm, (6) thigh, (7) leg, (8) buttocks, (9) upper back.

Fonte: Shah, 1957, p. 1257

¹¹¹ “[...] allow comparison of normal hair growth in various ethnic groups [...] elucidating any striking inherited differences in the distribution and the pattern of hair growth if applied to different endogamous groups of India or elsewhere.”

Shah analisou três fatores para quantificar os pelos corporais em cada uma das nove áreas: a qualidade (*quality*), a densidade (*density*) e a proporção (*proportion*) da área coberta de pelos. A qualidade era definida em termos de espessura do pelo, podendo variar numa pontuação de 1 (um) a 3 (três), analisada manualmente. A densidade era avaliada em uma escala de 0 (zero) a 3 (três) para cada uma das regiões, analisada visualmente. Shah (*idem*, p. 1256) explica que a pontuação de uma dada região, isto é, sua proporção emergiria “ao multiplicar os numerais de qualidade, densidade e a fração de área de uma determinada região coberta por pelos”¹¹² e “a pontuação final de crescimento de pelos corporais, obtida através da soma dos respectivos numerais de cada uma das nove regiões, era tomada como a medida do pelo corporal”¹¹³.

Visando manter-se fiel à objetividade do método quantitativo, a escala de medida de Shah foi aplicada nas mesmas 90 pessoas por duas pessoas distintas, com resultados “razoavelmente comparáveis” (*fairly comparable*) e, em seguida, foi aplicada novamente por Shah em mais 94 pessoas (*ibidem*). Os valores nos quais se baseia o estudo encabeçado por Shah analisou 184 pessoas, entre elas 134 mulheres e 50 homens. Entre as mulheres, 100 foram consideradas não-hirsutas e 34, hirsutas. Acompanhando essa proporção entre mulheres hirsutas e não-hirsutas, Shah afirma que “ainda que [essa divisão] seja apenas arbitrária, ela é significativa pois *é raro uma mulher ser pilosa e não estar preocupada com o crescimento dos pelos corporais*” (*idem*, p. 1257, ênfase minha)¹¹⁴. Nas mulheres hirsutas, além da presença de pelos corporais naquelas regiões também presentes nas mulheres não-hirsutas, como nas pernas, coxas, braços e antebraços, todos os valores eram mais altos, isto é, “além da diferença marcante na frequência de aparecimento de pelos na coxa, havia também um aumento em todos as três medidas quantitativas, a saber, na qualidade, na densidade e na área coberta por pelo” (*idem*, p. 1259-1260)¹¹⁵.

Além da pressuposta preocupação das mulheres com relação ao crescimento dos pelos corporais em seus corpos, o risco com o sucesso em se casar, a crença que estavam mudando de sexo (*changing sex*), o desgosto de seus maridos desde o início do crescimento dos pelos em grande quantidade em determinadas áreas e a possibilidade de prevenção do crescimento de

¹¹² “[...] by multiplying the numerals for quality, density, and the fraction of the area of the particular region covered by hair.”

¹¹³ “The final numerical hair growth score, obtained by adding the respective numerals for the nine regions, was taken as a measure of body hair.”

¹¹⁴ “[...] though the division of nonhirsute and hirsute women is only arbitrary, yet it is of significance because it is rare for a woman to be hairy and still not be concerned about her hair growth”.

¹¹⁵ “[...] striking difference in the frequency of appearance of hair on the thigh, there was also an increase in all the three quantitative measures, viz., the quality, density, and the area covered by hair.”

pelos corporais similar em seus descendentes adolescentes eram as motivações que lavaram essas mulheres a procurar apoio clínico para investigar e lidar com os pelos corporais (*idem*, p. 1257-1258). A preocupação e essas demandas são suplementadas pela necessidade de haver uma categoria diagnóstica, a demarcação de um limite entre os crescimentos de pelos corporais normais masculino e feminino, exemplificada na seguinte passagem:

É possível que não haja regiões típicas masculinas ou femininas de crescimento de pelos, mas achamos que, a menos que seja desenvolvido um método razoavelmente preciso para a medição quantitativa dos pelos corporais, será difícil traçar uma linha de base entre uma variação de crescimento normal e anormal de pelos em mulheres de vários grupos étnicos. (*idem*, p. 1263, ênfase minha)¹¹⁶

O questionamento da validade das medições propostas por Shah é endereçada por ele mesmo, ao afirmar que

O conceito de regiões "incomuns" (*unusual regions*) em mulheres derivado deste estudo é apenas relativo e depende da diferença na frequência de aparecimento do crescimento de pelos nas regiões especificadas encontradas entre os dois sexos. Essas informações podem ser de grande valor se a diferenciação entre mulheres normalmente pilosas ou hipertrícóticas e mulheres anormalmente pilosas ou hirsutas for feita convenientemente com base nessas informações. (*idem*, p. 1264, ênfase minha)¹¹⁷¹¹⁸

Ainda assim, a constituição de um grupo anormal (*abnormal group*) foi posta em prática por possibilitar um grupo de estudo para maior aprofundamento sobre o crescimento de pelos corporais. Para tal grupo, as mulheres deveriam atender a dois critérios, quais sejam, a pontuação total (*score*) do crescimento de pelos corporais mínima de 8 e o número mínimo de duas regiões incomuns (*unusual regions*). As mulheres desse grupo, um total de 14, tinham um padrão masculino de crescimento de pelos corporais e poderiam ser chamadas de hirsutas ou mulheres anormalmente pilosas. Finalmente, Shah (*idem*, p. 1264) afirma que “não significa que hipertricose talvez não requeira tratamento por razões cosméticas ou psicológicas, mas de

¹¹⁶ “[...] it is conceivable that there are no typical male or female regions of hair growth but we feel that unless a reasonably accurate method for quantitative measurement of body hair is evolved, it is going to be difficult to draw a base line between a variation of normal and abnormal hair growth in women of various ethnic groups.”

¹¹⁷ “The concept of the ‘unusual’ regions in women derived from this study is only relative and is dependent on the difference in frequency of appearance of hair growth on the specified regions found between the two sexes. Such information can be of immense value if differentiation between normally hairy or hypertrichotic women and abnormally hairy or hirsute women be made out conveniently on such basis.”

¹¹⁸ Em alguns casos, hirsutismo e hipertricose são tratados como sinônimos, apesar da diferença diagnóstica. Nesse trecho, é bastante confuso se o “ou” entre os dois termos são de oposicionalidade ou complementaridade, isto é, se “mulheres normalmente pilosas” seria sinônimo de “hipetrícóticas” e se “anormalmente pilosas” seria sinônimo de “hirsuta” e se, portanto, hipertrícóticas e hirsutas são duas coisas diferentes.

fato indica que o problema é essencialmente aquele de controlar o crescimento normal de pelos corporais em qualquer parte do corpo”¹¹⁹.

Em 1957, Ferriman publicou dois artigos conjuntamente com P. Kynaston Thomas e Anthony W. Purdie. O primeiro artigo, *Variations in Facial and Pubic Hair Growth in White Women* de Ferriman e Thomas, foi uma pesquisa investigativa sobre a “variabilidade normal de crescimento de pelos faciais e púbicos em mulheres e suas alterações com o avanço da idade” (Thomas; Ferriman, 1957, p. 171)¹²⁰. Os autores partem do pressuposto de que há uma distribuição feminina dos pelos faciais e pubianos. Baseando-se no trabalho de Dupertuis *et al*, comentado acima, e os trabalhos de Mildred Trotter e C. H. Danforth, a serem comentados posteriormente, Ferriman e Thomas afirmam que, em mulheres cisgêneras, “normalmente é retratado que barba, bigode e pelos corporais são ausentes ou escassos e que os pelos púbicos possuem uma borda horizontal” (*ibidem*)¹²¹. Esse estudo também se baseia no trabalho de Garn, comentado anteriormente, se restringindo ao crescimento de pelos em duas das regiões estabelecidas na pesquisa de Garn, o rosto e a púbis, escolhendo excluir da pesquisa pacientes com doenças ou condições de saúde que pudessem influenciar o crescimento dos pelos corporais.

Thomas e Ferriman estabeleceram cinco graduações para cada uma das regiões. Zero indicava a ausência de pelos terminais, ainda que houvesse a presença de pelos do tipo velo, isto é, pelos finos e pouco ou nada pigmentados. 1 e 2 foram as pontuações mais comuns, indicando crescimento de pelos de pouca importância (*minor hair growth*). Graus mais severos de crescimento de pelos foram indicados nas graduações 3 e 4 (Figura 11). A escolha das regiões nas quais o crescimento dos pelos corporais será observado já foi mencionado antes. Os autores dos artigos aqui comentados, médicos endocrinologistas, neurologistas e dermatologistas, entre outros, prestaram atenção nas regiões que tinham maior resposta ou sensibilidade aos hormônios sexuais. A escolha de como analisar o crescimento, por outro lado, era uma questão menos restrita, cabendo a escolha de metodologias “mais ou menos” objetivas. Neste estudo, por exemplo, devido aos limites práticos da pesagem dos pelos empregada por Hamilton (1951), “o método subjetivo de avaliação do crescimento de pelos teve que ser empregada” (Thomas; Ferriman, 1957, p. 172, ênfase minha)¹²².

¹¹⁹ “This does not mean that hypertrichosis may not require treatment for cosmetic or psychological reasons, but it does indicate that the problem is essentially that of controlling normal hair growth on any other part of the body.”

¹²⁰ “[...] the normal variability of facial and pubic hair growth in women and its alteration with age.”

¹²¹ “[...] it is normally pictured that beard, moustache and body hair are absent or scanty and the pubic hair possesses a horizontal upper border.”

¹²² “[...] the method of subjective assessment of hair growth had to be employed.”

Figura 11 — Critérios adotados para graduação de crescimento de pelos corporais

TABLE 2
Criteria adopted for grading hair growth

<i>Upper lip</i>	
Grade 1:	a few straggling hairs at the outer margin.
Grade 2:	a few hairs at the outer margin arranged, however, in the form of a small moustache.
Grade 3:	a definite moustache extending from the outer margin half-way to the mid-line.
Grade 4:	a frank moustache reaching virtually to the mid-line.
<i>Chin</i>	
Grade 1:	a few scattered hairs.
Grade 2:	a few scattered hairs with one or two concentrations.
Grade 3:	a definite but still scanty beard.
Grade 4:	a frank beard.
<i>Abdomen</i>	
Grade 1:	a few hairs scattered in a vertical line between the centre of the pubic region and the umbilicus.
Grade 2:	a definite streak of hairs confined to this line.
Grade 3:	a thin band of hair arranged on either side of this line.
Grade 4:	an inverted V-shaped growth of hair with its apex at the umbilicus and its base over the pubis.

Fonte: Thomas; Ferriman, 1957, p. 173

Um comentário da página seguinte nos ajuda a compreender melhor os meandros da avaliação subjetiva constantemente empregada pelos autores dos artigos aqui analisados. Thomas e Ferriman (*idem*, p. 173) afirmam que “variações intermediárias [entre as graduações] obviamente ocorrem e algum grau de julgamento teve que ser utilizado na decisão de qual graduação deveria ser indicada” e continuam, com o intuito de justificar tal metodologia, “mas graduações independentes do mesmo objeto de estudo feitas por dois observadores mostraram boa correspondência”¹²³. Tal afirmação me interpela e me convida a pensar sobre as condições de conhecimento e as práticas imediatas que enquadram o problema do crescimento normal/anormal de pelos corporais. Sem querer me distanciar da atual discussão nem adiantar discussões posteriores, mas o grande investimento em delimitar regiões a serem analisadas e graduações normais do crescimento de pelos corporais não é resultado do crescimento anormal do pelo como algo anterior a determinação de graduações normais ou desejadas nestas áreas. Ao contrário, algo como “o crescimento anormal” ou “mulheres pilosas demais” assim como a escolha de certas áreas para observação são parte do fenômeno da produção cartográfica da

¹²³ “Intermediate variations obviously occur and some degree of judgment had to be used in deciding which grading these should be given, but independent gradings of the same subjects made by the two observers showed good correspondence.”

diferença sexual a partir dos pelos. Lembremos, por exemplo, da cena etnográfica que abre a introdução desta dissertação: não se trata da preexistência de fatores como raça e gênero ao olhar os pelos daquela menina de nove anos de idade, mas como sua presença em intra-ação com raça e gênero os fazem parecer normal para a residente.

Posteriormente, Ferriman publicou conjuntamente com Thomas e Purdie um artigo intitulado *Constitutional Virilism*. Neste artigo, os autores estavam interessados em aprofundar a relação entre o crescimento anormal de pelos corporais em mulheres (hirsutismo) e outras características físicas que exibem diferenças entre os sexos (Ferriman *et al*, 1957. p. 1410), como a constituição física (*body build*) e a excreção urinária de 17-Cetoesteroides¹²⁴. Por “provavelmente” ser “o meio mais útil de medida esquelética para a distinção entre homens e mulheres” (*ibidem*)¹²⁵, a constituição física foi avaliada através da largura dos ombros (largura biacromial) e do quadril (largura bi-ilíaca) das mulheres que haviam sido posteriormente distinguidas entre hirsutas e não-hirsutas através dos critérios de Ferriman e Thomas (1957), mencionados acima.

O levantamento demonstrou que mulheres hirsutas tinham a largura biacromial maior do que mulheres não-hirsutas, mas que a largura bi-ilíaca não demonstrava diferença. Quanto ao 17-Cetoesteróide, “a diferença [entre os dois grupos] é estatisticamente significativa” (*ibidem*)¹²⁶, uma vez que os valores para mulheres hirsutas foram consideravelmente mais altos que os valores de mulheres não-hirsutas, indicando uma maior circulação de hormônios androgênicos. A associação entre mulheres hirsutas com maior largura biacromial e maior excreção de 17-Cetoesteróide, afirmam os autores, “indica uma tendência geral à masculinização” (*idem*, p. 1411)¹²⁷ e, portanto, o termo virilismo constitucional busca embarcar uma série de fenômenos fisiológicos (oligomenorreia e hipomenorreia, ciclo anovulatório, aumento do clitóris) e “um aspecto mais profundo que merece atenção [isto é] a estrutura de personalidade desses sujeitos” (*idem*, p. 1412)¹²⁸.

O trabalho de Roger Melick e H. Pincus Taft (1959) é o único artigo citado por Ferriman e Gallwey interessado em avaliar o valor diagnóstico da ausência ou diminuição — e não a presença e distribuição em grande quantidade — de pelos corporais e, portanto, elaboraram um estudo com idosos. Hamilton (1951) já havia demonstrado que o peso dos pelos diminuía com

¹²⁴ O 17-Cetoesteróide é um derivado androgênico que, no homem, é produzido pela adrena pelos testículos e na mulher, somente pela adrenal.

¹²⁵ “Probably the most useful means of distinguishing between the skeletal measurements of males and females [...]”

¹²⁶ “The difference between the two is statistically significant.”

¹²⁷ “[...] indicate a general tendency towards masculinity [...]”

¹²⁸ “A further aspect that merits attention is that of the personality structure of these individuals.”

o passar dos anos, ou seja, ele diminuía em densidade, quantidade e textura, mas o padrão e a variabilidade dessa mudança não haviam sido estudados até então. Visando estabelecer “o padrão de distribuição e a densidade dos pelos corporais em idosos” (Melick; Taft, 1959, p. XX)¹²⁹ a partir do estudo de 167 homens e 189 mulheres com mais de 60 anos de idade, Melick e Taft elencaram os pelos axilares, do peito, do abdômen, do antebraço, da perna e da sobrancelha para análise. Curiosamente, somente os pelos faciais de mulheres foram analisados.

Neste estudo, porções de cada área foram isoladas utilizando um pedaço de perspex com um furo de 1 cm de diâmetro e os pelos contados. As graduações variaram entre 0 e 3, em que 0 indica menos de 5 pelos em toda a área analisada, 1 indica a contagem entre 1-2 pelos por porção de 1 cm de diâmetro analisada (pelos escassos), 2 indica uma contagem entre 2-7 para a axila e 2-5 para o resto do corpo por porção da área (pelos clinicamente reduzidos), enquanto 3 indica a presença de 5 a 7 ou mais pelos contados por porção analisada, densidade considerada clinicamente normal. Visivelmente, o padrão de perda de pelos púbicos, por exemplo, é demonstrado na Figura 12. A discussão desse trecho é interessante, pois evidencia as *variações intermediárias* ou os *casos limítrofes* e quais os arranjos material-semióticos feitos pelos autores. Afirmam eles que “um *padrão de pelos pubianos de tipo feminino* estava associado com a *diminuição de pelos axilares*; *pequena perda de pelos axilares* era associada com um *padrão de pelos pubianos de tipo masculino*” o que sugeriria “que *homens com pelos pubianos de tipo feminino* perdem seus pelos axilares mais frequentemente que homens sem esse padrão [de pelo pubiano], ou que, neles, os pelos subumbilical caem antes que o restante.” (Melick; Taft, 1957, p. 1600, ênfase minha)¹³⁰.

A completa perda dos pelos pubianos, discutem os autores, é anormal e só foi observada em 1 homem (de 167) e em 5 mulheres (de 189). A persistência dos pelos pubianos, portanto, indica a maior sensibilidade dessa área aos hormônios que controlam o crescimento capilar. Em alguns casos, o estudo demonstrou como o padrão de perda de pelos é similar entre idosos do gênero masculino e do gênero feminino, como, por exemplo, nas pernas, no antebraço e nas sobrancelhas ao passo que em outras regiões, como dos pelos axilares e a perda de cabelos (calvície) eram mais comuns ou de maior valor clínico quando observados em homens.

¹²⁹ “[...] pattern of hair distribution and the hair density of old people.”

¹³⁰ “A female type pattern of pubic hair was closely associated with diminished axillary hair; little loss of axillary hair was seen with the male-type pattern of pubic hair. This suggests either that men with female-type pubic hair lose their axillary hair more frequently than men without this pattern, or that, in them, the subumbilical hair is lost before the remainder.”

Figura 12 — Padrões de perda de pelos pubianos masculino e feminino, respectivamente

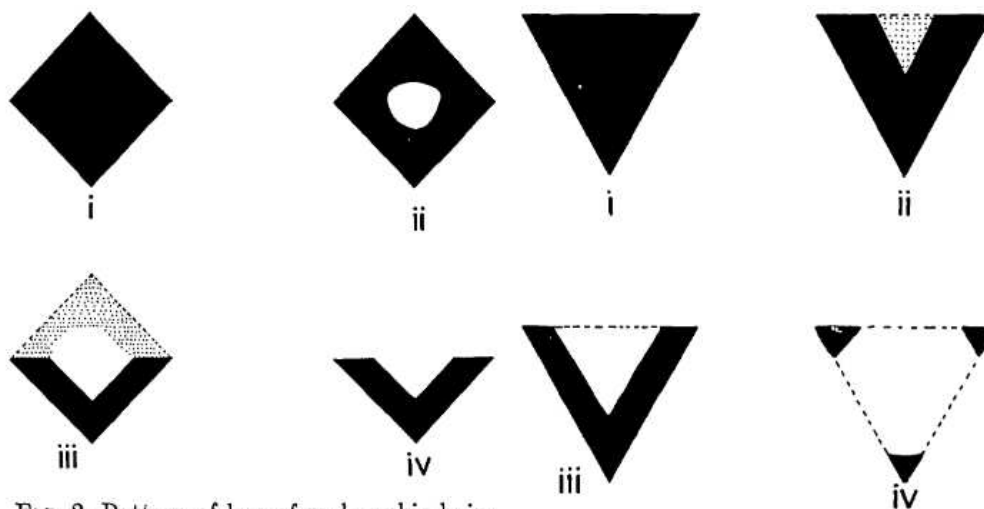


FIG. 2. Pattern of loss of male pubic hair.
White areas denote loss.

FIG. 3. Pattern of loss of female pubic hair.

Fonte: Melick; Taft, 1959, p. 1600

No artigo de C. H. Danforth e Mildred Trotter, *The Distribution of Body Hair in White Subjects* (1922), os autores iniciam afirmando que, até então, não havia métodos satisfatórios para o estudo de pelos corporais aonde eles fossem relativamente esparsos (*relatively sparse*). A ideia de que há, então, regiões ou áreas onde o pelo corporal cresce em demasia ou de forma adequada nas várias regiões do corpo já mencionadas aparecerá com o trabalho conjunto de Danforth e Trotter e o trabalho individual de Trotter. A região mais descrita nos trabalhos etnográficos até a publicação do artigo de Danforth e Trotter, eles afirmam, é dos cabelos (*head hair*), sobrando pouca ou nenhuma atenção para as regiões que mais tarde serão descritas, como as mencionadas acima. Para este artigo, Danforth e uma equipe de assistentes “cuidadosamente instruídos” (*carefully instructed*) observaram mil soldados que estavam sob comando do *Office of the Surgeon General of the Army* à época da desmobilização após a Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, Trotter examinou 350 universitárias e algumas famílias de pacientes clínicas. Em ambos os grupos, os soldados e as universitárias tinham entre 18-24 anos de idade (exceto pelas membras das famílias das pacientes clínicas, que tinham idade superior) e, diferentemente dos demais textos utilizados, especifica que se trata de um estudo feito com pessoas brancas¹³¹.

Este artigo menciona as metodologias e as áreas (que os autores chamam de segmentos) observadas e avaliadas. Para a análise dos soldados, os valores eram coletados no momento que eles eram chamados para medição antropométrica, quando “era feita uma inspeção geral dos

¹³¹ A raça, nesses textos, não é tão presente quanto nos textos que observaremos nos capítulos a seguir.

pelos no corpo inteiro ao manter [os soldados] sob a luz mais favorável possível” (Danforth; Trotter, 1922, p. 259)¹³². Cinco graduações foram arbitrariamente estabelecidas (*arbitrarily established*) para indicar a pilosidade do corpo (*body pilosity*): a graduação 0 indica a distribuição de pelos terminais no tronco, especificamente os pelos pubianos, axilares e na região hipogástrica (abdômen inferior e superior) sem a presença de pelos no peito. Graduação 1 indica, além dos pelos mencionados anteriormente, “obviamente a presença de pelos terminais no centro do peito (*chest*) ou ao redor dos mamilos” (*idem*, p. 259-260)¹³³. Graduação 2 indica “uma área considerável de pelos no peito (*chest and breast*) sem uma extensão evidente de pelos em direção aos ombros e às costas” (*idem*, p. 260)¹³⁴. Na terceira graduação, “o pelo era evidente (*conspicuously present*) e abundante em grande parte do abdômen, peito, ombros e, de certo modo, das costas” (*idem*, p. 260)¹³⁵. Para a quarta graduação, afirma-se, simplesmente, que ela “incluía alguns casos em que a pilosidade corporal era muito extrema” (*ibidem*)¹³⁶.

Novamente, os autores comentam como o método se baseia em percepção subjetiva quando afirmam que essa classificação “envolve a formação de uma estimativa ao invés de uma medida quantitativa da quantidade de pelos”, acrescentando que “em cada medida, as condições para fazer cada estimativa foram excepcionalmente favoráveis” (*ibidem*)¹³⁷. Conjuntamente à inspeção geral (*general inspection*) dos pelos, a cor dos cabelos e a raça dos soldados também eram anotadas, a segunda informação sob a rubrica “filiação”, que, por sua vez, era subdividida entre “Ambos pais nascidos nos Estados Unidos” (*Both parents born in the United States*) e “Nenhum dos pais nascidos nos Estados Unidos” (*Neither parents born in the United States*), esta, por sua vez, possuindo doze subdivisões, entre elas Protestantes Ingleses, Judeus Russos, Franceses ou Belgas, De Províncias Italianas e Escandinavos.

Na avaliação e análise das mulheres, apenas dois graus de pilosidade foram empregados em dois segmentos, o torácico e o abdominal, frente e costas. Os autores afirmam que, neste caso, “graduação 0 indica que, exceto os pelos pubianos e axilares, não havia pelos corporais bem desenvolvidos, exceto por uma camada fina de penugem [imagino que se refiram ao tipo de pelo chamado lanugem, mencionado anteriormente] que é geralmente considerada normal”

¹³² “[...] a general inspection was made of the hair of the whole body, keeping the subject in as favorable light as possible.”

¹³³ “[...] terminal hair was obviously present in the center of the chest or about the nipples.”

¹³⁴ “[...] a considerable area of hair on the chest and breasts but with no marked extension over the shoulders or back. [...]”

¹³⁵ “[...] hair was conspicuously present and abundant over the greater part of the abdomen, chest and shoulders and to some extent over the back.”

¹³⁶ “[...] included a few cases in which the body hairiness was very extreme.”

¹³⁷ “While the classification of the subjects involved the formation of an estimate rather than a quantitative measure of the amount of hair in each case the conditions for making this estimate were exceptionally favorable.”

(*ibidem*)¹³⁸. Graduação 1 inclui “[todas as mulheres] que tinham pelos terminais em qualquer região ou regiões além das regiões axilar ou púbica, como, por exemplo, ao redor do umbigo, no centro do peito, ao redor dos mamilos ou nas costas” (*ibidem*)¹³⁹.

Se, posteriormente, cada vez mais a presença do pelos vai ser escrutinada com mais áreas ou regiões sendo escolhidas para análise e maiores graduações serão empregadas, havendo uma maior variabilidade de aceitabilidade ou de limite diagnóstico, a metodologia aqui utilizada não deixa, no caso das mulheres cisgêneras, margens para a presença de pelos em outras regiões senão a púbica e a axilar. A pele da mulher deve lembrar a textura de um pêssego, ou será considerada anormal. Outra informação interessante surge no trecho a seguir sobre a análise das pacientes clínicas e suas famílias. Com elas, foram analisados somente os pelos presentes ao redor dos mamilos e no meio do peito, e tais pelos só foram diferenciados entre penugem (*downy*) ou terminais. O que me chamou atenção aqui foi a seguinte afirmação: “em todos esses exames, a maior conspicuidade do pelo escuro foi mantida em mente e tomamos cuidado para evitar resultados errôneos” (*ibidem*)¹⁴⁰. Ou seja, pelo fato de alguns pelos corporais serem mais escuros e, por conta disso, serem mais conspícuos, isto é, possuírem maior visibilidade e obviedade aos olhos, maior atenção foi colocada para não confundir a classificação desses pelos, isto é, designar-lhes como terminal se fossem, na realidade, uma simples penugem assim como não deixar passar despercebidos pelos terminais de uma coloração mais clara.

Tal questão não passa despercebida pelos autores que comentam sobre a possibilidade de um viés ou preconceito individual (*individual bias*) ao mesmo tempo que reconhecem a possibilidade de terem negligenciado pelos terminais claros (*idem*, p. 263). Os autores chegam a esse questionamento ao perceberem uma correlação entre a cor dos cabelos e a maior presença de pelos corporais, isto é, por causa da cor escura dos pelos, sua visibilidade teria sido maior. Ao perceberem essa correlação e a associarem com os possíveis erros metodológicos que mencionei no início desse parágrafo, os autores puderam reavaliar algumas mulheres, o que, no entanto, apenas confirmou os resultados iniciais. Afirmam eles que “consequentemente, temos que admitir que a evidência, até o momento, indica que indivíduos com cabelos escuros são, em geral, inclinados a terem mais pelos corporais terminais do que indivíduos com cabelos

¹³⁸ “Here grade 0 means that, with the exception of pubic and axillary hair, there was no well developed hair on the body, but only the fine downy covering which is generally considered to be normal.”

¹³⁹ “[...] all those individuals who had terminal hairs in any other region or regions than the axillary and pubic, as for example around the umbilicus, in the center of the chest, around the nipples, or on the back.”

¹⁴⁰ “In all of these examinations the greater conspicuousness of dark hair was kept constantly in mind and care was taken to avoid any resultant errors.”

claros” (*idem*, p. 263)¹⁴¹. Tal questionamento os leva a perguntar, então, se a maior presença de pelos corporais em pessoas cujo tom do cabelo é diferente indica uma diferença racial ou tipos diferentes de uma raça. Para tanto, eles retomam a tabela com os dados dos soldados e comparam os valores de Italianos, Escandinavos e Poloneses com cabelos loiro e médio. Os autores afirmam que “o número de graduação 1 de pilosidade corporal é essencialmente o mesmo entre ambos os grupos, mas os italianos claros demonstram quase o dobro de graduações 2, 3 e 4. Isso sugere uma diferença racial verdadeira independente de pigmentação, mas não é em nenhum sentido conclusiva” (*idem*, p. 264)¹⁴².

Mais uma vez sem querer me distanciar da discussão central, esse trecho ressoa com a experiência que tive no hospital pediátrico com a criança de pelos longos, mas loiros e finos, e a residente que não os viu. Isso me faz perceber que o pelo, por si só, não necessariamente nos diz muita coisa. Segui-los através dos emaranhamentos entre sexo, gênero, raça e humanidade nos permite visualizar essa fabricação do pelo como algo que chama atenção (conspícuo, grosso, comprido, isto é, terminal) ou algo que passa despercebido (a simples penugem), entre o pelo que em alguns não deveria estar lá e o pelo que normalmente está presente.

Além da questão racial, a questão de sexo e gênero entra em discussão, pois as tabelas usadas para comparar as graduações de pilosidade em homens e mulheres simplesmente não possuem nenhuma correspondência (*do not correspond at all*), o que implica, para os autores, duas explicações: “os dois sexos não são comparáveis quando o assunto é a variação de pelos corporais ou o problema é o método de agrupamento” (*ibidem*)¹⁴³. A primeira explicação implicaria dizer que os estímulos para produção de pelos corporais são distintos, implicando em uma discussão endócrina, não desenvolvida pelos autores. Quanto à segunda explicação, os autores afirmam que outros 436 soldados, além dos 1000 já mencionados, foram classificados “em uma base ligeiramente diferente” (*on a slightly different basis*). A graduação 0, que para os outros soldados incluía apenas os pelos pubianos, axilares e hipogástricos, passou a incluir “muito poucos pelos no peito” (*very few hairs on the chest*). A partir dessa nova cartografia dos pelos, as graduações da distribuição entre homens e mulheres se aproximaram e, apesar de ainda não ser uma “boa concordância” (*good agreement*), os novos resultados estão “muito mais próximos” (*much closer*) do que os resultados anteriores. A partir dessas novas informações,

¹⁴¹ “We must consequently admit that the evidence, so far as it goes, indicates that individuals with dark hair on the head are, on the whole, inclined to have more terminal hair on the body than do lighter haired subjects.”

¹⁴² “The number classed as grade 1 in body hairiness is essentially the same in both groups but the light Italians show nearly twice as many graded 2, 3 and 4. This is suggestive of a true racial difference independent of pigmentation but it is in no sense conclusive.”

¹⁴³ “[...] the two sexes may not be comparable when it comes to variation in body hair, or the method of grouping may be faulty.”

três conclusões foram oferecidas: a “divisão natural” (*natural division*) entre a graduação mais baixa e a seguinte dos homens não é aquela “arbitrariamente estabelecida” (*arbitrarily established*) para analisar a maioria da informação sobre os soldados; mais da metade de mulheres estariam numa graduação que indicaria nenhum pelo terminal no corpo exceto os que normalmente estariam lá (pubianos e axilares); e mais da metade dos homens estariam numa graduação que indicaria um máximo de desenvolvimento de pelos hipogástricos e uma quantidade bastante moderada de pelos no peito e ao redor das aréolas (*idem*, p. 264-265).

* * *

O trabalho feito até esse momento centrou-se em aspectos gerais do crescimento capilar, detalhando algumas das fabricações conceituais e clínicas presentes nestes artigos. Como afirma Barad, a medição realmente aproxima questões discursivas e materiais de maneira excelente, evidenciando como essas duas dimensões são coproduzidas. Não há um crescimento desejado de pelos corporais sem os instrumentos necessários para tal análise: ora a pesagem dos pelos, ora um destaque à distância e à intensidade de luz para observação e, em grande medida, a menção à observação subjetiva que encontra concretude dos corpos observados. Outro comentário interessante de Barad é sobre os conceitos: eles não são ideações, mas “arranjos físicos específicos” (Barad, 2007)¹⁴⁴. Tal noção de conceito não implica a pré-existência de sujeito observador e objeto observado ou de sujeito e objeto de conhecimento. Tais posições surgem a partir do corte agencial (*agential cut*) que, neste caso, os especialistas fizeram ao se interessarem em medir e tipificar os tipos de crescimento e de distribuição dos pelos corporais¹⁴⁵.

* * *

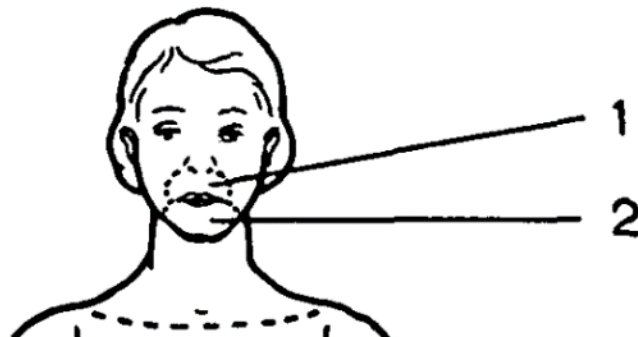
Os pelos faciais, ainda que não sejam o escopo central de muitos dos artigos aqui lidos, ocupam uma parte considerável dos estudos mobilizados por Ferriman e Gallwey e são elementos importantes da *Escala Ferriman-Gallwey* (Figuras 13 e 14). No entanto, o último trabalho entre esses estudos toca diretamente no assunto. Também em 1922, Mildred Trotter publicou sozinha um artigo chamado *A Study of Facial Hair in the White and Negro Races*, que

¹⁴⁴ “specific physical arrangements”

¹⁴⁵ No último capítulo desta dissertação, um dos trabalhos ao que me dedicarei a elaborar para além de uma discussão mais teórica da cisgeneridade, será desenvolver melhor as implicações para essa discussão a partir do aparato teórico-metodológico dos estudos da ciência.

é mencionado por Danforth e Trotter (1922) quando eles estão discutindo a causalidade entre cabelos escuros e a maior visibilidade dos pelos corporais. Segundo esse trecho, “medidas cuidadosas feitas pela pesquisadora júnior [isto é, a própria Trotter] sobre pelos faciais de uma série considerável de mulheres mostrou que *a estimativa da quantidade de pelos terminais, mesmo quando as condições são favoráveis, não pode de forma alguma ser precisa*” Danforth; Trotter, 1922, p. 263, ênfase minha)¹⁴⁶.

Figura 13 — Ênfase nas áreas faciais (o lábio e o queixo) a partir da graduação de Ferriman e Gallwey



Fonte: Ferriman; Gallwey, 1961, p. 1443

Figura 14 — Graduação de 1 a 4 de pelos faciais (lábios e queixo) a partir da *Escala Ferriman-Gallwey modificada* (FGm)



Fonte: Hatch *et al*, 1981, p. 816

¹⁴⁶ “Careful measurements which the junior author made on facial hairs from a considerable series of women showed that estimation of the amount of terminal hair, even when conditions are favorable, may be by no means accurate.”

Neste outro artigo de 1922, onde Trotter afirma que a barba é a característica secundária masculina mais óbvia, ela também afirma que a barba é regulada por fatores associados ao sexo e à raça, mas questiona quais fatores são esses e como eles funcionam (Trotter, 1922, p. 273). Ressoando algumas das preocupações do artigo publicado com Danforth, Trotter afirma que o desconhecimento de seu funcionamento pode ser devido à “incerteza quanto à quantidade real e distribuição de pelos em diferentes grupos, em razão dos métodos inadequados de exame”¹⁴⁷ (*ibidem*). Trotter parte de três pressupostos: 1) os negros (*the negro race*) têm menos pelos que os brancos (*the white race*); 2) os homens têm pelos faciais mais numerosos do que as mulheres; e 3) a hipertricose ocorre mais frequentemente em mulheres de cabelo escuro do que em mulheres de cabelo claro (*ibidem*). O objetivo do trabalho de Trotter, portanto, é “oferecer informações mais precisas sobre a condição normal e a faixa de variação dos pelos faciais em homens e mulheres brancos e negros (*men and women of the white and negro races*)” (*idem*, p. 273-274)¹⁴⁸.

O estudo de Trotter analisou 1461 pacientes clínicos, dentre os quais, 256 eram homens brancos, 689 mulheres brancas, 127 homens negros e 389 mulheres negras; 36 cadáveres de 23 homens brancos, 2 mulheres brancas, 8 homens negros e 3 mulheres negras; e 41 fetos, dentre os quais 26 eram do sexo masculino branco, 14 do sexo feminino branco e apenas 1 do sexo masculino negro. A idade variava entre 2 e 75 anos de idade e os cadáveres tinham, em sua maioria, mais de 40 anos de idade. Para análise *in situ*, isto é, no corpo, Trotter utilizou um pedaço de arame com um círculo torcido com área de 24,3 mm quadrados em uma das pontas, enquanto a outra foi torcida para melhor manuseio. O círculo, de 24,3 mm quadrados, era posicionado sobre o corpo e com auxílio de uma lente, os pelos presentes eram contados. Trotter elencou cinco regiões (Figura 15), as enumerou de 1 à 5 e as descreveu da seguinte forma: a região 1 é o centro do queixo; 2 é o ponto a um quarto de distância do centro do queixo e o trago; 3 é o ponto da bochecha a metade da distância entre o canto lateral da base alar do nariz e o trago; 4 é o ponto do lábio superior à metade da distância entre o centro e o canto da boca, logo acima da região sem pelo; e 5 é o ponto do lábio inferior à metade da distância entre o centro e o canto da boca, logo abaixo da região sem pelo (*idem*, p. 274-275).

¹⁴⁷ “[...] uncertainty as to the actual amount and distribution of hair in different groups, due for the most part to inadequate methods of examination.”

¹⁴⁸ “[...] supply more accurate information as to the normal condition and range of variation in the facial hair in men and women of the white and negro races. [...]”

Figura 15 — As cinco regiões faciais do estudo de Trotter

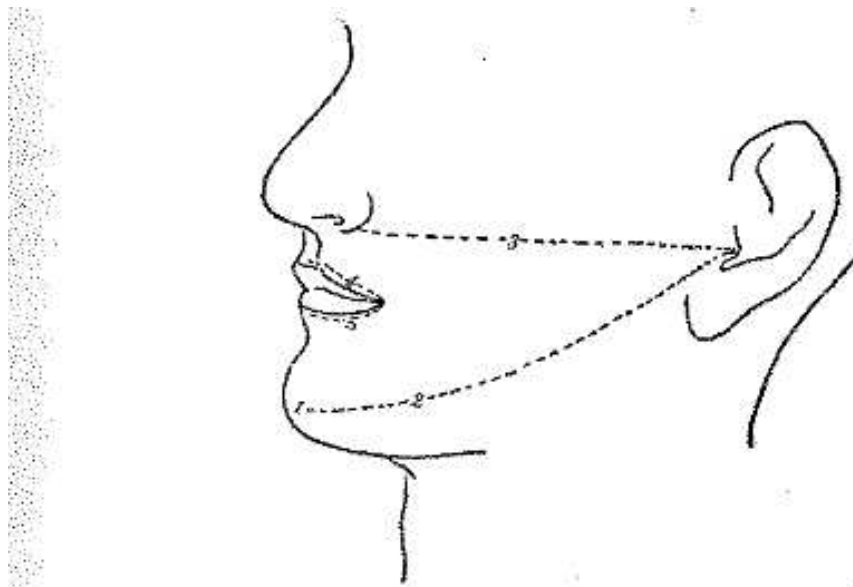


Figure 1. Sketch to show the location of the regions which were examined. The broken lines show the course of the string, and the numbers show the spots over which the wire circle was placed.

Fonte: Trotter, 1922, p. 275

Segundo Trotter (*idem*, p. 276), alguns fatores influenciaram os resultados, como, por exemplo, a dificuldade em encontrar o local exato para comparação no rosto de pessoas diferentes assim como selecionar os pelos representativos de uma dada área ao contá-los, havendo aí “possíveis fontes de erro”. Para lidar com os possíveis erros, em um grupo de mulheres, meninas e meninos com menos de quinze anos de idade, analisando dez pessoas de cada um desses grupos etários, entre 10 e 12 pelos foram medidos, estabelecendo a moda (o valor mais comum) e a variação (a diferença entre o menor e o maior pelo em relação à moda). Apesar de a autora empregar técnicas de visualização que melhor possibilitam enxergar os pelos, ela percebeu que a visibilidade nos vivos é diferente daquela nos cadáveres, fato evidenciado pela observação mais detalhada feita na pele do segundo grupo, que indicou um aumento exponencial de presença de pelos tanto em homens quanto em mulheres. Por conta disso, Trotter afirma que “o número exato de pelos em qualquer região não pode ser exatamente definido nos vivos” (*idem*, p. 277)¹⁴⁹ e, conseqüentemente, as comparações entre os sexos são possíveis se a observação em ambos for uniforme. Continua Trotter que, ainda que o tamanho dos pelos não variou nos fetos de sexos diferentes, “nos adultos, apesar do tecido dos homens

¹⁴⁹ “[...] the exact number of hairs in any given area cannot be definitely determined in the living.”

ter mostrado muitos pelos maiores do que no tecido das mulheres, os menores pelos das mulheres não eram menores do que os menores pelos dos homens” (*ibidem*)¹⁵⁰.

Uma tabela indica que o valor modal é quase sempre o mesmo para todos, pois os valores entre homens negros e brancos, entre mulheres negras e brancas, mas também entre homens e mulheres brancas e homens e mulheres negras não variaram em grande medida (Figura 16). Isso não impede a autora de chegar a certas conclusões, como, por exemplo, afirmar que a diferença sexual “mais marcante” (*most striking*) é o comprimento dos pelos faciais, por exemplo, das áreas 4 e 3, isto é, lábio superior e bochecha. Se o valor modal para os pelos do lábio superior é o mesmo para crianças até 10 anos de idade (2 mm), ele muda no período entre os 11 e 20 anos. No caso de mulheres brancas, ele muda de 2 mm para 4 mm, permanecendo assim o restante da vida, e, no caso de mulheres negras, ele muda para 3 mm pois, como afirma a autora, “nessa raça, o tamanho médio aumenta mais devagar do que [na outra]” ¹⁵¹ (*idem*, p. 281), o que se repete com os pelos presentes na bochecha.

Figura 16 — A constância do valor modal e a diferença na variação em relação à moda

	White				Colored			
	Male		Female		Male		Female	
Mode Range	Mode	Range	Mode	Range	Mode	Range	Mode	Range
3 (cheek)	18	15-37	18	10-31	18	15-31	18	11-27
2 (between chin and ear)	21	15-40	21	11-32	21	14-38	21	11-30
1 (chin)	22	15-41	22	10-35	22	16-40	22	10-34
5 (lower lip)	24	14-43	24	12-36	24	15-40	24	14-32
4 (upper lip)	26	16-48	26	13-38	26	15-41	26	12-38

Fonte: Trotter, 1922, p. 279

No entanto, a autora continua, o diâmetro do pelo é a melhor opção disponível para comparação entre sexo, idade e raça, pois o tamanho das barbas e bigodes disponíveis não é longo o bastante para medir seu comprimento ou a pigmentação. O diâmetro do pelo aumenta nos dois sexos conforme a idade avança. Por volta do período entre os 11 e 20 anos de idade, por exemplo, o valor modal do diâmetro dos pelos do lábio superior aumenta para .115 mm, em homens, e .023 mm em mulheres. Há, de acordo com as palavras de Trotter, uma similaridade marcante (*striking*) entre o diâmetro dos pelos do lábio superior e da bochecha de mulheres negras e brancas. Entre homens negros e brancos, no entanto, apesar de haver um aumento do

¹⁵⁰ “In the adults, although the male tissue showed many hairs of larger size than any in the female tissue, the smallest hairs in the female were no smaller than the smallest hairs in the male.”

¹⁵¹ “In this race, the average length increases more slowly than in the white race.”

valor modal do diâmetro dos pelos dessas duas áreas, “o aumento na raça negra é muito mais gradual e conseqüentemente não chega à uma medida alta como os pelos dos homens brancos” (*idem*, p. 285)¹⁵². Ela continua e afirma que “os homens brancos superam os homens negros em termos de diâmetro no pelo do lábio em .035 mm e no pelo da bochecha em .052 mm” (*ibidem*)¹⁵³. Portanto, as mudanças que Trotter analisa, imperceptíveis a olho nu, levam em conta a diferença sexual e racial como anteriores à própria análise que ela está propondo fazer. Os pelos faciais de homens brancos e negros e mulheres brancas e negras, portanto, já são enquadrados dessa forma de antemão, isto é, eles são sempre e já diferentes em termos de gênero e de raça.

Trotter finaliza o artigo com um comentário interessante sobre hipertricose ou aumento excessivo de pelos faciais e mulheres¹⁵⁴. Como ela observou que o comprimento e o diâmetro dos pelos aumentaram regularmente com o avançar da idade, a identificação de hipertricose aumenta com o passar dos anos. Portanto, a hipertricose é utilizada como uma forma de diagnóstico para o aumento “natural” dos pelos, algo que acontece tanto em homens quanto em mulheres, mas que será clinicamente observado e tratado somente em mulheres. Ela afirma, inclusive, que normalmente o que é lido como hipertricose é uma mudança na aparência dos pelos: ele pode ser normal quanto ao comprimento ou diâmetro e, por outro lado, ter aumentado em diâmetro ou comprimento, respectivamente, ou, simplesmente, ser mais pigmentado (*idem*, p. 287-288).

Em 1957, Thomas e Ferriman chegaram a conclusões diferentes das de Trotter. Os números de Thomas e Ferriman mostram que, de fato, o número de graduações 3-4 (graduações mais “severas”) para pelos faciais em mulheres aumenta mais marcadamente a partir da quinta década de vida (55-64 anos de idade) indo de 8,5% dos casos para 20% dos casos, o que, nas décadas anteriores, ocorre de maneira mais gradual: entre os 15 e os 54 anos de idade, a incidência mais alta é de 10,5% dos casos em mulheres entre 35-44 anos de idade. Eles se diferem dos resultados observados por Trotter para quem há uma mudança gradual da vida jovem à vida adulta e, então, à velhice, um aumento sempre presente e constante ao passo que Thomas e Ferriman observaram que o aumento acontece de maneira acentuada em um determinado momento, qual seja, a partir dos 54 anos de idade.

¹⁵² “[...] the increase in the negro race is much more gradual and consequently does not reach such a high measurement as does the hair of the white men.”

¹⁵³ “The white men surpass the negro men in the diameter of lip hair by .035 mm and of the cheek hair by .052 mm.”

¹⁵⁴ Este é um dos casos em que a diferença entre hirsutismo e hipertricose não é obviamente definida.

Nos comentários finais do artigo, Thomas e Ferriman (1957, p. 180) comentam que “é provável que as diferenças no crescimento dos pelos corporais entre homens e mulheres sejam uma questão de grau ao invés de o reflexo de uma diferença mais fundamental na distribuição de pelos”¹⁵⁵. Isto é, apesar de diferirem de Trotter na interpretação quanto ao diagnóstico de hirsutismo facial de mulheres (é uma mudança notável em determinado momento e não algo gradual que perdura a vida toda) e apesar de eles entenderem que a diferença de distribuição de pelos é uma questão de graduação, eles se mantêm firme ao diagnóstico de hirsutismo. Em outras palavras, apesar de haver um constantemente entendimento de que essas diferenças não são o reflexo de uma diferença “interior mais fundamental” – que, nesse caso, acredito se tratar de uma diferença limiar e intransponível entre homens e mulheres –, os médicos aqui implicados insistem em afirmar que há um crescimento anormal dos pelos corporais, particularmente e quase exclusivamente no caso de mulheres cisgêneras. As descrições das quatro graduações dos pelos faciais de Thomas e Ferriman, que vão desde alguns pelos irregulares a um bigode quase completo (*reaching virtually to the mid-line*), no caso dos pelos do lábio superior e, no caso dos pelos do queixo e pescoço, desde alguns pelos dispersos à uma barba completa (*a frank beard*) (*idem*, p. 173-174) estão representadas na Figura 17.

Para além da observação de Trotter mencionada acima, Beek, seguindo o trabalho de C. H. Danforth, oferece uma classificação de três tipos de pelo. Aqui destaco o trecho que afirma que “o pelo verdadeiramente sexual [é] representado pela barba do homem e menos evidentemente pelo pelo terminal nos ombros, peito e abdômen” (Beek, 1950, p. 318)¹⁵⁶ ainda que na página seguinte afirme que “é difícil definir as regiões típicas do crescimento masculino de pelos corporais [uma vez que] barba e bigode são frequentemente encontrados em mulheres” (*idem*, p. 319)¹⁵⁷. Como os textos são repletos dessas aparentes contradições, é interessante pensar como, devido a recusa dos pelos em se deixarem encaixar em uma categoria ou graduação únicas, cabe ao fenômeno que emerge a partir do encontro dos olhos de quem os vê determinar qual será sua categoria, graduação ou tipo – uma determinação arbitrária, no sentido de Barad, isto é, fabricada.

¹⁵⁵ “It is likely that the differences in body hair growth between males and females are a matter of degree rather than a reflection of a more fundamental difference in hair distribution.”

¹⁵⁶ “the truly sexual hair which is represented by the beard of the male and less clearly by the terminal hair on shoulders, anterior chest, and abdomen.”

¹⁵⁷ “[...] it is difficult to define the typical male regions of hair-growth. Beard and moustache are frequently found in females.”

Figura 17 —Reprodução visual das graduações na escala de Thomas e Ferriman

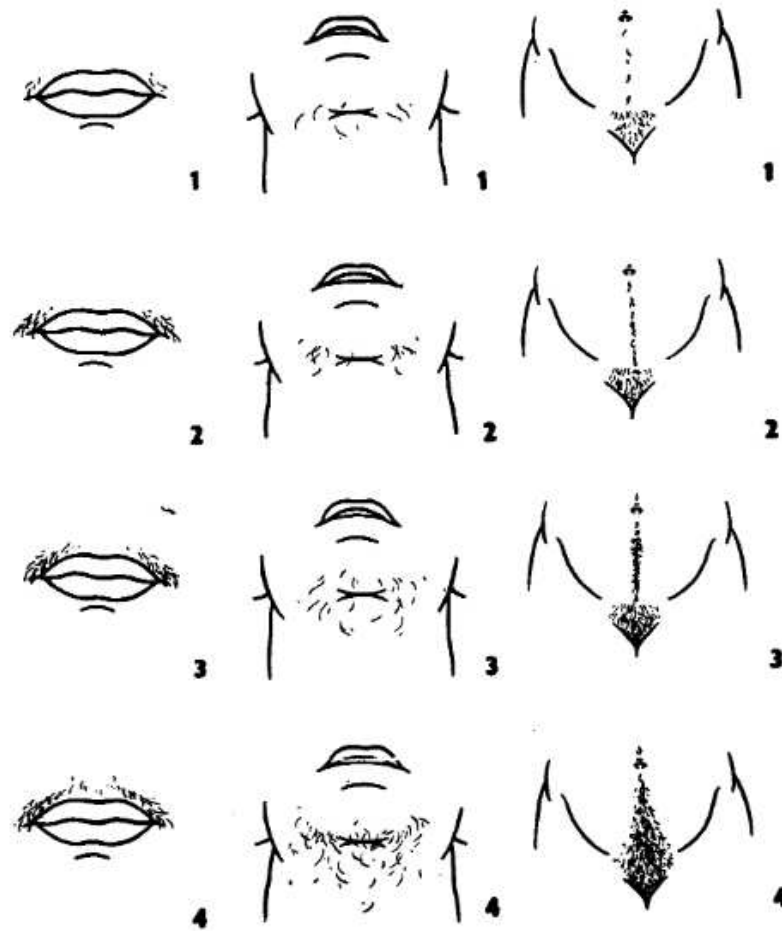


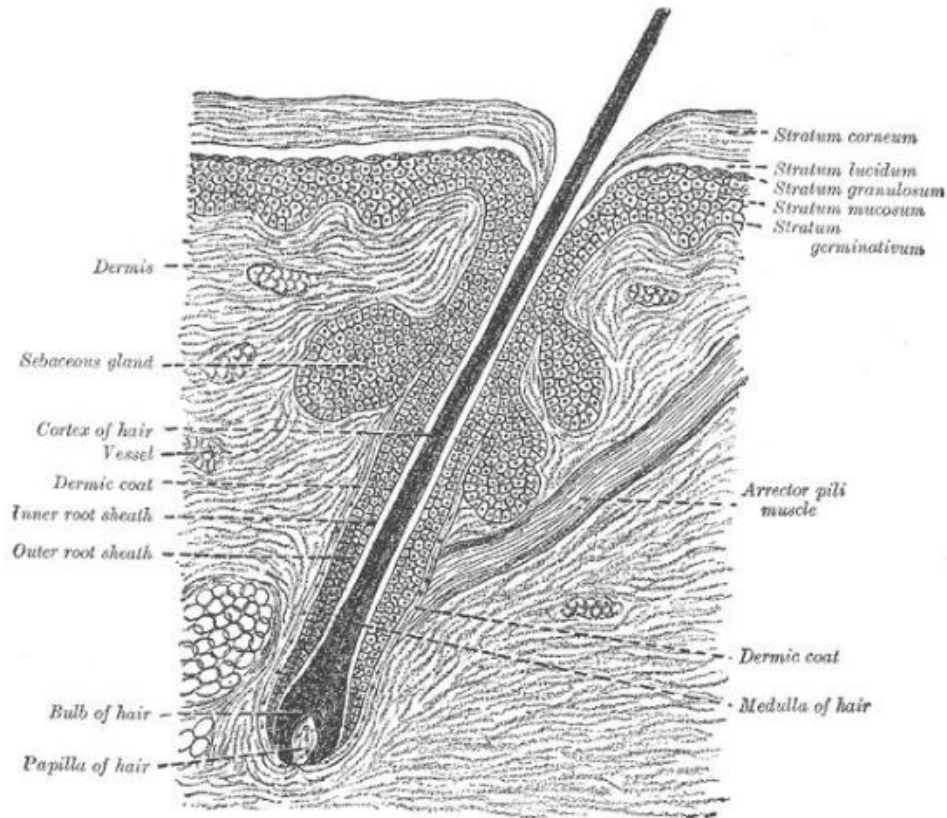
Fig. 1 Sketches illustrating grading adopted for degrees of hair growth on lip, chin and lower abdomen.

Fonte: Thomas; Ferriman, 1957, p. 174

A demarcação entre dois sexos ou dois gêneros distintos, por exemplo, pode parecer ser simplesmente o enquadramento que possibilita ler os pelos como pertencendo a uma categoria ou outra, como sendo de uma graduação ou de outra. No entanto, o que percebemos é que a escolha metodológica em lançar mão da análise subjetiva para medir os pelos não é só agenciada e possibilitada pela diferença sexual como, simultaneamente, a produz. Não há, de antemão, pelos femininos ou masculinos — há tão somente hastes queratinizadas compostas de três camadas (a cutícula, o córtex e a medula) que respondem e interagem diferentemente ao organismo (Figura 18). Essa interação entre pelos corporais, incluindo os cabelos, e hormônios sexuais ou os hormônios de crescimento, por exemplo, é o que será tomado pelos médicos dos artigos como algo dado, um fenômeno comum e indispensável à metafísica ocidental resultante da pressuposta divisão ontológica entre o conhecimento (aquilo que nos permite conhecer algo, aqui a graduação dos pelos), o conhecido (neste caso, os pelos em suas interações orgânicas) e

o conhecedor (dermatologistas, endocrinologistas, etc.) (Barad, 2003, p. 804). Os pelos são sempre e já engendrados, enquanto o gênero está sempre e já emaranhado aos pelos.

Figura 18: Estrutura de um folículo capilar publicado em *Anatomy of the Human Body* de Henry Gray (1858)



Fonte: Herzig, 2015

Por exemplo, na classificação hormonal (*hormonal classification*) que Garn estabelece, baseada em “diferenças quantitativa e qualitativas de hormônios necessários tanto para ‘estimular’ (*trigger*) quanto para manter (*maintain*) o crescimento [dos pelos]” (Garn, 1951, p. 500), há três tipos de pelos corporais:

(1) os pelos que não dependem de hormônios esteroides, mas que são influenciados por mudanças na produção de hormônios do crescimento e às vezes inibidos pelos hormônios androgênicos [...]; (2) os pelos dependentes de quantidades femininas de hormônios esteroides [...] (3) os pelos dependentes de quantidades masculinas de hormônios esteroides. (Garn, 1951, p. 500)¹⁵⁸

¹⁵⁸ “(1) Hair not dependent upon steroid hormones, but Suenced by changes in growth-hormone output and sometimes inhibited by androgenic hormones [...] (2) Hair dependent upon female amounts of steroid hormones [...] (3) Hair dependent upon male amounts of steroid hormones [...]”

Entre os pelos corporais estimulados ou mantidos pela segunda categoria hormonal (a feminina), Garn destaca os pelos púbico e axilar, os pelos dos braços e pernas e, “em menor grau”, os pelos hipogástricos, isto é, da região abdominal e pélvica. Entre os pelos estimulados e mantidos pela terceira categoria hormonal (a masculina), os pelos faciais, e os da cabeça como um todo, estão presentes: os pelos da barba e do bigode, os do nariz e das orelhas e os das costas. Tal informação é interessante quando somos lembrados, em um subtítulo de seu artigo intitulado *Rating Hirsutism in Man*, como o sistema de classificação por ele descrito é uma ótima ferramenta para identificar indivíduos relativamente glabros ou pilosos. Dos 239 homens estudados por Garn, todos possuem barba de acordo com a tabela de frequência de pelos terminais nas 10 regiões que ele elencou para estudo (*idem*, p. 504). Para conseguir determinar quem é glabro ou piloso, Garn afirma que comparar a frequência de aparecimento de pelos corporais em cada região é uma ótima opção de estudo de diferenças raciais, além de que comparar o total de áreas com aparecimento de pelos terminais daria um ótimo estudo comparativo entre os sexos.

Garn escolhe uma terceira opção de análise comparativa: a soma da quantidade total de pelos por região em todas as regiões, variando de 0 a 40 (pois há 4 graduações e 10 regiões observadas). A partir desse cálculo, Garn afirma que os indivíduos (todos homens cisgêneros) com uma soma entre 0 e 5 são os chamados glabros e os classificados acima de 18 são os pilosos, enquanto aqueles entre 8 e 9 têm uma quantidade modal de pelos corporais, isto é, são os mais comuns e, portanto, os normais. Garn não oferece nenhuma explicação sobre sua decisão dos cortes (0-5; 6-17; 18-33) mas afirma, no decorrer do mesmo parágrafo, que “obviamente essas classificações são, em algum grau, subjetivas, mas menos subjetivas do que muitos métodos ainda em uso, além de que o observador não tem que se apoiar em suas próprias ideias do que é um grau médio de pilosidade” (*idem*, p. 506)¹⁵⁹. Ou seja, os pelos faciais (barba e bigode) são produzidos por hormônios masculinos e, conseqüentemente, estão presentes em homens. Isso não é questionado por que se parte do pressuposto de que homens têm barba¹⁶⁰, e, por isso, o conjunto de homens cisgêneros brancos estudados por Garn correspondem à sua expectativa quanto à masculinidade e sua pilosidade. É por isso que, quando Garn se propõe a estudar hirsutismo em homens, ele não precisa se preocupar com a quantidade ou frequência dos pelos nas várias regiões, podendo escolher um método que simplesmente contará a

¹⁵⁹ “Obviously the ratings are to some degree subjective, but less subjective than many methods still in use, and the observer does not have to rely on his own idea of what an average degree of hairiness is.”

¹⁶⁰ Como veremos mais à frente, a ausência de barba e bigode nos indígenas foi notada por diversos intelectuais euroamericanos nos primeiros encontros entre eles e os povos do “Novo Mundo”.

graduação dos pelos presente em todo o corpo, pois a presença deles, inclusive no rosto, já é pressuposta para seu estudo, ao contrário da pressuposta ausência de pelos em mulheres.

De acordo com Shah (1957, p. 1258), é “absolutamente incomum” (*absolutely unusual*) a presença de pelos faciais em mulheres “normais”, isto é, as não-hirsutas (*nonhirsute women*), ao passo que a presença de pelos no abdômen, no braço e nas nádegas é “relativamente incomum” (*relatively uncommon*). Em contrapartida, apenas um homem não tinha pelos faciais quantificáveis, isto é, “ausência de pelos em uma quantidade mensurável”¹⁶¹, ao passo que pelos faciais foi a mais frequente das regiões com quantidade de pelos mensurável em homens (*idem*, p. 1261). No entanto, Shah ressoa Beek (1950) quando esse afirma que talvez não exista, de fato, uma distinção entre o crescimento de pelos corporais de homens e mulheres, no seguinte trecho:

Como Beek sugeriu, é concebível que não existam regiões tipicamente masculina ou feminina de crescimento de pelos corporais, mas sentimos que a menos que desenvolvamos um método razoavelmente preciso para medição quantitativa, será difícil traçar um limite entre a variação normal e anormal de crescimento de pelos corporais em mulheres de vários grupos étnicos. (*idem*, p. 1262-1263)¹⁶²

Essa afirmação feita por Shah pode muito bem resumir o que venho tentando evidenciar até aqui. Os casos limítrofes que demandaram impressão subjetiva, como os quais nos falaram Ferriman e Gallwey no primeiro artigo (1961, p. 1441), portanto, talvez não sejam incomuns. Ao contrário, uma vez que a impressão subjetiva participou da maioria dos testes e estudos aqui analisados, podemos questionar se a avaliação dos pelos corporais não foi subsumida a certos padrões de masculinidade e feminilidade que já intra-agiam com o arcabouço subjetivo desses médicos. Ou, em outras palavras, se a intra-ação de alguns elementos materiais com outros discursivos não foi trazida à tona exatamente devido à inextricabilidade de todos os elementos em jogo. Ao evidenciar a subjetividade dos médicos implicada na produção de conhecimento e na prática científica, não estou querendo diminuir a validade do trabalho aqui lido. Acredito, como é colocado por Nancy Stepan (1982), que esses médicos estavam produzindo dados a partir das melhores condições que dispunham. Talvez, como afirmou Preciado muitos anos mais tarde sobre o caráter modificável do gênero e da identidade sexual, a maior radicalidade do construcionismo esteja nos trabalhos de médicos (Preciado, 2022b, p. 134).

¹⁶¹ [...] absence of hair in a measurable quantity on the face [...].”

¹⁶² “As suggested by Beek, it is conceivable that there are no typical male or female regions of hair growth but we feel that unless a reasonably accurate method for quantitative measurement of body hair is evolved, it is going to be difficult to draw a base line between a variation of normal and abnormal hair growth in women of various ethnic groups.”

A partir dos elementos aqui colocados e para finalizar o presente momento deste trabalho, gostaria de discutir um pouco sobre os pelos faciais, o bigode e a barba a partir do trabalho de Londa Schiebinger (2013). Buscarei apresentar algumas pontuações sobre o papel dos pelos faciais na composição de padrões raciais e de gênero, buscando organizar alguns elementos argumentativos sobre a cisgeneridade a serem mais bem desenvolvidos no último capítulo.

3.3 AFINAL, QUEM TEM BARBA?

De acordo com Londa Schiebinger, mas também como é demonstrado por Foucault (2017) e Laqueur (2001), o século XVIII é marcado pela organização de um arcabouço discursivo que trata de questões de gênero, sexo e raça como temas centrais. Há o surgimento “de uma literatura vasta e, ainda em grande parte, inexplorada sobre a anatomia tanto da raça quanto do sexo [...]” (Schiebinger, 2013, p. 116)¹⁶³. Schiebinger (*idem*, p. 116-117), interessada nas influências do gênero nos estudos raciais e vice-versa, comenta quão extraordinário é que “investigadores admiravam tanto uma característica sexual secundária como a barba, ao ponto de elencarem sua presença ou ausência um importante marcador racial.”¹⁶⁴ Portanto, não parece ser atoa que, apesar de mulheres negras terem pelos faciais em menor quantidade e espessura que mulheres brancas, Trotter afirme que os homens brancos “superem” os homens negros nesse quesito. A barba não funciona somente como um indicador de masculinidade — o que nem sempre foi o caso, como veremos mais adiante — mas, em determinados contextos, ela também indicará superioridade intelectual, moral e física. Nas páginas que se seguem, gostaria de oferecer um panorama sobre os pelos faciais. No último capítulo, retomarei a conversa sobre eles para discutir, teoricamente, a materialização da cisgeneridade através do caso de uma mulher trans diagnosticada com hirsutismo.

Uma pergunta que pairava, por exemplo, entre os antropólogos físicos e os estatísticos do século XIX, mas também entre os anatomistas e naturalistas de um século antes estudados por Schiebinger, era sobre qual característica melhor define e delimita as diferenças raciais ou sexuais. Como tem sido demonstrado pelos estudos voltados à normalidade e sua força normativa, como é o caso, por exemplo, dos estudos da branquitude, os brancos não são um

¹⁶³ “[...] a vast and still largely unexplored literature on the anatomy of both race and sex [...]”

¹⁶⁴ “It is extraordinary [...] that male investigator should have thought so highly of a secondary sexual characteristic such as the beard that they made its presence or absence an important marker of race”.

grupo de pessoas “sem raça” ou “não racializados” mas, ao contrário, são racializados como tal. Isto é, uma das características da branquitude como uma métrica de humanidade é fazer-se passar por uma não-raça ao aproximar um conjunto díspar de pessoas e manifestações material-semióticas, como a arquitetura, a música e instituições europeias, tratando esse conjunto difuso como evidente, sempre e já o ápice das capacidades mentais e físicas humanas. De acordo com Schiebinger (*idem*, p. 119), uma das características dessa literatura anatômica inexplorada do século XVIII é “ênfatar as distinções entre grupos ao minimizar suas variações internas”¹⁶⁵, como no caso do trabalho de Samuel Thomas von Soemmerring, onde “negro” significava “um corpo negro universal abarcando todas as pessoas africanas sem atenção à herança cultural, região ou até mesmo sexo” ao passo que “europeu” se referia a “um corpo branco genérico incluindo pessoas de compleições tão distintas quanto àquelas vivendo na Grécia e Noruega, Rússia e França” (*ibidem*)¹⁶⁶.

Os pelos, como vimos até agora, funcionaram muito bem como um referente de distinção sexual, ao ponto de terem desenvolvido uma categoria diagnóstica voltada, ao que me parece, menos em dizer que mulheres não deveriam ter pelos corporais ou faciais, e mais com o intuito de afirmar que mulheres não os têm. Além disso, os pelos corporais, especialmente os faciais, tiveram também a função de distinguir “as variedades do homem”, ao ponto de um diagrama de 1848 identificar o tipo “caucasiano” (*caucasian*) como “*bearded type*”, isto é, “aquele que tem barba”, uma separação entre “nações homogêneas de barbados e desprovidos de barba”¹⁶⁷ (Smith, 1848, p. 279 *apud* Withey, 2021, p. 75) (Figura 19). Assim como outras “características ideais” identificadas como sendo “dos brancos” ou encontrada “nos brancos”, como o tamanho do crânio ou o ângulo facial ideais, a presença da barba era um sinal de distinção social e superioridade moral e física para as pessoas europeias não só dos séculos XVIII e XIX. Como veremos, o papel distintivo e taxonômico dos pelos faciais, especialmente da barba, estava presente desde os primeiros contatos entre colonizadores e colonizados.

Uma vez que a ordem social estava conectada com a ordem natural das coisas, a barba não era somente um ornamento a ser exibido, mas estava implicada “necessariamente [em] contínuas disputas sobre a soberania dos governos nativos, a santidade dos tratados e o uso apropriado de força federal” (Herzig, 2015, p. 23)¹⁶⁸. Isto é, a barba encapsulava tanto questões

¹⁶⁵ “[...] underscore distinctions between groups by downplaying variation within those groups”.

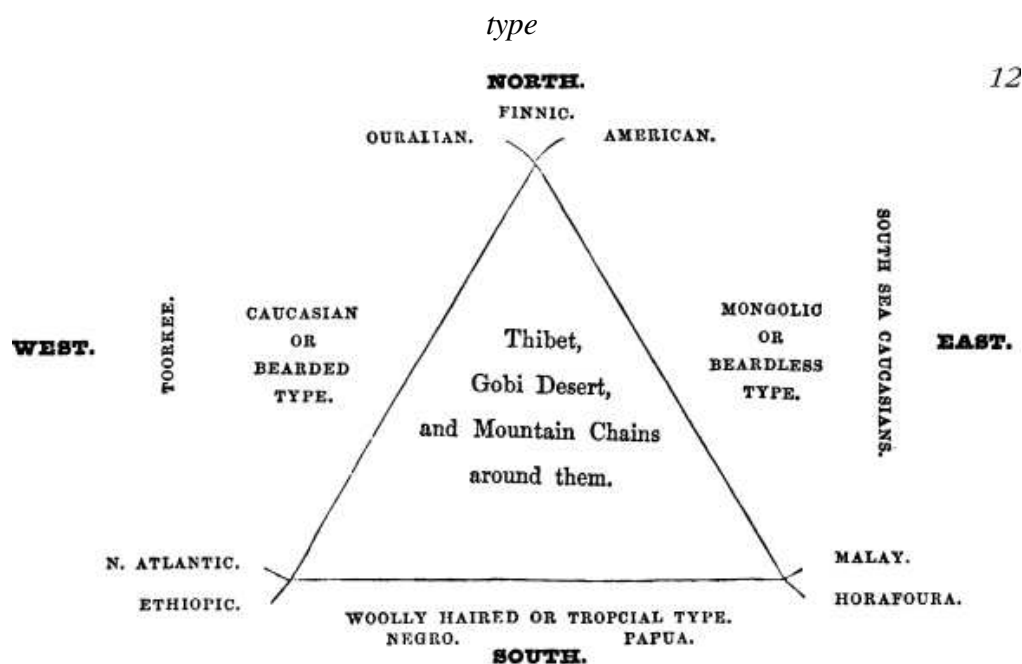
¹⁶⁶ “The Negro [...] signified a universal black body embracing all people of Africa without attention to cultural heritage, region, or even sex. [...] European referred to a generic white body, including peoples of complexion as different as those living in Greece and Norway, Russia and France.”

¹⁶⁷ “[...] homogeneous nations of the bearded and the beardless forms”

¹⁶⁸ “[...] necessarily engaged larger, ongoing disputes over the sovereignty of Native governments, the sanctity of treaties, and the appropriate use of federal force.”

políticas quanto biológicas. De acordo com Rebecca Herzig, os debates sobre a barba coagulam certos anseios e ansiedades sociais, aproximando questões raciais e de gênero na relação dos colonizadores europeus e as populações nativas da América do Norte. Como ela afirma, “a maioria dos debates sobre a depilação (*depilation*) indígena focava sua atenção em corpos masculinos, especificamente nas barbas”¹⁶⁹ (*ibidem*). Consequentemente, de acordo com a autora, tais debates tinham, por objetivo central discutir a possibilidade ou capacidade de assimilação dos povos indígenas aos modos e costumes europeus: “[...] observadores europeus e norte-americanos [se questionavam] se os indígenas poderiam ser convertidos ao estilo de vida europeu ou se uma diferença mais fundamental e inalterável tornava tal assimilação impossível”¹⁷⁰ (*idem*, p. 20). Os pelos faciais, isto é, a barba foi um dos mais importantes objetos de investigações filosóficas e políticas voltadas à questão da capacidade moral e intelectual dos povos colonizados.

Figura 19 — Diferenciação racial e taxonômica a partir dos pelos: *bearded type* e *beardless type*



Fonte: Smith, 1852 reproduzido em Schiebinger, 2013

Por volta da mesma época que o diagrama acima foi publicado, as preferências estéticas inglesas estavam passando por certas mudanças, das quais destaco a transição de costeletas para uma barba completa. Se até então um rosto coberto de pelos indicava sinais políticos de

¹⁶⁹ “[...] most of the debate over Indian depilation focused on male bodies, and specifically male beards.”

¹⁷⁰ “[...] whether Indians might be converted to European ways of life, or whether some fundamental, unalterable difference rendered assimilation impossible.”

radicalismo e anarquia, a partir de tal mudança estética uma barba cheia e bem cuidada passava a ser símbolo de masculinidade, enquanto sua ausência tornou-se símbolo de feminilidade (Shafe, 2015, p. 24; Withey, 2021, p. 33-78). Neste contexto, a palavra “efeminado” (*effeminate*) e noções de feminilidade “era[m] utilizada[s] para descrever coisas tidas como débeis ou sem vigor, particularmente aquelas coisas sem nenhum dos atributos então associados com a masculinidade”¹⁷¹ (Shafe, 2015, p. 26). Compartilhando raízes etimológicas com o adjetivo “feminino”, em 1871 a palavra “feminista” era utilizada pelo médico francês Faneau de la Cour para nomear a impossibilidade dos homens que sofriam de tuberculose de “desenvolverem os atributos espirituais e físicos masculinos” e, mais tarde, foi utilizada por Alexandre Dumas como insulto para os homens que apoiavam o movimento sufragista (Preciado, 2018b, p. 7).

Não só ter uma barba como cuidar dela era um trabalho masculino, uma vez que o trabalho de barbeiros era desempenhado exclusivamente por homens (Figura 20). Durante o século XVIII e até o início do XIX, o ofício de barbeiro era considerado simultaneamente perigoso e prestigioso, uma vez que o barbeiro deveria cuidar de doenças contagiosas, como a sífilis, assim como evitar o derramamento de sangue de seus clientes, compartilhando de certo reconhecimento social por ser membro da mesma classe que os médicos (*medical physick*) através da “manipulação manual dos corpos”¹⁷² (Herzig, 2015, p. 37; Withey, 2021, p. 81-105). Tal “emblema de masculinidade” (*badge of masculinity*) (Schiebinger, 2013, p. 120), isto é, possuir a barba demarcava uma diferença intransponível entre homens e todos aqueles que acabaram sendo hierarquicamente classificados em sua relação, como as mulheres, os homens negros da África e homens indígenas da América do Norte e, em última estância, seres-mais-que-humanos ou, simplesmente, não-humanos.

O fato de uma característica sexual secundária como a barba ser um elemento de tamanha importância é resultante do mesmo interesse que delimitou a investigação do tamanho craniano ou da simetria facial: a questão de descobrir a verdade sobre a humanidade diz respeito aos Homens e aos estudos das práticas e corpos masculinos. Devido a lógica hierárquica que distinguia as pessoas entre superiores ou inferiores de acordo com a proximidade ou distância em relação ao padrão incorporado genericamente pelo homem branco europeu (o Homem), a presença ou ausência de barba não era simplesmente um efeito biológico da distinção-complementar do dimorfismo sexual, cada vez mais presente a partir de meados do século

¹⁷¹ “It was used to describe things that were regarded as unhealthy and lacking vigour, particularly those that lacked any of the attributes then associated with masculinity.”

¹⁷² “[...] manual manipulation of bodies.”

XVIII. Em outras palavras, o destaque dado aos pelos faciais não é simplesmente contingencial; os pelos corporais se emaranham ao conjunto de mudanças epistêmicas e ontológicas acontecendo especialmente na Europa dos séculos XVII, XVIII e XIX, influenciando a forma como pensamos até hoje. Se, eventualmente, ainda ouvimos que a capacidade intelectual de mulheres cisgêneras é inferior à de homens cisgêneros devido à sua morfologia (hormônios, incapacidade física) ou que seja possível identificar criminosos a partir de seu fenótipo (como acontece quando ataques violentos são perpetrados em escolas), não consigo me recordar de ter ouvido alguém dizer que a ausência de barba em mulheres cisgêneras fosse a fonte de suas incapacidades intelectuais e morais. No entanto, esse era o caso entre os séculos XVII e XVIII.

Figura 20 — A prática do cuidado e da remoção da barba: uma prática masculina



Figure 5.1 Jost Amman, a barbershop, undated. Copyright Wellcome Collection.

Fonte: Withey, 2021, p. 96

Se no século XIX e XX, as mulheres com pelos faciais em demasia serão enquadradas principalmente a partir de duas práticas discursivas, quais sejam, a paciente hirsuta com necessidades médicas e psicológicas e a mulher barbada dos circos, shows de aberração e apresentações em praças públicas — uma prática discursiva já demonstrada, e outra a ser trabalhada no próximo capítulo —, intelectuais como médicos, filósofos e antropólogos dessa época também “viam a ausência de barbas em mulheres como uma confirmação de seu caráter menos nobre”, isto é, inferior e ordinário (Schiebinger, 2013, p. 125). A ideia da mulher branca como uma falha ou como menos evoluída era possível a partir de sua comparação com o homem branco, entendendo que todos — tanto humanos quanto não-humanos — tinham a tendência à evolução em um sentido positivo de melhoramento: a mulher era, nas palavras da época e como resultado de uma longa tradição de comparação “entre os sexos”, um homem não desenvolvido. Dentro da ideia de uma continuidade do inferior ao superior, do simples ao complexo e do imperfeito ao perfeito e levando em conta as intra-ações entre gênero, sexo, raça e humanidade que vim destacando até agora, a barba, assim como os pelos corporais, não é uma simples característica biológica, e sim um emaranhamento fisiológico e social, um fenômeno naturalcultural (Barad, 2007) cabendo entender que, da forma como ela é enquadrada por práticas discursivas de saber-poder, “[sua posse] deve ser considerada como uma característica geral de nossa raça” (Brooks, 1883, p. 110 apud Russett, 1989, p. 75)¹⁷³.

Para Helkiah Crooke, médico do século XVII, a barba, um sinal de superioridade, não estava presente em mulheres devido ao fato “[delas] nascerem sujeitas aos homens” (Schiebinger, 2013, p. 125). Alguns anos mais tarde, em sua manifestação contra a produção de conhecimento científico por mulheres, Immanuel Kant equipará a posse da barba à posse da capacidade de fazer ciência, afirmando que mulheres estudadas “poderiam simplesmente ter uma barba, uma vez que sua posse expressa, de uma forma mais reconhecível, a profundidade [intelectual por elas] almejada” (Kant, 1900-1919, p. 229-230 apud Schiebinger, 2013, p. 125). Olympe de Gouge teve seu trabalho sobre escravidão (*Zamore et Mirza ou l’Esclavage des noirs*, 1784) desprezado pois possuir uma barba seria um pressuposto para se produzir um trabalho grandioso (Schiebinger, 2013, p. 246-247, nota 35)¹⁷⁴. A ausência de barba, neste caso, era a manifestação de uma anomalia do desenvolvimento, e as mulheres, assim como os “selvagens efeminados” de alhures, “diferenciavam menos do tipo embrionário comum e

¹⁷³ “[the] profession of a beard must be regarded as a general characteristic of our race [...]”

¹⁷⁴ Nove anos mais tarde, em 3 de novembro de 1793, Olympe de Gouges foi decapitada sob acusação de abandono dos cuidados domésticos e envolvimento na vida pública francesa (Schiebinger, 2013, p. 179).

primitivo” do qual todos teríamos originado mas que apenas o homem europeu de barba cheia melhor se distinguia (Russet, 1989, p. 74-75). Ao contrário de como afirmam os especialistas que escreveram os artigos que embasam o diagnóstico de Hirsutismo, para quem os pelos faciais não existem em mulheres ou que sua presença ali seria motivo de preocupação, para Brooks, um zoólogo do século XIX, “quando uma mulher, seja por doença, mutilação ou velhice, assume semelhança com o homem, tal mudança é um avanço” (*ibidem*)¹⁷⁵.

* * *

Durante este capítulo, trabalhei com o diagnóstico de hirsutismo. Iniciei com a retomada da antropometria para contextualizar sócio e historicamente a prática que mais tarde seria frequentemente utilizada pelos especialistas interessados no crescimento e distribuição adequados dos pelos corporais. Vimos como a noção de “adequado” funcionava similarmente, e em momentos substituiu, a noção de normal. Ela, por sua vez, precisava ser delimitada de antemão para analisar e apontar aqueles corpos que estão dentro do padrão esperado e desejado (normal) e aqueles que estão fora desse padrão (hirsutas). Tendo isso em mente, percebemos como a distinção entre homens e mulheres, isto é, o dimorfismo sexual intra-agia com os pelos corporais no estabelecimento, de antemão, da presença e do crescimento de pelos corporais esperados. Uma vez que o conjunto de textos analisados tratavam de uma gama diversa de áreas observadas, chegando até onze em alguns casos, decidi dedicar mais atenção a uma delas, a região facial. Em alguns casos, a região facial era subdividida somente entre os pelos em cima dos lábios e no queixo, em outros os pelos de toda a região facial eram analisados, em alguns casos se falava em “barba” e em outros não. Uma das perguntas que provocou essa pesquisa foi “pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo?” e como tratarei exatamente disso no último capítulo, decidi dedicar algumas páginas sobre o problema da barba, que muito frequentemente foi definida como exclusivamente masculina. Como demonstrei, os pelos faciais não são meramente engendrados por discussões de gênero, mas estão emaranhados em diversos debates, entre eles os raciais e políticos.

Como busquei evidenciar, utilizando a teoria performativa de Barad, os pelos corporais não eram simplesmente produzidos nesse movimento, ou seja, eles não eram simplesmente indicados como sendo “masculinos” ou “femininos”. Entendendo os pelos como agentes na produção de conhecimento, os casos de crescimento e distribuição limítrofes — aqueles casos

¹⁷⁵ "when a female, from disease or mutilation or old age, assumes a resemblance to the male, the change is an advance."

em que se via um padrão masculino em uma mulher ou feminino em um homem — evidenciaram o caráter intra-ativo do fenômeno observado. Não observamos meramente a produção dos pelos a partir dos padrões de gênero, mas vimos como os pelos questionavam e colocavam em xeque as definições médicas, contribuindo na produção de diagnósticos e tratamentos. No próximo capítulo, dedicarei minha atenção às questões raciais e dos limites entre o humano e não-humano, no entanto, sem deixar os debates sobre gênero e sexualidade de lado. Nas páginas que se seguem, falarei sobre humanos e não-humanos, especificamente sobre algumas mulheres e alguns macacos. Neste capítulo, trabalharei com os casos de Viola M., Julia Pastrana e Krao Farini, mulheres cuja conspicuidade dos pelos corporais, em intra-ção com questões de humanidade, de civilidade e de raça, foram enquadradas de maneiras distintas, ora sendo tratadas como possíveis pacientes de clínicas estéticas, ora como atrações principais de *freak shows*. Como demonstrarei, as vidas delas estavam completamente emaranhadas aos temas de sexo, gênero, raça e, especialmente, humanidade que emergiram no final do século XVII e que perduram, de certa forma, até os dias de hoje. Neste capítulo, gostaria de evidenciar a forma como a cisgeneridade, ao ser elaborada como um aparato de visualização, nos possibilita ver particularidades na sua materialização que dizem respeito aos limites entre humanos e não-humanos. Ao trabalhar com o estabelecimento de tais limites, meu interesse é relacionar e complexificar o debate sobre o que é considerado homem/masculino e mulher/feminino através de questões raciais e de civilidade com o intuito de, novamente, contar uma história/história diferente da cisgeneridade. Trata-se, portanto, de continuar seguindo os fios e os nós dos pelos corporais nesse emaranhamento complexo entre gênero, sexo, raça e humanidade.

4 EVOLUCIONISMO

Se o homem primitivo, quando possuía pouquíssimas artes do tipo mais rudimentar e quando seu poder de linguagem era extremamente imperfeito, teria merecido ser chamado de homem, isso deve depender da definição que empregarmos. Em uma série de formas que se graduam insensivelmente de alguma criatura semelhante a um macaco até o homem como ele existe agora, seria impossível fixar em qualquer ponto definido quando o termo "homem" deveria ser usado. *Mas essa é uma questão de pouca importância.*¹⁷⁶

Charles Darwin, *The Descent of Man*, 1871, vol. 1, p. 235

No capítulo anterior, caminhamos pelos meandros do diagnóstico de Hirsutismo, passando pela importância da antropometria, uma prática conhecida por seus efeitos nocivos, ora vista como uma pseudociência, ora utilizada em algumas áreas de conhecimento, inclusive até os dias de hoje. Ao invés de prestar atenção à sua incapacidade de “informar a realidade como ela é”, tratei dela como uma “prática científica real”, isto é, produzida em contextos científicos nos quais sua capacidade descritiva era tomada como certa e verdadeira. A partir disso, apresentei o uso da antropometria por médicos e antropólogos interessados em discutir o crescimento, a quantidade e a distribuição adequadas de pelos corporais em homens e mulheres através do diagnóstico de Hirsutismo. Os fios dessa história nos levaram ao pelos faciais por ser um elemento distintivo não só nos processos de engendramento humano, mas também no processo de racialização: uma barba cheia e bem cuidada era uma característica não só de masculinidade, mas também de distinção hierárquica dos brancos.

Antes de retomar o problema dos pelos faciais e explorar mais detalhadamente a questão “é possível uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo?”, o presente capítulo seguirá os fios de práticas que distanciam e diferenciam o humano do não-humano e, no processo, fabricam fronteiras raciais. Me esforçarei em articular as ideias aqui expostas através de uma noção material-semiótica de raça (M’charek, 2013), dando ênfase às práticas material-discursivas da teoria evolucionista. Seguindo Barad (2007) e M’charek (2013), fronteiras raciais e de humanidade, assim como homem/mulher e masculino/feminino, não preexistem aos elementos diferenciais que a compõem. Isto é, humano e não-humano ou as diferentes raças

¹⁷⁶ “Whether primeval man, when he possessed very few arts of the rudest kind, and when his power of language was extremely imperfect, would have deserved to be called man, must depend on the definition which we employ. In a series of forms graduating insensibly from some ape-like creature to man as he now exists, it would be impossible to fix on any definite point when the term "man" ought to be used. But this is a matter of very little importance.”

como “realidades tangíveis” ou “verdades biológicas” não são elementos fechados em si mesmos, com características ontológicas ou, até mesmo, epistemológicas próprias. Ao contrário, tal distinção é estabelecida pela escolha de certas características que definem humanos e não-humanos relativa e diferencialmente a partir do estabelecimento de certas fronteiras e exclusões. Neste capítulo, as figuras centrais serão os estudos evolucionistas, sua comparação entre primatas humanos e não-humanos e as mulheres barbadas, tomando o caso de Krao Farini como paradigmático, dado que a conspicuidade *anormal* dos pelos corporais fez com que ela fosse comparada a macacos e exibidas publicamente como exemplo vivo do “elo perdido” darwiniano, evidenciando a relação entre teoria científica, a indústria de entretenimento e a produção de “verdades”. Tratar-se-á, portanto, de entender como “animalidade” e “incivilidade” ou as fronteiras entre o humano e o não-humano e as fronteiras raciais não são características intrínsecas, mas fabricadas. Sua fabricação será observada nos trabalhos de três teóricos evolucionistas, através dos quais buscarei traçar o papel do fio condutor dessa dissertação, isto é, os pelos corporais. Partindo do trabalho sobre raça de Amade M’charek (2013; 2014) e o enredando ao trabalho de Barad (2007), buscarei demonstrar como as fronteiras de raça e humanidade funcionam na materialização da cisgeneridade.

4.1 “PARA ALÉM” DO GÊNERO E DO SEXO...

Quando Viviane Vergueiro (2015) propôs o conceito de cisgeneridade como uma análise das “colonialidades sobre corpos e gênero inconformes”, isto é, sobre *cistemas* acadêmicos, médicos e legais, a autora buscava evidenciar como o *cistema* sexo/gênero é uma rede de complexas relações sociohistóricas e técnicas mediada pelo colonialismo. Entre essas complexas relações, Vergueiro nos faz prestar atenção não só à forma como padrões de gênero e sexo estão necessariamente ligados a fronteiras raciais, mas principalmente que o caráter cisnormativo da cisgeneridade se encontra na hierarquia, também racializada, entre pessoas cisgêneras e pessoas trans. Em suas próprias palavras, notar a inferiorização e desumanização pelas quais “as diversidades corporais e de identidades de gênero” passam nos levaria a notar a “hierarquização sistêmica e interseccional das perspectivas cisgêneras acima das diversidades corporais e de identidades de gênero” (Vergueiro, 2015, p. 42). Há no trabalho de Vergueiro um esforço em complexificar “o que se fala” e “sobre o que se fala” ao falarmos em “cisgeneridade”, algo que também procuro fazer nessa dissertação. Para além da constatação de diferenças de gênero e de sexo, Vergueiro se esforça em mostrar os efeitos prolongados que

a colonização teve e ainda tem sobre as experiências corporificadas de gênero, sexo e raça, e, especialmente, sobre corpos e identidades de gênero inconformes.

Na mesma linha de raciocínio, Letícia Nascimento (2021, p. 100) afirma que o conceito de cisgeneridade, para além de “uma proposta de definição para os corpos não trans* [...] é uma categoria analítica usada pelo transfeminismo para questionar os privilégios dos corpos que se entendem dentro de uma perspectiva naturalizante e essencialista de gênero”. Citando Vergueiro, Nascimento afirma que o que está em disputa é a própria percepção da naturalidade do gênero ou do sexo de toda e qualquer pessoa: “o modo colonial de produção de nossos gêneros [...] vai além de uma assimetria entre os gêneros [...] [se ancorando] numa base bioessencialista de definição das nossas experiências, impondo um padrão exclusivamente binário de correspondência entre sexo [...] e gênero [...]” (*idem*, p. 101). Compreender o gênero a partir do paradigma colonial implica não só levar em conta a desnaturalização dos padrões e das experiências engendradas, o que Vergueiro chama de “inflexões decoloniais”, como ter em mente que uma gama de corporeidades foi dizimada a partir do encontro colonial. O que houve, podemos dizer, foi um processo de enquadramento das mais diversas manifestações material-semióticas do e no corpo à visão colonial de dois gêneros, dois sexos e dois corpos. Tal enquadramento, para além da redução das próprias possibilidades somáticas aos limites do conhecimento científico europeu, também instaurou regimes de violência e desumanização que muitas pessoas já tiveram que lidar e muitas outras lidam ainda hoje.

Nessa dissertação, portanto, estou me esforçando em levar em conta o que intelectuais como Viviane Vergueiro (2015) e Letícia Nascimento (2021) propõem. Sendo assim, pensar com o conceito de cisgeneridade implica se atentar à fabricação, eminentemente colonial, de fronteiras raciais e de civilidade que se prolongam até hoje, me atentando especialmente à produção da materialização da raça e da humanidade. Com o intuito de contar uma outra história/estória da cisgeneridade a partir dos pelos corporais, caminharei entre debates evolucionistas sobre raça, humanidade e animalidade, me embrenhando em certas demarcações espaço-temporais ainda não discutidas no debate sobre cisgeneridade. Como ficará evidente com o decorrer do texto, meu objetivo é investigar, seguindo o fio dos pelos corporais, os limites raciais que diferenciam humanos de não-humanos e a compreensão sobre o monstruoso que lhe é corolário. Além da construção do argumento etnográfico, o presente capítulo também busca historicizar a cisgeneridade para além do momento espaço-temporal da criação do conceito, relacionando-o aos debates sobre racismo científico. Não parto de uma ideia estanque ou pré-discursiva de raça, mas, inspirando-me no trabalho de M’Charek e visando produzir uma abordagem fabulativa, gostaria de atentar-me à fatualidade e ficcionalidade simultâneas da raça

(M'charek, 2013, p. 435). Ao final do capítulo, essa discussão será trabalhada a partir da história de vida e da conspicuidade dos pelos corporais das mulheres barbadas para, no próximo capítulo, tratar mais diretamente do tema da cisgeneridade.

A barba, um símbolo de superioridade intelectual, moral e física, como vimos anteriormente, não era o resultado imediato e óbvio da “simples” posse ou capacidade fisiológica de crescimento. Apesar de que evitei qualquer estabilização no capítulo anterior, pode-se entender que o papel que os pelos faciais ocuparam na distinção racial e de gênero era algo dado e a superioridade masculina, evidente, natural, talvez. Pelo contrário, devemos manter em mente que os pelos faciais, entendidos como um fenômeno, no sentido de Barad (2007), compõem e fazem parte de diversos emaranhamentos históricos, sociais, políticos e econômico complexos. Por um lado, os pelos corporais e faciais realmente foram utilizados com o intuito de reconhecer e estabelecer, isto é, fabricar fronteiras de gênero e de raça. Por outro, o historiador Alun Withey (2021) comenta que “usar ou não usar a barba era uma reação consciente à circunstância ao invés de uma decisão neutra. Usá-la, ou não, também envolvia um processo de ‘diferenciação’ (*othering*)”¹⁷⁷. Isto é, a ausência de pelos faciais, especialmente de uma barba grande, cheia e cuidada, não estava sempre e já atrelada à sentidos depreciativos.

Portanto, os pelos faciais não devem nos remeter óbvia e diretamente à superioridade de gênero, sexo, raça e humanidade. De acordo com Herzig (2015, p. 24), durante os séculos XVIII e XIX, os pelos eram “índice de capacidades políticas”, nitidamente marcado pelas distinções e hierarquizações raciais comuns à época. Entre os exemplos mencionados por Herzig, ela cita o primeiro volume de *History of the Discovery and Settlement of North America* (1777), onde o historiador escocês William Robertson defende a tese que a ausência de pelos faciais em indígenas norte-americanos era evidência de “debilidade (*debility*) natural”. O filósofo naturalista alemão Johann Friedrich Blumenbach, em *On the Natural Variety of Mankind* (1775), afirmava que a ausência de pelos era evidência da variação humana alcançada por meios artificiais. Em *The Natural History of Man; Comprising Inquiries into the Modifying Influence of Physical and Moral Agencies on the Different Tribes of the Human Family* (1843), o naturalista inglês James Cowles Prichard questionava a veracidade da afirmação de Blumenbach, afirmando que a quantidade de pelos era uma das mais conhecidas diferenças raciais, resultante de um “amor providencial pela beleza”, “uma preferência estética divinamente implantada”¹⁷⁸ (Herzig, 2015, p. 24-27). Os debates sobre os pelos corporais, além

¹⁷⁷ “[...] wearing facial hair, or not, was a conscious reaction to circumstance, rather than a neutral decision. It also involved a process of ‘othering’.”

¹⁷⁸ “[...] providential love of beauty [...] a divinely implanted aesthetic preference.”

de estarem relacionados diretamente à debates sobre a nação e diferenças raciais, eram extremamente divergentes entre si.

Se no contexto de expansão colonial, os pelos faciais aparecem como fenômenos de distinção e superioridade entre colonos e colonizados, somos convidados a pensar sobre o “enigma” (*conundrum*) (Herzig, 2015, p. 27) ou o “paradoxo desconfortável” (*awkward paradox*) (Withey, 2021, p. 51) dos rostos lisos dos homens brancos em solo europeu por volta da mesma época. De acordo com Withey (*idem*, p. 34), simultaneamente às investigações sobre pelos faciais e corporais alhures, “[o] contexto de mudanças de expectativas de conduta e aparência masculinas” implicou a reformulação de ideais masculinos, ligando os pelos faciais à características sociais indesejáveis, consequentemente tornando o ato de se barbear “um componente central na performance de masculinidade”¹⁷⁹. Ao invés de contradizer o que venho discutindo, essa informação ajuda a complexificar o debate aqui proposto, demonstrando como os pelos corporais, faciais, axilares e pubianos não são objetos estanques com uma história estabilizada e teleológica. Ao contrário, a performatividade pós-humana de Barad nos auxilia a compreender os pelos, também, como agentes e não mero objetos, com temporalidades e espacialidades distintas. Afinal de contas eles não são “meras” entidades biológicas com uma história substancial. Muito pelo contrário, os pelos estão em direta intra-ação com uma gama de diferentes agentes, humanos e não-humanos.

O “desconfortável paradoxo” estaria no fato de, “ao deliberadamente removerem suas barbas para se diferenciarem de outras nações e parecerem mais ‘civilizados’, os europeus estavam efetivamente mimetizando a aparência facial do selvagem (potencialmente efeminado ou feminilizado)”¹⁸⁰ (*idem*, p. 51). Withey nos faz prestar atenção ao fato de que, para além de padrões de gênero e de sexo, há também relações indispensáveis e racialmente mediadas entre pelos corporais e civilidade. Em um momento, a ausência de barba pôde significar a racialização de pessoas colonizadas como débeis mentais e morais, além de femininas. Em outro momento, no entanto, a mesma ausência representava o cuidado e, especialmente durante o Iluminismo, o controle que o homem civilizado exercia sobre seu corpo. De acordo com Anne McClintock (2010, p. 64), a colonização se tratou de um processo de domesticação/dominação, no qual “a ideia histórica da domesticidade mantém uma relação ambivalente com a ideia imperial de

¹⁷⁹ “[...] the context of changing gendered expectations of male conduct and appearance [...] a central component in the gendered performance of masculinity.”

¹⁸⁰ “[...] in deliberately removing their beards to differentiate themselves from other nations and appear more ‘civilized’, Europeans were effectively mimicking the facial appearance of the (potentially effeminate or feminized) ‘savage’.”

natureza, pois a ‘domesticação’ se impõe energeticamente à natureza para produzir uma esfera social que é considerada natural e universal em primeiro lugar”.

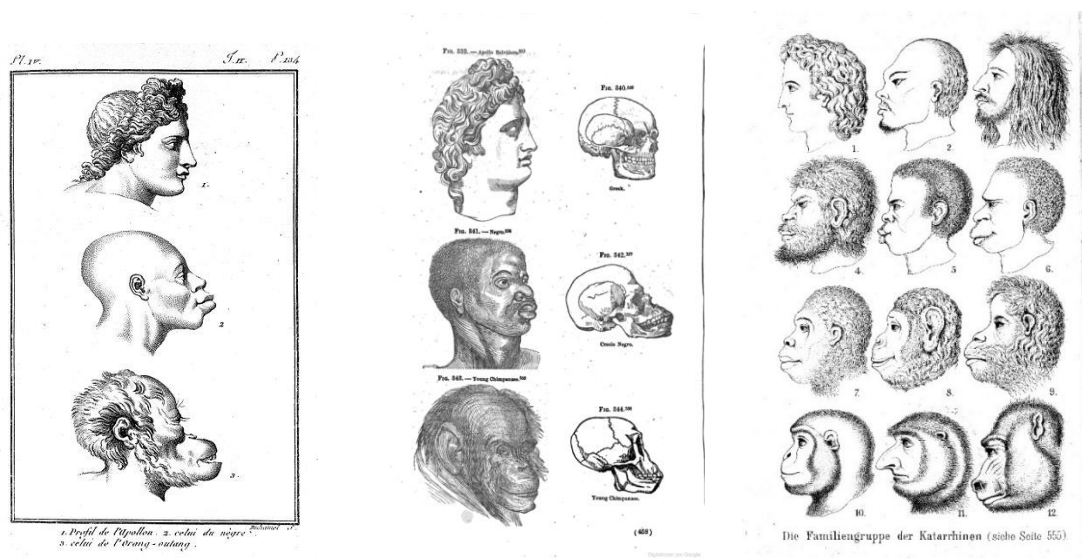
Algo bastante similar aconteceu com os pelos corporais de mulheres cisgêneras brancas na corte francesa do século XVIII. Casada com Louis-Stanislas Xavier (Louis XVIII), irmão mais novo de Louis XVI, os pelos faciais da princesa Marie-Joséphine de Savoy foram o centro de bastante atenção. Os pelos da princesa estiveram emaranhados em debates tão diversos quanto a modéstia cristã pela recusa aos caprichos da corte francesa, além de sinal de libido desenfreada, bem-vista, contudo, devido a necessidade de engravidar e oferecer um herdeiro à corte (especialmente com a ausência de um herdeiro de Louis XVI e Marie Antoinette) e o sinal de masculinidade, quando sua preferência sexual por mulheres veio à público (Chéry, 2018, p. 216-233). A somatização de padrões sociais e políticos, isto é, a relação que se procurava estabelecer entre moralidade e civilidade, por um lado, e o corpo, por outro, é um fenômeno que se manifestará, ainda que diferencialmente, tanto na colônia quanto na metrópole.

A imagem abaixo é indicativa da forma como noções de civilidade não estavam só na arena da branquitude e da masculinidade, mas também na arena de distinções de humanidade e animalidade (Figura 21). Frequentemente, a imagem genérica do homem branco europeu, o apogeu evolutivo ao qual todos deveriam aspirar ou chegar naturalmente, não possui barba. Falamos em “aspirar” ou “chegar naturalmente” pois essa era a interpretação sobre as características tidas como rudimentares ou indesejáveis pelo discurso evolucionista. Um exemplo de noções de melhoramento ou aperfeiçoamento racial como “aspiração” e “adaptação natural” é a forma como, no final do século XIX, as nádegas da “Vênus de Hotentote” eram entendidas como “mimetizando a pélvis maior das ‘raças superiores’” (Schiebinger, 2013, p. 158; 160-172). No caso dos pelos corporais em relação ao evolucionismo, a questão era mais cabeluda, uma vez que sua presença, entendida como evidência rudimentar, era mais comum em brancos. Isto, contudo, não fez Darwin questionar a humanidade ou reorganizar a escala de evolução para realocar o homem branco em um status evolutivo inferior. Curiosamente, algumas intelectuais feministas vinculadas ao evolucionismo darwinista¹⁸¹ trataram a marcada ausência de pelos corporais em mulheres como evidência da superioridade feminina em relação

¹⁸¹ A ideia de “feministas evolucionistas” ou “feministas darwinistas” que utilizo no decorrer do texto não é, como aponta Hamlin (2014, p. 16), como essas mulheres necessariamente se autodenominavam. No entanto, entendo que a nomeação escolhida por Hamlin exprime exatamente a noção de mulheres brancas de classe média heterossexuais de finais do século XIX e início do século XX que se contrapõem, ao mesmo tempo que se apropriam e utilizam, da teoria evolucionista para articular sua crítica ao lugar submisso da mulher em suas sociedades. De acordo com Hamlin, elas “acolheram a entrada da ciência nas discussões sobre os direitos das mulheres por acreditarem que a ciência proporcionava um fórum melhor do que a religião para debater diferenças sexuais e porque elas acreditavam que a ciência podia ser imparcial, embora muitas vezes ela não fosse” (*ibidem*).

ao homem. A publicação de *The Evolution of Woman: An Inquiry into the Dogma of Her Inferiority to Man*, por Eliza Burt Gamble, na virada do século XX, é um ótimo exemplo desse tipo de apropriação evolucionista (Milam, 2010, p. 25-26).

Figura 21 — Comparações raciais e interespecíficas do século XIX difundindo a ideia de avanço e aprimoramento



Fonte: Virey, 1824; Nott; Gliddon, 1854; Haeckel, 1868

As ideias de “civilidade” e “avanço” emergem a partir do enquadramento e comparação dos padrões de sociabilidade e de corporeidade de colonizadores e colonizados, como já vimos com relação a posse da barba na última sessão do capítulo anterior. Ainda que os colonizadores se encontrassem frente a uma quantidade de práticas corpóreas e de relações sociais bastante diferentes entre si, elas eram transformadas em uma única coisa nos relatos e livros escritos por esses exploradores e viajantes. O conhecimento sobre si era pautado na prática comparativa e a diferença, por sua vez, hierarquizada com base nas noções racistas de “avanço” e “civilidade”. Nesse contexto, “as culturas” dos não-brancos eram frequentemente associadas à animalidade por sua “brutalidade” ou falta de costumes comuns aos europeus. Esse tipo de associação entre humanos e animais não era incomum e, na busca por encontrar uma coesão entre a passagem do inferior ao superior, ela foi feita com elefantes, “por sua inteligência”, e com papagaios, por sua habilidade de fala”. No entanto, ela acabou se concentrando nos símios (*apes*) por ser, de acordo com naturalistas como Thomas von Soemmerring e Petrus Camper, “o animal que mais se parece com o humano” (Schiebinger, 2013, p. 145). É neste emaranhamento circunstancial e contextual de questões biológicas e culturais, políticas e naturais que padrões de civilidade,

marcadamente engendrados e racializados, vão assumindo formas mais ou menos fixas e estáveis e afetando politicamente os humanos e não-humanos envolvidos.

O objetivo desse trabalho tem sido evidenciar que a demarcação das áreas de crescimento normal de pelos corporais é ela própria carregada de história e permeada pelas mais diversas áreas de conhecimento científico. Como vimos, o diagnóstico de Hirsutismo, uma cartografia dos pelos corporais específica de seres humanos, especialmente de mulheres cisgêneras, pressupõe padrões de distribuição e crescimento estáveis, ainda que relativos. As fronteiras que evidenciei a partir de minha leitura do diagnóstico (homem/mulher; estado normal/hirsuto; padrões feminino e masculino) não são dadas, mas fabricados pelo diagnóstico se observado através do conceito de cisgeneridade. Seguindo esse objetivo, nas páginas que se seguem, buscarei tratar mais diretamente do papel que os pelos corporais tiveram na distinção humano/não-humano e nos padrões de civilidade do discurso evolucionista, para, então, abordar o problema dos pelos em relação às mulheres e aos macacos, especialmente aqueles indivíduos que borram tais fronteiras como as “monstruosas mulheres barbadas”.

4.2 RAÇA, CIVILIDADE E PELOS NA TEORIA EVOLUCIONISTA

Entre os artigos que compõem a história/estória do Hirsutismo, o de Stanley Marion Garn (1951) é o único a fazer menção à distinção humano/não-humano a partir dos pelos corporais. Apesar de este não ser o tópico central de seu artigo, o parágrafo inicial de *Types and Distribution of the Hair in Man* (1951) chama atenção para as possíveis distinções que podem ser e são feitas entre homens e símios. Ou seja, assim como um homem difere de uma mulher apenas relativamente à uma série de fronteiras que são produzidas a partir do emaranhado de práticas materiais e discursivas científicas, humanos e não-humanos e as raças também são relativamente distintos entre si.

Como veremos a seguir, Garn é um antropólogo físico com interesse nos debates sobre evolução humana e taxonomia racial, e, em seus trabalhos, adota uma noção biológica de raça. Entre esses debates, a materialidade dos pelos corporais, assim como de outros registros taxonômicos sobre os quais comentarei mais adiante, como o tamanho do crânio e da pélvis, além da cor da pele, aparecem como diferenças raciais emaranhadas. Isto é, a característica da cor da pele das nomenclaturas taxonômicas raciais “branco” e “negro”, por exemplo, se enreda à outras materialidades, como a pilosidade dos corpos. Além do mais, uma das questões que se coloca entre os evolucionistas é a divisão dos *Homo Sapiens* entre “raças distintas” ou

“subespécies” de uma mesma raça. Nesse sentido, os pelos funcionariam como um importante marcador de diferença biológica evolutiva, nomeando, por exemplo, as *bearded races* em contraponto às raças glabras, isto é, sem pelo. Apesar de que essas “materialidades biológicas” são tidas como sempre e já racializadas, meu objetivo é demonstrar exatamente como, no discurso evolucionista dos autores aqui lidos e analisados, o processo de racialização se deu. Apoiando-me na compreensão sobre raça de M’charek (2013, p. 423), para quem “diferentes tecnologias [...] produzem [...] diferentes versões de raça”¹⁸², as “diferenças biológicas talvez sejam melhor vistas como con-figurações (*con-figurations*) do trabalho científico, em que teorias, métodos e materiais [...] são configurados para apresentar um ‘fenômeno natural’”¹⁸³ (M’charek, 2014, p. 1).

4.2.1 Garn, Schultz, antropologia e raça

Por um lado, o trabalho de David Ferriman e J. D. Gallwey (1961) é sobre uma categoria diagnóstica voltada ao crescimento dos pelos corporais de mulheres cisgêneras. Ele é resultado do levantamento de dados de um conjunto de 430 mulheres londrinas. A escrita de Garn sobre pelos corporais, por outro lado, está vinculada a seus estudos sobre taxonomias raciais (1950; 1955; 1957). Nesse sentido, o trabalho de Garn está particularmente interessado em questões de estudos raciais, no sentido biológico e populacional do termo, e é baseado no levantamento de dados a partir da observação de 239 homens adultos brancos. Apesar disso, Garn não oferece uma definição de “raça” nesse artigo. Mas, se ele não oferece uma definição precisa de raça ao escrever sobre pelos corporais, ele não o deixa de fazer em outros trabalhos onde o tópico central é a raça. Para iniciar a conversa que nos interessa no momento, seria interessante retomar o trecho do artigo de Garn que me refiro:

Ao contrário de outros critérios taxonômicos, o pelo (*hair*) pode ser usado tanto para comparar o homem (*man*) com outros primatas quanto comparar subgrupos do gênero *Homo* entre si. Na *quantidade* e no *número de tipos morfológicos de pelos*, o homem difere de todos os outros primatas, enquanto na *forma*, na *distribuição* e no *crescimento dos pelos corporais*, as diferenças raciais são grandes. Não é surpreendente, portanto, que a maioria das taxonomias raciais usaram a forma e a

¹⁸² “different technologies [...] produce [...] different versions of race.”

¹⁸³ “Biological differences are perhaps best viewed as con-figurations of scientific work, where theories, methods, and materials [...] are configured to present a ‘natural phenomenon’.”

distribuição dos pelos, e algumas classificações [...] os transformaram em critério racial principal. (Garn, 1951, p. 498, ênfase minha)¹⁸⁴

Um ano antes de publicar seu artigo sobre pelos corporais, Garn publicou conjuntamente com Carleton S. Coon e Joseph B. Birdsell o livro *Races: A Study of the Problems of Race Formation in Man*¹⁸⁵. Os autores afirmam trabalhar com uma noção biológica de raça, pois os biólogos, diferentemente dos antropólogos e do público geral, não têm nenhum “motivo para controvérsia emocional” em relação ao seu objeto de estudo, isto é, a raça e os organismos não-humanos (Garn *et al*, 1950, p. 3). Partindo dessa concretude racional biológica, os autores definem raça como

uma coleção (basicamente um grupo) de indivíduos de ambos os sexos, definitivamente associados a um local ou região, que se cruzam habitualmente e possuem uma continuidade histórica na reprodução de um tipo geral; estes indivíduos tendem não só a se parecerem, mas se comportarem da mesma forma”¹⁸⁶ (*ibidem*)

Ao invés de uma descrição precisa da realidade, uma descrição cientificamente embasada, essa compreensão sobre a noção de raça pode ser definida como uma “incorporação científica da natureza”, como proposto por Haraway (1992). Os autores afirmam que “[podem] falar de raças humanas com tanta segurança quanto se [estivessem] descrevendo qualquer outra espécie”¹⁸⁷, seja ela uma mosca (*Drosophila Pseudoobscura*) ou um tipo de vegetal, como o milho (Garn *et al*, 1950, p. 3-4). É bastante interessante notar que os autores afirmam que a comparação entre primatas humanos e não-humanos tende a ser problemática, uma vez que “ainda não estamos certos se o ancestral imediato do homem era um macaco terrestre, arborícola ou se realmente era um macaco”¹⁸⁸, cabendo prestar atenção às descobertas fósseis de homínídeos paleoantropicos (Figura 22). De acordo com uma resenha publicada em 1951 no 53º volume da *American Anthropologist*, “este pequeno livro [de Garn e seus colaboradores]

¹⁸⁴ “Unlike other taxonomic criteria, hair can be used both to compare man to other primates, and to compare sub-groups of the genus *Homo* to each other. In the amount of hair, and the number of morphological types of hair, man differs from all other primates, while in the form, distribution, and development of the body hair, racial differences are great. It is not surprising, therefore, that most racial taxonomies have used hair form and distribution, and some classifications [...] have made hair the principal criterion of race.”

¹⁸⁵ É interessante pensar as redes de produção de conhecimento que essa literatura demanda. Este livro de Garn e seus colaboradores é a 77ª publicação de uma coleção chamada *American Lecture Series* editada por Adolph H. Schultz (e T. D. Stewart e W. W. Howells), um dos intelectuais que vou analisar mais adiante.

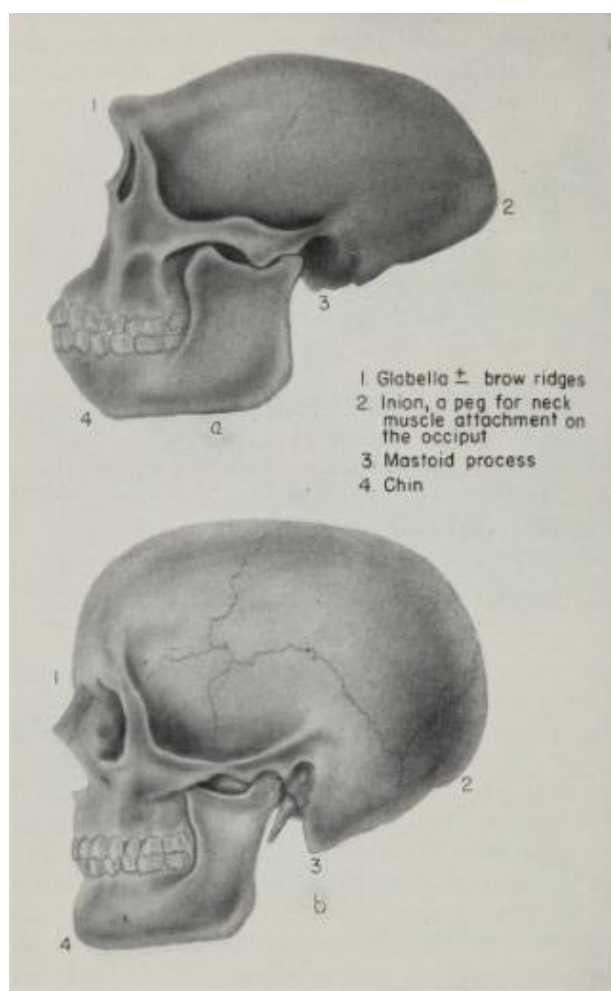
¹⁸⁶ “[...] a collection (basically a group) of individuals of both sexes, definitely associated with a place or region, habitually interbreeding, and possessing an historical continuity in the reproduction of a general type; these individuals tend not only to look alike, but also to behave alike.”

¹⁸⁷ “We can speak of races in man with as much assurance as if we were describing any other species.”

¹⁸⁸ “[...] we are not yet sure whether man’s immediate ancestor was a ground-living ape, a tree-living ape, or an ape at all.”

marca um estágio transitório no pensamento antropológico sobre raça”¹⁸⁹ (Dunn, 1951, p. 105). De acordo com essa resenha, se trata da transição de uma concepção estanque de tipos raciais fixos, definidos por características físicas gerais, em direção a uma concepção plástica e contextual. Isto é, uma noção de raça como “um estágio na evolução de uma população cruzada, marcado pela distinção de populações relacionadas na frequência relativa de alguns de seus genes”¹⁹⁰ (*ibidem*).

Figura 22 – Comparação entre o crânio de um “homem moderno (europeu)” e um hominídeo, *Pithecanthropos robustus*



Fonte: Garn *et al*, 1950

Alguns anos mais tarde, em 1957, Garn publica no 59º volume do mesmo periódico um artigo intitulado *Race and Evolution* onde afirma “[a dificuldade extraordinária] de se obter

¹⁸⁹ “This little book [...] marks a transition stage in anthropological thinking about race.”

¹⁹⁰ “[...] a stage in the evolution of an interbreeding population marked by its distinction from relative populations in the relative frequency of some of its genes.”

evidência aceitável da contínua evolução no homem (*in man*)”. O problema era a ausência de exemplos evolutivos contemporâneos, tais como a coloração escura de algumas borboletas devido à poluição industrial desde o século XIX, o chamado melanismo industrial (Garn, 1957, p. 219). No entanto, o autor afirma que a resistência à malária de quem nasce com *Anemia do Mediterrâneo* (*Talassemia*) possui valor adaptativo, isto é, evolutivo, tratando-se de uma “evidência excelente [...] de que as raças estão mudando”¹⁹¹ (*idem*, p. 221). Garn confirma sua crítica ao entendimento estanque das taxonomias raciais ao afirmar que “devemos reconhecer o fato de que as raças realmente mudam e que os critérios *que (temporariamente) distinguem uma raça de outra* são úteis para esse propósito *apenas temporariamente*”¹⁹² (*ibidem*, ênfase minha). Com isso em mente, Garn afirma que as raças humanas, isto é, as unidades taxonômicas, estão sujeitas a mudanças evolutivas e que as características que as definem estão sujeitas à seleção natural, e, “portanto, não têm valor taxonômico eterno”. O autor conclui que “todas as características utilizadas na construção de uma classificação do homem devem ter sido um grão no moinho evolucionário”¹⁹³ (*ibidem*).

No parágrafo final, afirmando diretamente o interesse de seu projeto, Garn afirma que “se somos confrontados por mudanças em vez de condições estáticas, é a mudança que devemos estudar, considerando-a um desafio à pesquisa ao invés de um obstáculo ao progresso”¹⁹⁴. O autor segue esse caminho visando “[livrar-nos] do fardo de um antepassado pré-fabricado e hipotético” (*idem*, p. 222), isto é, a figura do ancestral comum do qual os primatas, incluindo os seres humanos, teriam originado. Tal figura, em contrapartida, ocupa um papel de destaque na teoria darwiniana, especialmente em *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, originalmente publicado em 1871. Na introdução do primeiro volume de *Descent of Man*, Darwin atribui ao biólogo Ernst Haeckel a autoria do elo perdido “imaginário” entre o homem e o macaco, o *Pithecanthropus alalus*. Darwin chega a afirmar que, se Haeckel tivesse publicado seu trabalho mais cedo, “[ele] provavelmente nunca [...] teria completado [a escrita de *Descent of Man*...]” (Darwin, 1871, p. 4-5).

A compreensão de raça de Garn e seus colegas, ainda que se apoiassem em um aparato biológico que tomasse a raça como um fato evidente, “real” e “biológico”, se diferencia ao evidenciar o caráter performado e construído de quais os critérios taxonômicos que definem,

¹⁹¹ “exclent evidence that [...] races have been changing.”

¹⁹² “[...] we must now acknowledge the fact that races do change, and that the criteria that (temporarily) distinguish one race from another, are only temporarily suited to that purpose.”

¹⁹³ “[...] therefore do not have eternal taxonomic value [...] all of the characters used in constructing a classification of man must have been grist in the evolutionary mill.”

¹⁹⁴ “[...] if we are confronted with change rather than static conditions, it is change that we must study, considering it a challenge to research rather than an obstacle to progress.”

ou não, uma raça. A crítica à ideia de um antepassado comum, inclusive, é um movimento em direção a uma compreensão menos centralizada das mudanças evolutivas e das características raciais, diferente das práticas e crenças que, como vamos ver, compunham o contexto no qual Darwin e seus colegas biólogos e naturalistas se encontrava. É, portanto, nas fronteiras racialmente científicas e cientificamente raciais das teorias biológicas e naturalistas do evolucionismo sobre os limites entre o humano e o não-humano, especialmente entre os primatas humanos e não-humanos, e através da figura do elo perdido, que gostaria de desenvolver as ideias desse capítulo. Estou levando em conta o que Amade M'charek (2013, p. 421) afirma, quando ela fala que “a raça não é um objeto singular ‘lá fora’ na natureza, mas uma entidade relacional performada (*enacted*) ‘aqui’”. Levando em conta o viés fabulativo do presente trabalho – entendo fabulação como a prática crítica que problematiza e complica a distinção entre o factual e o ficcional –, “raça” não deve ser entendida, então, como *ou* um fato *ou* uma ficção (*either fact or fiction*), mas “simultaneamente factual e ficcional” (*ibidem*)¹⁹⁵. Após apresentar brevemente o que Garn entende por “raça”, detenho minha atenção à forma como a distinção humano/não-humano é fabricada a partir do problema que nos interessa, os pelos corporais. Através do texto de Garn, somos direcionados aos trabalhos de Adolph H. Schultz (1931) e Charles Darwin (1871), evolucionistas mobilizados pelo antropólogo na seguinte passagem:

A evidência de que o homem é mais piloso no tórax do que nas costas também está de acordo com as observações de Schultz [1931], que observou que a região torácica do gorila apresentou uma tendência à redução dos pelos, enquanto o peito dos humanos machos (*chest of the male humans*) de sua série era relativa ou até mesmo absolutamente mais piloso. Enquanto Darwin [1871] sugeriu que a relativa pilosidade do homem resultou da seleção preferencial de fêmeas com menos pelos ventrais (e, portanto, com maior valor de estímulo sexual) em tempos paleoantropicos, parece que a redução de pelos no homem é, na verdade, mais pronunciada nas costas. (Garn, 1951, p. 504)¹⁹⁶

Schultz foi um antropólogo físico e primatólogo alemão interessado nos estudos taxonômicos de primatas humanos e não-humanos. *The Density of Hair in Primates* (1931), artigo de Schultz que Garn menciona, é “a primeira tentativa de investigar as numerosas

¹⁹⁵ “[...] race is not a singular object ‘out there’ in nature, but a relational entity enacted ‘in here.’ [...] race is simultaneously *factual* and *fictional*.”

¹⁹⁶ “The evidence that man is hairier on the thorax than on the back is also in concordance with the observations of Schultz, who observed that the thoracic region of the gorilla showed a tendency toward hair reduction, while the chests of the human males in his series were relatively and even absolutely hairier. While Darwin suggested that man’s relative hairiness came about from the preferential selection of females with less ventral hair (and therefore greater sexual stimulus value) in paleoanthropic times, it would appear that the reduction of hair in man is actually more pronounced on the back.”

questões conectadas com o complicado problema da densidade dos pelos”¹⁹⁷ (*idem*, p. 317). Esse trabalho muito provavelmente ecoa e complexifica a observação de Danforth e Trotter, em *The Distribution of Body Hair in White Subjects* (1922), para quem além de grande parte dos trabalhos etnográficos sobre pelos corporais serem sobre os cabelos (*head hair*), eles focam em seres humanos. O autor aborda “diferentes regiões do corpo e em diferentes estágios de crescimento de diferentes tipos de primatas”¹⁹⁸, entre eles humanos, gibões, orangotangos, chimpanzés e gorilas (*idem*, p. 303). Aqui, densidade “expressa [o] número total de pelos em uma dada área [de 1 cm²] da pele”¹⁹⁹ (*ibidem*). As áreas selecionadas por Schultz são o escalpo (“exatamente no vértex” ou o ponto mais alto da abóbada craniana), as costas (“no plano médio-sagital entre os ângulos inferiores da omoplata”) e o peito (“um local que cobre a extremidade inferior do osso do peito”) (*idem*, p. 304). Similarmente aos estudiosos dos pelos corporais em humanos, Schultz (*ibidem*) define tal escolha como arbitrária, supondo que “qualquer amostra próxima e do mesmo tamanho contém uma quantidade de pelos muito semelhante”²⁰⁰, suposição que, para o autor, se mostra verdadeira de acordo com repetidos testes performados pelo ele mesmo (*idem*, p. 303-304). Diferente da maioria dos autores que vimos no capítulo anterior, Schultz trabalhou exclusivamente com sujeitos “embalsamados [a maioria dos quais] foi armazenada completamente submersa em fluido de preservação, de modo que a pele manteve [...] todos os pelos [...] presentes na morte.” (*idem*, p. 304).

O artigo aborda a densidade dos pelos em cada uma das regiões elencadas: o escalpo, as costas e o peito. Em geral, o autor afirma que as médias se mantiveram as mesmas nas diferentes espécies de primatas: o macaco-da-noite (*Aotus zonalis*) teve a maior média nas três regiões e o homem (*Homo sapiens*), a menor média. Nos comentários finais da primeira sessão, o autor afirma “[ser de] grande interesse descobrir que a densidade capilar no escalpo humano [401 fios por cm²] supassa a maioria dos macacos antropoides”²⁰¹, exceto pelos gorilas adultos (411 e 469 fios por cm², respectivamente) (*idem*, p. 308). Quanto às comparações entre os humanos, “parece haver algumas diferenças raciais em relação à densidade capilar no escalpo”²⁰² (*ibidem*). Além de seis adultos negros (uma mulher e cinco homens), três adultos brancos (uma mulher e dois homens), um adulto havaiano e um adulto chinês (ambos homens), dissecados pelo próprio autor, Schultz menciona contagens similares que foram feitas entre 1883 e 1928.

¹⁹⁷ “[...] a first attempt to investigate the numerous questions connected with the complicated problem of the density of hair.”

¹⁹⁸ “[...] different regions of the body, at different stages of growth, and in different types of primates.”

¹⁹⁹ “[...] expressed by the total number of hairs on a given area of skin.”

²⁰⁰ “[...] that any other nearby sample of equal size contains a closely similar number of hairs.”

²⁰¹ “It is of great interest to find that the density of scalp hair in man surpasses that of most anthropoid apes.”

²⁰² “[...] there seem to exist some racial differences in regard to the density of hair on the scalp.”

O autor conclui que os brancos (com uma média de 333 fios por cm²) possuem uma densidade capilar maior que os negros (297 por cm²) e que os chineses, japoneses e buriates possuem uma média consideravelmente menor que negros e brancos (*ibidem*).

Ao voltar-se às costas, Schultz (*idem*, p. 309) afirma que “é notável como os grandes primatas têm tão pouco pelo por cm²”²⁰³, demonstrando “uma tendência evolutiva geral de eliminação, ou ao menos redução, de pelos por cm² nas costas”²⁰⁴. Entre os Macacos do Velho Mundo, os hominídeos (*large apes*) e os humanos, os dois últimos estão mais próximos (280 pelos por cm² e 0 pelo por cm², respectivamente) do que os hominídeos e os Macacos do Velho Mundo (870 pelos por cm²). Com relação à densidade no peito, novamente os macacos antropoides e os humanos estão mais próximos entre si do que os macacos antropoides de outros símios (90 pelos por cm² e 1 pelo por cm²). A observação sobre a diminuição dos pelos corporais nessa área também é interpretada como uma tendência evolutiva, não sendo “restrita somente ao homem, mas também bastante acentuada em outros grandes primatas (*higher primates*), especialmente o gorila”²⁰⁵ (*idem*, p. 310).

Nesta parte do artigo, Schultz analisa a densidade absoluta, e não relativa, dos pelos corporais do escalpo, do peito e das costas. Mas o autor se questiona se “há uma relação constante entre as densidades nas diferentes regiões”²⁰⁶ (*idem*, p. 310-311), ao que o autor responde que “apesar de grande variação individual, há uma constância geral na relação entre as densidades dos pelos das diferentes regiões corporais”²⁰⁷ (*ibidem*). Isto é, “em média, o pelo nas costas é ligeiramente menos denso que o da cabeça e o pelo no peito é sempre muito menos denso que o das costas e o da cabeça”²⁰⁸ (*ibidem*). Aqui, Schultz afirma que seu estudo preliminar ofereceu as bases para um novo debate sobre a ausência de pelos (*hairlessness*) em humanos. Ao invés de fazer referência à alguma explicação especial, como a domesticação ou alguma forma de seleção, como a seleção sexual de Darwin (Schultz, 1969, p. 120), “a ausência de pelos (*hairlessness*) é uma questão de grau (*degree*)”²⁰⁹. O autor afirma que

Uma perda relativa de pelos ocorreu em outros grandes primatas, além do homem. O homem é o primata menos piloso, mas, nesse aspecto, existem diferenças muito

²⁰³ “It is very remarkable that the large apes have so few hairs per sq. cm.”

²⁰⁴ “[...] a general evolutionary tendency trend toward elimination, or at least reduction, of hair per sq. cm. on the backs [...]”

²⁰⁵ “[...] not restricted to man, but is also very pronounced in other higher primates, particularly the gorilla.”

²⁰⁶ “[...] there exists any constant relation between the densities in the different regions.”

²⁰⁷ “[...] in spite of great individual variations, there exists a general constancy in the relations between the hair densities of different bodily regions.”

²⁰⁸ “[...] on an average, the hair on the back is slightly less dense than that on the head, and that the hair on the chest is always very much less dense than that on either the back or the head.”

²⁰⁹ “[...] hairlessness is a matter of degree.”

menores entre ele e alguns símios (*apes*) do que entre esses últimos e a maioria dos macacos (*monkeys*). Em primeiro lugar, o homem tem muito mais fios de cabelo (*hairs*) no escalpo do que qualquer um dos orangotangos e chimpanzés estudados. As faixas de variação no número de pelos no peito se sobrepõem no homem e nos grandes símios (*large apes*). Por fim, a diferença entre praticamente nenhum pelo nas costas humana e 100 mil pelos nas costas de um chimpanzé perde a importância ao lado da diferença dez vezes maior entre esse chimpanzé e, por exemplo, um macaco Guenon com mais de um milhão de pelos nas costas. (*idem*, p. 313)

Em *The Life of Primates*, livro de Schultz publicado em 1969, há um capítulo inteiro sobre a questão dos pelos corporais e da pele, ainda que observações específicas sobre os pelos apareçam diluídas em grande parte do livro. Nele, o antropólogo reafirma seus achados feitos há mais de trinta anos, especialmente que a ausência de pelos nos humanos não é uma característica tão fenomenal, ainda que não haja explicações plausíveis para as discrepâncias que de fato existem e que vimos acima (especialmente a semelhança entre os grandes primatas e os humanos em relação aos demais primatas não-humanos) (Schultz, 1969, p. 119-120). Ele afirma que o “aumento localizado no comprimento dos pelos é uma característica frequente entre espécies de primatas, sendo, geralmente, limitada pelo sexo”²¹⁰ (*ibidem*), citando uma série de exemplos de características de diversas espécies, entre as quais, “a grande variedade de imponentes barbas e bigodes de algumas espécies de saguis (*marmosets*) e cercopitecos (*guenons*) [...] e, é claro, as decorações faciais de pelo do homem (*man*), geralmente mais desenvolvidas na raça branca”²¹¹. O “melhor desenvolvimento dessa característica” é retomado por Schultz no capítulo sobre diferenças sexuais e intraespecíficas. Nele, parece que os pelos aparecem como evidência de seleção sexual, como proposta por Darwin, como no caso da juba de alguns macacos que “servem provavelmente menos para proteção contra o frio do que contra antagonistas”²¹² ou pelo fato deles não serem tão desenvolvidos nas fêmeas (*idem*, p. 204). Nesse sentido, Schultz ecoa noções darwinistas sobre os pelos, especificamente de que o aparecimento e a herança de certas características não se explicam pela relação ao meio ambiente, e sim em relação à competição entre machos na conquista de fêmeas²¹³.

Ao estudar comparativamente primatas humanos e não-humanos, o trabalho de Schultz evidencia a forma como a antropologia física não está somente inserida nos debates, mas contribui ativamente na produção de fronteiras raciais e de civilidade e avanço. Isso se mostra

²¹⁰ “Localised increases in hair length are frequent species characters among primates and are often sex-limited.”

²¹¹ “[...] the great variety of imposing beards and moustaches of some species of marmosets and of guenons and, of course, the hairy facial decorations of man, generally best developed in the white race.”

²¹² “[...] serve probably less for protection against the cold than against antagonists.”

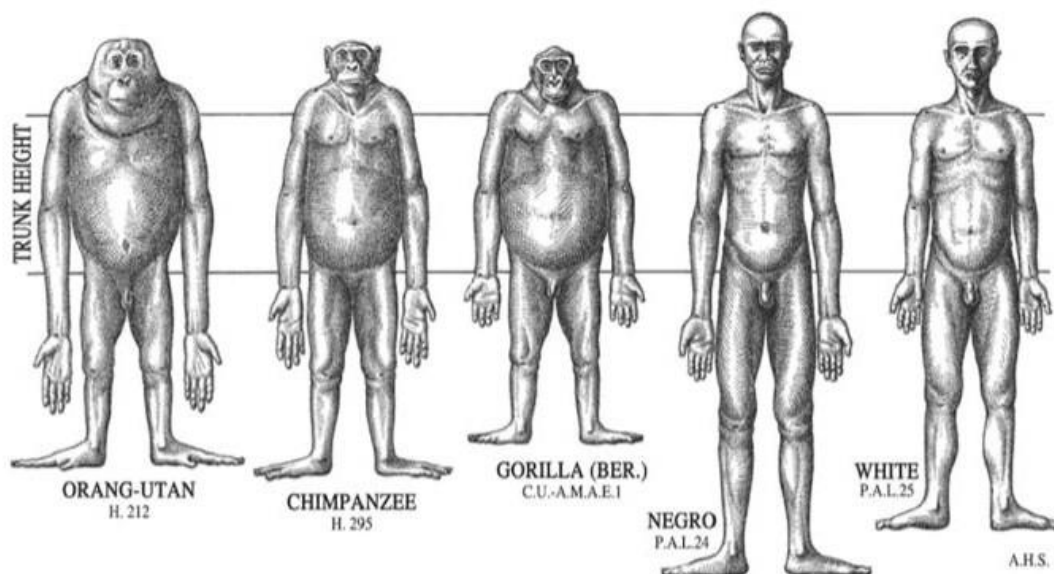
²¹³ Como veremos mais adiante, o uso de certas características pelos machos das espécies para enfrentar antagonistas na procura por possíveis fêmeas para reprodução, assim como o não aparecimento e desenvolvimento dessas características nas fêmeas são elementos centrais na teoria da seleção sexual.

de maneira mais evidente se lavarmos em conta a proposta de Ales Hrdlika de 1908, como nos lembra Jonathan Marks (2006, p. 46), que a antropologia física é “o estudo do homem branco normal sob condições medianas”²¹⁴. Neste artigo, intitulado *The Scientific and Cultural Meaning of the Odious Ape-Human Comparison*, Marks está particularmente interessado em entender como as comparações entre primatas humanos e não-humanos está mergulhada em percepções racistas, especialmente aquelas representações pré-evolucionistas, como as de Julien-Joseph Virey (1824) e Josiah Nott e George Gliddon (1857), reproduzidas algumas páginas acima na Figura 21. Marks nos remete a um texto de meados da década de 1960, também publicado na *American Anthropologist*, de autoria de Leonard Gould, intitulado *Negro = Man*. Nele, Gould está denunciando “essa prática frequente demais” (*all-too-frequent practice*) da disciplina antropológica da comparação racista entre humanos negros e outros primatas não-humanos (Gould, 1965, p. 1281). Nele, Gould se refere diretamente ao trabalho ilustrativo de Adolph Schultz.

As imagens, feitas pelo próprio Schultz, eram partes indispensáveis de seu trabalho. Ele chegou a ser descrito como um “ilustrador talentoso” por Williams Howells, editor de *Ideas on Human Evolution: Selected Essays, 1949-1961* (1962), coletânea voltada à publicação atualizada sobre o tema da evolução humana, onde um dos textos de Schultz foi publicado. Suas ilustrações são pós-evolucionistas, publicadas já no século XX, e emergem em um contexto que sua leitura pode ser reenquadrada a partir de teorias eugênicas. Isto é, no contexto do artigo de Marks, o trabalho de Schultz exemplifica como a comparação entre pessoas negras e primatas não-humanos pode ser recebida. Uma de suas ilustrações se destaca pelas escolhas feitas pelo antropólogo (Figuras 23 e 24). De acordo com Marks, essa ilustração teve versões distintas em diferentes publicações: em 1926, ela era composta de um gibão, um orangotango, um chimpanzé, um gorila e um homem branco. Em 1932, o gibão foi retirado e um homem negro foi acrescentado. Em 1933, o homem branco foi retirado, permanecendo somente o orangotango, o chimpanzé, o gorila e o homem negro, se tornando a versão definitiva dessa ilustração, a ser utilizada em futuras publicações.

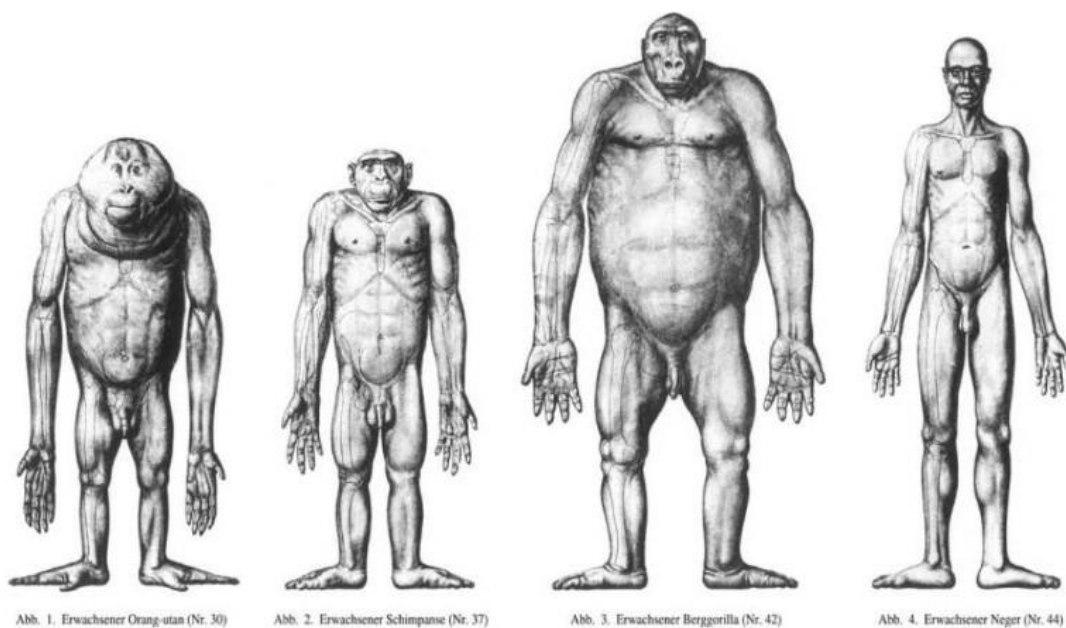
²¹⁴ “[...] the study of the normal white man living under average conditions [...]”

Figura 23 — Segunda versão da ilustração de Schultz



Fonte: Marks, 2006 [Schultz, 1932]

Figura 24 — Terceira versão de da ilustração de Schultz



Fonte: Marks, 2006 [Schultz, 1933]

Esse caso, de acordo com Marks (*idem*, p. 46), é ilustrativo dos problemas que esse tipo de comparação pode gerar: ao escolher comparar somente um homem branco a outros primatas, o resto da humanidade seria desconsiderada; ao conectar os outros primatas ao homem branco *através* do homem negro, o autor estaria nos remetendo às crenças racistas pós- e pré-

evolucionistas do negro como ponto de passagem e transição entre animalidade e humanidade; manter somente o homem negro, por outro lado, implicaria dizer que ele ofereceria um exemplar mais adequado da espécie humana, algo problematizado pelos pressupostos que colocavam o homem branco como ápice evolutivo. Além do mais, em sua versão original de 1926, a ilustração era acompanhada de uma lista de características similares entre os primatas humanos e não-humanos. Desta lista, as características similares entre negros e símios somavam nove, enquanto os brancos se aproximavam através de apenas cinco dessas características, “[sendo] difícil escapar da inferência de que, em um universo de formas raciais humanas essencializadas, em 1926 o homem negro formava um elo de ligação entre o homem branco e o símio (*ape*)”²¹⁵ (*ibidem*).

O artigo de Marks, ao criticar trabalhos que “explicam” o comportamento humano através do estudo da comparação com o comportamento de primatas não-humanos, chega à conclusão de que tais comparações devem ser compreendidas, em seu limite, metaforicamente. Por exemplo, ao comparar a capacidade mental de alguns símios com a de pessoas com deficiência para afirmar a necessidade da extensão de direitos básicos ao primeiro grupo, uma vez que o segundo grupo tem, implica a abertura da comparação e do tratamento do segundo grupo como o primeiro, isto é, sua desumanização. Não se trata de questionar ou colocar em suspenso a necessidade de direito à padrões e condições de vida básicas para primatas não-humanos viverem e morrerem menos violentamente. Se trata, ao contrário, da história/estória que se conta, os efeitos políticos e as implicações que esse tipo de comparação materializa. Como veremos, a falta de humanidade de alguns, ou o que poderíamos chamar de sua monstrosidade, foi e ainda é motivo para tratamentos cruéis, como veremos no caso de Krao Farini e, no capítulo seguinte, no caso de uma mulher transexual que, com o diagnóstico de Hirsutismo em mãos, buscou a depilação a laser no SUS e o teve negado, passando por uma miríade de situações violentas.

Que esse tipo de desumanização ainda aconteça, muitas vezes com o intuito de justificar a instauração de regimes de violência e morte, demarca exatamente um processo importante na fabricação do que define o caráter humano do “homem” ou mais adequadamente, da “humanidade”. O que entendemos por “humanidade”, de acordo com Darwin (1871, p. 235) “depende da definição [de humano] que utilizarmos”. Portanto, a humanidade, assim como a raça, não é uma questão rapidamente definida seja pelo enquadramento biológico, seja pelo enquadramento social, mas, ao contrário, “é uma configuração emergente de uma variedade de

²¹⁵ “[...] difficult to escape the inference that in a universe of essentialized human racial forms, in 1926 the black man formed a connecting link between the white man and the ape.”

relações que vão muito além do corpo somático”²¹⁶ (M’charek, 2013, p. 420). A partir do enquadramento evolucionista, o tema da humanidade era e continua sendo, como nos mostra os acontecimentos observados e relatados por Viviane Vergueiro em seu trabalho (2015), uma questão de graduação dificilmente definida (Milam, 2010, p. 9-28). Como mostra a epígrafe que abre o presente capítulo, “seria impossível fixar qualquer ponto definitivo quanto ao uso do termo ‘homem’ [no sentido de humanidade]” (Darwin, 1871, vol. 1, p. 235). Isto é, se evidências evolutivas aparecem tanto em humanos quanto em não humanos, como é o caso da diminuição de rudimentos como os pelos corporais demonstrada pelo trabalho de Schultz, como fabricamos a humanidade dos humanos e a atribuímos diferencialmente, ao ponto que algumas pessoas acabam ficando fora dessa categoria? Prestando atenção aos *insights* de Vergueiro (2015) e Nascimento (2021), atentar-se à fabricação das fronteiras entre humanos e não-humanos e sua distribuição diferencial e desigual é atentar-se aos efeitos do colonialismo, uma vez que tais fronteiras são racialmente fabricadas e instauradas.

4.2.2 Darwin, seleção sexual e a fronteira humano/não-humano

Com o intuito de continuar desenrolando o fio das estabilizações de fronteiras raciais entre humanos e não-humanos, apresentarei como esse tópico é discutido por Darwin em seu livro *Descent of Man*. Tal movimento não é à toa, pois, além de sermos remetidos ao seu trabalho pelo artigo de Garn, a teoria da seleção sexual e da herança de características masculinas e femininas associa de maneira exemplar as fronteiras sexuais e de gênero às fronteiras raciais através dos pelos, produzindo efeitos políticos sobre a pilosidade dos corpos. Nesse livro, os pelos são uma das características sexuais secundárias sobre as quais Darwin mais fala. Meu objetivo é demonstrar como a produção científica do trabalho evolucionista de Darwin fabricou tais fronteiras, instaurando regimes de racialização através de sua compreensão de evolução do inferior ao superior. A abrangência do trabalho de Darwin é tamanha que ecoa, inclusive, entre os shows de aberração, ou *freak shows*, do século XIX e que perduraram, em alguns casos, até a década de 1960.

Durante a pesquisa e a escrita de *Descent of Man*, Darwin estava interessado em demonstrar a aplicabilidade da teoria evolucionista, desenvolvida mais de dez anos antes em *On the Origins of Species* (1859), em seres humanos. No livro, Darwin explica, pela primeira

²¹⁶ “[...] is an emergent configuration of a variety of relations that go well beyond the somatic body.”

vez, as características físicas que não se justificavam sob a égide da “adaptação”, isto é, “características que eram, na melhor das hipóteses, inúteis e, na pior, prejudiciais ou letais”²¹⁷ (Herzig, 2015, p. 57; Milam, 2010, p. 1-3; Hamlin, 2014, p. 3-7). Entre elas, Darwin dedica especial atenção à coloração da plumagem de alguns pássaros, à presença de chifres em algumas espécies de ruminantes (como antílopes e cervos) e à algumas características físicas de mamíferos humanos e não-humanos, entre as quais se destacam os pelos corporais. Além de pesquisa de campo durante suas viagens, *Descent of Man* também é o resultado de um trabalho de pesquisa bibliográfica extensa.

Para além dos vários naturalistas com os quais Darwin está diretamente em diálogo, como Alfred Russel Wallace, Thomas Henry Huxley, Daniel Frederik Eschricht e o já mencionado Haeckel, “as ideias evolucionárias frequentemente atribuídas como sendo ‘descobertas’ por Darwin foram, na verdade, montadas (*pieced together*) a partir de diversas fontes; entre [as quais] estavam estudos comparativos anteriores sobre pelos”²¹⁸ (Herzig, 2015, p. 56). De acordo com Herzig, a obra em dois volumes de George Catlin, *Letters and Notes on the Manners, Customs, and Conditions of the North American Indians* (1841), e o longo relatório escrito por Benjamin Apthorp Gould para a *United States Sanitary Commission, Investigations in the Military and Anthropological Statistics of American Soldiers* (1869)²¹⁹, foram de grande influência para Darwin. Ambas as obras estão inseridas em contextos de guerra, domínio coloniais e assimilação dos povos colonizados através de padrões antropométricos. Além do mais, havia também elementos sobre o desenvolvimento de uma nova noção de higiene e cuidados pessoais, temas caros aos debates sobre nação, nacionalidade, civilidade e humanidade. Nelas, os pelos corporais aparecem como elementos de distinção racial tanto entre brancos colonizadores e não-brancos colonizados quanto entre os soldados que estavam na Guerra Civil norte-americana (Herzig, 2015, p. 33).

A primeira parte de *Descent of Man* se chama *Sobre a descendência do homem* (*On the Descent of Man*) e nela Darwin traz evidências empíricas suas e de seus interlocutores sobre a existência de um progenitor comum, sua evolução de uma forma inferior (*some lower form*) até

²¹⁷ “[...] characteristics that were useless at best and injurious or downright lethal at worst [...]”

²¹⁸ “The evolutionary ideas often said to have been “discovered” by Darwin were actually pieced together from many sources; chief among those sources were earlier comparative studies of hair.”

²¹⁹ De acordo com Herzig (2015, p. 33), Gould aferiu à tarefa de “observar as tropas de cor (*colored troops*) quando estivessem despidas” a um dos oficiais da 25ª Corpos do Exército (*25th Army Corps*), que concluiu, por sua vez, que “há pouca ou nenhuma diferença entre as raças branca e negra” (Gould, 1869, p. 568). O oficial deveria fazer tão observação tendo em mente que “a pele aparentemente lisa deveria designada com 0, e uma quantidade de pilosidade geral ao máximo que ele já havia visto *ou deveria ver* em um homem branco, deveria ser designada com 10” (*ibidem*).

o homem moderno e as diferentes raças – ou espécies – humanas²²⁰. De acordo com Evelleen Richards,

o ímpeto principal dessa seção [é] demonstrar que não havia diferença fundamental entre a humanidade (*humanity*) e os animais mais evoluídos (*higher animals*) – e, acima de tudo, que ‘a diferença mental entre homem (*man*) e os animais mais evoluídos, por maior que seja, certamente é uma de grau e não de tipo.’²²¹ (Richards, 1983, p. 67)

A segunda parte, com início no oitavo capítulo do primeiro volume e final no vigésimo primeiro do segundo, chama-se, simplesmente, *Seleção Sexual* (*Sexual Selection*). Nela, Darwin se dedica exclusivamente ao tema central do livro e os capítulos são organizados da seguinte forma: no oitavo capítulo, o autor define os princípios da seleção sexual, e do nono em diante, ele apresenta as características sexuais secundárias existentes, indo das formas de vida mais simples à mais complexas, de acordo com a diferenciação proposta pelo autor. Seguindo essa lógica (do simples ao complexo ou do inferior ao superior), Darwin descreve os moluscos, anelídeos e crustáceos (capítulo 9), passa pelos insetos (capítulos 10 e 11), peixes, anfíbios e répteis (capítulo 12), pássaros (capítulos 13, 14, 15 e 16) e termina nos mamíferos não-humanos (capítulos 17 e 18) e humanos (*man*) (capítulos 19 e 20). Os seres humanos ocupam o último capítulo do livro, portanto, por representarem o ápice evolutivo, ainda que, como veremos, esse status evolutivo não é distribuído igualmente para todos os seres humanos. Finalmente, o vigésimo primeiro capítulo apresenta um sumário e a conclusão das ideias apresentadas no livro.

No decorrer do livro, Darwin constantemente aborda o assunto dos pelos corporais, estando presente tanto em capítulos sobre os mamíferos não-humanos quanto em capítulos sobre o ser humano. A primeira menção aos pelos por Darwin, no entanto, acontece durante a introdução, quando o autor afirma a relação dos pelos com as fronteiras humano e não-humano assim como com as fronteiras de gênero e sexo:

o homem [no sentido de humanidade] se difere conspicuamente de outros primatas por ser quase nu (*naked*). No entanto, alguns poucos pelos (*hair*) curtos e esparsos são

²²⁰ No sétimo capítulo, *On the Races of Man*, Darwin descreve os debates da época sobre a existência de uma única raça humana, à qual todos os seres humanos pertenceriam, ou se cada “variação” humana seria uma diferente espécie. O autor (1871, vol. 1, p. 227-228) afirma que, dadas as dificuldades em se estabelecer e se definir diferentes espécies, “o termo ‘subespécie’ (*sub-species*) pode ser usado aqui com muita propriedade [ainda que] por hábito, o termo ‘raça’ será, talvez, sempre empregado”

²²¹ “[...] the main thrust of this section was to demonstrate that there was no fundamental difference between humanity and the higher animals – above all, that the ‘difference in mind between man and the higher animals, great as it is, certainly is one of degree not of kind’.”

encontrados em grande parte do corpo no sexo masculino, e finos pelos (*down*) na pele do sexo feminino (Darwin, 1871, vol. 1, p. 24)²²²

As ideias de Darwin sobre fronteiras de sexo e gênero não são necessariamente estranhas ao pensamento médico e antropológico do início e da metade do século XX. No entanto, o elemento racial parece receber maior destaque nos estudos evolucionistas do que nos artigos que foram a base para o diagnóstico de Hirsutismo. No mesmo parágrafo, ao mencionar que os pelos são uma característica racial com variação individual entre sujeitos da mesma espécie, Darwin afirma que “em indivíduos pertencentes à mesma raça, esses pelos são altamente variáveis, não apenas em abundância, mas também em posição: assim, os ombros de alguns europeus são completamente nus, enquanto em outros eles têm tufo de pelos grossos” (*ibidem*). Aqui, sexo, gênero e raça são enquadrados por um conjunto de preocupações de grande importância para os defensores da teoria filogenética, isto é, o estudo das relações evolutivas inter- e intraespecíficas. Para eles, era de extrema importância investigar a origem dos seres humanos, o fato dessa origem ser compartilhada com outros seres não-humanos (especialmente outros primatas) e como essa origem não se diferencia dos processos evolutivos de outros animais. De acordo com Hamlin (2010, p. 6), a questão para Darwin não era evidenciar que os humanos evoluíram dos animais, mas, ao contrário, que os humanos eram animais, isto é, “destacar a natureza animal dos humanos” através de um tipo de “zoomorfismo” (*zoomorphism*) (*ibidem*).

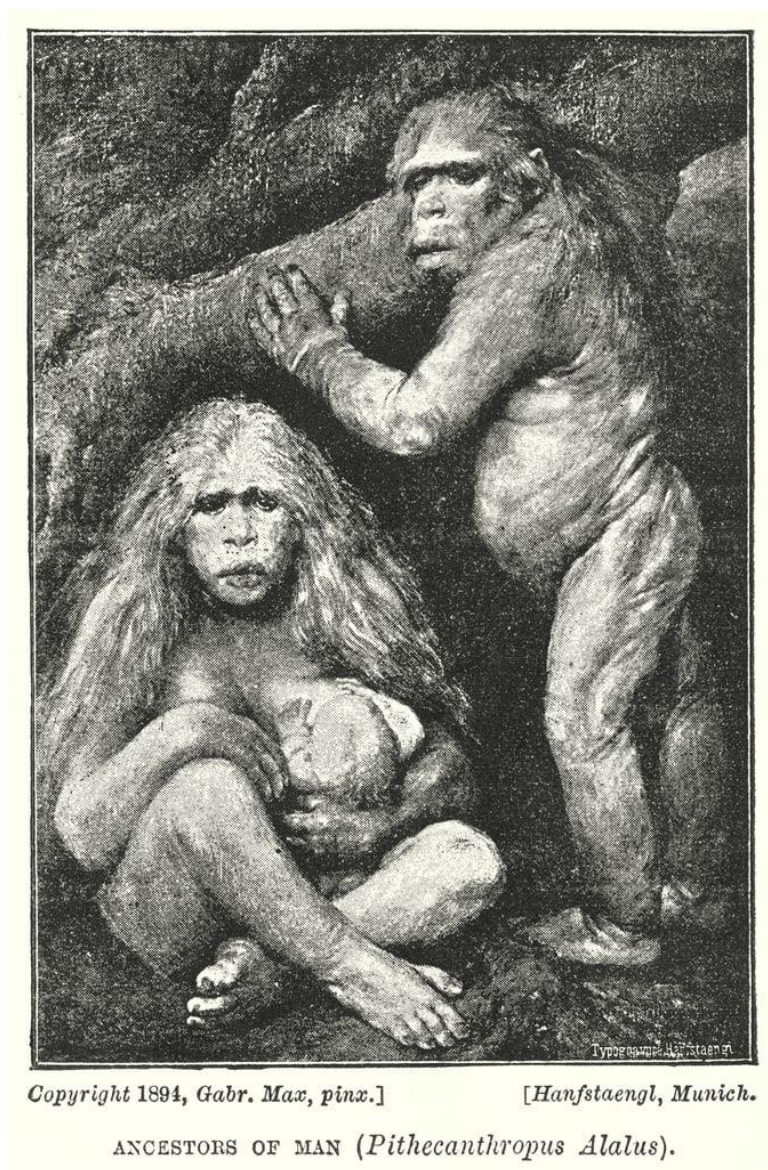
Portanto, nesse enquadramento, “não há dúvida de que os pelos [...] espalhados pelo corpo são *os rudimentos da pelagem uniforme de animais inferiores (lower animals)*”²²³ (Darwin, 1871, vol. 1, p. 24, ênfase minha). A compreensão de Darwin sobre um progenitor original comum, semelhante a um animal, se situa entre as teorias filogenéticas feitas por Haeckel (Figura 25) e Huxley no século XIX. Por exemplo, Huxley (1863, p. 65), frente à questão “a origem do homem é diferente da do cachorro, pássaro, sapo ou peixe?”, prontamente oferece uma resposta negativa. Ele acrescenta, ainda, que “sem dúvida [...], ele [o homem] é muito mais próximo dos símios do que os símios são do cachorro”²²⁴, deslocando a humanidade de um lugar de monopólio e superioridade ontológicos professados pelas explicações religiosas.

²²² “Man differs conspicuously from all the other Primates in being almost naked. But a few short straggling hairs are found over the greater part of the body in the male sex, and fine down on that of the female sex. In individuals belonging to the same race these hairs are highly variable, not only in abundance, but likewise in position: thus the shoulders in some Europeans are quite naked, whilst in others they bear thick tufts of hair.”

²²³ “There can be little doubt that the hairs thus scattered over the body are the rudiments of the uniform hairy coat of the lower animals.”

²²⁴ “[...] does man originate in a different way from a dog, bird, frog, or fish? [...] —without a doubt, in these respects, he is far nearer the Apes than the Apes are to the Dog.”

Figura 25 — *Pithecanthropus alalus*, pintura a óleo feita por Gabriel von Max em 1894 ilustrando um possível ancestral original

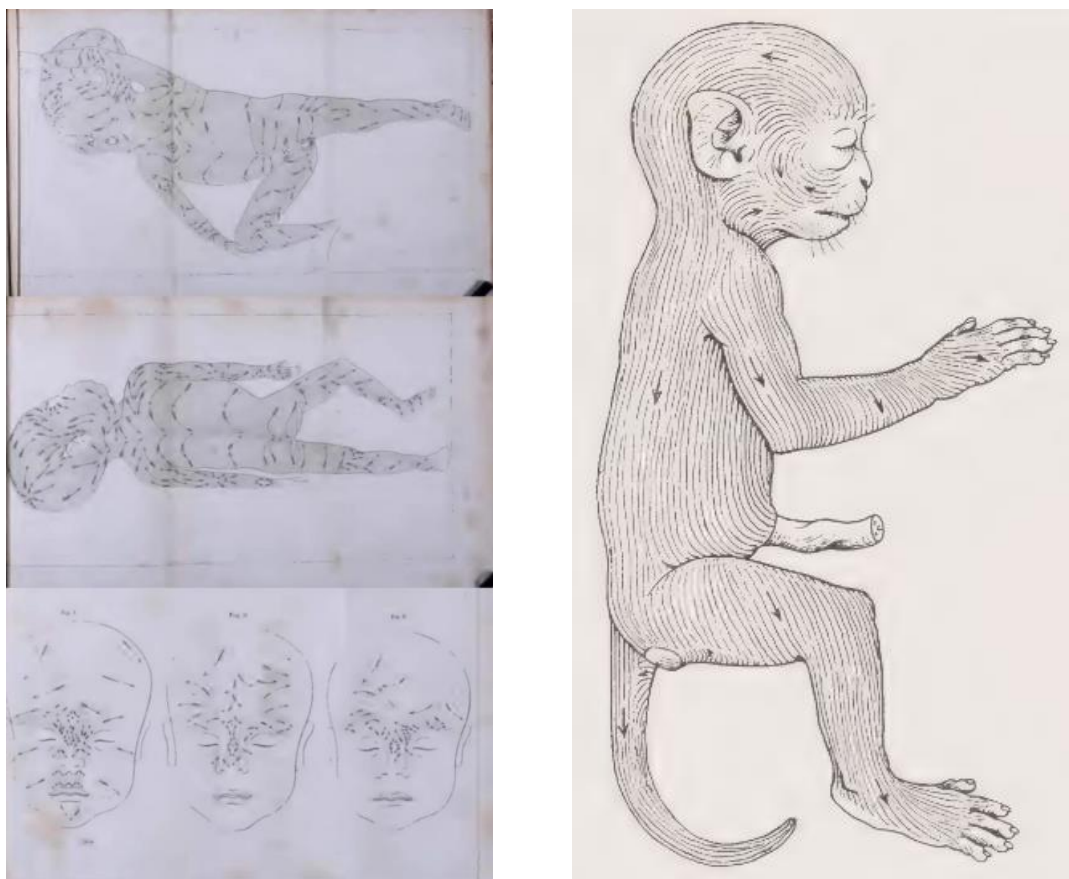


Fonte: Haeckel, 1898

A imagem de Eschricht (1837) detalhando as direções de crescimento dos pelos corporais em fetos humanos, similar à imagem de fetos símios desenvolvida por Schultz (1969), é citada por Darwin ao discutir os pelos como uma dessas evidências rudimentares (Figura 26): por um lado, os pelos corporais cobrem praticamente toda a superfície de todos os corpos, podendo haver, inclusive, fetos femininos com bigode (Darwin, 1871, vol. 1, p. 25). Por outro, “é um fato significativo que as palmas das mãos e as solas dos pés não tenham muito pelo (*are quite naked*) assim como as superfícies inferiores de todas as quatro extremidades da maioria

dos animais inferiores”²²⁵ (*ibidem*). Se a teoria evolucionista de Garn busca evitar a problemática figura de um ancestral original comum, essa “mesma” teoria, à época de Darwin, orientava o cerne da teoria evolucionista através da noção de compartilhamento de origens entre primatas humanos e não-humanos e, de uma maneira mais geral, entre todos os seres vivos.

Figura 26 — Representação diagramática das direções do crescimento dos pelos corporais de um feto de humano da primeira metade do século XIX



Fonte: Eschricht, 1837; Schultz, 1969

As comparações entre humanos e não-humanos, como vimos anteriormente, é uma prática bastante comum durante o século XIX entre os intelectuais de diversas áreas interessados em delimitar, quantitativa e qualitativamente, as fronteiras do que define e materializa o humano. No caso dos intelectuais e teóricos evolucionistas, essa comparação tinha o intuito de descobrir, na linearidade contínua entre todas as espécies existentes, o limite da humanidade. Tal limite, como pretendo demonstrar mais adiante, é entendido em termos de

²²⁵ “[...] it is a significant fact that the palms of the hands and the soles of the feet are quite naked, like the inferior surfaces of all four extremities in most of the lower animals.”

capacidade racional e física, além de levar em conta a sensibilidade estética e a beleza. Portanto, se o uso da antropometria na fabricação do diagnóstico de Hirsutismo tinha o intuito de delimitar as fronteiras entre os gêneros e os sexos, e, além disso, entre o estado normal e o hirsuto, a aplicação pelos evolucionistas tinha o intuito de delimitar fronteiras entre humanos e não-humanos e, com isso, fabricar fronteiras raciais dentro da lógica de continuidade de todas as espécies. Devemos ter em mente que o trabalho de Darwin e de seus interlocutores está inserido em uma conjuntura científica e política de questionamento dos privilégios de raça, classe, gênero, sexo etc., que provocou um “intenso escrutínio dos corpos humanos (e não-humanos), gerando incontáveis exemplos de interpretações radicalmente errôneas do corpo humano” (Schiebinger, 2013, p. 144).

Um dos exemplos mais nocivos, a medição craniana, “constatou” desde sempre, ou melhor, fabricou a constatação do nível mais avançado aos europeus. A medição pélvica, por outro lado, foi mais problemática devido ao que era dito sobre a suposta facilidade no parto de mulheres negras. No caso evolucionista, a prática antropométrica tendia a afirmar que “maior facilidade” ou “melhor realização” de uma tarefa eram resultados adaptativos de uma dada raça, que, por sua vez, se materializavam em medidas ideais, indicando uma posição avançada na métrica da humanidade. O que a análise dos estudos pélvicos demonstra de forma mais evidente, no entanto, é a existência de um esforço retórico para contradizer as evidências de que, se seguirmos o que esses cientistas tinham a dizer nesse ponto, as mulheres brancas seriam menos avançadas que as mulheres negras devido sua dificuldade no parto. Esse exemplo é bastante interessante por colocar em evidência e de maneira exemplar a forma como sexo, gênero, raça e humanidade se embrenham no que Schiebinger (2013, p. 157) chamou, seguindo a nomenclatura da época, de “pélvis racial”.

Dentro desse debate, entende-se que desde o final do século XVIII, a existência do “crânio racial” já havia sido cogitada e cientificamente “comprovada” (Figura 26). Se por um lado, sua existência já havia se tornado um fato conhecido e presumido pelos cientistas de finais de 1700, por outro, a existência da pélvis racial “havia sido comprovada apenas recentemente”, como afirma Moritz Weber em *Theory of Fundamental and Racial Forms of the Skull and Pelvis in Humankind* (1830). De acordo Weber, a pélvis da mulher africana era delicada se comparada à pélvis do homem africano. Ela era, no entanto, o extremo oposto quando comparada à “transparente delicadeza” da mulher europeia, por sua vez, ocupando o lugar de maior desenvolvimento evolutivo/racial. Nesse contexto, os debates sobre o crânio e a pélvis, sobre raça e gênero e as intra-ações dessas entidades são inseparáveis. Sendo assim, encontramos entre os argumentos dos filósofos naturais, biólogos, médicos, enfim, cientistas

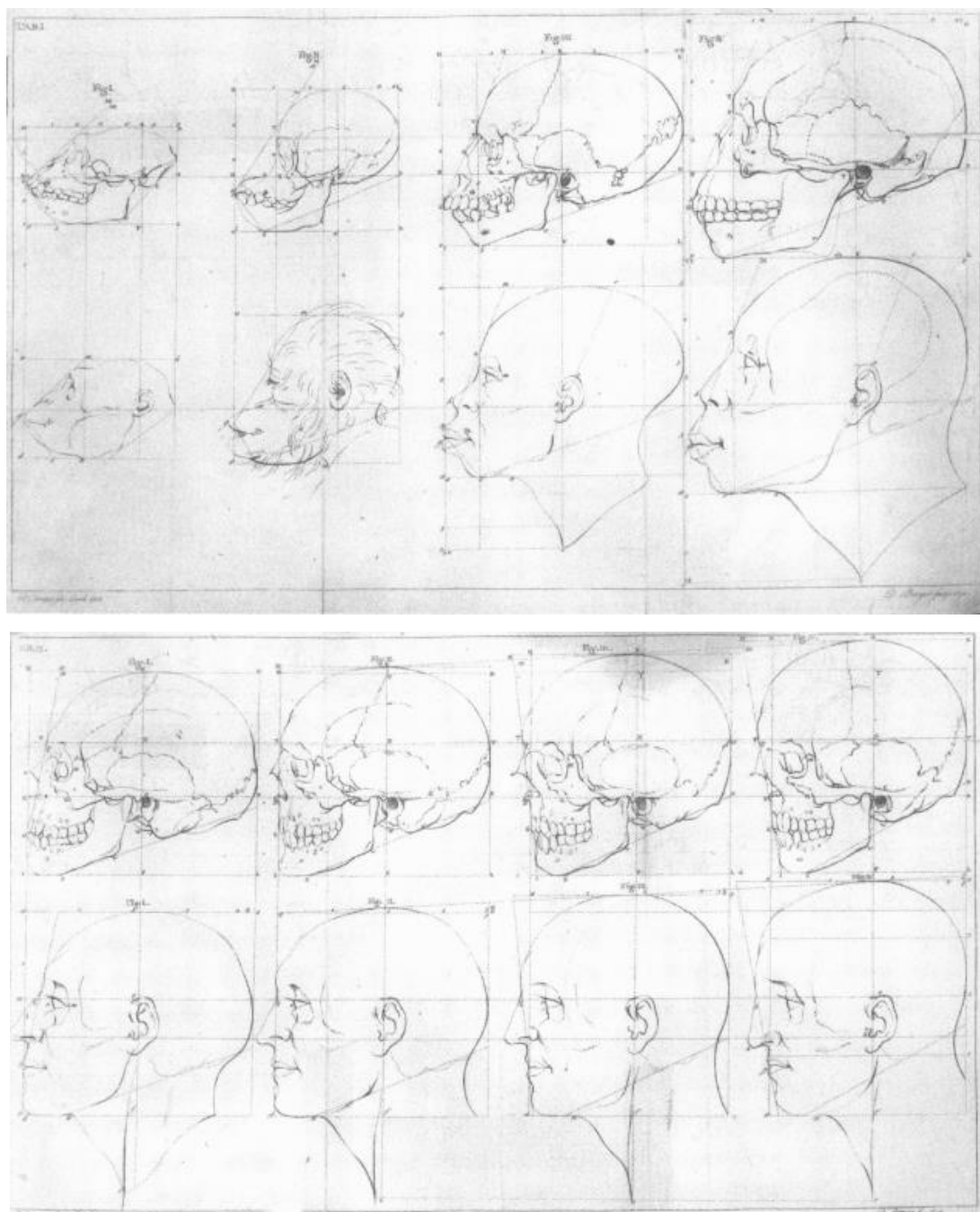
que a “facilidade” no parto de mulheres negras pode ser explicada devido ao menor tamanho dos crânios dos bebês negros recém-nascidos (Schiebinger, 2013, p. 158). A história/estória sobre medição craniana e pélvica demonstra exemplarmente a forma como raça e gênero são produzidos a partir de certas práticas, sendo necessária e simultaneamente fenômenos biológicos e ficcionais (M’charek, 2013), além de que o que elencamos para definir a raça (como a cor da pele, o ângulo facial ou pélvico ideais etc.) depende da prática que analisamos²²⁶.

Tendo isso em mente, onde ficariam os europeus na hierarquia universal se os pelos, um rudimento tão conspícuo e uma evidência de reversão, de acordo com Darwin (1871, vol. 2, p. 378-380), estão mais presente neles, ao ponto de serem chamados de *bearded race*? Antes de responder diretamente essa pergunta, cabe-nos apresentar a questão central de *Descent of Man*. O objeto era, como já comentamos, as características cujas existências não se explicariam devido à seleção natural. Isto é, características que não estavam diretamente relacionadas à luta pela sobrevivência da raça ou da espécie, mas, ao contrário, ao que o autor chamou de seleção sexual. À essas características, Darwin deu o nome de características sexuais secundárias. Em uma carta datada de 22 de fevereiro de 1869 à Fritz Müller, filósofo naturalista alemão com quem muito discutiu as evidências de *Origin of Species* antes de sua publicação, Darwin questiona sobre a existência das espécies que se diferenciam sexualmente para além das diferenças “necessárias” dos órgãos reprodutivos, isto é, as características sexuais primárias (Darwin, 1887, p. 111). Nestas espécies, “o macho difere da fêmea em armas de ofensa, como os chifres e presas dos mamíferos machos, ou em plumagens e ornamentos chamativos, como no caso de pássaros e borboletas”²²⁷ (*ibidem*).

²²⁶ É importante notar que não me refiro à uma simples arbitrariedade, dado que os elementos que acabaram se tomando índices materiais de diferença, que serão valorizados ou desvalorizados diferentemente através, por exemplo, de padrões de beleza, moralidade e capacidades físicas são inseparáveis do contexto de encontro colonial e escravidão. Contudo, levando em conta os comentários de M’charek (2013; 2022), esses mesmos elementos não possuem em si próprios características ou propriedades que o definiriam, de antemão, como positivo ou negativo, devendo haver uma intra-ação entre elementos físicos, biológicos, enfim, materiais e padrões de compreensão. Assim, a raça pode ser entendida como um fenômeno no sentido de Barad (2007), em que diferentes elementos funcionam, ou intra-agem, na produção de padrões racistas de (des)humanização. É importante notar que nessas diversas intra-ações, não presenciamos simplesmente um processo de construção/fabricação da raça, sua estabilização, mas inclusive processos de desestabilização quando padrões de gênero e raça são “aplicados” diferencialmente à homens e mulheres colonizadores e colonizados.

²²⁷ “[...] the male differs from the female in arms of offence, like the horns and tusks of male mammals, or in gaudy plumage and ornaments, as with birds and butterflies [...]”

Figura 27 – Os ângulos faciais de Petrus Camper, dos 58° rudimentares do orangotango aos majestosos 100° de *Pythian Apollo*, encontrados apenas em estátuas gregas



Fonte: Camper, 1792

Ao dedicar-se ao estudo da seleção sexual e das características sexuais secundárias, Darwin estava interessado em investigar a forma como “os machos adquiriram sua estrutura [física] atual obtendo uma vantagem sobre outros machos e transmitindo tal vantagem, exclusivamente, para [os] descendentes [do mesmo sexo]” (Darwin, 1871, vol. 2, p. 257). Que essas características fossem exclusivamente encontradas e transmitidas entre os machos e

aparecessem somente após a puberdade, ou amadurecimento sexual, é extremamente importante para a definição de uma característica sexual secundária. Além de dependerem de fatores biológicos que diferenciam os machos das fêmeas, sejam eles humanos ou não-humanos, a presença dessas características é tratada como evidência evolutiva, isto é, evidência de capacidades mental e física mais evoluídas dos machos. Sendo assim, por ser menos evoluída, a fêmea da espécie se parece mais com os filhotes de ambos os sexos assim como com sujeitos castrados que tendem a ficar estagnados, não desenvolvendo tais características. Superioridade, portanto, era somatizada em determinadas partes do corpo: além do sexo masculino (característica sexual primária) ser mais evoluído, suas características físicas (sexuais secundárias) também eram indícios dessa evolução.

Nesse contexto, as características que definem os sexos e as raças diferencialmente são fenômenos a serem explicados a partir da teoria da seleção sexual. Ela funciona, por sua vez, basicamente como uma peça complementar à teoria da seleção natural, formando uma mesma narrativa de avanço e aprimoramento racial, sexual e de gênero, culminando, por fim, em padrões superiores e inferiores de humanidade. Por um lado, a teoria da seleção natural explica a variação física de uma mesma espécie e como, dessa primeira, outras espécies podem surgir no decorrer do tempo e em relação ao meio ambiente. A seleção sexual, por outro lado, explica fenômenos intraespecíficos, isto é, a variação entre indivíduos do mesmo sexo e as diferenças entre os sexos de uma mesma espécie, além das variações raciais (Milam, 2010, p. 13). O funcionamento da seleção sexual depende de dois mecanismos: por um lado, as competições entre machos de uma mesma espécie definem quais deles têm acesso primordial às fêmeas disponíveis para reprodução e, por outro, a escolha racional feminina baseada em sua preferência estética, tendo como base um conjunto de características físicas exclusivas ao sexo masculino, determina quais machos são mais atraentes (*idem*, p. 1). Ou seja, a seleção sexual depende “da escolha voluntária, até mesmo racional, dos indivíduos”²²⁸, isto é, o desenvolvimento de uma sensibilidade estética feminina, resultando na intensificação das características masculinas preferidas, que seriam, posteriormente, transmitidas geneticamente aos indivíduos do mesmo sexo (*idem*, p. 1-2). Em linhas gerais,

A seleção sexual por meio da escolha da fêmea forneceu a Darwin uma explicação para uma variedade de fenômenos estéticos que ele não conseguia explicar apenas

²²⁸ “[...] voluntary, perhaps even rational, choice by individuals.”

pela sobrevivência: a presença da beleza nos animais, as diferenças entre machos e fêmeas da mesma espécie e as diferenças raciais dentro de uma espécie.²²⁹ (*ibidem*)

É interessante ter em mente que o trabalho de Darwin é escrito após a noção de dimorfismo sexual ter assumido o papel fundamental nas explicações científicas de superioridade e inferioridade entre os gêneros, quando a busca pela justificativa da submissão feminina se deslocou das explicações sociohistóricas para as explicações biológicas (Laqueur, 2001). Na teoria da seleção sexual de Darwin, então, o dimorfismo sexual é um fenômeno biológico comprovado pela existência dessas diferenças entre os sexos, e, sendo assim, as observações e comentários sobre inferioridade ou superioridade sexual e racial partem dessa materialidade binária. Milam, por exemplo, afirma que o trabalho de Darwin “[se baseou em] suas suposições sobre as relações normativas entre homens e mulheres e o lugar da Inglaterra Vitoriana no panteão das grandes civilizações”²³⁰ (Milam, 2010, p. 10). Além da influência do contexto de vida de Darwin em seu trabalho sobre seleção sexual, as variações inter e intraespecíficas analisadas, como os pelos corporais, versavam diretamente sobre “as origens biológicas da sociedade [vitoriana inglesa] do final do século XIX” (*idem*, p. 11).

“Escolha voluntária” e “racionalidade”, portanto, são termos importantes por implicarem a existência de “sensibilidade estética” e “habilidade de escolha racional” tanto em humanos quanto em não-humanos, uma discussão prolífica naquele momento²³¹. De acordo

²²⁹ “Sexual selection through female choice provided Darwin with an explanation for a variety of aesthetic phenomena he could not explain through survival alone: the presence of beauty in animals, differences between males and females of the same species, and racial differences within a species.”

²³⁰ “[...] built on his assumptions about normative relations between men and women and the place of Victorian England in the pantheon of great civilizations.”

²³¹ O trabalho de Darwin está, simultaneamente, emaranhado à padrões normativos vitorianos de gênero, sexo e raça assim como, ao se emaranhar com os diferentes organismos vivos, encontra novas possibilidades de disrupção de tais padrões. Em *F de Fazer científico: os animais têm um senso de prestígio?*, por exemplo, Vinciane Despret apresenta uma questão muito importante acerca do evolucionismo darwinista em contraposição à etologia, ou o estudo do comportamento animal, sobre a inteligência e a sensibilidade estética não-humanas através do caso de um pavão que se esforçava em exibir sua cauda para um porco. De acordo com a autora, “[o comentário de Darwin] inscreve-se na sua convicção de que existe um senso estético entre os animais: os machos adoram mostrar sua beleza (*sic*), obviamente a ave quer um espectador, seja ele qual for, pavão, peru ou porco” (Despret, 2021, p. 78). Em contraponto, para Konrad Lorenz, fundador da etologia, “a exibição da cauda define-se como um padrão inato de ações associado a energias internas específicas [isto é] uma sequência de ações e de reações que se sucedem de acordo com uma ordem programada” (*ibidem*). Essa contraposição entre uma compreensão menos mecanicista de Darwin reaparece quanto à relação entre as abelhas e as orquídeas, como demonstrado em *Involuntary Momentum: Affective Ecologies and the Sciences of Plant/Insect Encounters*. De acordo com Carla Hustak e Natasha Myers (2012), o estudo de Darwin sobre “os mecanismos intrincados” de polinização das orquídeas através das abelhas demonstra que “as orquídeas, como se vê, estavam capturadas em um agenciamento interespecie queer que perturbava as sexualidades e fronteiras normativas entre as espécies durante a era vitoriana” (*idem*, p. 82) ao passo que, similarmente ao que acontece com a etologia, trabalhos recentes neo-darwinistas tendem a registrar as relações interespecie em modelos determinísticos “que reduzem o gasto de energia do organismo enquanto aumentam a capacidade (*fitness*) reprodutiva para a sobrevivência a longo prazo da espécie” (*idem*, p. 75). Além do mais, ao invés do antropomorfismo frequentemente atrelado à Darwin, seus experimentos com orquídeas mostram um engajamento físico do naturalista (*idem*, p. 92-93), e não um posicionamento de “testemunha modesta” (Haraway, 1996; 2018).

com Milam (*ibidem*), Darwin argumentava a favor da “continuidade psicológica de toda a vida animal”, que, por sua vez, “demonstrava que as mulheres eram menos evoluídas intelectualmente do que os homens” ao mesmo tempo que “todas as raças humanas eram membros da mesma espécie”²³². Isto é, por todos os seres estarem localizados em uma linha de contínua evolução, e pelo homem (branco, europeu, intelectual etc.) ser seu ápice, a mulher (branca, de classe média, heterossexual etc.) lhe era inferior. Dentro do debate filogenético, que contava uma história/estória temporalmente mais longa de evolução e continuidade entre todas as espécies, esse não era um problema, e sim uma parte indispensável dessa narrativa. Por causa da crença na “continuidade física intelectual, moral e comportamental” entre humanos e não-humanos, a seleção sexual explicava o comportamento de toda e qualquer espécie (*ibidem*). A referência à sociedade inglesa de meados do século XIX e a influência dela no trabalho intelectual de Darwin, contudo, implicava na necessidade da heterossexualidade para seu funcionamento. Portanto, apesar de que nem todos os humanos (e não-humanos) estavam no mesmo nível evolutivo, eles necessariamente transmitiam suas características através da (hétero)sexualidade.

As variações do inferior ao superior, portanto, são graduais, e a distância entre esses termos é tão longa ou próxima quanto se possa ou se queira imaginar, dependendo qual história/estória se queira contar. Por exemplo, *Descent of Man*, como descrito algumas páginas acima, é uma extensa obra sobre diferentes características que não são fixas e estanques, pois surgem a partir do processo dinâmico da evolução, são passíveis de modificação e que, gradualmente, podem se transformar em versões mais evoluídas, adaptadas e belas. Aqui, as noções de beleza e a sensibilidade estética passam a ser um componente evolutivo e biológico, e não uma concepção arbitrária e individual. Portanto, ao escrever sobre “*man*” ou a “humanidade”, Darwin não se refere a todas as raças (“subespécies” ou “variações”) humanas existentes e, como veremos a seguir, seus comentários sobre as pessoas não-brancas e não-europeias deixam isso bastante evidente. Portanto, os europeus brancos da Inglaterra da metade do século XIX, ponto de referência físico e moral para Darwin, efetivamente eram, e não representavam, o ápice da beleza e das capacidades morais e físicas humanas.

É nesse período, alguns anos antes da publicação de *Origin of Species* em 1859 e após um longo hiato onde prevaleceu, entre os homens intelectuais de classe alta, o rosto sem pelos (Withey, 2021, p. 55-78), que a barba cheia, grande e volumosa se popularizou novamente. Tomemos como exemplo as imagens da Figura 28 que acompanham, respectivamente, os três

²³² “[...] psychological continuity of all animal life [...] demonstrated that women were intellectually less evolved than men and that all human races were members of the same species.”

volumes de *The Life and Letters of Charles Darwin* (1887), um conjunto de livros com as cartas e correspondências de Darwin entre os anos de 1828 e 1882. Exceto pela terceira foto, a legenda com o ano das outras duas é acompanhado por um sinal de interrogação (?), indicando a incerteza da data da foto. No entanto, é possível notar uma marcada diferença entre a primeira fotografia, supostamente feita em 1854, e as outras duas, de 1874 e 1881, respectivamente. Na primeira, bastante próximo do retorno repentino da barba dos anos 1850 (Shafe, 2015; Oldstone-Moore, 2005), vemos Darwin usando apenas costeletas e nas outras duas, quando a utilização da barba já estava mais disseminada, o vemos exibir sua marcante barba. Nesse caso, o corpo do próprio autor, mais especificamente sua própria barba, está implicado com os efeitos políticos e sociais que sua teoria engendra. Seus pelos corporais foram tão relevantes no contexto de publicação de *Descent of Man* e nos debates que se seguiram sobre a pilosidade dos seres humanos que em 1871, somente um mês após a publicação do livro, caricaturas de um híbrido Darwin-macaco circulavam em revistas satíricas (Figura 29)²³³. De acordo com Janet Browne (2002, p. 377), “a pilosidade geral de Darwin implorava para ser transformada no pelo de um animal. Acrescente uma calda e você tem a imagem de um ancestral símio”²³⁴.

De acordo com Laurence Shafe (2015, p. 25), autor de um pequeno artigo intitulado *An Exploration of Darwin's Beard*, um dos primeiros registros de que Darwin deixou sua barba crescer foi a bordo do *Beagle*, “talvez por razões práticas como a dificuldade em se barbear devido ao enjoo”²³⁵, descrevendo a si próprio em uma carta a seu pai como “digno de Salomão” (*ibidem*). Shafe menciona a problemática relação entre os pelos (de Darwin) e a pressuposta reversão evolutiva que sua presença implicaria. Não seria a presença do pelo o reaparecimento de uma característica rudimentar e, portanto, sinal de atavismo, isto é, o movimento de reversão do superior ao inferior? Essa é uma questão problemática e de extrema importância para Darwin. De acordo com Herzig (2015, p. 56-57), apesar de poder escolher entre uma série de outras características físicas para embasar seu trabalho, os pelos corporais “forçavam questões particularmente desafiadoras sobre a relação do homem (*man's relation*) com seu primata

²³³ A recepção do público não científico à obra de Darwin sobre evolução humana é marcada por vários exemplos de sátira. Uma bastante popular, devido à sua frequente aparição entre minhas referências é o livro *The Fall of Man: Or, the Loves of the Gorillas*, apresentado como *A popular scientific lecture upon the Darwinian Theory of Development by Sexual Selection, By a Learned Gorilla*, um romance publicado anonimamente por Richard Grant White onde ele reconta a história de descendência humana a partir da paixão de uma gorila por um gorila relativamente glabro e do surgimento da razão a partir da dolorosa remoção capilar com cera (Hamlin, 2011, p. 965-966; Hamlin, 2014, p. 14-15; Herzig, 2015, p. 61-63). Em *The Press and Tails of Darwin: Victorian Satire of Evolution* (1994), Edward Caudill escreve mais extensamente sobre a recepção do trabalho de Darwin no discurso popular através das sátiras.

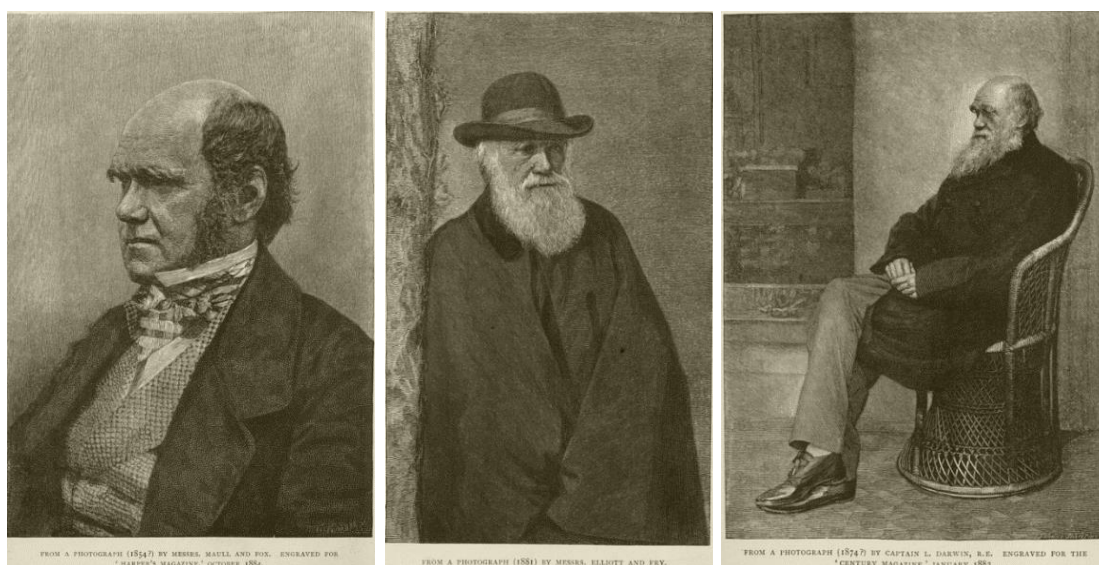
²³⁴ “His general hairiness begged to be turned into animal fur. Add a tail, and there was an image that shrieked of apish or monkey ancestors [...]”

²³⁵ “[...] perhaps for practical reasons such as the difficulty of shaving when seasick [...]”

antepassado”. No contexto das características que podem ser tomadas como evidência de reversão, os pelos são importantes para Darwin, especialmente no tocante à produção de fronteiras raciais e à garantia retórica de perfectibilidade do homem branco inglês do século XIX. Isto é, como essa passagem de *Descent of Man* evidencia, o autor estava preocupado em se certificar sobre a diferença entre “estágios inferiores de evolução” (de não-brancos) e o “reaparecimento de características rudimentares” (em brancos), chegando a afirmar que

Algumas raças são muito mais pilosas do que outras, especialmente no lado masculino; mas não se deve presumir que as raças mais pilosas (*the more hairy races*), por exemplo, os europeus, tenham mantido uma condição primordial mais completamente do que as raças nuas (*naked races*), como os Kalmucks ou os Americanos. É mais provável que a pilosidade dos primeiros se deva a uma reversão parcial, pois os caracteres herdados há muito tempo sempre podem retornar.²³⁶

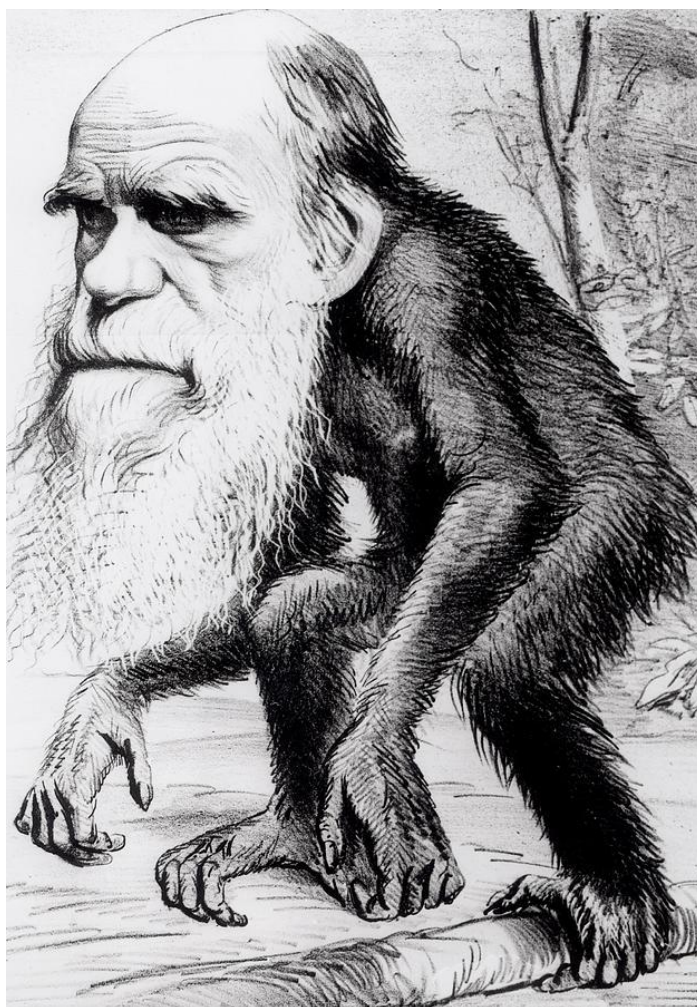
Figura 28 — Seguindo a moda da época: três fotografias de Charles Darwin datadas de 1854, 1874 e 1881



Fonte: Darwin, 1887

²³⁶ “Some races are much more hairy than others, especially on the male side; but it must not be assumed that the more hairy races, for instance Europeans, have retained a primordial condition more completely than have the naked races, such as the Kalmucks or Americans. It is a more probable view that the hairiness of the former is due to partial reversion, for characters which have long been inherited are always apt to return.”

Figura 29 – Representação satírica de um Darwin híbrido pós-publicação de *Descent of Man* em uma revista de 1871



Fonte: Herzig, 2015

Sobre isso, em um capítulo de *Descent of Man* intitulado *Ausência de pelos no corpo e seu desenvolvimento no rosto e na cabeça* (*Absence of Hair on the Body, and its Development on the Face and Head*), Darwin (1871, vol. 2, p. 375) afirma que, por causa da presença dos pelos em fetos de ambos os sexos e em adultos, especialmente masculinos, “podemos inferir que o homem descende de algum animal que nascia muito piloso e permanecia dessa forma pelo resto de sua vida”²³⁷. Darwin continua (idem, p. 376), afirmando que “ninguém supõe que a nudez da pele seja uma vantagem direta para o homem, de modo que seu corpo não pode ter sido despojado de pelos por meio da seleção natural”²³⁸. É evidente como Darwin enquadra

²³⁷ “[...] we may infer that man is descended from some animal which was born hairy and remained so during life.”

²³⁸ “No one supposes that the nakedness of the skin is any direct advantage to man, so that his body cannot have been divested of hair through natural selection.”

suas concepções e seus achados dentro da teoria filogenética, e ele o faz, no entanto, através da seleção sexual sem, contudo, ignorar as diferenças raciais e suas implicações.

Por conta de sua grande variabilidade racial e dependência da sensibilidade estética feminina, portanto, a presença ou ausência de pelos materializa um índice de fronteiras raciais. Sendo assim, gênero e sexo se emaranham à raça através da teoria da seleção sexual. Portanto, a diminuição de pelos em humanos assim como a ausência relativamente maior de pelos em mulheres de todas as raças é tomada como evidência evolutiva. Os pelos, e o próprio trabalho de Darwin nos faz prestar atenção aos pelos faciais e à barba, lança luz à relação problemática entre processos de reversão, a presença de pelos mais pronunciada em homens brancos, a característica rudimentar dos pelos e a hierarquia racial da seleção evolutiva.

Por um lado, os exemplos utilizados por Darwin ao falar da ausência da barba, especialmente sua variação inter e intra-racial, demonstram que ela é uma característica cultivada, uma tarefa árdua e dolorosa (Darwin, 1871, vol. 2, p. 380; Herzig 2015, p. 60). Por outro lado, o autor afirma que “a grande variabilidade da barba dentro dos limites da mesma raça e em diferentes raças indica que a reversão [um processo biológico e evolutivo] entrou em ação”²³⁹ (Darwin, 1871, vol. 2, p. 380). Com o intuito de reforçar seu argumento de que, apesar dessa característica, os europeus não se encontram em um estágio evolutivo mais primitivo, como indicado na citação acima, o autor afirma que “não devemos ignorar o papel que a seleção sexual pode ter desempenhado mesmo em épocas posteriores”²⁴⁰ (*ibidem*). Isto é, menos evidência de reversão evolutiva, as características sexuais secundárias, como as barbas, são, na realidade, resultados da capacidade de escolha racional de mulheres e da sensibilidade estética feminina. Novamente, esses elementos são biológicos e indicativos de maior avanço evolutivo, implicando que, apesar de um rudimento, os pelos podem ser o resultado evolutivo da escolha racional feminina e evidência de que machos superiores e mais atraentes possuem barbas. Menos a comprovação imediata de aprimoramento, o fato de a barba ser comum entre homens brancos já a coloca como um índice de superioridade. Sendo assim, de acordo com Shafe (2015, p. 25), “podemos apenas especular o que Darwin poderia ter escrito se os europeus fossem glabros (*hairless*) e as outras raças pilosas (*hairy*)”²⁴¹.

Continuando sua explicação da influência da seleção sexual na presença/ausência da barba, o autor afirma que

²³⁹ “[...] the great variability of the beard within the limits of the same race and in different races indicates that reversion has come into action.”

²⁴⁰ “[...] we must not overlook the part which sexual selection may have played even during later times.”

²⁴¹ “We can only speculate on what Darwin would have written if Europeans had been hairless and other races hairy.”

sabemos que, entre os selvagens, os homens das raças sem barba (*beardless races*) se esforçam infinitamente para erradicar todos os pelos de seus rostos, como se fosse algo odioso, enquanto os homens das raças barbadas (*bearded races*) sentem o maior orgulho de suas barbas. (*ibidem*)

Nesse sentido, presença e ausência de barba em homens cisgêneros/machos são efeitos de um mecanismo biológico feminino que, por sua vez, estaria mais evoluído nas mulheres europeias, inclusive aquelas de meados do século XIX, dado o repentino retorno das longas barbas em 1850. Nesse sentido, “as mulheres, sem dúvida, participam desses sentimentos [com relação à barba] e, se assim for, a seleção sexual dificilmente pode ter deixado de fazer algo no decorrer dos últimos tempos” (*ibidem*, ênfase minha). De acordo com essa última afirmação, a escolha voluntária, racional e individual feminina realmente influenciou e possibilitou um padrão de beleza masculino e sua herança nos rostos dos homens europeus. A ausência dela nos rostos daqueles que Darwin chama de selvagens, por outro lado, seria efeito de uma sensibilidade estética diferente, inferior. Essa inferioridade pressuposta poderia ser demonstrada, como afirma Darwin (1882, p. 211), a partir de “uma comparação mais justa [...] entre o gosto pelo belo (*beautiful*) dos animais e dos selvagens mais inferiores (*lowest savages*)”²⁴² (Figura 30). De acordo com Milam (2010, p. 176, nota 12), apesar da compreensão de continuidade física intelectual, moral e comportamental entre humano e não-humano já estar presente desde a primeira edição de *Descent of Man*, a comparação entre a sensibilidade estética entre animais e os ditos selvagens só foi “um ponto de clarificação” (*ibidem*) acrescentado na segunda edição do livro, originalmente publicada em 1874²⁴³.

²⁴² “A more just comparison would be between the taste for the beautiful in animals, and that in the lowest savages [...]”

²⁴³ A segunda edição de *Decent of Man* é de 1874, contudo, Milam utiliza uma edição de 1882 como referência. No entanto, já na primeira versão da segunda edição, revisada e aumentada e publicada em somente um volume, vemos a utilização dessa “comparação justa” por Darwin.

Figura 30 — Os ornamentos e as características físicas são índices dos estágios evolutivos,
“uma comparação mais justa”

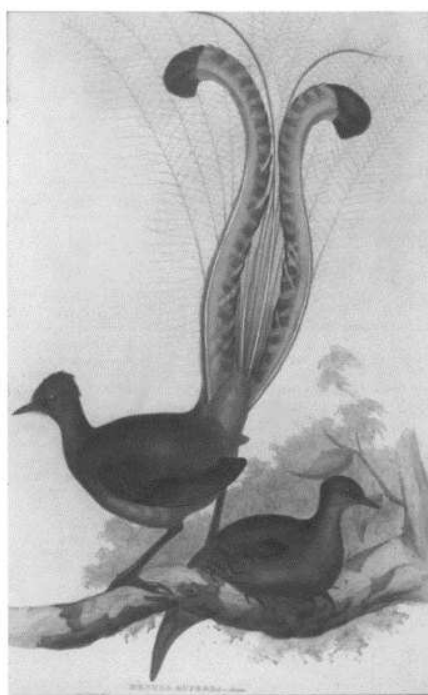


Figure 5. John and Elizabeth Gould, "Lyre Bird (*Menura superba*).", Hand-colored lithograph, from John Gould, *The Birds of Australia* (London: printed by R. and J. E. Taylor, published by the author, 1840-48). Vol. 3, plate 14. Courtesy of Special Collections, Spencer Research Library, University of Kansas Libraries.



135. Chesh-oo-hong-ha, Man of Good Sense.

Fonte: Smith, 2007 [Gould, 1840-1848]; Catlin, 1973[1841]

Portanto, é interessante notar como, no trabalho de Darwin, as taxonomias raciais vão sendo incorporadas (como a menção às diferentes cores de pele ou às diferentes partes do mundo) ao mesmo tempo que são complexificadas. Os comentários de Darwin se guiam a partir das noções de avanço, atraso ou reversão e, nesse sentido, o estágio evolutivo de uma determinada raça é somatizada através da junção da cor com outros elementos taxonômicos, como os pelos corporais. Por sua vez, essa somatização tem relação a outros elementos biológicos, especificamente a sensibilidade estética e a capacidade racional de escolha femininas. À pergunta “onde ficariam os europeus na hierarquia universal se os pelos, um rudimento tão conspícuo, estavam mais presente neles?”, é possível responder a partir do que foi demonstrado acima. Assim como entre outros filósofos naturalistas e biólogos de sua época, assim como vimos entre os usuários da antropometria no capítulo anterior, Darwin se esforçou, na teoria da seleção sexual, em associar ideias de avanço e aprimoramento à raça branca. Simultaneamente, outras características tidas como rudimentares, quando associadas a pessoas não-brancas, eram tratadas como indício de atraso evolutivo e maior proximidade com os animais. Quer dizer, menos uma “proximidade” com os animais, as fronteiras entre humano e

não-humano era menos demarcadas entre as raças não-brancas. Assim como vimos com o trabalho de Schultz e o comentário de Marks, a formação da teoria da seleção sexual dependeu da noção do não-branco colonizado como o estágio de passagem entre o animal e o humano.

É nesse sentido, então, que a raça não é um elemento unívoco e dado de antemão, mas, similarmente às distinções de gênero e de sexo fabricadas no diagnóstico de Hirsutismo, resulta de um conjunto de elementos complexos e díspares que podem e são estabilizados, ainda que apenas momentaneamente. Raça, como demonstra M'charek (2013, p. 434), assume diversos formatos. Ou melhor, raça, assim como busquei demonstrar com o gênero e o sexo, é performada (*enacted*) diferentemente, de acordo com a abordagem e os elementos levados em conta (*ibidem*). No caso que expus até aqui, então, se tratou de demonstrar como os pelos corporais estão emaranhados nas discussões sobre raça, diferenças taxonômicas e os limites entre humano e não-humano no trabalho de alguns teóricos evolucionistas. Tanto para Schultz quanto para Darwin, assim como para seus colegas, os pelos ajudam a compreender o processo evolutivo em termos filogenéticos. Isto é, descendemos (nós e outros primatas não-humanos) de uma criatura progenitora inferior e sabemos de tal descendência a partir da existência de rudimentos, como os pelos. Eles, por sua vez, não são óbvia ou meramente índices evolutivos, como se esse estatuto fosse inerente aos pelos, ou a qualquer critério taxonômico, como a cor da pele, o tamanho do crânio ou o tamanho da pélvis. Se os pelos indicam o estágio evolutivo de indivíduos de uma dada raça ou espécie, é porque eles estão emaranhados em uma narrativa específica (*idem*). Menos “dizer algo” sobre a realidade de dada espécie, os pelos contribuem com uma dada fabricação ou narração. Nem uma simples realidade biológica, nem uma mera construção social, contar essa história a partir dos pelos corporais evidencia a característica simultaneamente factual e fictícia das fronteiras raciais e entre humanos e não-humanos (M'charek, 2013, p. 436).

4.3 ENTÃO, ONDE COMEÇA O NÃO-HUMANO?

De todos os fatores que levaram às diferenças na aparência externa entre as raças do homem e, até certo ponto, entre o homem e os animais inferiores, a seleção sexual foi, de longe, a mais eficiente.²⁴⁴

Charles Darwin, *The Descent of Man*, p. 384

²⁴⁴ “Of all the which have led to the differences in external appearance between the races of man, and to a certain extent between man and the lower animals, sexual selection has been by far the most efficient.”

A teoria da seleção sexual não tinha como objetivo simplesmente encontrar as origens evolutivas das diferenças sexuais e raciais. Um compromisso nada inocente, a busca da explicação da origem e da evolução fixava a classe alta inglesa do século XIX como referência absoluta de superioridade. A história da evolução é a história de como os ingleses vieram a ser como são (ou eram em meados do século XIX)²⁴⁵. Como afirma Schiebinger (2013, p. 143-144), o conhecimento científico foi alçado, desde meados do século XVII, à procura de características biológicas que garantissem a continuação de certos padrões políticos e econômicos, entre os quais se destacam as relações de colonização e escravidão de povos não-europeus e as relações de subjugação e controle das mulheres europeias e de alhures (Laqueur, 2001). Este contexto é marcado por uma grande quantidade de produção e publicação de material científico, entre os quais se insere o trabalho de Darwin, que produziram os chamados racismo e sexismo científicos (Schiebinger, 2013, p. 144). As investigações raciais tinham como objeto investigar a capacidade racional através da análise do tamanho craniano de sujeitos masculinos humanos e não-humanos, mobilizando a noção de continuidade biológica. As investigações sexuais, por outro lado, centravam-se no sujeito europeu, masculino e feminino, e articulavam os sexos e os gêneros nos termos do dimorfismo sexual, configurando-os como diferenças complementares (*ibidem*). Como já vimos, os pelos corporais, principalmente os faciais, se inseriam nesses debates ora como evidências dessa diferença incomensurável (pautada no dimorfismo sexual), podendo sua presença em mulheres ser interpretada como uma evidência de sua capacidade racional, ora como evidência da superioridade física, intelectual e moral de homens brancos (Schiebinger, 2013, p. 120-126). Ter uma barba, então, era quase um pré-requisito para adentrar nos espaços de publicação e discussão intelectual. Nas páginas que se seguem, veremos a relação complicada entre Darwin, a teoria da seleção sexual, sua aplicabilidade em humanos, os pelos e a interpretação da teoria evolutiva por parte de mulheres do século XIX. Veremos como a ausência de uma barba em algumas mulheres (frequentemente

²⁴⁵ De acordo com Hamlin (2011, p. 961), os biógrafos de Darwin, Adrian Desmond e James Moore, afirmam que o naturalista inglês foi motivado a escrever sobre a história da evolução humana para se contrapor ao poligenismo, comum à época, que, pregando que distintas raças têm origens distintas, oferecia as bases para afirmar que algumas raças eram menos humanas que outras, passíveis de desumanização e, conseqüentemente, de escravização. Darwin advogava, pelo contrário, pela explicação monogenista, isto é, que todos os seres humanos, independentemente de raça, compartilhavam a mesma história filogenética (*idem*, p. 962). Isto, contudo, não lhe impediu de comparar e hierarquizar diferentes raças a partir de diferentes critérios taxonômicos, entre eles os pelos corporais. De acordo com o trabalho de Camille Nurka sobre a história das razões culturais por trás do “avental hotentote” (*Hottentot apron*) (Nurka, 2019, p. 91) o debate entre monogenistas e poligenistas é bastante antigo e complexo, podendo ser de cunho criacionista (Adão e Eva *versus* ação divina, respectivamente) ou de cunho evolucionista (o ancestral pré-histórico símio ou descendência de ancestrais distintos, respectivamente). Para as explicações seculares, como o evolucionismo, a interpretação poligenista do avental funcionava para alinhar e hierarquizar as distintas raças como espécies distintas enquanto a interpretação monogenista argumentava a favor da degeneração racial ou atavismo evolutivo (*idem*, p. 91-92).

brancas e inclinadas a concordar com os pressupostos evolucionistas de Darwin), no entanto, não as impedia de se manifestarem.

Se, como mencionado acima, meu objetivo é discutir mais adiante a figura das mulheres barbadas e sua caracterização como monstruosas, seria interessante voltar minha atenção à relação mais precisa entre a questão central desse capítulo e o conceito de cisgeneridade. Menos apontar onde a cisgeneridade opera na teoria darwiniana, gostaria de demonstrar como uma leitura de seu trabalho a partir dos estudos feministas da ciência pode contribuir com a fabulação desse conceito. Até agora, foi possível perceber como a distinção humano/não-humano é fabricada em termos raciais e como essa fabricação é pautada em um ponto de partida importante para Darwin: a existência de um progenitor comum aos primatas. A teoria filogenética, além do mais, performa uma dessacralização da experiência humana, evidenciando sua animalidade, pois, “a questão central não era que os humanos evoluíram de um animal; antes, que os humanos *eram* animais”²⁴⁶ (Hamlin, 2014, p. 1-2 e 6, ênfase da autora), “[exatamente como] pombos, cracas e orquídeas e submetidos aos mesmos processos evolutivos”²⁴⁷ (Richards, 1983, p. 63). No entanto, quando confrontado com questões de delimitação entre os superiores e os inferiores, as “raças pilosas” ou brancas eram colocadas, por Darwin, em posição superior em relação às “raças glabras” ou indígenas, negros etc., reafirmando sua posição superior no panteão da humanidade. A consequente inferioridade evolutiva pressuposta nos não-brancos servia como justificativa para a instauração de regimes de desumanização e violência.

Um exemplo mencionado acima aponta exatamente para isso. A “comparação mais justa” entre o gosto pelo belo de “selvagens” e animais feita por Darwin tem o intuito de evitar qualquer dúvida sobre a diferença entre, por um lado, a “escolha racional baseada na sensibilidade estética feminina” (comum a todos os seres, inclusive os animais) e, por outro, a “[escolha e sensibilidade] de um homem educado, com suas ideias associadas multiformes e complexas”²⁴⁸ (*ibidem*). Isto é, nesse trecho, Darwin se certificou de demonstrar como a dolorosa remoção de pelos faciais e a consequente ausência de barba, comuns aos povos não-brancos ou “raças glabras” (*hairless races*), eram efeitos da seleção sexual, isto é, efeitos da escolha racional e da sensibilidade estética femininas, exatamente como a penugem colorida de alguns pássaros e os chifres de alguns ruminantes. Se “capacidade de escolha racional” e “sensibilidade estética” femininas são dois elementos indispensáveis ao funcionamento correto

²⁴⁶ “[...] the central point was not that humans had evolved from animals; it was that humans were animals.”

²⁴⁷ “[such as] pigeons, barnacles and orchids, and [subjected] to the same evolutionary processes.”

²⁴⁸ “[...] of a cultivated man, with his multiform and complex associated ideas.”

(heterossexual) da seleção sexual, por que há a necessidade de diferenciar os processos mentais dos “selvagens” e dos “civilizados”, ou os processos mentais dos evoluídos e dos não-evoluídos-tanto-quanto, como Darwin faz nessa passagem?

Em meu próprio argumento, utilizei essa comparação de Darwin para demonstrar como ele lida com a maior presença de uma característica rudimentar (os pelos) em homens brancos: o gosto de mulheres brancas inglesas pela barba (e veremos que esse é a única característica física masculina que depende da escolha feminina) é superior. Contudo, questionar qual é o contexto e o intuito dessa afirmação pode nos ajudar a continuar desenrolando os fios dessa história/estória. Para tanto, é importante retomar o papel feminino na teoria da seleção sexual. De acordo com Herzig (2015, p. 59) e Milam (2010, p. 15), a escolha individual baseada no gosto feminino é um problema no contexto de publicação de *Descent of Man*, não só por conta dos incipientes debates feministas sobre a agência política da mulher (Hubbard, 2003; Richards, 1983), mas especialmente porque ela implica no reconhecimento da capacidade mental das fêmeas dos animais. Entre esses processos mentais, estava a avaliação das características físicas masculinas de acordo com o gosto individual das fêmeas, que, com o passar do tempo, contribuiria para um padrão de aparência mais frequente dos machos que transmitiriam, por sua vez, essas características para os filhotes do mesmo sexo. O motivo desse funcionamento ser problemático é que, de acordo com Milam (2010, p. 15), “a escolha feminina requeria um enquadramento psicológico (*mentalistic framework*)”. Isto é, poder discriminatório (escolha racional) e gosto (sensibilidade estética) femininos implicava não só no reconhecimento da capacidade mental de não-humanos, mas principalmente que eles podiam performar atividades parecidas com as dos humanos, por exemplo, a escolha de um parceiro para acasalamento. No entanto, antevendo o ceticismo que isso poderia gerar, “[Darwin] se esforçou em demonstrar que, ao descrever a escolha feminina, ele não se referia aos mesmos tipos de deliberação racional de um humano” (*ibidem*).

É ao diferenciar e explicar o que quer dizer com “deliberação racional humana” e “escolha feminina” que Darwin se utiliza dessa “comparação justa”, acrescentada na versão revista e aumentada da segunda edição de 1874. Nesse trecho, ele afirma que a escolha feminina “sem dúvida implica poderes discriminatórios e gosto por parte da fêmea, *o que parecerá, a princípio, extremamente improvável*”²⁴⁹ (Darwin, 1882, vol. 1, p. 211, ênfase minha). É nesse contexto que a influência dos padrões vitorianos de gênero e de sexualidade são evidenciados. Além do mais, os emaranhamentos com padrões raciais e a utilização da seleção sexual para

²⁴⁹ “[...] powers of discrimination and taste on the part of the female which will at first appear extremely improbable [...]”

explicar atitudes e comportamentos não-humanos, além de enquadrar toda atitude e comportamento não-europeu, também ficam evidentes (Richards, 1983, p. 70-76 Milam, 2010, p. 10; Hamlin, 2011, p. 962-968 Hamlin, 2014, p. 3-4).

Apesar do trabalho de Darwin questionar a hegemonia religiosa e oferecer uma explicação (ou narrativa?) alternativa à explicação bíblica (Hamlin, 2014, p. 1-2), “suas conclusões sobre a evolução biológica e social femininas” continuam inseridas em um enquadramento social, intelectual e cultural específico, qual seja, “limitadas tanto por seu compromisso com uma explicação naturalista ou científica das características mentais e morais humanas quanto por suas suposições socialmente derivadas da inferioridade inata e da domesticidade das mulheres”²⁵⁰ (Richards, 1983, p. 60)²⁵¹. Essa citação de Evelleen Richards me remete ao trecho de um texto de Amade M’charek (2013, p. 436), onde ela afirma que “é frutífero enxergar [a ficção] como uma coleção de dispositivos (*devices*) que ajudam a situar os fatos”²⁵². Isto é, a seleção sexual, menos uma constatação da verdade biológica inquestionável e encontrada na natureza, é uma incorporação científica (Haraway, 1992), uma fabricação na qual “fatualidade (*factness*) e ficcionalidade (*fiction-ness*) [...] existem [...] nas práticas onde o conhecimento é posto em uso”²⁵³ (*idem*, p. 437). Aqui, o que se entende por homem e mulher, masculino e feminino e as implicações raciais de cada termo deveria ser visto, então, como partes de uma narrativa maior, qual seja, da teoria da evolução e como ela culmina na criação de padrões de civilidade vitorianos e seu corolário, os padrões de incivilidade de fora da Europa.

Dentro desse contexto, uma escolha teórica de Darwin chama atenção por seu esforço em diferenciar os humanos (racializados como brancos e pilosos, especialmente barbados) do restante dos seres vivos. Darwin decidiu diferenciar marcadamente a escolha feminina da

²⁵⁰ [...] constrained by his commitment to a naturalistic or scientific explanation of human mental and moral characteristics as they were by his socially derived assumptions of the innate inferiority and domesticity of women [...].”

²⁵¹ Em *Darwin and the Descent of Woman* (1983), Evelleen Richards faz o trabalho interessante de reconstruir as relações entre a prática científica e a vida pessoal de Darwin no contexto da sociedade vitoriana, o que, como estamos vendo, influenciou diretamente as concepções iniciais de seu trabalho sobre seleção sexual. Na primeira seção, ela discute mais diretamente a influência da heterossexualidade e da passividade feminina vitorianas em seu trabalho, assim como a influência das discussões sobre inferioridade e superioridade raciais e de gênero e sexo na produção da equação mulher = criança = primitivo. No entanto, é na segunda seção que Richards evidencia essa relação de maneira mais direta através da análise do casamento de Darwin com Emma (Wedgwood) Darwin. Aprendemos que a esposa de Darwin dedicou sua vida para o cuidado do marido e o apoio ao seu trabalho, tendo sido central para o desenvolvimento de alguns dos experimentos que basearam suas “descobertas”. Ao passo que Emma deveria “‘humanizá-lo’ e ensiná-lo que há maior felicidade na vida do que ‘construir teoria e acumular fatos científicos no silêncio e na solidão’ [...] [Darwin] não esperava companhia intelectual no casamento e, na verdade, a desencorajava”. A posição de Darwin sobre as mulheres na ciência é reveladora: “a ciência era [...] exclusivamente masculina, na qual as mulheres entravam, se é que entrassem, somente como espectadoras – no máximo, como amadoras [...], não para serem levadas a sério.” (Richards, 1983, p. 80-81 com alguns trechos de Litchfield, 1915, vol. 2, p. 23)

²⁵² “It is fruitful to see [fiction] as a collection of devices that help to situate facts.”

²⁵³ “[...] factness and fiction-ness [...] inhere [...] in practices where knowledge is put to use.”

deliberação racional humana, isto é, a seleção sexual, mecanismo complementar à seleção natural que tem a capacidade de explicar variação individual de gênero, sexo e raça intraespecífica, é invertida entre os humanos, e é o homem/macho, e não a mulher/fêmea, que escolhe racionalmente a partir de sua sensibilidade estética e gosto pessoal (Richards, 1983, p. 70; Milam, 2010, p. 17; Hamlin, 2014, p. 10). Nesse caso, a crença na passividade e domesticidade femininas, em contraponto à avidez e vida pública masculinas, oferecem a base dessa inversão: por conta de sua dinamicidade, os homens tomaram para si a tarefa da seleção sexual. De acordo com Richards (1983, p. 70), essa inversão era um incômodo para Darwin, pois, entre os animais, lhe faltavam evidências do mesmo comportamento observado nos humanos (especificamente, os homens de sua época), chegando a afirmar, em uma carta de abril de 1868, que “*nada lhe agradaria mais* do que encontrar evidência de machos escolhendo (*selecting*) as fêmeas mais atraentes” (Darwin, 1903, vol. 2, p. 76, ênfase nossa). A seleção sexual como contraparte da seleção natural, ainda que objeto específico de *Descent of Man* (1871), foi brevemente mencionada em *The Origin of Species* (1859). Desde então, ela já tinha um papel importante e, no contexto do primeiro livro, ela aparecia como evidência de que os machos mais fortes das espécies mais aptas obtinham maior sucesso na reprodução, transmitindo suas características físicas adiante. A dimensão da seleção sexual, que explica para Darwin a emergência de características inexplicáveis pela dimensão da seleção natural, é o centro de debate e rompimento entre ele e um de seus maiores colaboradores intelectuais e teóricos, o próprio remetente de sua carta sobre sua frustração teórica: Alfred Russel Wallace.

A Wallace é atribuído a posição de coautoria da teoria evolutiva (Richards, 1983, p. 63). De acordo com Milam (2010, p. 12), Darwin foi impulsionado à publicação de *The Origin of Species* por Wallace, que, em uma carta explicando seu trabalho, “delineava um mecanismo para a divergência entre espécies muito similar às próprias meditações de Darwin sobre seleção natural”²⁵⁴. Em 1858, Darwin e Wallace conjuntamente apresentaram seus trabalhos à Sociedade Lineana (*Linnaean Society*). Ambos tendiam a concordar quanto aos mecanismos de seleção natural e trabalhar conjuntamente nessa frente, ao ponto de Darwin oferecer suas anotações para Wallace após a leitura de um texto seu intitulado *The Origin of Human Races and the Antiquity of Man Deduced from the Theory of Natural Selection* (1864) (Richards, 1983, p. 63). Mas suas ideias passaram a divergir radicalmente quanto à aplicabilidade da teoria evolutiva à humanidade, especialmente quanto à seleção sexual. Em um texto publicado originalmente em 1869, Wallace rompe completamente com Darwin, divergindo de seu colega

²⁵⁴ “[...] outlined a mechanism for species divergence very similar to Darwin’s own musings on natural selection.”

em um nível fundamental. Se contrapondo radicalmente à seleção sexual, Wallace (1871, p. 359) afirma que ela não era capaz de explicar o desenvolvimento físico, social e mental humano. Na verdade, “uma inteligência superior guiou o desenvolvimento do homem [*of man*] em uma direção definitiva e por um propósito especial”²⁵⁵. Essa afirmação, uma crítica direta à seleção sexual, não deixa de fora uma de suas mais importantes evidências, a ausência de pelo corporais em humanos. Para Wallace, a nudez humana demonstra “a agência de algum outro poder [...] no desenvolvimento do homem [a partir] de animais inferiores (*lower animals*)”²⁵⁶ (*idem*, p. 356). Sobre essa característica tão exemplar da atividade de um poder superior no desenvolvimento humano (*ibidem*), Wallace afirma que

A pele macia, nua e sensível do homem, totalmente livre daquela cobertura pilosa que é tão universal entre outros mamíferos, não pode ser explicada pela teoria da seleção natural. Os hábitos dos selvagens mostram que eles sentem a necessidade dessa cobertura, que está completamente ausente no homem exatamente onde é mais espessa em outros animais. Não temos razão alguma para acreditar que ela poderia ter sido prejudicial ou mesmo inútil para o homem primitivo; e, nessas circunstâncias, sua abolição completa, demonstrada pelo fato de nunca voltar a existir em raças mistas, é uma demonstração da agência de algum outro poder [...].²⁵⁷ (*ibidem*)

O rompimento entre Darwin e Wallace, portanto, estava na decisão do último em depositar à explicação do desenvolvimento (para Wallace) e da evolução (para Darwin) na ideia, ridicularizada por alguns de seus contemporâneos, de “Deus como um tipo de cosmetólogo primordial”²⁵⁸ (Herzig, 2015, p. 58), “uma inteligência superior removendo os pelos das costas de homens selvagens”²⁵⁹ (Stebbing, 1870, 155-156). Se Darwin foi impulsionado a publicar *The Origin of Species* a partir de seu contato com o trabalho de Wallace, o esforço do primeiro em convencer o segundo da existência e funcionamento da seleção sexual nas diferenças de gênero, sexo e raça estava presente na escrita de *Descent of Man*. No início de 1867, Darwin já “havia acumulado bastante material sobre seleção sexual e estava convencido de seu papel essencial na evolução humana, decidindo reunir suas anotações

²⁵⁵ “[...] a superior intelligence has guided the development of man in a definitive direction, and for a special purpose.”

²⁵⁶ “[...] the agency of some other power [...] in the development of man from the lower animals.”

²⁵⁷ “The soft, naked, sensitive skin of man, entirely free from that hairy covering which is so universal among other mammalia, cannot be explained on the theory of natural selection. The habits of savages show that they feel the want of this covering, which is most completely absent in man exactly where it is thickest in other animals. We have no reason whatever to believe, that it could have been hurtful, or even useless to primitive man; and, under these circumstances, its complete abolition, shown by its never reverting in mixed breeds, is a demonstration of the agency of some other power [...].”

²⁵⁸ “[...] God as some sort of primordial cosmetologist.”

²⁵⁹ “[...] a superior intelligence plucking the hair from the backs of savage men [...].”

em um ‘ensaio sobre o homem’”²⁶⁰ (Richards, 1983, p. 66). Em uma carta de fevereiro do mesmo ano à Wallace, Darwin afirma que as evidências o certificam “que a seleção sexual é o agente principal na formação das raças do homem”, mas expressa sua insatisfação em “ter falhado em convencê-lo [à Wallace], o que lhe é dos golpes mais violentos possíveis”²⁶¹ (Darwin, 1887, p. 95). Dado que já entendemos a importância da seleção sexual na teoria evolutiva e já vimos como ela agiu no rompimento entre Darwin e Wallace, vamos retomar a questão da inversão que Darwin faz quando a aplica aos seres humanos e, curiosamente, é a partir dos pelos corporais que essa história se desenrola.

De acordo com Richards (1983, p. 70) Darwin estava certo de que, entre os humanos, “através da preferência estética masculina, os padrões díspares (*differing*) de beleza das várias raças ofereciam a explicação da diferenciação racial”²⁶². A produção de uma preferência estética masculina é conjuntamente produzida ao gosto inferior dos não-brancos, afirmando o seguinte: ainda que “à primeira vista [parecesse] uma suposição monstruosa que a cor de azeviche (*jet-blackness*) do negro (*negro*) fora alcançada através da seleção [...] nós sabemos que os negros (*negroes*) admiram sua própria cor”²⁶³ (Darwin, 1871, vol. 2, p. 381-382). Para que essa inversão funcionasse, então, Darwin precisava dar primordialidade às batalhas entre machos com fins de reproduzirem com as melhores fêmeas, ao invés da escolha feminina. É na observação da ação da seleção sexual através do cortejo e do casamento heterossexuais que se torna possível verificar que cada raça humana tem a sua própria concepção de beleza (Milam, 2010, p. 17), ainda que o que era considerado belo também era encaixado na hierarquia de inferioridade e superioridade, como o comentário sobre a negritude da cor da pele evidencia. O rosto, para além da importância que tem por conta da barba, é o local por excelência da beleza inglesa vitoriana. Em uma passagem sobre o gosto pelo belo que, talvez, anteceda a “comparação mais justa” já mencionada, Darwin (1871, vol. 2, p. 296) afirma que “as capacidades mentais (*mental powers*) [assim como o gosto pelo belo] dos animais superiores (*higher animals*) não diferem em tipo, ainda que altamente em grau, dos poderes [e gosto] correspondentes no homem, especialmente nas raças bárbaras inferiores”²⁶⁴. Aqui, Darwin

²⁶⁰ “[...] had accumulated so much material on sexual selection and was so convinced of its essential role in human evolution, that he decided to assemble his notes into an ‘essay on Man’ [...]”

²⁶¹ O trecho da carta é o seguinte: “[...] I have almost resolved to publish a little essay on the origin of Mankind, and I still strongly think (though I failed to convince you, and this to me is the heaviest blow possible) that sexual selection has been the main agent in forming the races of man.”

²⁶² “The differing standards of beauty of the various races offered the explanation, via male aesthetic preference, of racial differentiation.”

²⁶³ “It seems at first sight a monstrous supposition that the jet-blackness of the negro should have been gained through sexual selection [...] we know that negroes admire their own colour.”

²⁶⁴ “[...] the mental powers of the higher animals do not differ in kind, though so greatly in degree, from the corresponding powers of man, especially of the lower and barbarous races [...]”

compara a escarificação na região do rosto e pinturas faciais de “vários negros e selvagens de várias partes do mundo” ao “rosto profundamente sulcado e espalhafatosamente colorido”²⁶⁵ (*ibidem*) do mandril (*Mandrillus sphinx*), uma espécie africana de Macaco do Velho Mundo.

Portanto, é interessante perceber como na explicação da “escolha racional” (poder discriminatório) e “sensibilidade estética” (gosto) femininos e sua inversão no reino humano Darwin retoma alguns pontos basilares e indispensáveis de sua teoria, especificamente as diferenças entre superiores e inferiores, imperfeitos e perfeitos, simples e complexos. Essas diferenças físicas e suas características evolutivas (simplicidade ou complexidade) são observadas por Darwin, além do contexto mais geral dos debates raciais filogenéticos, em termos de dimorfismo sexual. Gênero, sexo, raça e humanidade estão emaranhados dentro de uma continuidade biológica, partindo do mais rudimentar ao mais complexo, dentro da qual a sociedade civilizada inglesa e seus membros, especialmente os homens, configuram como o ponto culminante, que, por sua vez, “minou a posição da mulher na sociedade [ao] pintá-las como menos evoluídas que os homens, ao custo de unir toda as raças humanas sob um único termo guarda-chuva – humanidade (*mankind*)”²⁶⁶ (Milam, 2010, p. 17). Não se trata, como já sabemos, da universalidade da humanidade a todos os seres humanos. Ao contrário, Darwin se esforça em demarcar os níveis evolutivos de diferentes espécies e, no caso dos humanos, das diferentes raças.

As características que definem o masculino e fundamentam as fronteiras de sexo e de gênero, marcadamente influenciadas por padrões raciais de humanidade, entre elas “coragem, combatividade, perseverança, força e tamanho do corpo, armas de todo tipo, órgãos musicais, simultaneamente vocais e instrumentais, cores intensas e apêndices ornamentais”²⁶⁷ (*idem*, p. 402), surgiram, no caso humano, através do exercício da racionalidade dos homens, exceto uma. Entre todas as características físicas resultantes da seleção sexual, a única exercida pela escolha feminina é “aquele esplêndido emblema vitoriano de virilidade, a barba” (Richards, 1983, p. 70), o que nos remete novamente para a questão dos pelos, mas, agora com relação à apropriação feminista da teoria evolucionista por parte de mulheres do século XIX. A relação entre teoria evolucionista e feminismo pode parecer, nas palavras de Hamlin (2014, p. 1), curiosa, mas em seu livro *From Eve to Evolution: Darwin, Science, and Women's Rights in Gilded Age America*, ela se esforça em demonstrar como o trabalho de Darwin “não derrubou

²⁶⁵ “[...] negroes [...] savages in many parts of the world [...] deeply-furrowed and gaudily-coloured face [...]”

²⁶⁶ “Sexual selection undermined the place of women in society, painting them as less evolved than men, at the cost of uniting all human races under a single umbrella—mankind.”

²⁶⁷ “[...] Courage, pugnacity, perseverance, strength and size of body, weapons of all kinds, musical organs, both vocal and instrumental, bright colours, stripes and marks, and ornamental appendages [...].”

(*upend*) intencionalmente ideias tradicionais sobre gênero sexo, mas foi precisamente isso o que seus escritos ajudaram a fazer”²⁶⁸. A Figura 29, publicada no mesmo ano da publicação de *Descent of Man*, demonstra exemplarmente, ainda que de forma cômica, os termos nos quais essa apropriação estava colocada. Seu título é o seguinte: “Uma refutação lógica da teoria do Sr. Darwin”. Nela, vemos um homem lendo uma edição de *Descent of Man* para sua mulher e sua criança. A legenda diz o seguinte:

Jack (que tem lido algumas passagens de *Descent of Man* para sua esposa, a quem ele adora, mas que ama provocar): Então veja Mary, o bebê é descendente de um quadrúpede piloso com orelhas pontudas e uma cauda. Todos somos.

Mary: Fale por você, Jack. Eu não sou descendente de nada do gênero, eu te digo; e o bebê puxou a mim. Então, aí está!

De acordo com a interpretação de Hamlin (2014, p. 11), a mulher é retratada como “decorosa e civilizada, o epítome da feminilidade do século XIX” ao passo que o homem é retratado como “barbado, bruto” que poderia, muito bem, “ter evoluído de um progenitor símio (*ape-like*)”²⁶⁹. É comum no trabalho de Darwin exemplos de superioridade e inferioridade, especialmente quando ele afirma a inferioridade da fêmea em relação ao macho. Portanto, na sociedade inglesa do século XIX, como era de se esperar a partir das frequentes analogias entre humanos e animais na teoria evolucionista, a mulher era inferior ao homem não só fisicamente, como moral e intelectualmente. Em termos evolucionistas, isso era o resultado da passagem das características superiores do macho para os filhotes ou filhos do mesmo sexo. No entanto, a herança de características físicas, morais e intelectuais para sujeitos do mesmo sexo “felizmente” nem sempre se mantinha válida, “caso contrário, é provável que o homem teria se tornado tão superior à mulher em capacidade mental quanto o pavão é superior à pavoia em plumagem ornamental”²⁷⁰ (Darwin, 1871, vol. 2, p. 328-329).

²⁶⁸ “[...] did not intentionally upend traditional ideas about gender and sex, but that is precisely what his writings helped to do [...]”

²⁶⁹ “[...] decorous and civilized, the epitome of nineteenth-century femininity. [...] bearded, brute man could perhaps have evolved from ape-like progenitors [...]”

²⁷⁰ “[...] otherwise it is probable that man would have become as superior in mental endowment to woman, as the peacock is in ornamental plumage to the peahen.”

Figura 31 — “Eu não sou descendente de um quadrupede piloso com orelhas pontudas e uma cauda”, ilustração de uma revista de 1871



Fonte: Hamlin, 2014

Ao mesmo tempo que Darwin afirma a possibilidade do aprimoramento feminino através da educação superior de mulheres, ele elimina qualquer possibilidade dos sexos se igualarem. Ele baseia seu argumento em um exercício imaginativo: “se fizéssemos duas listas dos homens e mulheres mais proeminentes na poesia, pintura, escultura, música [...] as duas listas não poderiam ser comparadas”²⁷¹ pois a superioridade masculina é comprovada “pelo fato de o homem alcançar mais eminência, em qualquer campo que ele ocupe, do que a mulher poderia – seja pela exigência de pensamento profundo, razão ou imaginação ou meramente o uso dos sentidos e das mãos”²⁷² (*idem*, 327). É muito revelador que o relacionamento de Darwin com Emma incorporasse muito do que o autor de *Descent of Man* compreendia por comportamentos e evidências biológicas masculina e feminina. Mas, quanto à inferioridade intelectual feminina, Darwin concatenava também fronteiras raciais ao argumentar a favor do

²⁷¹ “If two lists were made of the most eminent men and women in poetry, painting, sculpture, music [...] the two lists would not bear comparison.”

²⁷² “[...] by man attaining to a higher eminence, in whatever he takes up, than woman can attain—whether requiring deep thought, reason, or imagination, or merely the use of the senses and hands.”

modelo mulher-criança-primitivo, isto é, que havia inferioridades mentais, físicas e morais semelhantes entre esses três elementos. De acordo com Richards (1983, p. 73-76), a crença na inferioridade feminina, ou na mulher como a criança e o primitivo do homem, ainda que latente na época antecedente à publicação de *Descent of Man*, era algo que o acompanhava há muito tempo, desde, no mínimo, 1838. A desigualdade entre os sexos se justificava, para Darwin, por um fator biológico insuperável: “as diferenças sexuais [...] aumentam com a evolução da raça, ao passo que o homem europeu excede muito mais à mulher [europeia], do que o [homem] negro (*negro*) à [mulher] negra (*negress*)”²⁷³ (Darwin, 1871, vol. 2, p. 330).

Portanto, a escolha em ilustrar *Mary*, da Figura 29, como civilizada ao passo que seu marido, *Jack*, é ilustrado como piloso e bruto, não é acidental, mas estratégica. Essa imagem ilustra, de maneira exemplar, os movimentos intelectuais que as leitoras feministas de Darwin do século XIX estavam se esforçando em fazer em seus trabalhos: questionar a noção de inferioridade da mulher (branca, inglesa, europeia, heterossexual e intelectual) ao homem (branco, inglês, europeu, heterossexual e intelectual). Com a publicação de *Descent of Man*, a popularização da aplicação de noções evolutivas ao homem e uma proeminência cada vez maior da ciência como substituta da religião, o final do século XIX vitoriano foi marcado por mudanças significativas, entre elas as mudanças sociopolíticas derivadas do capitalismo industrial, a perda de força política da expansão imperial inglesa e o advento do chamado darwinismo social, resultante da aliança entre a biologia darwinista e o evolucionismo social spenceriano, culminando em tendências eugenistas tanto em termos de gênero e sexualidade quanto de raça (Richards, 1983, p. 87-94). Os trabalhos de Darwin, assim como seus de colegas como Huxley, Herbert Spencer e Carl Vogt, argumentavam a favor da relação entre biologia e política e relação social, trazendo consigo antigos padrões e estereótipos masculinos e femininos (*ibidem*). O argumento das diferenças sexuais biológicas, agora sob a rubrica da complementariedade do trabalho industrial e do trabalho doméstico, era questionado pelo incipiente movimento feminista, permeado, principalmente, por mulheres brancas da classe média com acesso, também incipiente, à educação superior (Hamlin, 2014, p. 16)²⁷⁴. De acordo

²⁷³ “[...] the difference between the sexes [...] increases with the development of the race, so that the male European excels much more the female, than the negro the negress.”

²⁷⁴ Em linhas gerais, essas mulheres eram brancas, de classe média ou alta e membras das famílias mais proeminentes da sociedade norte-americana do século XIX, que é o escopo do estudo de Kimberly Hamlin. A presença de mulheres negras é nula, seja por conta do racismo específico do movimento pelos direitos das mulheres, seja pelo racismo mais generalizado da sociedade norte-americana que, geralmente, impossibilitava o acesso a oportunidades de publicação. Nesse livro, Hamlin afirma que “ao meu conhecimento, não há estudos sobre as respostas de mulheres negras (*African American Women's*) à teoria da evolução”. Para além das similaridades de raça e classe, elas também se viam como mulheres trabalhadoras ou tendiam a escrever pela defesa do trabalho feminino para além do reino doméstico (Hamlin, 2014, p. 21).

com Richards (1983, p. 96), o único recurso dessas feministas era “reivindicar para a mulher uma ‘capacidade mental [biologicamente baseada] complementar’ à do homem – uma ‘capacidade mental’ enraizada em suas qualidades maternas e femininas intatas”²⁷⁵ o que, em última instância, “só poderia reforçar os estereótipos tradicionais e favorecer o estabelecimento de limites biológicos do potencial humano”²⁷⁶ (*ibidem*).

O argumento dessas feministas tinha o objetivo de demonstrar como o lugar das mulheres inglesas na sociedade vitoriana e norte-americanas no crescente industrialismo era “antinatural” a partir da analogia com os animais, além de, simultaneamente, marcar as fronteiras entre si e o outro racial e sexualmente inferior. Isso é exemplarmente ilustrado no trabalho de Elizabeth Burt Gamble, publicado em 1894, *The Evolution of Woman: An Inquiry into the Dogma of her Inferiority to Man*²⁷⁷ que, no ano de 1916, foi reeditado e republicado com um novo título, *The Sexes in Science and History: An Inquiry into the Dogma of her Inferiority to Man*. De acordo com Milam (2010, p. 25), Gamble acreditava que, por “[possuírem] sensibilidade estética e inteligência intuitiva mais perspicazes que os homens”²⁷⁸, “as mulheres [lhes] eram superiores, moral e esteticamente, por terem escolhido durante milhares de gerações os melhores machos para acasalar (*mate*)”²⁷⁹. Isto é, as feministas darwinistas não só lidavam com os efeitos prejudiciais da teoria evolucionista sobre elas na dimensão social, especialmente na dificuldade ao acesso à vida pública, como articulavam sua superação ou criavam as condições para a mudança social nos mesmos termos. Nesse sentido, não é estranho Gamble se utilizar de ideias eugenistas, como na conclusão da segunda edição de seu livro, onde afirma que a evolução da sociedade frequentemente se invertia, alternando entre o estado de desenvolvimento e o estado de degradação (Gamble, 1916, p. 380). Consequentemente, Gamble argumentava que “cada período de degradação correspondia a um momento no qual mulheres eram ostracizadas na sociedade e reprimidas”²⁸⁰ (Milan, 2010, p.

²⁷⁵ “[...] to claim for woman a biologically based 'complementary genius' to man's – a 'genius' which was rooted in her innate maternal and womanly qualities.”

²⁷⁶ “[...] could only reinforce traditional stereotypes and cater to the drawing of biological limits to human potentiality.”

²⁷⁷ O livro *From Eve to Evolution: Darwin, Science, and Women's Rights in Gilded Age America* é um estudo atencioso das chamadas “feministas evolucionistas” norte-americanas. No quarto capítulo, intitulado “*Female Choice*” and the *Reproductive Autonomy of Women*, Hamlin (2010, p. 128-166) discute detalhadamente a vida, o contexto da produção do pensamento, as influências intelectuais e políticas, a recepção e a crítica, os embates e os limites do trabalho de Gamble.

²⁷⁸ “[...] women [...] possess a keener aesthetic sense and intuitive intellect than men.”

²⁷⁹ “[...] women were morally and aesthetically superior to men because of thousands of generations of selecting the “best” males with whom to mate.”

²⁸⁰ “Each period of decay corresponded to a time when women were ostracized from society and repressed.”

25), tal qual o momento no qual ela se encontrava ao escrever seu livro²⁸¹, e, caso isso não mudasse, as raças inferiores iriam, inevitavelmente, superar as sociedades mais avançadas devido sua taxa de natalidade alta (*ibidem*).

Não é estranho, também, Gamble se referir às “raças inferiores” dessa forma. De acordo com Hamlin (2014, p. 18) feministas como ela se interessaram pela teoria evolucionista por oferecer as condições para minar os motivos pelos quais a mulher se encontrava em uma situação tão desvantajosa, ainda que as condições para tal situação emanavam da própria teoria evolucionista. O vínculo com a teoria evolucionista, incitado especialmente pelos mecanismos de escolha racional e sensibilidade estética femininos, lhe ofereciam “um olhar crítico para o sexismo científico”, que não era “acompanhado [contudo] por um olhar crítico ao racismo científico”²⁸² (*ibidem*). Sendo assim, “como a maioria do pensamento feminista da época, a ideologia das feministas darwinistas era fundado em premissas da branquitude (*whiteness*) e, geralmente, superioridade racial branca”²⁸³ (*ibidem*), tendo como efeito político reivindicações de que o lugar dessas mulheres é “no topo da escala evolutiva, junto com os homens brancos” (*idem*, p. 19).

Contudo, sua comparação com os homens não se limitava a se colocarem como suas iguais, mas, ao contrário, como naturalmente superiores. A seleção sexual feminina, observada entre todos os animais e seres humanos inferiores, os “selvagens”, mas não entre os homens e mulheres evoluídos das sociedades industriais inglesas e norte-americanas, era o ponto de partida do trabalho de Gamble. Apesar de se apoiar na importância desse elemento da teoria de Darwin, a autora afirma que as características sexuais secundárias masculinas dependem de um

grande dispêndio de força vital [e] não auxiliam seu possuidor na superação das condições desfavoráveis de seu ambiente [além de] frequentemente impedirem o uso livre das pernas para correr ou caminhar e destruírem inteiramente o uso das asas para voar [...] devendo ser prejudiciais à estrutura inteira”²⁸⁴. (Gamble, 1916, p. 33)

²⁸¹ A recepção do trabalho de Gamble é bastante reveladora quanto a isso. De acordo com Hamlin (2014, p. 139-140), seu trabalho foi qualificado como “um ataque destemido aos homens” e, inclusive, uma resenha de seu livro chegou a afirmar que “o problema de Gamble era sua frigidez e a falta de uma vida sexual saudável [o que explicaria] seu mau humor e sua crítica (*critique*) excessivamente zelosa aos homens”.

²⁸² “[...] critical eye toward scientific sexism [...] accompanied by a critical eye toward scientific racism.”

²⁸³ “Like most feminist thought of the time, the Darwinian feminists’ ideology was grounded in assumptions of whiteness and, generally, white racial superiority.”

²⁸⁴ “[...] secondary sexual characters do not assist their possessor in overcoming the unfavourable conditions of his environment [...] they often hinder the free use of the legs in running and walking, and entirely destroy the use of the wings for flight [...] they must be detrimental to the entire structure.”

Superiores, “as mulheres [...] usaram sua força vital em funções mais úteis, como a gravidez e a amamentação (*nursing*), estabelecendo ainda mais a superioridade feminina”²⁸⁵ (Hamlin, 2014, p. 135). Partindo da discussão sobre a seleção sexual, os embates entre Darwin e Wallace e sua importância para Gamble, é indispensável retomar a questão dos pelos corporais na forma como ela é abordada por essa feminista darwinista. Entre a primeira e a segunda edições de seu livro, algumas modificações chamam a atenção de quem os lê: além de acrescentar alguns capítulos sobre os temas do casamento por captura e o princípio matriarcal no trecho sobre sociedades pré-históricas e sobre o Renascimento na discussão sobre sociedades antigas, o capítulo onde menciona os pelos é o único a receber uma mudança mais elementar. Na versão de 1894, o tema dos pelos corporais é discutido no terceiro capítulo da primeira parte do livro, intitulados, respectivamente, *The Female Superior to the Male* (A fêmea superior ao macho) e *The Theory of Evolution* (A teoria da evolução). Contudo, na versão de 1916, ainda que o nome da primeira parte do livro continue o mesmo, a seção que discute os pelos corporais passa a ser chamada de *Male Organic Defects* (Falhas ou Anomalias Orgânicas do Macho).

Gamble, através de analogias feitas a partir do reino animal e vegetal (*idem*, p. 39-44), constrói seu argumento de superioridade feminina demonstrando que, nas melhores condições, o número de fêmeas será maior, e, nas piores condições, o inverso é verdadeiro. Ou seja, as mulheres, ou as fêmeas de todas as espécies, são o resultado perfeito que as melhores condições podem oferecer, comida e água abundantes, por exemplo. Para Gamble, então, a crença darwiniana que os machos representam o apogeu evolutivo e, entre os seres humanos, são eles que exercem escolha racional a partir de sensibilidade estética é infundada, pois, “a fêmea é a unidade primeva de seleção [o fator ou causa inteligente, como o criador (*breeder*) na seleção artificial] e as funções masculinas são apenas suplementares ou complementares”²⁸⁶ (*idem*, p. 36-38). “Falhas” ou “anomalias orgânicas” seriam aquelas características como a coloração de pássaros e peixes machos ou “os vários apêndices adquiridos pelos machos [humanos e não-humanos]” que, sem nenhuma função evolutiva ou adaptativa, foram escolhidas pela fêmea “para tornar o macho belo para que ela pudesse suportar suas carícias”²⁸⁷ (Gamble, 1916, p. 38).

Entre as anomalias orgânicas, Gamble dedica especial atenção às características rudimentares (músculos, orelhas) que, seguindo o próprio Darwin, são indícios de reversão

²⁸⁵ “Females [...] used their vital force for more useful functions, such as pregnancy and nursing, further establishing the superiority of the female.”

²⁸⁶ “[...] the female is the primary unit of creation, and that the male functions are simply supplemental or complementary.”

²⁸⁷ “[to make] the male beautiful that she might endure his caresses.”

evolutiva. Compartilhando dos mesmos pressupostos filogenéticos, Gamble afirma que “uma das principais características que distingue o animal humano das ordens inferiores (*lower orders*) é a ausência de uma cobertura natural da pele”, isto é, sua nudez. Partindo da seguinte declaração de *Descent of Man*, “as primeiras a se despirem dos pelos provavelmente foram nossas ancestrais semi-humanas fêmeas” dado que “a mulher tem menos pelos corporais do que o homem e essa característica é comum à todas as raças”²⁸⁸ (Darwin, 1871, vol. 2, p. 377), Gamble questiona a hesitação de Darwin em levar essa conclusão à suas últimas consequências. Para ela, ainda que

o Sr. Darwin [admita] inadvertidamente que a pilosidade denota um estágio inferior (*low*) de evolução [...] ele [Darwin] não está disposto a levar essa admissão à sua conclusão legítima, tratando [a aparição de pelos] no corpo do homem como um teste para determinar o desenvolvimento comparativo dos organismos feminino e masculino. (Gamble, 1916, p. 50-51)

Aqui, os *insights* de M’charek em um artigo sobre a produção do “mesmo” (*sameness*) e do “nós” (*us-ness*), ao invés do debate mais disseminado sobre a produção da diferença (*otherness*), podem ajudar. Que as barbas eram tratadas como evidência de avanço e aprimoramento mental e físico, nós já sabemos (Darwin, 1871; Schiebinger, 2013; Herzig, 2015). Também sabemos que este nem sempre foi o caso, uma vez que sua presença ou ausência eram respostas contextuais aos debates sobre humanidade e civilidade na formação das nações europeias (Withey, 2021). O pelo corporal, devido sua conspicuidade, pôde ser considerado uma característica rudimentar e, sendo assim, uma evidência de reversão na discussão sobre esse tema em *Descent of Man*. Ao se apropriar dessa discussão, Gamble a utiliza com o intuito de demonstrar como a maior ausência de pelos em mulheres de todas as raças é uma evidência de sua superioridade perante o homem. Ela chega ainda a afirmar que “é verdade que já foram observados exemplos de características peculiares aos homens desenvolvidas em mulheres”. “No entanto”, ela continua “esse fenômeno raramente acontece entre indivíduos das ordens superiores (*higher orders*) e, entre as formas de vida inferiores (*lower forms of life*), [...] [isso sempre ocorre] sob baixas condições de nutrição, idade avançada, doença ou perda de vitalidade”²⁸⁹ (Gamble, 1916, p. 52).

²⁸⁸ “[...] our female semi-human progenitors were probably first partially divested of hair [...] woman has a less hairy body than man, and as this character is common to all races [...]”

²⁸⁹ “It is true that instances have been observed in which characters peculiar to males have been developed in females. This phenomenon, however, seldom appears among individuals of the higher orders, and among the lower forms of life where it occurs, it is always manifested under low circumstances of nutrition or in cases of old age, disease, or loss of vitality.”

Se, como Darwin afirmou, a única escolha que coube à mulher foi a barba, para Gamble isso não é verdade: se, entre os humanos, a seleção sexual realmente dependesse da mulher, não seria por algo chamativo, como a barba ou outras características que Darwin considerou masculinas e dignas de atenção, como a coragem e a estrutura física (Hamlin, 2011, p. 961). Ao contrário, a escolha seria pautada em características realmente valiosas, como a inteligência, para a sociedade evoluída, no qual os avanços da humanidade facilitaram a vida e o esforço físico se tornou ordinário e vulgar (*idem*, p. 46). Nesse novo contexto, “as mulheres orgulhosamente [carregam] os padrões morais e estéticos da raça”²⁹⁰ (Milam, 2010, p. 23).

Desse modo, é importante ter em mente os efeitos políticos do trabalho de Darwin sobre evolução, especialmente no que concerne aos pelos corporais, e a apropriação feminista de Gamble. Como afirma Herzig (2015, p. 56) “ainda que [ambos] jamais falassem em uníssono no significado dos pelos corporais, coletivamente eles obtiveram sucesso em patologizar o crescimento ‘excessivo’ dos pelos” ao ponto de “[estabelecerem] a pilosidade [...] como um signo de desvio sexual, mental e criminal”²⁹¹. Contudo, se os pelos faciais assumem posição central nos debates sobre fronteiras de sexo e gênero, temos que ter em mente que “[seus] significados culturais [variam] de acordo com a raça”. O exemplo mais extremo disso é o que se passou com pessoas denominadas de mulheres barbadadas e como sua história evidencia os efeitos políticos extremos que essa interpretação patológica dos pelos corporais assume. Isto é,

assim como o alinhamento das barbas com a masculinidade [é] racializada, a relação entre ausência de pelos corporais (*hairlessness*) e beleza feminina também o [é]. Ainda que os pelos faciais em mulheres de todas as raças [seja] considerado incomum (*unusual*), mulheres brancas hirsutas [são] consideradas afligidas por uma doença, enquanto as mulheres barbadadas de cor (*bearded women of color*) [são] apresentadas como representantes raciais, capazes de iluminar o processo da evolução.²⁹² (Hamlin, 2011, p. 962)

Antes de comentar diretamente sobre a relação da característica física que nos concerne (os pelos) com padrões raciais, sexuais e de gênero, nos atentando aos efeitos políticos dessa associação, vale contextualizar a relação diferencial entre raça, sexo, gênero e o que foi denominado, de forma racista, de avental hotentote (Nurka, 2019; Fausto-Sterling, 1995).

²⁹⁰ “[...] women proudly [bear] the moral and esthetic standards of the race.”

²⁹¹ “Although these diverse experts never spoke with one voice on the significance of body hair, collectively they succeeded in pathologizing “excessive” hair growth. By the dawn of the twentieth century, hairiness had been established as a sign of sexual, mental, and criminal deviance.”

²⁹² “Just as the alignment of beards with masculinity was racialized, so, too, was the relationship between hairlessness and female beauty. While facial hair on women of all races was considered unusual, hirsute white women were considered diseased individuals, whereas bearded women of color were presented as racial representatives illuminating evolution at work.”

Assim como a prática antropométrica não era novidade na prática médica e antropológica quando os cientistas analisados no capítulo anterior se esforçavam em criar os critérios do diagnóstico de Hirsutismo, a associação entre padrões racializados e animalizados de masculinidade e feminilidade com pessoas não-europeias e seus efeitos de desumanização também não se inicia com a constatação diferencial das mulheres barbadas. Em sua investigação para “historicizar as razões culturais por trás da crescente demanda [ocidental] pela [cirurgia de] labioplastia nos dias de hoje”, Camille Nurka se esforça em “entender o significado da vulva hotentote das primeiras construções coloniais da diferença racial e sexual”²⁹³ (Nurka, 2019, p. 86). Como veremos, as mulheres barbadas brancas incorporavam em si uma série de ansiedades sociais, especialmente no tocante quanto ao papel feminino na e para a nação, enquanto as mulheres barbadas negras incorporavam os debates sobre os limites do humano e dos tipos raciais (Hamlin, 2011, p. 968-976). Similarmente, as mulheres africanas identificadas com o que atualmente chamamos de Esteatopigia (hipertrofia das nádegas) e Pequenos Lábios Alongados (hipertrofia labial) estavam no centro de debates científicos, antropológicos e médicos de cunho colonial sobre essas características físicas. De acordo com Nurka, a demanda pela cirurgia de labioplastia tem uma história/estória íntima com o surgimento e desenvolvimento de discursos patologizantes sobre o tamanho ideal dos órgãos sexuais femininos, que se iniciaram no século XVII e perduraram até o século XIX e, como demonstra Nurka, assume novas facetas durante os séculos XX e XXI (Nurka, 2019).

Não à toa, é na arena científica que as mais diversas interpretações sobre a “Vênus de Hotentote” são propostas, circuladas e refutadas. Georges Cuvier, por exemplo, é autor de um estudo baseado na autópsia de Saartjie ‘Sarah’ Baartman, uma mulher khoi trazida para a Europa ainda na primeira década do século XIX, introduzida e exibida publicamente como um exemplar da Vênus de Hotentote²⁹⁴. Se, devido aos pelos corporais e as características faciais símiás, Juliana Pastrana era exibida publicamente na década de 1850 e, trintas anos mais tarde, Krao faria sua primeira aparição no Westminster Aquarium em Londres, a atração conhecida como “Sarah Bartman, uma mulher hotentote de Cabo da Boa Esperança nascida nas fronteiras da Cafraria” já era exibida em Londres no final da primeira década do século XIX. De acordo

²⁹³ “Understanding the significance of the Hottentot labia in early colonial constructions of sexual and racial difference is absolutely vital to the task of historicising the cultural reasons behind the growing demand for labiaplasty today.”

²⁹⁴ De acordo com Nurka (2019, p. 83), “devido à sua herança racista, o termo ‘hotentote’ é considerado ofensivo, e esses povos do sul da África (Khoi), juntamente com os ‘bosquímanos’ (San), são hoje conhecidos coletivamente como Coissãs”. Assim como Nurka, reproduzo os termos não com o intuito de reforçar o olhar branco exotificante (*white gaze*), mas com o intuito de considerar e compreender a real dimensão da construção científica mediada por padrões racistas e desumanizantes.

com Anne Fausto-Sterling (1995), a popularidade do fenômeno Sarah Baartman era devido ao fato de ser uma mulher negra vivendo em solo europeu, ao crescimento da cena de entretenimento londrina e ao “crescente sistema de crença sobre sexo, gênero e sexualidade”²⁹⁵ (*idem*, p. 29). De acordo com a mesma autora, exibição pública de Baartman enjaulada “concatenava a noção da mulher selvagem ou incivilizada (*wild or savage*) [com a noção] de sexualidade perigosa ou incontrollável”²⁹⁶ (*idem*, p. 30-31), revelando um interesse lascivo em relação à pessoa exibida. Quanto a isso, Nurka (2019, p. 103) afirma que “o desejo do etnógrafo de conhecer o corpo feminino era inextricável de seu desejo de possuí-lo sexualmente”²⁹⁷, o que Schiebinger (2013, p. 168) denomina, sem pestanejar, de um “voyeurismo grotesco”. Nos termos propostos por Nurka (2019, p. 84), trata-se de um imaginário sexual colonial” compreendendo “descrições antropológicas, médicas e fotográficas da genitalidade (*genitality*) da mulher ‘hotentote’ que produziram uma sexualidade feminina branca invisível normalizada através da representação espetacular de corpos negros aberrantes”²⁹⁸.

Para além do debate circunscrito ao dimorfismo sexual, cada vez mais popular a partir de meados do século XVIII, a excepcionalidade do caso do avental hotentote se dava por exibir principalmente uma diferença entre mulheres de diferentes raças e nações, um tipo de diferença abjeta identificada nos limites raciais entre o humano e o não-humano (*idem*, p. 99-100). A questão da diferença entre mulheres brancas e suas Outras (o outro performado como diferente a partir de sua exclusão constitutiva do reino do normal e do humano) é, de acordo com Nurka (*idem*, p. 100-112), exemplarmente demonstrado na publicação e nas várias edições posteriores de um livro ginecológico intitulado *Woman: A Historical Gynaecological and Anthropological Compendium* de autoria de Hermann Heinrich Ploss, Max Bartels e Paul Bartels. Nurka (*idem*, p. 102) afirma que a representação imagética desse livro é exemplar do que Irvin C. Schick chama de etnopornografia (*ethnopornography*) devido a forma como “a nudez (feminina) em si se tornou uma parte instrumental do olhar epistemológico ocidental [além do papel central] da sexualidade [...]”²⁹⁹ na produção de um discurso antropológico específico sobre os habitantes da África: as poses extremamente sexualizadas de mulheres racializadas, evidenciando a conspicuidade da vagina racializada, é contrastada com poses classicamente europeias de feminilidade, evidenciando a pureza e a modéstia da mulher branca (*idem*, p. 103). Essa

²⁹⁵ “[...] evolving belief system about sex, gender, and sexuality.”

²⁹⁶ “[...] linked the notion of the wild or savage female with one of dangerous or uncontrollable sexuality.”

²⁹⁷ “The ethnographer’s desire to know the female body was inextricable from the desire to possess it sexually.”

²⁹⁸ “[...] anthropological, medical and photographic accounts of female ‘Hottentot’ genitality that produce a normalised invisible white female sexuality through the spectacular depiction of aberrant black bodies.”

²⁹⁹ “[...] (female) nudity itself became an instrumental part of the Western epistemological gaze, and sexuality occupied a central role [...]”

diferença se torna particularmente perturbante quando, entre o final do século XIX e início do XX, a hipertrofia labial, agora uma condição médica, se torna um elemento normal pois “racialmente endêmico [...] entre [mulheres] Hotentotes/Bosquímanas” enquanto “entre [mulheres] brancas, [essa condição] não era normal e, portanto, constituía uma doença”³⁰⁰ (*idem*, p. 112)

A forma como a mulher é diferencialmente produzida nesses termos é, também, reveladora no caso dos pelos corporais. De acordo com Hamlin (2011, p. 968-970), isso é bastante flagrante se compararmos a forma como lidam, por um lado, com o caso de Viola M. e, por outro, com os casos de Juliana Pastrana e Krao Farini (Figura 32). Viola M. foi uma mulher norte-americana, branca, casada e mãe de duas crianças que chamou atenção do médico Louis Duhring pois sofria do que, em 1878, seria denominado de Hipertricrose ou a “doença dos pelos supérfluos”. Tais pacientes, como nos informa Hamlin (*ibidem*), chamam a atenção dos médicos por simultaneamente exibirem a presença de uma grande barba em seus rostos e por sua marcada feminilidade. Viola e outras mulheres com o mesmo tipo de problema, geralmente recorriam aos médicos para lidar com a barba de maneira química ou elétrica, ainda que, geralmente, a solução mais exequível fosse o cuidado diário com a lâmina (*idem*, p. 969). Como *Descent of Man* é publicado por volta da mesma época da criação dessa nova categoria diagnóstica, é indubitável que a análise dessas mulheres seja marcada pela influência do trabalho de Darwin. Tanto a abordagem médica quanto as preocupações públicas e das mulheres que sofriam de Hipertricrose são articuladas em termos de evolução sexual e beleza (*idem*, p. 962).

Contudo, por serem brancas, seu status de gênero e de sexualidade não entravam em questão, e, muito menos, seu status de humanidade. Para os médicos, mulheres brancas barbadas como Viola M. não se encontravam em uma dimensão transitória entre o masculino e o feminino (*idem*, p. 968-969) devido sua performance convincente de feminilidade: Duhring a descreve como “estritamente feminina, todos seus gostos são notavelmente [...] domésticos” (Duhring, 1877, p. 5). De acordo com Hamlin (2011, p. 970) e Herzig (2000, p. 56), se o pelo pode evidenciar os limites binários de gênero, é o desejo em livrar-se dos pelos que faz com que esses especialistas em doenças de pele tenham certeza de que essas pacientes realmente são mulheres. Nesse sentido, uma mulher hirsuta, paciente de clínicas médicas e de médicos dermatologistas, se difere racialmente de uma mulher barbada, por sua vez exposta em shows de aberração em circos e praças públicas. Apesar do trabalho político e intelectual de Gamble

³⁰⁰ “[...] while hypertrophy among Hottentots/Bushwomen was normal because racially endemic, among whites it was not and therefore constituted a disease.”

(1916, p. 138-39) visar mulheres pobres ou em outras situações de submissão, como a prostituição, ela muito provavelmente não concordaria com a interpretação do médico, uma vez que, para ela, a característica reversiva do pelo é indubitável.

Figura 32 — Sexo, gênero, raça e barba: Viola M. e Julia Pastrana



Fonte: Duhring, 1877; Hutchinson *et al*, 1900

De acordo com Hamlin (2011, p. 971-972), ainda que fosse comum questionamentos populares sobre o gênero e o sexo de mulheres barbadas brancas, sua humanidade ou pertencimento à espécie humana era dificilmente questionada. Para as mulheres barbadas de cor, contudo, isso era central em sua recepção e em suas performances públicas. Julia Pastrana tinha a pele bastante pilosa e o rosto coberto por pelos faciais bastante escuros resultantes da Hipertricose Congênita e a mandíbula saliente devido à Hiperplasia Gengival, o que lhe dava a “extraordinária aparência” símia, motivo pelo qual foi exibida nos Estados Unidos da América, no Canadá e na Europa durante os anos 1850 (Bondeson, 1997, p. 217). Julia Pastrana era casada com Theodore Lent, que servia como seu empresário, e em 1860 deu à luz ao seu primeiro filho que, contrário às suas expectativas, nascera com as mesmas características físicas que ela. O bebê, contudo, não resistiu e morreu 35 horas após seu nascimento e Pastrana, perturbada com a situação, morreu cinco dias após o nascimento do bebê, em 25 de março de 1860. Contudo, ela continuou a ser exibida publicamente por seu marido que a embalsamou

conjuntamente à criança e continuou lucrando com as aparências tidas como anormais de sua esposa e seu filho (*idem*, p. 229). Através de seu então colega Wallace, Darwin conhece Julia Pastrana e ela é brevemente mencionada por Darwin em seu livro *The Variation of Animals and Plants under Domestication*, originalmente publicado três anos antes do lançamento de *Descent of Man*. Em um capítulo sobre *Laws of Variation (Leis de variação)* e *Correlated Variability (Variabilidade correlacionada)* onde Darwin afirma a correlação entre “pelos e dentes deficientes (*deficiente*)”, a aparência de Pastrana é referenciada: “uma mulher notável [...] tinha uma barba grossa masculina e a testa pilosa [e, por conta da arcada dentária], sua boca era projetada e seu rosto tinha uma aparência símia (*gorila-like*)”³⁰¹ (Darwin, 1868, p. 328).

Krao Farini, nascida alguns anos após a morte de Julia Pastrana em 1876, também teve sua vida emaranhada com os discursos evolucionistas, especialmente sobre pelos corporais, e com as exposições públicas (Figura 33). Talvez por ter sido apresentada ao público em uma era pós-*Descent of Man*, sua exibição era estritamente baseada e pautada nos comentários de Darwin e nos debates científicos da época. William Leonard Hunt, popularmente conhecido como The Great Farini, foi um empresário do entretenimento que se apropriou das teorias evolucionistas expostas por Darwin em seu livro de 1871 para argumentar em favor do teor educativo de seu show, além de aumentar o alcance da performance de Krao. De acordo com Nadja Durbach (2008, p. 135-136) o final do século XIX é marcado por um olhar moralizante com relação às exposições de pessoas sob o título de aberrações e monstros, e a referência às teorias evolutivas explicavam a situação de Krao Farini em termos hereditários, isto é, naturais e científicos (Durbach, 2008, p. 135). Ou seja, “Farini, [afim de atrair as audiências mais ricas] destacava que [Krao] não era uma aberração da natureza [ao contrário, ela era] um ‘espécime’ ‘fascinante’ de interesse tanto para o ‘etnologista’ quanto o ‘naturalista’ [...]”³⁰² (*ibidem*). Devido à crescente popularidade das discussões sobre seleção sexual e os limites entre humano e não-humano, a utilização da teoria de Darwin por parte de Farini tinha o intuito de chamar a atenção e despertar o interesse do maior número de pessoas possível. Farini chega a afirmar, em uma entrevista, a importância desse detalhe ao show. Ele faz a seguinte pergunta retórica: “quem teria ido ver “A Menina Pilosa”? “O Elo Perdido”, no entanto, era uma questão bem diferente”³⁰³ (Peacock, 1995, p. 290).

³⁰¹ “[...] a remarkably [...] woman [...] she had a thick masculine beard and a hairy forehead [due to] redundancy of the teeth her mouth projected, and her face had a gorilla-like appearance.”

³⁰² “[...] Farini stressed that [...] was no ‘freak of nature’ [...] a ‘fascinating’ ‘specimen’ of interest to the ‘ethnologist’ and ‘naturalist’ alike [...]”

³⁰³ “Who would have gone to see ‘the Hairy Girl’? But ‘the Missing Link’ was quite a different matter.”

Figura 33 — “A prova viva da teoria de descendência do homem de Darwin”: panfleto de 1887 divulgando o espetáculo de Krao Farini



Fonte: Durbach, 2008

Krao nasceu em algum lugar da antiga Indochina, atual Sudoeste Asiático, provavelmente em Sião ou Laos, atual Tailândia, e foi capturada aos sete anos de idade por um dos exploradores de Farini, Carl Bock. Na realidade, a captura, narrada em forma de uma ficção imperial no folheto que os espectadores podiam adquirir nos shows de Krao (Durbach, 2008, p. 144), foi da menina e seus pais, que, supostamente, morreram antes da viagem à Europa. Ao tentar sair por Laos, Bock se torna prisioneiro do reino e é mantido assim por alguns meses, até conseguir sua soltura e a vinda de Krao para Europa através das negociações que havia feito com o rei de Sião. Além do mais, a história de Krao Farini se emaranha tanto mais à teoria evolucionista quanto sua ida à Europa é inseparável de “uma narrativa triunfante do imperialismo britânico” (Durbach, 2008, p. 141), triunfo tanto em termos externos, de avanço

e expansão territorial e dominação colonial, quanto em termos internos, já que a vinda de Krao para a Europa implica sua posterior civilização (educação, cuidados com a saúde, adoção) (*idem*). Nessa fabulação do caso de Krao Farini, sua história se torna um caso de sucesso do processo civilizatório. Se o empresário Farini, na divulgação do show de Krao, afirma que ela é a prova viva da teoria darwinista e, portanto, sua confirmação, pois até então “nenhum animal [havia sido] descoberto no estado de passagem entre ‘macaco’ e ‘homem’”, como dizia seu folheto (Durbach, 2008, p. 137), Bock, justificando sua captura, afirma que a ida de Krao à Europa era a melhor decisão, pois “ela seria muito mais bem cuidada [por Farini] do que ela possivelmente poderia [em seu] país selvagem” (*idem*, p. 144).

Em 1883, ela fez sua primeira aparição pública no Westminster Aquarium em Londres e continuou com sua carreira artística até 1926, ano de seu falecimento. De acordo com Durbach (2008, p. 145-146), muito do que a mídia buscava transmitir era uma história de superação dos limites civilizatórios e da inserção de Krao na sociedade ocidental educada, intelectual e com bons modos. Neste caso, o show de aberração que, na época de Krao já estava começando a ser visto com maus olhos, se torna uma força civilizadora (*ibidem*). Não só a si mesmo, Krao também representa uma peça indispensável nas discussões e debates científicos sobre pelos corporais e, por conseguinte, de educação das populações inglesa e norte-americana e onde mais ela tenha passado. A noção de “elo perdido”, incorporada em Krao Farini, tornava acessível para um público mais amplo o que se debatia nos espaços intelectuais, ainda que os cientistas nem sempre concordassem com a utilização de Krao dessa forma (especialmente porque pesquisas anatômicas comprovavam que, no final das contas, se tratava de uma menina “comum”) (*idem*, p. 140)³⁰⁴. Esse caso é bastante revelador do que M'charek (2022) chama de produção do “mesmo” (*sameness*) e de uma ideia de nós coletivo (*us-ness*): Krao é objeto científico e sucesso civilizatório, todos elementos que, a partir de práticas (científicas e narrativas) específicas, contribuem com a produção de uma fabulação de uma identidade nacional específica.

Se pararmos por um segundo para retomar o conceito de cisgeneridade como estou propondo nessa dissertação, isto é, um aparato material semiótico de produção corporal, é possível ler o trabalho de Darwin e as apropriações feministas como ótimos exemplo de como

³⁰⁴ De acordo com Marina Cavalcante Vieira, Max Bartels, coautor de *Woman: A Historical Gynaecological and Anthropological Compendium*, mencionado acima, se interessava e escrevia sobre os *performers* dos *freak shows*, com o “objetivo [de] refutar a ideia popularmente propagada por muitos dos *freak shows* da época, de que pessoas com crescimento anormal de pelos no corpo, microcefalia e cauda residual seriam o link perdido” (Cavalcante, 2019, p. 152) e “[argumentava] tratar-se de patologias, anomalias que fugiam à norma e que, portanto, não poderiam ser compreendidos como ‘tipos’”. Apesar, então, de existir uma coprodução narrativa do elo perdido entre teoria evolucionista e *freak shows*, havia também os cientistas que se contrapunham a essas visões.

fronteiras de gênero e de sexo, e, como vimos, de raça e de humanidade são fabricadas. Especialmente como elas se imbricam uma na outra, causando diversas desestabilizações. O caso de Krao Farini expõe as fissuras complexas nas quais as fronteiras, sempre delicadas, se transpassam e intra-agem. Menos a identificação de uma pessoa com o gênero atribuído no nascimento, se torna possível perceber que a cisgeneridade é um fenômeno complexo de materialização de certas exclusões: para comprovar a validade de seu argumento, Darwin se apoia na hierarquização de seres humanos e não-humanos em termos engendrados, sexuais e racializados, aproximando os humanos não-brancos dos animais. Gamble, criticando Darwin, dá continuidade ao seu argumento, o torcendo para seus fins feministas, acabando por reproduzir padrões de exclusão pautados nessas fronteiras. A partir dessa leitura, os pelos corporais deixam de ser um objeto a ser observado em sua atividade na teoria evolucionista, isto é, como índices de evolução ou reversão (e nós já vimos como Darwin lidou com essas questões), e se tornam agentes intra-ativos na fabricação de fronteiras excludentes e na materialização do que estou chamando de cisgeneridade.

Em termos da teoria agencial de Barad, podemos dizer que termos importantes para a teoria evolucionista, feminista ou não, como complexidade e superioridade não são os efeitos da presença ou da ausência dos pelos, como se fossem entidades separadas que surgissem posteriormente à análise dos pelos, outra entidade. Nesse caso, pelos, sua ausência ou presença, noções hierárquicas (complexidade, superioridade etc.), compreensões de gênero e de sexualidade enquadradas por explicações racistas e compreensões de raça mediadas por padrões de gênero, assim como os limites entre humano e não-humano estão intra-agindo como um fenômeno que, em última instância, produz fronteiras excludentes na produção de um ideal (cis)normativo de humano. Esse ideal, por sua vez, se materializa politicamente nas relações sociais pautadas em padrões racistas e cisheteronormativos de corporeidade, como é o caso, por exemplo, do tratamento despendido à Krao Farine e às mulheres barbadas de cor.

* * *

No capítulo anterior, busquei elaborar um padrão da cama de gato relacionando a racialização da distinção humano/não-humano através da teoria do evolucionismo. O fio foi desenrolado a partir de uma recapitulação de um dos artigos que compuseram o quarto capítulo, especificamente a forma como a distinção entre primatas humanos e não-humanos é performada no discurso sobre pelos corporais. O artigo de Garn (1951), ademais, nos levou aos trabalhos de dois evolucionistas, Schultz e Darwin. O primeiro foi um antropólogo do século XX,

interessado especialmente na comparação física entre primatas humanos e não humanos. Em seu trabalho, ficou visível a forma como o corpo não-branco era figurado como uma fase intermediária entre o humano e o não-humano, além de que a quantidade pelos corporais como característica evolutiva foi retrabalhada, apontando uma aproximação maior entre os grande primatas e os primatas humanos do que entre os primeiros e outros primatas não humanos. A distinção humano/não-humano em termos raciais, e especificamente em relação aos pelos, é investigada no trabalho de Darwin, especialmente em seu livro de 1871 *The Descent of Man*, onde o biólogo naturalista delineia sua teoria da seleção sexual ou a teoria sem a qual as explicações evolucionistas se manteriam incompletas. Além da referência do trabalho de Darwin por Garn, chegamos ao trabalho do evolucionista pelo trabalho de Herzig (2015, p. 55), para quem ele foi responsável pela popularização e disseminação tanto da crença da superioridade evolutiva de pessoas menos pilosas (exceto pela barba) quanto da prática de depilação, o que a autora chamou de “a grande denudação de Darwin”.

Contudo, o que realmente figurou como central no capítulo anterior foi o papel dos pelos corporais na formação, no discurso evolucionista, de fronteiras racialmente marcadas entre seres evolutivamente superiores e inferiores a partir da pilosidade como um elemento taxonômico, isto é, entre humanos e não-humanos. Ainda que Darwin se posicionasse contra os discursos poligenistas (diferentes povos com diferentes origens, o que embasava e autorizava práticas de subjugação colonial como a escravidão), ele descreveu a presença dos pelos corporais nas diferentes raças como rudimentos, isto é, como evidências de evolução ou de atavismo. Isso se evidenciou de maneira exemplar no caso das mulheres barbadas, seu tratamento diferencial de acordo com sua raça e a forma como elas evidenciam os efeitos políticos de uma noção colonial de taxonomia racial. O caso de Krao Farini chama atenção por ser enquadrado diretamente a partir de noções darwinistas de evolução, chegando a ser apresentada como “o elo perdido” entre o humano e o macaco.

O próximo capítulo apresenta termos conceituais indispensáveis a essa dissertação, especificamente questões referentes à discussão do conceito de cisgeneridade quanto à discussão sobre materialização. Após essa apresentação, me dedicarei de forma mais direta a investigar as possíveis respostas ao questionamento “pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo?”.

5 CISGENERIDADE

Aqui se encontram algumas considerações onde discuto mais diretamente (o que quero dizer com) a materialização da cisgeneridade. A metodologia da cama de gato contribuiu na construção de um arcabouço analítico sobre os pelos corporais que, conjuntamente às questões que concluíram os capítulos anteriores (“afinal, quem tem barba?” e “então, onde começa o não-humano?”), guiará a compreensão sobre cisgeneridade que pretendo expor. Iniciarei retomando os percursos do conceito de cisgeneridade no Brasil, buscando evidenciar seu caráter construcionista, e, então, me esforçarei em retomar as bases teóricas do que me refiro com termos como matéria, materialidade e materialização para dar continuidade ao exercício fabulativo dessa dissertação. Para tanto, apoiar-me-ei especificamente na discussão proposta por Barad em relação à forma como Judith Butler utiliza e conceitua esses termos assim como trabalha com a noção de performatividade. Então, lançarei mão de um último recurso etnográfico e fabulativo: o caso de Teodora, uma mulher trans diagnosticada com hirsutismo. Este caso auxiliará, de maneira mais paradigmática, a contar a história/estória que tenho pretendido contar durante essa dissertação. Essa última sessão, guiada pelo questionamento “pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo?”, se volta para a questão imediata da presente dissertação. Apoiando-me no trabalho feito nos capítulos anteriores, pretendo apresentar de forma bem delineada o que entendo por aparato de produção corporal. Por fim, apresento algumas considerações finais sobre o trabalho que desenvolvi e como ele se relaciona com a situação etnográfica aqui descrita.

Aqui, pretendo elaborar um exercício performativo e fabulativo de materialização da cisgeneridade levando em conta duas ideias importantes para os estudos sociais e feministas da ciência: “um texto realmente fala do mundo” (Latour, 2017, p. 77) e “a figura de barbante [...] constitui [...] a coisa em si” (Haraway, 2023a, p. 15). Ao fim dessa sessão, apresento os comentários finais da dissertação como um todo, onde busco articular as ideias que foram apresentadas nos capítulos 2, 3 e 4 com as que apresentarei no quinto capítulo. Tais considerações não se pretendem definitivas, uma vez que a conversa sobre os usos e desusos, as possibilidades e impossibilidades teóricas, metodológicas e conceituais a partir do conceito de cisgeneridade precisam se manter abertas para que o conceito, como o compreendo, continue funcionando.

5.1 RASTREANDO UM CONCEITO

No início do século XXI, os quatros principais gêneros disponíveis no mundo ocidental eram: mulher cis, homem cis, mulher trans e homem trans. A maioria das pessoas conhecedoras, no entanto, considerava esta lista enganosa, empobrecida e restrita, de um ponto de vista histórico e geográfico.

Haraway, *Ficar com o problema*, p. 260

Na apresentação da dissertação, relatei uma situação etnográfica ocorrida no consultório médico de um hospital pediátrico porto-alegrense, durante uma reunião com a endocrinologista responsável pelas pacientes diagnosticadas com Hiperplasia Adrenal Congênita. No relato das consultas feitas pelos residentes, presenciei o que, até então, havia encontrado somente nos livros e textos que vinha lendo: o emaranhamento material-semiótico entre pelos corporais e cisgeneridade através de padrões de gênero, sexo, raça e humanidade. Minha presença no consultório médico era mediada por uma bibliografia diversa sobre o papel da ciência médica na fabricação diferencial e performativa do humano, do gênero, do sexo e da raça assim como sobre os pelos corporais e sua história antropológica e médica. Durante meu primeiro ano como estudante de mestrado, ao final do qual esse encontro aconteceu, eu havia lido grande parte da bibliografia teórica, metodológica e conceitual que embasa esta dissertação, exceto pelos textos sobre o hirsutismo e a teoria da seleção sexual, isto é, as fontes etnográficas. Então, a conversa com essa médica foi direcionada no sentido de encontrar algumas possibilidades investigativas para trabalhar no que desenvolvi no segundo e último ano de mestrado³⁰⁵. A situação que descrevo nas primeiras páginas desta dissertação – a compreensão médica de que os pelos corporais de uma menina de nove anos de idade não eram normais de acordo com a *Escala de Tanner* – foi entremeada por uma conversa em que alguns elementos endocrinológicos importantes sobre os pelos corporais foram apresentados. Ao relatar brevemente o que conversamos, meu objetivo é demonstrar como aquele momento, ainda de forma incipiente, contribuiu com a ideia de cisgeneridade como um aparato de produção corporal.

De acordo com registros feitos em 6 de dezembro de 2022, a médica me informou sobre a existência de dois tipos de pelos “ou melhor, [de] duas operações fisiológicas que estão em funcionamento no crescimento [dos pelos corporais]: a quantidade pode ser resultante de níveis hormonais, devido à alta presença de hormônios com capacidade virilizante/androgeneizante ou [...] pode ser resultante da sensibilidade hormonal do folículo [capilar]” (notas do caderno

³⁰⁵ O intuito da conversa, como dito anteriormente, era conferir a possibilidade de adentrar no espaço do hospital pediátrico como campo etnográfico, o que não ocorreu.

de campo). De acordo com o que escrevi no terceiro capítulo, isso é algo que os médicos e antropólogos do diagnóstico de Hirsutismo estavam analisando na primeira metade do século XX: a escolha para análise de determinadas áreas de crescimento de pelos corporais é mediada pelo papel que os hormônios sexuais desempenham no crescimento dos pelos, especialmente na comparação contrastiva entre os corpos masculinos e femininos³⁰⁶. A menção à “capacidade virilizante/androgeneizante” dos hormônios, então, não é à toa. Os padrões de distribuição dos pelos corporais já existentes contribuíram com a escolha das áreas analisadas e, conseqüentemente, na patologização de alguns padrões em detrimento de outros, isto é, houve uma intra-ação. A distinção entre padrões masculino e feminino, portanto, é realizada a partir de uma compreensão já disseminada de crescimento diferencial de pelos corporais de acordo com o sexo da pessoa (levando em conta a distinção hormonal que é dada ao sexo) em sua intra-ação com a realidade empírica dos corpos de homens e mulheres cisgênero que, contudo, nem sempre correspondem a essa compreensão. É interessante lembrar, também, a forma como os serviços de depilação por luz pulsada (que contratei por volta de 2014/2015, como relatei na segunda parte da introdução), compartilham muitas das áreas que são diferencial e relativamente determinadas como femininas ou masculinas tanto pelos autores lidos quanto pelo que a médica estava falando: a fabricação da conspicuidade dos pelos, como venho demonstrando, é iterativa e performada em espacialidades e temporalidades distintas.

Para além disso, “[a médica] também chamou de ‘pelos genéticos’ aqueles derivados da hipertricose, relacionando-os às etnias europeias como os ‘espanhóis’”³⁰⁷. Durante a conversa, a ideia de Preciado (2018, p. 125) do hirsutismo como um “método para avaliar tanto raça quanto gênero”, ou, como poderia ser dito em termos do realismo agencial de Barad (2007), um índice de materialização de fronteiras diferenciais, se materializava de maneira cristalina na forma como a médica relacionava os pelos corporais às diferenças de gênero, sexo e raça. Tendo

³⁰⁶ Como mencionado anteriormente, na nota 71, atualmente o hirsutismo é investigado como parte de um fenômeno maior de saúde/adoecimento (como sintoma da Síndrome de Ovário Policístico (SOP), por exemplo). De acordo com a médica cujo diálogo retomo aqui, o único Protocolo Clínico e Diretriz de Tratamento (PCDT) para o hirsutismo o associa à acne e à SOP. Além do mais, o hirsutismo pode ser também idiopático “quando os profissionais da saúde não sabem ou não conseguem determinar o motivo de uma doença ou condição de saúde” (nota do caderno de campo).

³⁰⁷ Naquele instante, lembrei-me de uma entrevista de Ziwe com Julia Fox, que a questiona sobre “ser uma pessoa de cor” por ser descendente de italianos nos Estados Unidos da América. Julia Fox afirma que “houve pessoas mais brancas (*whiter people*) em [sua] vida que [lhe] disseram [...] que [ela] não era realmente branca [...] por causa da grande quantidade de pelos corporais [o que se dava] pelo fato de ser italiana”. Ziwe é um programa de entrevistas em que a apresentadora, Ziwe, discute sobre temas “polêmicos” como a alta porcentagem de mulheres brancas que votaram em Trump, padrões raciais de beleza, riqueza e distribuição de renda, a recepção e disseminação de debates sobre “*critical race theory*” nos Estados Unidos de forma satírica. O vídeo da entrevista pode ser conferido no seguinte link, o trecho sobre “graus de branquitude” e os pelos corporais começa aos sete minutos e nove segundos: <https://www.youtube.com/watch?v=YNFninYKV6A>.

em mente a bibliografia que havia lido anteriormente, isso me remetia à forma como minha compreensão da materialização da cisgeneridade precisaria passar pelas intra-ações que a médica mencionava – e as que eu observava – durante nossa conversa. Essas intra-ações eram muito evidentes, por exemplo, quando “[falávamos] da virilização/androgenização de meninas e a consequente violência que elas sofrem [...] na escola” (notas do caderno de campo) e o papel dos pelos corporais nesse contexto. De acordo com a médica, “apesar de haver o desejo, por parte das família e das crianças, de removê-los, [ela indicava] aceitá-los e tentar clareá-los” (notas do caderno de campo). A indicação da médica parece evidenciar, de maneira exemplar, o fato da conspicuidade dos pelos corporais, especificamente, sua pigmentação, textura, e espessura, “influenciar no papel que o pelo vai ter ou não na vida dessas crianças e suas famílias” (notas do caderno de campo) assim como na in/visibilidade dos pelos no consultório médico, como foi o caso relatado no início.

Além do mais, é interessante como o enquadramento clínico oferecido pela médica se apoia em uma noção específica de biologia: por se tratar de um espaço “voltado ao acolhimento de demandas de crianças com HAC, a questão da biologia e da fisiologia assim como sua função no corpo e na sociedade foram discutidas” (notas do caderno de campo). A médica afirmou que “no ambulatório, eles ‘preservam a biologia’ [isto é] preservam a fertilidade de crianças com ovários e útero [visando] preservar a ‘função biológica’ desses corpos”. “Função biológica” deve ser entendida, de acordo com a médica, como “crescer, se desenvolver e dar continuidade à vida humana” (notas do caderno de campo). Para ilustrar seu argumento, ela citou “o caso de um *menino* que, no início da adolescência, *menstruou*” (notas do caderno de campo). Isto é, trata-se de uma pessoa que, apesar da aparência masculina, possuía ovários e útero. De acordo com a médica, “desde muito antes desse momento, a família [desse menino] queria retirar o ‘sistema reprodutivo’”. No entanto, para a médica, ao menstruar ou, como ela colocou, “ao fazer xixi com sangue”, o corpo se mostrou como um ótimo exemplo de “biologia feminina”, pois, em suas palavras, “ovário e útero em um menino não faz sentido” (notas do caderno de campo), se tratando, portanto, de um corpo feminino ao qual, a partir de minha visão, se impunha a cisheterossexualidade reprodutiva.

A médica interlocutora não falou, em nenhum momento, os termos cis ou trans e o assunto da transição de gênero não perpassou nossa conversa, ainda que estivéssemos falando, nos termos oferecidos pela médica, de um menino com órgãos sexuais internos femininos, o tornando, incontestavelmente, uma pessoa do sexo feminino. Contudo, é bastante evidente a forma como a cisgeneridade assombra essa conversa como uma presença ausente (M’charek,

2014); contudo, me pergunto, que cisgeneridade é essa?³⁰⁸ Nas próximas páginas, com o objeto de fabular possíveis respostas, me esforçarei em rastrear os meandros da discussão sobre o conceito de cisgeneridade no Brasil que o articulam, em maior nível, a partir do construcionismo social e discursivo. Durante a escrita dessa dissertação, me esforcei em evitar presumir tal compreensão sobre a cisgeneridade. Então, além de apresentar a discussão, também me esforçarei em evidenciar o que entendo por cisgeneridade e o que me refiro quando falo em sua materialização. Na introdução, falei rapidamente sobre as possíveis origens do conceito: ele emerge a partir da então incipiente investigação sobre formas de nomear o que, até então, havia sido tratado como natural e, portanto, inominável (Rodovalho, 2017). Além do mais, há também o papel da constituição de um campo denominado de estudos trans e da inserção, cada vez maior, de pessoas trans na academia. No Brasil, como veremos, esse percurso pode ser considerado bastante similar: a recepção e desenvolvimento do conceito partiu do trabalho de pessoas trans, nem sempre presentes na academia, sejam como docentes ou discentes, e as discussões em volta dele nem sempre perpassaram ou partiram dos espaços ou diálogos acadêmicos, tendo a internet desempenhado um papel importante (Coacci, 2014). Nas páginas que se seguem, contudo, busquei dedicar maior atenção aos trabalhos acadêmicos sobre o conceito e seus efeitos na constituição dos estudos trans brasileiros.

* * *

O breve rastreamento e as críticas que pretendo fazer ao conceito de cisgeneridade partem de um artigo publicado em 2023 por Ana Paula Silva Hining e Maria Juracy Filgueiras Toneli, intitulado *Cisgeneridade: um operador analítico do transfeminismo brasileiro*³⁰⁹. Parto dele, pois, além de ser o resultado de uma sistematização de grande envergadura sobre a recepção e desenvolvimento do conceito no Brasil, ele também oferece uma interpretação de bases construcionistas bastante forte. Apesar das similaridades que procurei apontar entre ele e meu próprio trabalho, essa base evidencia as diferenças entre nossas interpretações do conceito.

³⁰⁸ Essa é uma questão que paira no ar: seria uma compreensão particular ao contexto biomédico, uma compreensão que emerge a partir do cuidado e do gerenciamento de corpos intersexo e a partir tanto do vocabulário quanto da prática médica e experimental dos consultórios? Para responder essa pergunta adequadamente, uma pesquisa etnográfica seria necessária. Há, contudo, o trabalho de Janaína Freitas, intitulado *Intersexualidade e biotecnologias: um estudo antropológico acerca da inserção da Hiperplasia Adrenal Congênita no teste do pezinho* (2014), sobre os efeitos do “gerenciamento sociomédicos das intersexualidades” e sua relação com a criação da norma e do desvio em relação à dicotomia sexual.

³⁰⁹ Sob orientação de Maria Juracy Filgueiras Toneli, Ana Hining produziu uma dissertação com o mesmo título em 2020, que ainda não se encontra disponível. Contudo, é possível acessar o texto que acompanhou a defesa de Hining no seguinte link: <https://medium.com/@anahining/cisgeneridade-de-um-operador-anal%C3%ADtico-no-transfeminismo-brasileiro-483edbe1afcb>.

O artigo aborda e responde, nem sempre diretamente, o que anteriormente chamei de “descaraterização do conceito de cisgeneridade [...] e de pessoas trans”. Refiro-me ao que se tem chamado de crítica ao conceito de cisgeneridade que, após observação, se mostra mais um ataque às pessoas trans³¹⁰ e menos uma leitura atenciosa e engajada de trabalhos sobre o conceito³¹¹. Hining e Toneli estão interessadas em demonstrar como o conceito de cisgeneridade funciona enquanto um operador analítico na articulação e apropriação transfeminista brasileira, isto é, de que modo o conceito contribui para uma leitura diferencial da produção cisnormativa de padrões de gênero e sexo. Sendo assim, as autoras

[mostram] como a cisgeneridade [e seus efeitos de apagamento das pessoas trans e naturalização do gênero das pessoas cis] é uma *construção social* [problematizando] a ontologia de gênero que fundamenta a naturalização das categorias ‘mulher’ e ‘homem’, uma vez que essas não são autoevidentes, *mas ficções normativas cujo modo de funcionar deve ser colocado sob análise* (Hining; Toneli, 2023, p. 2, ênfase minha).

Hining e Toneli partem de um pressuposto similar ao da presente pesquisa: a definição de cisgênero como “o oposto de trans” ou como “a pessoa que se identifica com o gênero designado no nascimento”, como o conceito se popularizou, “não [é] incorreta, [mas] trata-se de uma definição redutora [...] uma simplificação grosseira” (*ibidem*). Para além da capacidade descritiva desse tipo de definição, as autoras se perguntam quais as possibilidades de utilização do conceito de cisgeneridade e diferenciam os efeitos políticos e acadêmicos das questões “o que é a cisgeneridade?” e “como a cisgeneridade opera, como ela funciona e que feitos produz?”³¹². Fazendo isso, as autoras evidenciam que o conceito de cisgeneridade, e especialmente aquelas pessoas que o propõem e usam, “não [aderem] a uma concepção essencialista de gênero” (*idem*, p. 3), não sendo o objetivo transfeminista “fixar a cisgeneridade como uma posição ontológica” (*ibidem*). Ao contrário, o transfeminismo se engaja na

³¹⁰ Na introdução da tese *Zonas de te(n)são entre desejo e o nojo: Cisgeneridade como paradigma de subjetivação sexual*, Mariah Rafaella Cordeiro Gonzaga da Silva aborda diretamente essas “críticas” à cisgeneridade, demonstrando, similarmente à forma como as entendo, que a crença de que o conceito autorizaria alguma espécie de cancelamento e escracho públicos de seus críticos é, na realidade, rotina das vidas de pessoas trans: “tais escrachos nas mídias sociais historicamente têm sido dirigidos prioritariamente contra pessoas transexuais” (Silva, 2023, p. 17). As imagens que produzem esse tipo precarização e exposição “não apenas produzem cancelamentos, elas refletem um sentimento de exclusão coletiva e, sistematicamente, têm levado pessoas trans à morte física ou simbólica.” (*ibidem*).

³¹¹ No quarto capítulo de *Batalhas morais*, por exemplo, a única referência a um trabalho sobre o conceito de cisgeneridade feita por Miskolci é um artigo de revisão bibliográfica de 2019, sem referência a qualquer trabalho de maior envergadura sobre o tema, ainda que em 2021, ano de lançamento desse livro, já houvesse uma grande quantidade de trabalhos interessantes em circulação, como o próprio estudo de Vergueiro (2015) assim como Silva (2018) e Pagliarini (2019) e, no mesmo ano, Nascimento (2021).

³¹² Adiante, coloco essa questão na forma como ela aparece em Hining; Toneli, 2023, mas por ora a coloco como ela é formulada no texto da defesa de Hining. Disponível em: <https://medium.com/@anahining/cisgeneridade-de-um-operador-anal%C3%ADtico-no-transfeminismo-brasileiro-483edbe1afcb>. Acesso em 25/01/2024.

problematização de uma ideia de fixidez ontológica “através da produção *discursiva* da categoria de cisgeneridade, [de] conceitos como ‘homem/mulher biológica’ (Vergueiro, 2015, p. 44, ênfase minha).

Retomando a máxima beauvoiriana “não se nasce mulher, torna-se”, que evidencia “que todo gênero passa por um processo de construção social” (*idem*, p. 2), as autoras afirmam que a concepção construcionista do sujeito tem se tornado cada vez mais aceita dentro das ciências humanas e sociais, inclusive entre os feminismos que “[buscam] linguagens que auxiliem a compreender os processos de construção do gênero” (*ibidem*). Sendo assim, de acordo com as autoras, um caminho politicamente viável para o transfeminismo seria a radicalização “[d]essa ideia em detrimento de um conceito de ‘construção social’ que ainda ressoa um *fundo de natureza que resiste a ser escrutinado*” (*ibidem*, ênfase minha). A ideia de construção social mobilizada durante a escrita do artigo parece indicar a exclusão de qualquer referência à natureza (ou à biologia), e a atenção completa às produções discursivas. Além do mais, o termo “ficção”, utilizado durante o texto, não é exatamente definido, parecendo fazer referência mais à ideia de construído do que à ideia de fabulação científica ou possibilidades de apropriações e usos da tecnociência, como o utilizo.

Ainda de maneira similar ao uso e à compreensão de cisgeneridade que estou propondo, as autoras criticam o interesse em se buscar uma definição do que a cisgeneridade “é” e apostam no questionamento do que e como ela “opera”, “[modificando] os termos do debate”, evitando “a descrição de uma identidade substantiva” (*idem*, p. 4), isto é, a cisgeneridade como uma característica e um atributo humanos pré-discursivos. Entre as críticas ao conceito de cisgeneridade que se perguntam, e até mesmo definem “o que é isso, afinal de contas”, as autoras se referem ao texto *O (cis)gênero não existe*, de Carla Rodrigues (2014), “em que a autora afirma que usar a cisgeneridade como categoria analítica apenas reforça a dicotomização entre sexo e gênero” (Hining; Toneli, 2023, p. 4). Para Rodrigues (2014, n.p.), “não faz sentido erguer um novo par opositivo – cisgênero/transgênero – para sustentar exclusões, como se a uma pessoa fosse perfeitamente possível estar ‘de acordo’ com seu sexo e com as expectativas das convenções sociais”. Acreditando que o conceito de cisgeneridade realmente faça isso – propõe uma linearidade sexo-gênero-práticas impecável, inquestionável, inteligível –, Rodrigues afirma que “o (cis)gênero não existe” pois “para existir, [ele dependeria] da fundamentação de uma identidade fixa, por exemplo, em ‘vaginas originais de fábrica’³¹³”. Ao

³¹³ A utilização da expressão “vaginas originais de fábrica” é referência ao texto de Amara Moira Rodovalho, no qual ela afirma que os ataques transfóbicos encontrados nas paredes de banheiros femininos da Universidade de

fazer isso, Rodrigues acaba equivalendo os pressupostos cisnormativos do feminismo radical trans-excludente (TERF)³¹⁴ com a proposta do transfeminismo de nomear o que Viviane Vergueiro (2015, p. 57) identificou como a produção de inteligibilidade de gênero a partir das “‘decorrências normativas’ entre ‘sexo’ e ‘gênero’, nas supostas coerências pré-discursivas, binárias e permanentes entre ‘macho+homem’ e ‘fêmea+mulher’”.

Contudo, como as autoras colocam, “o debate que o transfeminismo incita *desloca a questão da metafísica tradicional* [do uso do verbo “ser” e a produção de identidades cristalinas, por exemplo] *para pensar os aspectos produtivos e de funcionamento do gênero*” (Hining; Toneli, 2023, p. 4, ênfase minha). Portanto, para Hining e Toneli, o programa político e acadêmico que o transfeminismo propõe investigar, através dessa categoria analítica, poderia ser melhor ilustrado através das seguintes questões: “como as práticas reguladoras da produção do gênero produzem a identidade e o efeito de coerência interna da cisgeneridade? Sob que condições políticas e discursivas a cisgeneridade foi produzida como a expressão verdadeira do sexo?” (*ibidem*). Sendo assim, “o termo cis permite abandonar denominações como mulher e homem ‘verdadeiros’ ou ‘biológicos’ porque *a nomeação desse padrão de existência expõe o mecanismo normativo que encobre a produção discursiva do gênero tido como natural*” (*ibidem*, ênfase minha). É possível notar a persistência da dimensão discursiva na interpretação de Hining e Toneli: a natureza, pressuposta na descrição de homens e mulheres cisgênero como “verdadeiros” ou “biológicos”, é, na realidade, uma produção discursiva do gênero. Em termos butlerianos, é entender que o gênero é menos a dimensão cultural através do qual o sexo é construído, um esquema binário de complementaridade e equivalência essencialistas, e mais a matriz de inteligibilidade que produz os corpos como sexuados, isto é, um esquema discursivo complexo de subjetivação/sujeição normativa (Butler, 2016; 2019).

Uma característica dessa interpretação do conceito se destaca: de acordo com as autoras, a própria *nomeação* da cisgeneridade teria a capacidade de *evidenciar* o mecanismo normativo de sua produção como natural (ou verdadeiro, ou biológico). Seguindo o trabalho de Vergueiro (2015), as autoras retomam esse mecanismo – ou expõem seu funcionamento normativo – a

Campinas (Unicamp) foram produzidos por “mulheres isoladas, que se julgam feministas ao defenderem os interesses das pessoas que portam vagina original de fábrica”. O texto sobre o ocorrido e os comentários de Rodovalho podem ser lidos no seguinte link: <https://www.geledes.org.br/unicamp-banheiro-feminino-apeenas-para-portadoras-de-vagina-original-de-fabrica/>.

³¹⁴ De acordo com Beatriz Pagliarini Bagagli (2019, p. 24), a sigla TERF designa “os conjuntos de posicionamentos feministas críticos ou hostis à inclusão de questões transgêneras no feminismo, precisamente porque descreve a adoção de um posicionamento a favor da exclusão destas questões do escopo do movimento feminista”. Além do mais, o termo é muito mais recente que as discussões sobre inclusão/exclusão de pessoas trans, especialmente mulheres, no movimento e no debate feminista, e o trabalho de Janice Raymond, especialmente seu livro *The Transsexual Empire: The Making of the She-Male*, originalmente publicado em 1979, “estabeleceu um precedente para o feminismo radical anti-trans (ou crítico de gênero e/ou transexualidade) na década de 1980” (*ibidem*).

partir da “[sistematização de] três traços interdependentes” (Hining; Toneli, 2023, p. 5), nomeadamente a pré-discursividade, a binariedade e a permanência dos gêneros. Tais traços foram propostos na dissertação de Vergueiro (2015), “um marco tanto para o transfeminismo brasileiro quanto para a discussão sobre cisgeneridade no país [...] a primeira publicação acadêmica sobre o tema e até hoje uma das maiores referências” (*ibidem*, nota 3). De acordo com a própria Vergueiro (2015, p. 61, ênfase minha), “a *construção discursiva* destes traços como constituintes dos gêneros naturais, normais, verdadeiros e ideais – com a consequente estigmatização, marginalização e desumanização de gêneros inconformes – caracterizarão a cisnormatividade” isto é, esses traços “são o que caracteriza a atuação da cisgeneridade como uma norma” (Hining; Toneli, 2023, p. 5).

A pré-discursividade, de acordo com as autoras, “pode ser compreendida como o entendimento sociocultural de que o sexo e o gênero de um sujeito podem ser definidos de maneira objetiva, a despeito do contexto interseccional e sociocultural em que se encontram”, isto é, o sexo seria *discursivamente construído como* “um dado inequívoco e factível [uma] realidade empírica” (*ibidem*). As autoras afirmam que esse enquadramento discursivo do corpo e do sexo, em contraponto à sua tomada como pré-discursivo, “não significa desconsiderar sua dimensão material”, mas, citando Butler, elas afirmam que essa materialidade deve ser “pensad[a] segundo uma matriz de inteligibilidade cultural dentro e a partir da qual ele é *significado*” (*ibidem*, ênfase minha). Isto é, o que realmente parece importar é a construção discursiva da matéria, e não a matéria em si. Uma das bases para constituição do eixo de pré-discursividade da cisgeneridade, por exemplo, é “a impossibilidade objetiva de [...] definição [do sexo]” (Vergueiro, 2015, p. 62). O sexo seria, como coloca Foucault (2017, p. 168), “nada mais [...] do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento”. Nas palavras de Vergueiro, o sexo seria “uma diferenciação pênis-vagina *supostamente* científica ou [...] uma análise complexa da morfologia, níveis hormonais e carga cromossômica de uma pessoa” (Vergueiro, 2015, p. 63, ênfase minha). A pré-discursividade, enfim, seria a constatação “em certas partes do corpo [de] uma determinada verdade sobre corpos humanos” (*ibidem*), o que, no corpo dessa dissertação, estou chamando de substancialização da cisgeneridade. Contudo, em minha interpretação, não subscrevo ao construcionismo indicado por Vergueiro e subscrito por Hining e Toneli.

De acordo com as autoras, o segundo traço constitutivo da cisgeneridade, a binariedade, “garante o enquadramento binário dentro e a partir do qual os corpos serão lidos [...] [pressupondo] que há, objetivamente, dois sexos/gêneros possíveis que existem naturalmente em oposição e complementaridade um ao outro” (Hining; Toneli, 2023, p. 6). Essencial ao

funcionamento do binarismo de sexo e de gênero (e o binarismo sexo/gênero) é “[o encerramento da] diversidade corporal dentro de um esquema binário e [o ocultamento das] relações de poder que o engendram” (*ibidem*). Em termos práticos, por exemplo, as autoras se referem ao enquadramento normativo necessário de transição de um gênero ao outro demandado pelo aparato da psicologia e psiquiatria para garantir às pessoas trans o acesso aos serviços de saúde. Isto é, a necessidade em narrar, para os especialistas em gênero, um desconforto – uma disforia – com o gênero designado no nascimento e a euforia com a possibilidade de viver uma vida idealmente masculina ou feminina como o gênero identificado. De acordo com as autoras, isso explicita “a forma paradoxal como as normas funcionam: estar excluído da norma não faz com que se deixe de ser definido em relação a ela” (*ibidem*). Contudo, discordo do seguinte trecho:

[P]ara obter o laudo psiquiátrico, pessoas trans precisam estar em conformidade precisamente com aquelas normas binárias às quais elas já não haviam se adequado, normas essas que as colocaram sob signo do desvio e da patologia, e a serem tuteladas pelos saberes médico e psi. (*ibidem*)

Nesse trecho, as autoras afirmam que o reconhecimento médico e legal das pessoas trans – e sua consequente tutela pelos aparatos biopolíticos do Estado – dependem de sua identificação com padrões binários com os quais não haviam se identificado e os quais as patologizam. Em contraponto a essa compreensão, entendo que a desidentificação das pessoas trans – ao menos das pessoas trans binárias – é com o gênero designado no nascimento, e não com o esquema binário de gênero. Caso contrário, o que explicaria a apropriação de signos e práticas *considerados* femininos por mulheres trans e o contrário por homens trans?³¹⁵ Em termos de materialização da cisgeneridade, é interessante pensar na forma que os pelos, um símbolo de branquitude masculina como vimos anteriormente, são removidos (muitas vezes

³¹⁵ É interessante notar que meu interesse nos estudos sociais e feministas da ciência afeta meu interesse na discussão não só da cisgeneridade, como também da transexualidade, da transgeneridade e da travestilidade, dado que geralmente tenho em mente as formas como os especialistas de diversas áreas formularam os esquemas teóricos e os experimentos práticos que contribuem na definição, na materialização e na substancialização de um “desvio”. Isso é bastante evidente na forma como trabalhamos o caso Agnes (Braz; Machado, 2023). Um tópico interessante de pesquisa seria investigar a forma como os discursos médicos se modificam, abandonando a linguagem do distúrbio sexual e adotando a linguagem da disforia nos novos manuais psiquiátricos ou a forma como as diversas identidades trans são diferenciadas através de outros critérios que não o desejo e a realização da cirurgia, como era o caso da diferenciação entre transexuais e travestis até um tempo atrás, em espaços como os Ambulatórios Trans. Na introdução de *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2023), Preciado oferece um relato amplo do aparecimento e da difusão da noção de “disforia”, significando, para o autor, “uma condição somatopolítica geral, como a dor produzida pela gestão necropolítica da subjetividade ao mesmo tempo que assinala a *potência* (e não o poder) dos corpos vivos do planeta (incluindo o próprio planeta como corpo vivo” (Preciado, 2023, p. 27, ênfase do autor).

através de tecnologias de longa duração, como o *laser*) por pessoas transfemininas, em contraponto ao cuidado e crescimento dos pelos por pessoas transmasculinas³¹⁶.

Finalmente, o terceiro traço da cisgeneridade é a permanência ou “a premissa de que corpos ‘normais’, ‘ideais’ ou ‘padrão’ [sic] apresentam uma certa coerência fisiológica e psicológica em termos de seus pertencimentos a uma ou outra categoria de ‘sexo biológico’” além de que essa coerência “se manifeste nas expressões e identificações vistas como ‘adequadas’ para cada corpo de maneira consistente através da vida de uma pessoa” (Vergueiro, 2015, p. 65-66). De acordo Hining e Toneli (2023, p. 6), trata-se da “fantasia cisnormativa de imutabilidade e estabilidade do gênero, como se esse derivasse de um núcleo interno, preestabelecido e contínuo”. Aqui, a noção de performatividade butleriana desempenha um papel extremamente importante: em contraponto à compreensão rígida de um núcleo original do qual a identidade de gênero ou a compreensão pessoal de uma identidade coerente emergiria, esse núcleo é, na realidade, o que emerge de “um processo complexo de repetição performativa que se dá na superfície, no gesto, no ato, na pele” (*ibidem*). Consequentemente, “a verdade imutável da cisgeneridade é somente uma ficção, uma fantasia de permanência que atua como dispositivo de poder regulador que extermina, controla e cerceia as diversidades corporais e de gênero” (*ibidem*).

Um dos objetivos de Vergueiro ao propor o conceito de cisgeneridade a partir da articulação desses três traços interdependentes³¹⁷ (Vergueiro, 2015, p. 61) é “deslocar [...] certos aspectos relativos a identidades de gênero que, em alguns contextos, são naturalizados como verdades a respeito de corpos e suas vivências de gênero socioculturalmente situadas” (*idem*, p. 68), além de “[desconstruir criticamente aquilo] que [nessas naturalizações] segue reificando supostas verdades ontológicas nos corpos humanos sexuais” (*idem*, p. 44). Sobre a construção da cisgeneridade como um conceito analítico, Vergueiro ainda afirma, apoiando-se em Butler, se tratar de um processo e uma construção discursivos. A elaboração desse conceito seria a constatação de “opressões discursivas” (*idem*, p. 55), isto é, “[o] deslocamento de uma posição normativa a partir da tentativa de produção discursiva de uma terminologia de resistência”,

³¹⁶ Como espero ter tornado evidente na escrita dessa dissertação, especialmente através de minha tratativa da cisgeneridade através de situações e experiências trans, trata-se da forma como a cisgeneridade funciona como um aparato de produção corporal, e não na externalização de uma identidade interna verdadeira.

³¹⁷ Imagino que, seguindo Barad, seja possível falar em termos da intra-dependência, ao invés de interdependência, desses três eixos, dado que eles emergem em seu funcionamento e engajamento mútuo *na/da* cisgeneridade e não existem como pré-condições *para* a cisgeneridade. Talvez, haja aí um interessante aprofundamento do trabalho de Vergueiro, qual seja, a reformulação de seu trabalho em termos neomaterialistas, evidenciando as práticas material-semióticas (os aparatos de produção corporal) das intra-ações entre pré-discursividade, binariedade e permanência.

“[um] exercício de nomearmos o mundo ao nosso redor e de transformarmos silêncios em linguagem e ação” (*idem*, p. 53).

No trabalho de Vergueiro, o silêncio é significado duplamente: por um lado, é um dos fundamentos da cisgeneridade, o que Hining e Toneli (2023, p. 2) chamam de “práticas de autonaturalização e invisibilização de processos performativos”, aquilo “que produz coerências e inteligibilidades às identidades dos sujeitos cisgêneros e interdições à plena identificação de gênero aos sujeitos transgêneros” (Bagagli, 2014, n.p.), como os “eventuais desinteresses [...] acadêmicos sobre a cisgeneridade” (Vergueiro, 2015, p. 85). Por outro lado, o silêncio pode se referir à “‘falta de articulação’ que porventura nos consome” (*idem*, p. 46), o fato de que “pessoas trans* praticamente não falam sobre suas demandas políticas e conhecimentos de gênero, [e quando falam] os têm mediados por ‘especialistas’ cisgêneros” (*idem*, p. 90). Quanto a esse último sentido de silêncio, Vergueiro afirma que o conceito de cisgeneridade emerge como “a consciência crítica de pessoas cujas existências são constrangidas e brutalizadas por conta de seus corpos, identidades e expressões de gênero” (*idem*, p. 52). Nesse sentido, o conceito não é, de pronto, “ideal ou potencialmente [definível] a partir de diagnósticos e criminalizações objetivas”, mas emergiria “a partir de distintos contextos socioculturais [devendo] ser maleável e abrangente o suficiente para enfrentar criticamente toda epistemologia, metodologia e proposta política+sociocultural colonialista” (*idem*, p. 45).

Contudo, ainda que a cisgeneridade não apareça definida de pronto em diagnósticos ou criminalizações assim como a transexualidade, por exemplo, é em relação ao primeiro sentido de silêncio que pretendo elaborar minha compreensão de cisgeneridade. Anteriormente, na introdução, afirmei que um dos meus objetivos nesta dissertação é “tornar audível a ruidosa fabricação de fronteiras de gênero, sexo, raça e humanidade”, isto é, o que estou chamando de materialização da cisgeneridade. Nesse sentido, o que elenco como objeto de interesse desta dissertação é observar a produção material, e não somente discursiva, da cisgeneridade e seus efeitos produtivos tanto nas vidas de pessoas cis quanto nas vidas de pessoas trans. O silêncio fundante que Vergueiro menciona é aquele experimentado por ela nos diversos espaços que ocupa como uma mulher trans travesti e acadêmica, onde sua posição como pesquisadora era substituída pela posição de objeto de pesquisa (*idem*, p. 103-112) além de remeter à indiferença e desinteresse frente ao conceito que aqui é objeto de interesse. Diferentemente, apoiando-me nos referenciais teórico-metodológicos dos estudos feministas e sociais da ciência assim como nos materiais etnográficos aqui mobilizados, a ruidosa fabricação à qual me refiro emerge a partir da constatação de que os processos da vida são detalhada e meticulosamente

esquadrinhados pelas teorias e práticas tecnocientíficas³¹⁸. Contrapondo-me à compreensão de que a cisgeneridade é fundada a partir de um silêncio descritivo, de um processo autoprodutivo de exclusão e silenciamento do não-cis, de uma produção material-semiótico autopoietica, acredito que observar elementos distintos – o diagnóstico de hirsutismo e a teoria da seleção sexual – tornou possível concentrar-me exclusivamente na substancialização da cisgeneridade e menos nas identidades e corporeidades trans como “subprodutos” da cisgeneridade.

Tomemos, por exemplo, o questionamento “o que é uma mulher de verdade?” que feministas radicais trans-excludentes tendenciosamente fazem a pessoas trans. Seu objetivo é evidenciar a existência codependente especialmente de mulheres trans e do discurso biomédico e os estereótipos misóginos de feminilidade e mulheridade (Raymond, 1994, p. 91-98; Hausman, 1992; 1995, 110-140; Bagagli, 2019, p. 66-82). Em *O (cis)gênero não existe* (2014), Rodrigues parte das pichações “ser mulher não é calçar nossos sapatos” e “não deixem que os machos ocupem os nossos espaços” para afirmar que a instabilidade política do movimento feminista é uma de suas características mais importantes, criticando as esperanças cisnormativas de um ideal de mulher. Contudo, é comum – tanto no sentido de “frequente” quanto de “compartilhado” – para algumas feministas e movimentos conservadores, com o intuito de negar a existência e os direitos de pessoas trans, a referência à biologia, ou melhor, às diversas facetas que a biologia pode assumir em suas tendências substantivas. Portanto, similarmente à questão “o que é a cisgeneridade?”, essa outra, “o que é uma mulher de verdade?”, não só define e estabiliza, enfim, substancializa, de antemão, a feminilidade e a mulheridade como também demanda “que pessoas transexuais forneçam detalhes e evidências capazes de justificar ou provar suas identidades de gênero quando o mesmo não ocorre com pessoas cisgêneras” (Bagagli, 2019, p. 68).

Ao invés de olhar para a transexualidade e a travestilidade com a finalidade de responder esse questionamento – o que acabará sempre de forma problemática – podemos olhar para a cisgeneridade, dado que ela é o problema desde o ponto de partida. Ainda que não haja documentos médico, psicológicos, endocrinológicos etc. que definam o que ela é, devemos nos apoiar nos documentos que a tensionam e definem como aquilo que é normal, sem contudo nomeá-la. Menos me remeter ao conceito de cisgeneridade, ao que ele nomeia a partir de sua proposição, e mais me atentar aquilo que ele efetivamente coloca em jogo. Aqui, é importante

³¹⁸ Talvez, um dos efeitos dessa fabricação ruidosa seja não somente o silêncio e o paternalismo impostos às pessoas trans, mas também uma incapacidade de articulação dos processos que constituem e dos quais emergem tanto os corpos cis quanto os corpos trans. Não só nomear, mas dar conta da materialidade dessas articulações pode ser uma forma de lidar com seus efeitos silenciadores, demonstrando suas genealogias, possíveis reapropriações e usos, assim como formas de desconstrução.

ter em mente o que Haraway afirma em *Conhecimentos situados*: “não é o bastante demonstrar a contingência histórica radical e os modos de construção de todas as coisas” (2023, p. 326). E isso não é o bastante pois seria necessário demonstrar os meandros dessa contingência e construção, e não simplesmente constatar-la, já que a simples constatação de algo não é suficiente para sua desconstrução. É dessa forma que os estudos feministas e sociais da ciência contribuem com esta dissertação: o que a análise do diagnóstico de Hirsutismo e da seleção sexual evidenciam é que, para além da característica definitiva e descritiva que os caracteres sexuais primários parecem ter na constituição da cisgeneridade (*cisgenderism*), os caracteres sexuais secundários podem desestabilizar essa característica. Isto é, a transexualidade e a travestilidade não são os únicos objetos de interesse ao se pensar sobre a fabricação da cisgeneridade (*cisgenderism*). Ao contrário, a própria cisgeneridade (*cisness*) – o que a constitui e o que a substancializa para que, posteriormente, algo seja deixado de fora – é uma fonte interessantíssima de análise. É nesse sentido que os pelos corporais não são simples anexos do corpo, presentes em maior quantidade no corpo masculino e em menor frequência no corpo feminino como resultado da genitália, configuração cromossômica ou, de forma mais exata, da quantidade e circulação hormonal desse ou daquele corpo³¹⁹. Frente ao questionamento “o que é uma mulher de verdade?”, uma série de elementos pode ser elencada, em relação aos quais uma quantidade de mulheres ciscêneras pode não se encaixar como “mulher”. A problematização sobre os efeitos nocivos às pessoas ciscêneras que esse tipo de questionamento gera está presente desde muito cedo entre os trabalhos de intelectuais transfeministas brasileiras. Em *Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais* (2012), por exemplo, Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Kaas afirmam que

a falácia, repetida cotidianamente, de que mulheres ‘de verdade’ seriam aquelas com órgãos genitais femininos externos e internos (vagina e útero), ou ainda ‘as que engravidam’, ou que homens ‘de verdade’ seriam aqueles com testículos e pênis, que podem penetrar alguém [...] prejudica não apenas a população transgênero, mas todo e qualquer ser humano que não se enquadre em tal modelo, como mulheres

³¹⁹ Cito esses três elementos (genitália, configuração cromossômica e hormônios) pois são eles que Vergueiro denomina de “supostamente científicos” na elaboração ocidental e eurocêntrica da categoria “sexo”, ainda que, como vimos no terceiro capítulo, os hormônios desempenham um importante papel na análise dos pelos corporais, especialmente sua importância para a definição de puberdade e de caracteres sexuais primários e secundários. A problematização da cientificidade é válida, dado que uma diversidade de estudos demonstram como essa produção científica do corpo é não apenas enviesada por padrões socioculturais de gênero, mas as práticas científicas envolvidas também podem demonstrar resultados e possibilidades analíticas diferentes. Contudo, sigo as feministas estudiosas da ciência, e não concordo com o olhar necessariamente depreciativo, e não engajado, que a frase de Vergueiro parece lançar à ciência. Algo parecido acontece com Butler, ao não prestar atenção às tecnologias de ultrassom em sua análise da materialidade do gênero, algo que discutirei no próximo tópico.

Aqui, retomamos uma questão que foi apresentada no início do artigo das autoras: “o entendimento de que o sujeito (e o gênero) é construído socialmente” e “que todo gênero passa por um processo de construção social” (*idem*, p. 2). Mais adiante no artigo, as autoras afirmam que “não é que a cisgeneridade seja mais verdadeira, natural ou menos artificial que a transgeneridade, senão que ela é investida de uma ideia ilusória de natureza. A cisgeneridade é uma produção performativa mascarada de natureza” (*idem*, p. 8). Para mim, a questão a ser problematizada tem a ver com a construção da cisgeneridade como aquilo que constata o processo construcionista da coerência sexo/gênero em termos exclusivamente discursivos³²². Refiro-me à frequência que aparecem afirmações como “a nomeação desse padrão de existência expõe o mecanismo normativo que encobre a produção discursiva do gênero tido como natural” (*idem*, p. 4).

Diferentemente, acredito que a simples nomeação pode ser um passo nos processos de desmantelamento na produção de padrões diferenciais hierárquicos de humanidade. Contudo, essa nomeação não expõe, por si só, o funcionamento ou os efeitos do conceito de cisgeneridade. Como já mencionei, parece haver consequências distintas em se pensar a cisgeneridade em seus efeitos negativos (*cisgenderism*), ainda que produtivos, e em seus efeitos positivos que, no caso desta dissertação, acabam sendo as construções biomédicas e biológicas dos pelos corporais e do corpo em si, de sua materialidade (*cisness*). Se, como vimos, Hining e Toneli apostam de maneira substancial na compreensão construcionista do sexo e do gênero para afirmarem que a cisgeneridade produz, discursivamente, diferenças, sem contudo deixar de lado os corpos (em sua materialidade), as autoras não oferecem uma definição ou uma abordagem explícita da matéria. Biologia e natureza, apresentadas conjuntamente com os termos “homem” e “mulher” em relação com o adjetivo “verdadeiro”, por exemplo, emergem como efeitos discursivos da produção normativa da cisgeneridade (*cisgenderism*). Esse movimento, contudo, não demonstra o que ou como é feito, isto é, isso não evidencia necessariamente o que a cisgeneridade (*cisness*) opera e produz.

³²² Tendo a compreender que nas dissertações de Viviane Vergueiro e de Beatriz Pagliarini Bagagli, ambas demonstram um tipo de construção discursiva: uma de viés “humano”, no primeiro caso, através do que Vergueiro definiu como o silêncio descritivo da cisgeneridade e uma de viés “discursiva”, no segundo caso, através da apropriação do debate sobre cisgeneridade e transfeminismo a partir da Análise do Discurso. A presente dissertação, contudo, buscou demonstrar essa construção a partir de noções como materialidade e materialização, como ficará evidente a seguir, e a partir das referências etnográficas que compõem os capítulos 3 e 4. Essas escolhas evidenciaram a forma como a cisgeneridade (ou noções como “verdadeiro” e “natural” ou “biológico”) não são simplesmente tomadas como dadas, mas são produzidas, o que efetivamente diferencia a forma de analisar a cisgeneridade, possibilitando prestar atenção à fabricação da normalidade e não simplesmente seus efeitos negativos àqueles que são excluídos da norma.

Um contraponto interessante é oferecido por Lucas Besen em sua tese, “*Pode tudo, até ser cis*”: *segredo de justiça, cisgeneridade e efeitos de estado a partir de uma etnografia dos processos de retificação do registro civil em Porto Alegre/RS*, onde o antropólogo se questiona

como as práticas e peças jurídicas dos processos de retificação do registro civil constituem (ou não) a cisgeneridade e transgeneridade/travestilidade como binômios opostos, separados, enquanto um efeito de estado no qual somente parte dessa dualidade é entendida como construída, sendo a outra natural e estável. (Besen, 2018, p. 74)

É interessante notar a forma diferente como nós abordarmos a cisgeneridade. Por um lado, Besen aborda a questão a partir da complementaridade cis/trans encontrada em seu campo etnográfico (*idem*, p. 67), enquanto o meu campo possibilitou uma noção de cisgeneridade deslocada da centralidade dessa complementariedade para compreender a função produtiva da cisgeneridade, tanto em corpos cis quanto em corpos trans. Por outro, ambos os trabalhos assumem a centralidade da materialidade nas tarefas propostas, conjuntamente à atenção à própria cisgeneridade e não à transgeneridade, transexualidade ou travestilidade como lócus etnográfico (*idem*, p. 75-76). No caso do trabalho de Besen, seu interesse era investigar os meandros burocráticos e jurídicos através dos quais se constitui uma pessoa cis, enquanto, no caso do meu trabalho, o foco centra-se nos problemas da distribuição e crescimento dos pelos corporais. Se, então, é bastante comum entre os artigos mencionados por Hining e Toneli assim como em seu próprio artigo, a escolha em se dedicar à análise da discursividade e da produção linguística da cisgeneridade e seu “Outro”, no trabalho de Besen e no meu próprio a conversa deixa de ser “apenas um debate sobre categorias de substrato pra organizações sociais e passa a ser uma produção da materialidade do próprio sexo” (*idem*, p. 71). Consequentemente, o trabalho de Besen obtém sucesso em efetivamente evidenciar “o mecanismo normativo que encobre a produção discursiva do gênero tido como natural” (Hining; Toneli, 2023), uma vez que descreve e analisa etnograficamente a efetiva produção, isto é, materialização da cisgeneridade como natural e reconhecível na tratativa da retificação de prenome e sexo de pessoas trans.

Compreendo que um dos efeitos políticos da cisgeneridade seja a naturalização da experiência de sexo e gênero de pessoas cisgêneras, enquanto a experiência das pessoas trans é produzida como “artificial”, sempre em relação à essa primeira experiência, verdadeira, autêntica, real. Isso se dá particularmente através da produção material e discursiva sobre a transexualidade, a transgeneridade e a travestilidade. Isto é, percebemos isso na forma como os manuais diagnósticos e a teoria e prática biomédicas (mas também sociológicas, antropológicas,

históricas, psicológicas etc.) tendem a construir as pessoas trans como um desvio da norma, impossível de reconhecimento. Contudo, o que acontece quando consideramos um conjunto de práticas e teorias distintas, que não dizem respeito – pelo menos, não direta ou obviamente – às pessoas trans? Nesta dissertação, o que pretendi demonstrar é que essa naturalização da cisgeneridade é o resultado de um esforço laboral dispendioso, de uma articulação material-discursiva contínua, e não de um silêncio fundante ou de uma produção exclusivamente discursiva. Para tanto, é importante ter em mente que o que entendo por materialização é um conjunto de processos de produção diferenciais da matéria: o que é cis ou trans não está dado de antemão; ao contrário, as possibilidades de produção diferencial estão em aberto e os efeitos normativos do binarismo são sempre um risco. A seguir, busco apresentar o debate teórico em volta do qual minha discussão sobre a materialização da cisgeneridade orbita.

5.2 MATÉRIA, MATERIALIDADE, ENFIM, MATERIALIZAÇÃO

Uma característica comum entre os textos mencionados acima, textos especificamente preocupados em conceituar e embasar empírica e epistemologicamente o conceito de cisgeneridade, é um foco em como as pessoas trans são enquadradas pela cisgeneridade. Em minha dissertação, através da retomada de um conjunto de textos sobre o crescimento, a distribuição e a conspicuidade dos pelos corporais, busquei demonstrar como pessoas cis são enquadradas pela cisgeneridade, visto que nestes textos, o objeto de reflexão não são as pessoas trans diretamente. Se por um lado, a cisgeneridade de fato opera um processo de hierarquização entre pessoas cis e trans, também sabemos, através de textos como o de Favero (2019) e de Vieira (2015) sobre a distribuição desigual de políticas de precariedade e reconhecimento, como isso também afeta pessoas cisgêneras. Levando isso em conta – que a cisgeneridade não é um atributo dado do corpo, mas algo efetivamente produzido, como a transexualidade, travestilidade e transgeneridade – o que se torna visível (ou audível?) quando observamos a forma como a cisgeneridade efetivamente produz corpos cisgêneros? A partir do entendimento da cisgeneridade como um aparato material-semiótico de produção corporal, objetivo tornar o “silêncio descritivo” (Vergueiro, 2015, p. 51) em uma ruidosa fabricação de fronteiras de gênero, sexo, raça e humanidade a partir da história/estória dos pelos corporais. Isto é, me esforçarei em materializar a cisgeneridade como esse aparato. Contudo, o que quero dizer com materialidade e materialização?

Um dos problemas em se tomar a normatividade da cisgeneridade como central é confundir os efeitos pelas causas. A cisgeneridade (*cisness*) não é uma norma porque, como se faz crer, ser cisgênero *é* ser normal ou natural, biológico até. Ao contrário, a norma emerge a partir da *produção* da cisgeneridade como tal: *ela não é causa, ela é efeito*. Parece-me que há algumas limitações ao conceituar e tratar a cisgeneridade (*cisgenderism*) de forma substantiva, como se ela própria fizesse algo, como se pudéssemos apontar para a cisgeneridade como um leviatã: “a cisgeneridade concatena, define, delimita, faz...”. Na realidade, algo é feito através da cisgeneridade (*cisness*): entendendo-a como um aparato, a partir da forma como Barad os conceitua, ela produz ao ser produzida. Autonaturalização e invisibilização (Hining; Toneli, 2023) ou silêncio (Vergueiro, 2015) são algumas das características da cisgeneridade. Ótimo exemplo disso, por exemplo, é o que é feito no desenvolvimento de documentos oficiais e técnicos sobre transexualidade, transgeneridade, travestilidade, incongruência ou disforia de gênero. A cisgeneridade (*cisgenderism*) pode parecer silenciosa ou invisível quando sua produção performativa é evidenciada pelas falhas, pelas subjetivações/assujeitamentos desviadas, como o caso das pessoas trans (o ruído estaria na falha, trazido à tona por essas produções). Contudo, ao atentar-me à cartografia dos pelos através do diagnóstico de hirsutismo e da teoria da seleção sexual, tornou-se evidente que sua fabricação é bastante ruidosa: patologiza e hierarquiza não só pessoas trans em detrimento de pessoas cis, mas cria padrões diferenciais de exclusão constitutiva entre pessoas cis, também englobando, nesse movimento, pessoas trans. Como a compreendo, a cisgeneridade (*cisness*) não é tomada como algo que emerge do dimorfismo sexual e das identificações subjetivas e objetivas, mas está no cerne da produção do dimorfismo e dessas identificações.

Obviamente, a novidade do que escrevo não está nessa constatação: há alguns anos discutimos a forma como a cisgeneridade pode ser destrutiva tanto para aqueles que são trans quanto para aqueles que não são. Contudo, apoiar-me nos estudos sociais e feministas da ciência tornou bastante evidente que, além de uma categoria analítica, o conceito de cisgeneridade opera como um aparato de produção corporal. Esse conceito não nos é útil somente na produção de uma leitura diferente do mundo: ele é, também, um aparato de fabricação de novos corpos e novos sentidos, uma forma de materializar outros mundos. Uma vez detalhada a prática tecnocientífica real (Barad, 2007) de sua fabricação, o que fiz a partir dos pelos corporais – e o que pode emergir se o fizéssemos, por exemplo, através dos discursos e práticas cirúrgicos, por exemplo? –, a cisgeneridade perde qualquer substancialidade que não seja performativamente produzida.

Entre os textos que citei na sessão anterior, é comum a referência à performatividade de gênero e a noção de matriz discursiva de gênero de Judith Butler. Esboçarei, de maneira breve, os argumentos butlerianos que frequentemente são citados na elaboração do conceito de cisgeneridade para, então, abordar a questão da materialidade na forma como Butler (2016; 2019) e Barad (2007) a trabalham.

A performatividade de gênero é o conceito central de *Problemas de gênero*, escrito originalmente no início da década de 1990³²³. Não à toa, a primeira sessão do livro, *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*, é uma retomada crítica do construcionismo social e sua apropriação feminista. Butler está interessada em investigar e problematizar os limites representacionais da categoria “mulheres”, uma vez que ela seria “discursivamente constituíd[a] [...] pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação [produzindo] sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculino” (Butler, 2016, p. 19). Isto é, trata-se de problematizar os efeitos limitantes e excludentes de uma categoria pretensamente universal que, em última instância, “[coloniza e se apropria] de culturas não ocidentais” na instrumentalização e construção de uma experiência de opressão comum entre “as mulheres”, “explicada como sintomática de um barbarismo intrínseco e não ocidental” (*idem*, p. 21-22).

Mais adiante, Butler afirma que “seria errado supor de antemão a existência de uma categoria de ‘mulheres’ que apenas necessitasse ser preenchida com os vários componentes de raça, classe, idade, etnia e sexualidade para se tornar completa” (*idem*, p. 40). Se, por um lado, Butler aponta a problemática produção de um sujeito unitário, ainda que plural, do feminismo (*as mulheres*), por outro, ela afirma que, através da distinção sexo/gênero mobilizada pelo feminismo da segunda onda, ou melhor, da fragmentação do corpo em esferas distintas (o gênero culturalmente construído e o sexo determinantemente biológico), “uma divisão se introduz no sujeito feminista” (*idem*, p. 25), uma divisão que “por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído [...]”. Contudo, [o gênero] não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (*idem*, p. 26).

Essa “cisão radical” leva Butler a questionar “como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios”, concluindo que “talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero” ou que, simplesmente, “o sexo sempre tenha sido o

³²³ Butler apresenta o conceito de performatividade de gênero pela primeira vez dois anos antes, em *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory*, publicado em 1988 em *Theatre Journal* (v. 40, n. 4).

gênero” (*idem*, p. 27). Através dessa operação, Butler demonstra os termos discursivos de sua compreensão sobre a produção sexual dos corpos, afirmando que “o gênero não [é] meramente [...] a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”; ele é, ao contrário, “o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (*ibidem*, ênfase no original). A noção de “matriz heterossexual” exprime bem o que Butler entende pela produção discursiva do sexo através do gênero: ela é “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gênero e desejos são naturalizados” além de “caracterizar o modelo discursivo/epistemológico da inteligibilidade do gênero”, isto é, “[a necessidade de] haver um sexo estável, expresso por um gênero estável [...] definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (*idem*, p. 258, nota 6).

A desconstrução da dualidade sexo/gênero como opostos complementares e sua compreensão como uma operação cultural reguladora de atribuição de significado a certas partes do corpo evidenciará os limites da compreensão da identidade de gênero como uma substância previamente encontrada no corpo, isto é, fora do discurso. A coerência do “ser” através do sexo, gênero e desejo, articulada através da noção de identidade de gênero, é problematizada e seu funcionamento performativo é evidenciado (*idem*, p. 51-52). Portanto, como ela mesma afirma mais adiante no livro, “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (*idem*, p. 56, ênfase no original). Performativamente falando, “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra”. Em outras palavras, Butler afirma que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (*ibidem*, ênfase no original). Sendo assim, qualquer noção de substância é desfeita, pois “a ‘unidade’ do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero [...]” (*idem*, p. 67) e não o contrário³²⁴. Eximindo-se do determinismo social da linguagem da construção e da representação, performatividade é o que Butler define como a “estilização repetida do corpo” como homem/masculino ou mulher/feminino. Tais termos, por sua vez, estão “[abertos à] intervenções e ressignificações” (*idem*, p. 69).

³²⁴ Este é um ponto que se torna central para meu argumento sobre a cisgeneridade, especificamente tratá-la como efeito e não causa.

Como afirmam Hining e Toneli (2023, p. 7), Butler é uma das autoras que “já [denunciava] a artificialidade dos processos de produção de gênero, ainda que não [operasse] com a categoria cisgeneridade”. A apropriação da teoria transfeminista brasileira do trabalho de Butler, especificamente, e da teoria queer, no geral, na formulação do conceito de cisgeneridade, então, se torna bastante evidente. A desconstrução discursiva ou a revelação do caráter performativamente constituído da matriz heterossexual de inteligibilidade de gênero oferece aos estudos trans os termos com os quais questionar os limites entre masculino/feminino e a linguagem através da qual e com a qual se fala do rompimento desses limites. A heterossexualidade se torna um conceito útil para pensar a produção de coerência através da associação entre desejo e práticas sexuais, enquanto a cisgeneridade contribui para evidenciar e problematizar a pressuposta coerência entre sexo e gênero através da categoria de identidade de gênero, o que é mais bem apresentado e desenvolvido por Vergueiro (2015). Uma questão, contudo, se coloca (e essa é uma das críticas à Butler que será retomada por ela na publicação de *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”* de 2019): e quanto ao “corpo” ou, de outra forma, à “materialidade” do corpo (Butler, 2019, p. 9)? E os processos através dos quais o corpo é materialmente, e não apenas discursivamente, constituído/excluído?

É na última parte do terceiro capítulo de *Problemas de gênero* que Butler aborda, de forma mais direta, ainda que rapidamente, a questão do corpo. Retomando a ideia de que “a alma é a prisão do corpo”, concebida por Foucault em *Vigiar e punir*, Butler afirma que o sexo pode ser entendido como a forma substancial culturalmente estabelecida do corpo, isto é, “essa produção disciplinar do gênero leva a efeito uma falsa estabilização do gênero” (2016, p. 234). O corpo não é, contudo, uma superfície passiva aguardando significação ou estabilização; ao contrário, “atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna [...] na superfície do corpo” (*idem*, p. 235, ênfase no original). A ideia de uma interioridade ou a noção de um núcleo do gênero, portanto, “é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política da superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero” (*ibidem*). Em linhas gerais, a partir de uma abordagem que privilegia a dimensão discursiva e, como veremos, os corpos humanos e as ciências humanas (Barad, 2007), o corpo emerge como o resultado de um processo regulatório de significação que produz os corpos como sexuados, estabelecendo os limites binários do gênero através de uma cartografia específica do corpo e do funcionamento da heterossexualidade compulsória.

Se em *Problemas de gênero* ficou evidente a forma como as distinções binárias são performativamente construídas através do discurso e qualquer referência à substância do gênero

figura como uma ficção reguladora (*idem*, p. 55)³²⁵, como lidar com a matéria e os fenômenos materiais que constituem a vida e a experiência de gênero e sexo (além de raça, de classe, de idade etc.)? Em *Corpos que importam*, onde Butler toma como central a questão da materialidade dos corpos, a filósofa afirma que pensar sobre esse assunto, especialmente em termos performativos, à leva a repensar sobre o significado da noção de construção e a distinção sexo/gênero. A autora afirma que, no construcionismo radical, “a construção social do natural pressupõe que o social anula o natural”, isto é, o sexo, por exemplo, “é substituído pelos significados sociais que perpetua” (Butler, 2019, p. 21, ênfase no original) e, no contexto de um construcionismo linguístico radical, o sexo é produzido, através da linguagem, como pré-linguístico e tal característica é construída como inacessível, o que ela define como “a construção de construção” (*idem* p. 22) dado que “postular o corpo como anterior ao signo é postulá-lo ou significa-lo como prévio” (*idem*, p. 59, ênfase no original). Contrariamente, e talvez ressoando a distinção biologia/materialidade e cultura/discursividade através da qual a distinção sexo/gênero é estabelecida³²⁶, Butler inicia *Corpos que importam* afirmando que o “sexo” será “uma das normas pelas quais o ‘sujeito’ pode chegar a ser totalmente viável, o que qualifica o corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade” (*idem*, p. 17).

Performativamente falando, “as normas regulatórias do ‘sexo’ trabalham [...] para constituir a materialidade dos corpos [...] para materializar o sexo do corpo” (*idem*, p. 16). O sexo, a sensação de estabilidade material, deixa de ser causa para se tornar efeito de um conjunto de práticas – performances (*enactments*) – através das quais o corpo é materializado: similarmente à crítica da verdade interna do gênero, a matéria não é o substrato passivo sobre o qual as palavras se alojam irrevogavelmente, ao contrário, ela é produzida como tal³²⁷. Portanto, se contrapondo às noções construcionistas radicais, Butler afirma que usa a noção de matéria “não como local ou superfície, mas como *um processo de materialização que se*

³²⁵ Se Hining e Toneli (2023) não oferecem uma definição exata do que querem dizer por “ficção”, Butler (2016, p. 55) afirma que a ficção reguladora pode ser entendida como “a postulação da identidade como um princípio culturalmente restrito de ordem e hierarquia” e “uma ontologia de gênero que permanece fundamentalmente inata”.

³²⁶ No início do primeiro capítulo de *Corpos que importam*, Butler afirma que é comum o entendimento de que “para o feminismo funcionar como prática crítica, ele deve basear-se na especificidade sexual do corpo da mulher [...] como ponto de partida irreduzível para várias construções sociais que deve sustentar” (2019, p. 56), isto é, na realidade biológica que é presumida ser comum entre as mulheres, especificamente o papel dos caracteres sexuais primários que, acredita-se, distinguem indubitavelmente os sexos e os gêneros. Nessa dissertação, partindo dos pelos corporais, busquei demonstrar o papel de caracteres sexuais secundários na ação intra-ativa de produção de padrões e fronteiras, deslocando tanto a primazia dos caracteres primários quanto aos elementos envolvidos nos processos de materialização.

³²⁷ Seguindo Foucault, Butler se recusa a “fazer da ‘materialidade’ o efeito de um ‘discurso’ que é sua causa” (*idem*, p. 68-69, nota 12). Materialidade como efeito do discurso depende da compreensão de que os “efeitos [do poder] são as ações dissimuladas do próprio poder” e que “o discurso designa o local em que o poder é instalado como poder formativo das coisas” (*ibidem*). Nesse sentido, “a ‘materialidade’ aparece só quando se apaga, se esconde, se cobre, sua condição de algo constituído de forma contingente pelo discurso” (*ibidem*).

estabiliza, ao longo do tempo, para produzir o efeito de demarcação, de fixidez e de superfície que chamamos de matéria” (*idem*, p. 28, ênfase no original). A partir da concepção de matéria como materialização, Butler evidencia o caráter performativo da noção de materialidade e retira dela qualquer substancialidade pré-discursiva. Sendo assim, “o processo de sedimentação ou o que podemos chamar de *materialização* será uma espécie de citacionalidade” (*idem*, p. 39), isto é, “não um ‘ato’ singular [mas] a reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas” (*idem*, p. 36).

A dificuldade que Barad tem com a formulação de Butler não se concentra no “idealismo linguístico do pós-estruturalismo” como “um jogo textual” ou na “dissolução da matéria como categoria contemporânea”, como as críticas a *Problemas de gênero* retomadas em *Corpos que importam* tendem a afirmar (Butler, 1999, p. 206, nota 10; Butler, 2019, p. 54). Ao contrário, Barad distingue sua crítica ao trabalho de Butler daquelas “que a acusam incorretamente de idealismo, monismo linguístico e de negligência ou até mesmo de apagar ‘corpos reais de carne e osso’”³²⁸ (Barad, 2007, p. 192). Para Barad, *Corpos que importam* é um livro canônico sobre o tema da materialização: trata dos “importantes efeitos constitutivos do discurso e do poder” (*idem*, p. 191) sem, contudo, se afetar pelo determinismo social, trata da natureza material do corpo humano sem reinstalar a materialidade do corpo como fundacional ou evidente e ainda desenvolve uma “noção de performatividade de gênero” que conecta a formação subjetiva com a produção da materialidade do corpo (*ibidem*). Em *Getting Real: Technoscientific Practices and the Materialization of Reality*, o quinto capítulo de *Meeting the Universe*, publicado originalmente em 1995 no quinto volume de *differences*, Barad aborda e apresenta sua crítica às e sua apropriação das noções de performatividade e materialidade de Butler. Barad afirma que o trabalho de Butler em *Corpos que importam* é importante na constituição de um novo entendimento do corpo como socialmente construído; contudo, Barad continua, ele é limitado de diversos modos importantes, limites os quais a autora pretende examinar e, ao fim, sugerir uma compreensão de materialidade, discursividade e performatividade a partir de um contexto específico: a prática de ultrassonografia fetal.

Ainda na esteira do trabalho de Foucault em *Vigiar e punir*, onde ele define que práticas discursivas são as condições materiais do que conta como declarações significativas, sem, contudo, evidenciar a natureza material dessas práticas (*idem*, p. 63), o trabalho de Butler, ainda que “desloque a matéria como uma entidade fixa e permanentemente delimitada” (*idem*, p. 192), analisa a materialidade somente em termos de “como o discurso se torna matéria” (*comes to*

³²⁸ “[...] a host of accusations against Butler that incorrectly accuse her of idealism, linguistic monism, or a neglect or even erasure of ‘real flesh-and-blood bodies.’”

matter), não analisando “como a matéria se torna matéria” (*ibidem*). Isto é, Butler propõe uma análise temporal da matéria (materialização como processo), mas essa temporalidade é analisada somente em termos de como o discursivo, e não o material, se materializa. Barad questiona se um dos efeitos de se atentar somente à discursividade não acaba por reinscrever a mesma dualidade que Butler busca evitar, qual seja, a passividade e a preexistência da matéria, restringindo a análise crítica das práticas material-discursivas somente à dimensão discursiva, especificamente a atividade humana de significação emergente das ciências humanas e sociais (*ibidem*). Ao contrário, se se busca uma noção de matéria que não seja dada de antemão, então uma noção de aparato (de produção corporal) deve atentar-se à materialização da matéria, levando em conta a) as limitações e exclusões materiais (qual matéria fica de fora?), b) as dimensões materiais da agência (quem performa o que? o que é performado por quem? – o que não é somente humano) e c) as dimensões materiais das práticas regulatórias (quais os efeitos políticos de um aparato?) (*ibidem*).

O ponto de partida de Barad não são as tecnologias de ultrassonografia fetal à toa, mas por serem, também, aparatos material-semióticos de interpelação de gênero. A interpelação médica, exemplo utilizado por Butler (2019, p. 25) e retomado por Barad, ilustra o que a autora quer dizer por materialização como um processo. Contudo, a ultrassonografia é secundarizada, simplificada e, enfim, ignorada na forma como ela é tratada em *Corpos que importam*. Butler afirma o seguinte:

consideremos o caso da interpelação médica que (*apesar do recente surgimento da ultrassonografia*)³²⁹ desloca uma criança de bebê (it) para menina (she) ou para menino (he) e, nessa nomeação, e menina é ‘feminilizada’ (girlified) por essa denominação que a introduz no terreno da linguagem e do parentesco por meio da interpelação de gênero [...] reiterada por várias autoridades e ao longo de vários intervalos de tempo que reforçam ou contestam esse efeito naturalizado. (Butler, 2019, p. 25, ênfase minha)

Em linhas gerais, Butler restringe sua análise ao trabalho humano de atribuição de gênero, processo de interpelação médica que insere o bebê na dimensão sexuada da vida (parentesco e linguagem) e inicia um processo performativo sem fim, reiterado em espaços e temporalidades heterogêneos. O tratamento do surgimento da ultrassonografia como “banal” e “insignificante” (Barad, 2007, p. 193) através do uso do advérbio “apesar”, faz Barad questionar

³²⁹ Modifiquei brevemente a tradução desse trecho: na edição de 2019, a frase em destaque foi traduzida como “apesar de o surgimento da ultrassonografia ser recente”, e aqui decidi traduzir por “apesar do recente surgimento da ultrassonografia” por entender que, dessa forma, a banalidade com a qual Butler trata essa questão fica mais evidenciada ao invés do surgimento dessa tecnologia acabar figurando como desimportante para o assunto em questão.

o potencial analítico e produtivo do trabalho de Butler, se questionando se, para retificar essa omissão, seria suficiente acrescentar as limitações materiais adequadas ou se, ao contrário, “é possível que a própria consideração das limitações discursivas tenha que ser revista, assim que as limitações materiais sejam trazidas à análise, isto é, uma vez que há uma reconsideração daquilo que é excluído?”³³⁰ (*ibidem*).

Para investigar esse questionamento, Barad retoma o enquadramento epistemológico do trabalho de Bohr em sua contraposição à física newtoniana. Para Bohr, “dois pressupostos implícitos necessários para corroborar o enquadramento newtoniano e sua noção de transparência das observações eram falhos”³³¹ (*idem*, p. 195), quais sejam, a crença na existência independentemente determinada de coisas e palavras, isto é, a existência de entidades individuais com limites e propriedades próprios, e a separabilidade intrínseca entre conhecedor (sujeito) e conhecido (objeto), especificamente através da crença que “as medições revelam os valores preexistentes das propriedades de objetos independentemente existentes como separados das agências de medição”³³² (*ibidem*). Contrariamente, para Bohr, “conceitos teóricos são definidos pelas circunstâncias necessárias para sua medição”, isto é, “valores mensurados não podem ser atribuídos a objetos independentes de observação” e “objetos independentes de observação não possuem propriedades bem definidas e inerentes”³³³ (*idem*, p. 196).

Isto é, a materialidade, como materialização, não emerge somente como resultado da produção e repetição discursiva, mas depende de um conjunto de práticas materiais implicadas nessa materialização. O que vem a aparecer como “matéria” – podendo ser o sexo, e, no caso desta dissertação, nos referimos aos pelos corporais – não é, simplesmente, o que sempre esteve lá, algo com o qual o discurso precisou lidar desde o início. A partir da noção de intra-ação, entende-se que o que conta como material emerge conjuntamente, intra-ativamente, com os termos que o definem, ao invés de estar presente de antemão. Intra-ação, para retomar a definição de Barad (*idem*, p. 197, ênfase no original), “[significa] a constituição mútua de objetos e agências de observação no (*within*) fenômeno (em contraste com a ‘interação’, que

³³⁰ “[...] is it possible that the very accounting of discursive constraints may require revision once material constraints are brought into the analysis, that is, once there is a reworking of what is here excluded?”

³³¹ “[...] two implicit assumptions needed to support the Newtonian framework and its notion of the transparency of observations were flawed [...]”

³³² “[...] measurements reveal the preexisting values of the properties of independently existing objects as separate from the measuring agencies.”

³³³ “[...] theoretical concepts are defined by the circumstances required for their measurement. [...] measured values cannot be attributed to observation-independent objects. [...] observation-independent objects do not possess well-defined inherent properties.”

pressupõe a existência prévia de entidades distintas) [...] diferentes agências (‘entidades distintas’) permanecem emaranhadas”³³⁴.

Em uma sessão do texto chamada *From Imaging Devices to Materializing Practices*, essa intra-ação entre o objeto observado e as agências de observação, a relação entre o fenômeno observado e a intra-ação entre sujeito e objeto ou entre significados e coisas é evidenciada. Um aparato, afirma Barad seguindo Bohr, não é simplesmente um equipamento depositado na mesa ou na estante do laboratório, um equipamento com a capacidade de evidenciar o mundo como ele “realmente” é, disponível para todo uso e por qualquer um (*idem*, p. 203). Ela afirma que aparatos “não são entidades preexistentes ou fixas”, ao contrário, “eles mesmos são constituídos através de práticas particulares que estão perpetuamente abertas à rearranjos, rearticulações e outras reformulações”³³⁵ (*ibidem*). Um aspecto importante do aparato para a noção de materialização é que “qualquer aparato está sempre no processo de intra-ação com outros aparatos”, isto é, “os próprios aparatos são fenômenos material-discursivos que se materializam em intra-ações com outros aparatos material-discursivos”. A importância da inextricabilidade entre materialidade e discursividade no aparato e para o fenômeno é central para a crítica e proposta de Barad: ambas dimensões não preexistem à sua co-constituição no/através do aparato ou fenômeno. Ao contrário, é através da intra-ação material-discursiva que as fronteiras ético-onto-epistemológicas são constituídas no fenômeno (*idem*, p. 140). De forma bastante direta, Barad oferece um conjunto conceitual interessante para explicar os termos de seu realismo agencial:

*os fenômenos são padrões diferenciais de materialização (mattering) (‘padrões de difração’) produzidos através de intra-ações agenciais complexas de múltiplas práticas material-discursivas ou aparatos de produção corporal, em que aparatos não são meros instrumentos de observação, mas práticas produtivas de fronteiras (boundary-drawing practices) – (re)configurações materiais do mundo específicas – que importam/se materializam (come to matter)*³³⁶. (*idem*, p. 140, ênfase no original).

Práticas material-discursivas, portanto, são aparatos de produção corporal que são, por sua vez, práticas produtivas de fronteiras. A dimensão performativa se torna bastante evidente

³³⁴ “[...] the mutual constitution of objects and agencies of observation within phenomena (in contrast to ‘interaction,’ which assumes the prior existence of distinct entities). [...] the different agencies (‘distinct entities’) remain entangled.”

³³⁵ “[...] preexisting or fixed entities; they are themselves constituted through particular practices that are perpetually open to rearrangements, rearticulations, and other reworkings.”

³³⁶ “[...] phenomena are differential patterns of mattering (‘diffraction patterns’) produced through complex agential intra-actions of multiple material-discursive practices or apparatuses of bodily production, where apparatuses are not mere observing instruments but boundary-drawing practices – specific material (re)configurings of the world – which come to matter.”

na forma como Barad explora a dimensão produtiva e iterativa dos aparatos e dos fenômenos: trata-se, em linhas gerais, de “configurações materiais/reconfigurações dinâmicas do mundo” (*idem*, p. 146). Note-se ainda que, “aparatos não estão localizados *no* mundo, mas são configurações ou reconfigurações *do* mundo”³³⁷ (*ibidem*, ênfase minha), evidenciando que “somos responsáveis pelo mundo no qual vivemos, não porque ele é uma construção arbitrária de nossa escolha, mas porque ele é sedimentado a partir de práticas particulares nas quais temos um papel”³³⁸ (*idem*, p. 203). Efetivamente, portanto, Barad demonstra uma interessante forma de se lidar com o problema da “realidade”, ou a forma iterativa e performativa através da qual a matéria se constitui como tal: fenômenos – isto é, a inseparabilidade ontológica ou emaranhamento entre palavras e coisas, objetos e agências de observação, sujeito e objeto – são constitutivos da realidade. Eles são “unidades básicas de realidade” (*basic units of reality*) (*idem*, p. 33) ou as “menores unidades materiais” (*idem*, p. 151), em que matéria “*se refere aos fenômenos em sua materialização contínua*”³³⁹ (*ibidem*, ênfase no original). Sendo assim, há tão somente realidade no fenômeno, ou, como fala Barad, “*things-in-phenomena*”, e “a realidade não é, portanto, uma essência fixa, [mas] uma dinâmica contínua de intra-ação”³⁴⁰ (*idem*, p. 206).

Referindo-se à compreensão de Butler, Barad afirma que a matéria “não é simplesmente ‘uma espécie de citacionalidade’ [...], o efeito de superfície de corpos humanos” mas “uma produção discursiva no sentido pós-humanista em que as próprias práticas discursivas são (re)configurações do mundo através das quais se performa diferencialmente a determinação de fronteiras, propriedades e significados”³⁴¹ (*idem*, p. 151). Diferentemente da capacidade descritiva e de espelhamento da noção de construção e da crença na metafísica individualista, a compreensão realista de Barad, articulada na noção de práticas material-discursivas ou aparato de produção corporal, participa das intra-ações que constituem fenômenos, implicando, inclusive, a matéria como um agente ativo nos processos de produção e constituição da realidade. Fatores epistemológicos e ontológicos são coconstitutivos e insparáveis, por sua vez, de fatores éticos. Para evidenciar seu caráter ativo, Barad afirma que “a matéria é um devir

³³⁷ “[...] apparatuses are not located in the world but are material configurations or reconfigurings of the world [...]”

³³⁸ “We are responsible for the world within which we live, not because it is an arbitrary construction of our choosing, but because it is sedimented out of particular practices that we have a role in shaping [...]”

³³⁹ “[...] ‘matter’ refers to phenomena in their ongoing materialization.”

³⁴⁰ “Reality is therefore not a fixed essence [but] an ongoing dynamic of intra-activity.”

³⁴¹ “Matter is not simply ‘a kind of citationality’ [...], the surface effect of human bodies [...] but a discursive production in the posthumanist sense that discursive practices are themselves material (re)configurings of the world through which the determination of boundaries, properties, and meanings is differentially enacted.”

dinâmico intra-ativo que está implicado e envolvido em seu devir iterativo”³⁴²: “a matéria emerge de, e inclui como parte de seu ser, a contínua reconfiguração de fronteiras” assim como “[práticas discursivas] são contínuas (re)configurações materiais do mundo”³⁴³. Finalmente, “a questão não é meramente que há fatores materiais importantes além dos fatores discursivos; ao contrário, a questão é a natureza material-discursiva conjunta das restrições, das condições e das práticas”³⁴⁴.

Assim sendo, cabe retornar à noção de aparato de produção corporal como proposto por Haraway (2023b). Um dos efeitos em se pensar através do conceito de cisgeneridade como prática material-discursiva é de atribuir agência aos objetos de interesse científico, sem contudo substancializá-los, especialmente se atentando à sua transformação em um elemento pré-discursivo, inerente. Para Haraway, a construção da dimensão agentiva dos objetos de conhecimento, ao invés de sua construção como mera confirmação das teorias científicas, é uma saída ao problema do tratamento do mundo como recurso para a “autoformação do único ser social nas produções de conhecimento, o conhecedor humano” (Haraway, 2023b, p. 345-346). Além do mais, é um compromisso das apropriações feministas da ciência, isto é, dos conhecimentos situados, “que o objeto de conhecimento seja representado como um ator ou um agente”, não se restringindo, contudo, aos objetos das ciências humanas e sociais, isto é, os humanos, “[devendo] ser aplicado a outros projetos de conhecimento chamados de ciências” (*idem*, p. 346-347). O trabalho necessário que a matéria e os pelos corporais demandam, portanto, não é um de descoberta, como os especialistas do hirsutismo e da seleção sexual se esforçaram em fazer ao representar, decodificar e descobrir as diferenças sexuais, raciais e de gênero no corpo.

Diferentemente, e esse foi o trabalho almejado nos dois capítulos anteriores, a demanda se encontra numa dimensão de diálogo com o mundo: no caso dessa dissertação, tratou-se de encontrar nas intra-ações de duas produções material-discursivas sobre pelos corporais o estabelecimento de distinções e padrões de humanidade e não-humanidade, se atentando à forma como “o senso de humor independente do mundo” (Haraway, 2023b), isto é, as (im)possibilidades material-discursivas eram abordadas e tratadas. O objeto de interesse dessa dissertação, portanto, não é algo estanque, definido diferencial e essencialmente em termos de feminilidade ou masculinidade, mas é um “ator material-semiótico”, isto é, ativo e agentivo,

³⁴² “[...] matter is a dynamic intra-active becoming that is implicated and enfolded in its iterative becoming.”

³⁴³ “[...] matter emerges out of, and includes as part of its being, the ongoing reconfiguring of boundaries [...] are ongoing material [re]configurings of the world.”

³⁴⁴ “The point is not merely that there are important material factors in addition to discursive ones; rather, the issue is the conjoined material-discursive nature of constraints, conditions, and practices.”

como a materialidade, sem contudo a necessidade de pressupor sua presença imediata e definitiva. Isto é, pensar a cisgeneridade a partir dos pelos corporais não é a única forma de fazê-lo, pois nenhuma característica física guarda em si a verdade última sobre os fenômenos de distinção de gêneros, sexos e raças em dois polos distintos. Eles, contudo, contribuem na atividade – nada inocente – de se analisar e de se produzir intra-ações e fenômenos, conhecimento e formas de vida, antigos e novos. Como já afirmei, os pelos por si próprios não dizem nada sobre a produção diferencial da humanidade a partir da exclusão material-discursiva de certas configurações corpóreas dos pelos. Além do mais, o tratamento da cisgeneridade como um objeto de interesse a partir dos pelos corporais evidencia o que Haraway chama de um “nó gerativo material-semiótico” (2023b, p. 351) e, mais tarde, de um “nó de ação duradora” (Haraway, 2018, p. 142), no sentido de que as fronteiras do que estou chamando de cisgeneridade não são pré-existentes ao meu trabalho, ele mesmo uma intra-ação, mas emergem a partir dessa articulação, ainda que “situar (e avistar) fronteiras [seja] uma prática arriscada” (Haraway, 2023b, p. 351). Apesar dos diversos riscos, acredito ter conseguido construir uma cama de gato e operar através dela, através das diversas intra-ações que busquei tornar evidentes através da noção de cisgeneridade como aparato. Os capítulos anteriores, portanto, não são meros recursos etnográficos no sentido de que os uso como exemplos ou ilustrações, eles são, ao contrário, a cama de gato em si, sempre aberta a novas intra-ações, nós gerativos, padrões material-semióticos aguardando novas apropriações.

Retomando o contexto de crítica de Barad à Butler, a técnica de ultrassonografia, tratada com desdém e desinteresse pela segunda, é um aparato em si mesmo, age de forma intra-ativa com o corpo da mulher, produzindo um fenômeno, a imagem do feto. Nas palavras de Barad (2007, p. 212) “a tecnologia de ultrassom designa práticas material-discursivas específicas, restringindo e possibilitando o que é visto e produzido de acordo com seus desenvolvimentos iterativamente intra-ativos tecnocientíficos, médicos, econômicos, políticos biológicos e culturais como um fenômeno dinâmico”³⁴⁵. Se por um lado, essas tecnologias podem ser ignoradas, evidenciando-se a dimensão humana dos processos de atribuição do caráter sexual e racial dos corpos, para Barad, elas são ferramentas importantes para se pensar a produção material-semiótica diferencial do humano e do não-humano, como o caso dos fetos feminilizados (*girlies*) na Índia que são abortados devido ao alto custo em se criar uma menina nesse contexto. Jamais meros equipamentos de observação, os aparatos de produção corporal

³⁴⁵ “[...] ultrasound technology designates specific material-discursive practices, constraining and enabling what is seen and produced in accordance with its iteratively intra-active technoscientific, medical, economic, political, biological, and cultural development as an ever-changing phenomenon [...]”

(ou práticas material-discursivas) literalmente materializam ou não mundos e essa materialização nunca é pré-estabelecida.

Entender a cisgeneridade como um aparato de produção corporal, portanto, funciona como a distinção entre “equipamentos de imagem” e “prática materializadora” pensada por Barad em *Getting Real*, no sentido de que *o conceito não tem a função simplesmente de descrever a realidade como ela é ou a capacidade de deslocar seus fundamentos a partir de sua simples constatação*. Ao contrário, *pensar o conceito de cisgeneridade como um aparato de produção corporal evidencia a forma como intra-agimos com o mundo, isto é, como participamos da sua produção material – e de nós mesmos – através da apropriação através de práticas material-discursivas específicas*. Retomando a ideia de conhecimentos situados, trata-se menos de buscar a dimensão política ou materialmente neutra da descoberta, e mais de se lançar aos emaranhamentos, intra-agir, se implicar com o devir diferencial do mundo. Tal produção, como propôs Barad, não se restringe à capacidade humana, mas, ao contrário, é inseparável da capacidade agentiva de outros atores e agentes não-humanos, os pelos corporais e as tecnologias de sua quantificação e qualificação, remoção e cuidado por exemplo.

Na próxima sessão, apresentarei a forma como podemos trabalhar com os pelos corporais como agentes na produção epistêmica e ontológica. Os capítulos anteriores oferecerão o arcabouço necessário para vislumbrar essa agência, assim como auxiliarão na compreensão performativa do que será descrito. Sendo assim, se até o presente momento preocupei-me com a forma que meu próprio trabalho engaja com as intra-ações entre gênero, sexo, raça e humanidade no trabalho dos cientistas sobre os quais escrevi, o seguinte trecho focará na forma como essas intra-ações aparecem na materialização da cisgeneridade.

5.3 PODE UMA MULHER TRANS SER DIAGNOSTICADA COM HIRSUTISMO?

“[...] a realidade é [iterativamente] (re)constituída através da (re)criação de fronteiras.”³⁴⁶

Karen Barad, *Meeting the Universe*, p. 441

“Ele [sic] alegou que tem uma doença que faz crescer pelos no rosto das mulheres”³⁴⁷

³⁴⁶ “[...] reality is (iteratively) (re)constituted through the (re)making of boundaries.”

³⁴⁷ Disponível em: <https://noticias.r7.com/minas-gerais/mg-no-ar/videos/transexual-ganha-depilacao-pelo-sus-16122023>.

A escrita da presente dissertação, um exercício intra-ativo entre pelos corporais e cisgeneridade, resultou do processo de apropriação de alguns aspectos das teorias biológica, biomédica e antropológica sobre os pelos corporais. A metodologia da cama de gato tornou possível o movimento de analisar o tema dos pelos nesses conjuntos material-discursivos, sem, contudo, reduzi-los a si mesmos nem a totalizar os pelos como um objeto histórica, disciplina ou politicamente transcendental. Ao contrário, em cada capítulo etnográfico, busquei apresentar os termos e meandros do debate para, então, abordar os pelos teoricamente. Nesse sentido, apoiando-me na noção de intra-ação de Barad (2007), busquei demonstrar, através de minha apresentação do diagnóstico e da seleção sexual, que os pelos não são objetos fechados, mas resultam de movimentos intra-ativos e cortes agenciais, isto é, eles são elaborados performativamente.

A composição desta dissertação não foi dada, ela emergiu a partir do contato com o material etnográfico, mediado pelas referências teórico-conceituais e bibliográficas. A emergência da figura central dessa última parte não foi diferente. “Uma mulher trans com diagnóstico de hirsutismo” surgiu como parte do processo e do trabalho investigativo. Como dito na introdução, foi através de uma conversa com Paula Sandrine Machado que a pergunta desta pesquisa foi formulada: pode uma mulher trans ser diagnosticada com hirsutismo? Esse questionamento é instigante pois ele evidencia simultaneamente o caráter fabricado tanto da dimensão trans da vida dessa pessoa quanto do diagnóstico de hirsutismo e, como me esforcei em demonstrar, evidencia o mesmo caráter da cisgeneridade, ainda que ela figure como uma presença ausente (M’charek, 2014) tanto nessa pergunta quanto no diagnóstico (como demonstrado no terceiro capítulo). Meu objetivo é remover qualquer traço de pré-determinismo ontológico, biológico ou político do conceito de cisgeneridade, e evidenciar sua fabricação e seus efeitos a partir da cama de gato que me esforcei em montar. Isto é, não pretendo ignorar a capacidade destrutiva do que denominamos cisnormatividade, cissexismo ou até mesmo transfobia – uma vez que todos esses elementos aparecem de forma exemplar no caso de Teodora³⁴⁸. Assim como já feito anteriormente a partir do caso de Agnes (Braz; Machado, 2023), observar a história/estória de Teodora a partir dos estudos sociais e feminista da ciência expõe de maneira exemplar o que chamo de materialização da cisgeneridade.

³⁴⁸ Teodora é o nome fictício que Rodrigues (2018) deu à sua interlocutora. Pelas similaridades, tanto nas informações relatadas na tese de Rodrigues quanto nas informações encontradas nas notícias e através das datas e locais mencionados, é possível assumir que a entrevistada e a pessoa mencionada nessas notícias são a mesma. Minha apropriação da história/estória de Teodora assume que se trata da mesma pessoa para fins fabulativos.

O caso de Teodora, então, é a narração de uma exclusão constitutiva, de um processo complexo de fabricação de fronteiras (Barad, 2007). Ainda que se trate de uma mulher transexual e não cisgênera, esse parece um interessante caso para observar as intra-ações entre cisgeneridade e pelos corporais através da cisgeneridade como um aparato de produção corporal. Através das complexidades do caso de Teodora, pretendo expor de maneira mais evidente o que quis dizer com aparato de produção corporal. Isto é, o que estou compreendendo por cisgeneridade não é meramente a autopercepção da identidade de gênero congruente ou o pertencimento a uma equação sexo/gênero específica, incorporada como normal ou natural. Cisgeneridade, no contexto deste trabalho, é um complexo imbróglgio de coisas e palavras onde se operam cortes agenciais, isto é, se performam fronteiras, substâncias e estabilizações não presumidas de antemão. Nos capítulos anteriores, através do uso da cisgeneridade como um aparato, demonstrei como os pelos corporais tiveram papel intra-ativo nas distinções de gênero, de sexo e de raça na produção normativa do humano. Retomando o que escrevi anteriormente, será possível observar através do caso de Teodora como a cisgeneridade emerge como um fenômeno em relação prostética com o que não é cis, e não como um estado natural do ser (Barad, 2007, p. 158).

* * *

Teodora é uma mulher transexual mineira que, em 2012, ajuizou o direito à remoção dos pelos faciais a *laser* no SUS, tratamento oferecido a mulheres cisgêneras diagnosticadas com Hirsutismo pelo município de Juiz de Fora, em Minas Gerais (Rodrigues, 2018, p. 122-130). Fernanda Deotti Rodrigues, em sua tese intitulada *(Des)caminhos em busca de cuidado: uma análise da rede de assistência à saúde para pessoas transexuais e travestis em Juiz de Fora/MG*, nos apresenta a 29 interlocutores e seus itinerários terapêuticos. Entre eles, o itinerário terapêutico de Teodora me chamou atenção devido ao papel central que os pelos corporais, especialmente os faciais, assumem na sua busca por atenção e cuidado em um Ambulatório Trans no SUS: ao se pesquisar por “barba” nas páginas do trabalho de Rodrigues, das 16 ocorrências 12 se encontram no Itinerário Terapêutico dessa interlocutora ou, se fora desse trecho do trabalho, dizem respeito à essa interlocutora. Antes de olhar com mais atenção ao papel assumido pelos pelos faciais em seus relatos, no entanto, penso que deveria dar um passo atrás e contextualizar como cheguei ao trabalho de Rodrigues, ao relato de Teodora e às notícias e documentos que utilizo como recursos etnográficos.

Ainda em 2022, sem muita esperança, pesquisava os termos “transexual” e “hirsutismo” juntos. Como já afirmei, a curiosidade na relacionalidade desses termos – ou melhor, na possibilidade desses termos coabitarem uma frase ou um mundo – surgiu com o questionamento de uma de minhas orientadoras sobre a possibilidade de uma mulher trans ser diagnosticada com Hirsutismo. Em uma pesquisa no *Google*, o primeiro resultado com a definição de Hirsutismo é um site que divulga informações oficiais, artigos e pesquisas acadêmicas e definições médicas do Ministério da Saúde, a *Biblioteca Virtual em Saúde* (BVS). Como afirmei na introdução, a definição oferecida por esse site é carregada de signos sociais e sexuais, que podemos chamar de cisnormativos: diz-se que Hirsutismo é o “aumento da quantidade de pelos no corpo da mulher em locais comuns aos homens”. Uma das referências para esse texto da BVS é um texto escrito e publicado no Portal Drauzio Varella³⁴⁹, por Maria Hellena Varella Bruna, em março de 2017, onde é afirmado que “sua principal manifestação [...] é o crescimento excessivo de pelos terminais em áreas do corpo feminino seguindo os padrões típicos dos homens [como] na área da barba, acima do lábio superior, ao redor dos mamilos, na região do tórax, do baixo abdômen, das nádegas, na parte interna das coxas”.

Tanto “áreas do corpo feminino” quanto esses “padrões típicos dos homens”, como espero ter demonstrado no terceiro e quarto capítulos, não são independentes da produção do diagnóstico de Hirsutismo ou da teoria da seleção sexual. Como vimos, a conspicuidade dos pelos – seus padrões de crescimento e distribuição, sua textura e pigmentação – são parte integral do que constitui uma condição de saúde chamada Hirsutismo. Por exemplo, o “baixo abdômen” que é citado não está presente nesta lista à toa e, como sabemos, a classificação de feminino ou masculino para os pelos dessa área é resultado do trabalho de Dupertuis e colegas (1945) voltado à procura das distribuições clássicas masculina e feminina de pêlos pubianos. A partir do estudo do padrão do pelos pubiano em 1369 fotografias (1060 masculinas e 309 femininas), os investigadores foram capazes de determinar as distribuições *horizontal* e *acuminate* como classicamente feminina e masculina, respectivamente (Figura 4, p. 65). O fato de que tanto os pelos pubianos de homens quanto os de mulheres terminam na base de um triângulo invertido, mas, de acordo com a definição que eles oferecem, somente a base invertida do triângulo masculino é conectada com a base do triângulo dos pelos do abdômen faz com que homens tenham o abdômen relativamente piloso e que mulheres sejam relativamente hirsutas: no caso, homens são normalmente pilosos e as mulheres não, e por isso, ela recebeu seu status como anormal ou hirsuta ao se ver pelos em seu abdômen. Esse fato é contradito com as

³⁴⁹ O texto pode ser lido em sua íntegra no seguinte link: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/hirsutismo-excesso-de-pelos/>.

evidências fotográficas: das 309 fotografias de mulheres, cerca de 31 delas apresentam o padrão clássico masculino, fazendo com que os autores afirmem ser “pouco aconselhável” (*inadvisability*) usar o termo *acuminate* para designar o padrão clássico masculino (Dupertuis *et al*, 1945, p. 140). Contudo, os autores afirmam, no parágrafo seguinte, que a conservação do termo *horizontal* para o padrão clássico feminino “resulta da característica geral feminina de escassez de pelos corporais ao invés de um fator especial afetando a região púbica”³⁵⁰ (*ibidem*). O que acontece com o rosto, os pelos faciais ou a barba não é diferente, como procurarei demonstrar: eles não aparecem como marcas evidentes de hirsutismo ou excesso de pelos à toa (Figura 34).

Então, se pesquisar somente o termo “hirsutismo” nos leva a definições propriamente médicas, especialmente uma voltada à “reunir, organizar e disseminar informações em saúde [e] estimular sua utilização por parte dos governos, dos representantes dos sistemas de saúde, das instituições de ensino [e] do cidadão em geral”³⁵¹, pesquisar os termos “transexual” e “hirsutismo” conjuntamente nos leva a um espaço onde definições médicas se emaranham com definições jurídicas na vida de uma mulher transexual. Ou melhor, chegamos a um lugar onde a vida de uma mulher transexual está emaranhada não somente com os discursos médico e jurídico, mas, como buscarei demonstrar, com toda a história/estória dos pelos corporais que busquei demonstrar até agora. Nos próximos parágrafos, busco retrazar o caminho que me levou à história/estória de Teodora.

Figura 34 — Os pelos faciais jamais deixaram de figurar como uma das principais evidências de hirsutismo ou anormalidade no crescimento dos pelos



Fonte: BVS

³⁵⁰ “[...] a result of the general feminine characteristic of paucity of body hair rather than of a special factor affecting the pubic region.”

³⁵¹ Essa é a definição dos propósitos da BVS, encontrados em: <https://bvsmms.saude.gov.br/o-que-e-a-bvs-ms/>.

O primeiro resultado que encontrei foi a notícia do dia primeiro de março de 2017, intitulada *ESPECIAL: Transexual pode realizar depilação a laser na rede pública de saúde*³⁵² publicada no site do Tribunal Regional Federal da Justiça Federal. A partir das informações encontradas nesse primeiro site, mas também pela singularidade etnográfica que essa situação oferecia ao meu estudo, procurei por outros possíveis resultados na busca por maiores informações. Destaco aqui outras duas notícias, ambas também de sites jurídicos oficiais. No primeiro deles, em uma publicação feita no site do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 16 de fevereiro de 2017, lê-se o seguinte título: *Transexual pode remover barba pelo SUS, diz decisão premiada*³⁵³ (Figura 35). O terceiro site ao qual me refiro é do Conselho da Justiça Federal que, em 19 de junho de 2012, publicou a seguinte notícia: *Mantida a liminar que determina ao SUS o fornecimento de tratamento de depilação a laser a um (sic) transexual de baixa renda*³⁵⁴. Basear-me-ei nessas três notícias para ilustrar o caso. Mais adiante, lançarei mão de alguns elementos que compõem os documentos judiciais oficiais para investigar a forma como o que apresentei nos capítulos anteriores materializa a cisgeneridade no caso de Teodora.

Figura 35 — A narração da história/estória de Teodora é, geralmente, acompanhada pela imagem de um rosto masculino com barba

³⁵² O texto da notícia pode ser lido em sua íntegra no seguinte link: <https://portal.trf1.jus.br/portaltrf1/comunicacao-social/imprensa/noticias/especial-transexual-pode-realizar-depilacao-a-laser-na-rede-publica-de-saude.htm>.

³⁵³ Curiosamente, na publicação original, no site do CNJ, a imagem utilizada é a mesma do site do TRF (membros da Justiça Federal mineira recebendo e menção honrosa pela defesa dos direitos de Teodora) enquanto no site do JusBrasil, que republicou a notícia do CNJ, a imagem escolhida é do rosto masculino. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/transexual-pode-remover-barba-pelo-sus-diz-decisao-premiada/> e <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/transexual-pode-remover-barba-pelo-sus-diz-decisao-premiada/431715508>.

³⁵⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/06/justica-decide-manter-fornecimento-de-depilacao-laser-transexual.html>.



Fonte: CNJ/JusBrasil

Em termos de conteúdo, as três notícias são bastante similares: todas elas fazem menção aos laudos psiquiátrico e dermatológico, contendo o diagnóstico de Hirsutismo além do próprio diagnóstico de Transexualismo que Teodora anexou no momento de judicialização de seu direito à depilação a laser. Quanto ao Hirsutismo, todas as notícias o definiram como um excesso de pelos faciais em mulheres, talvez exatamente porque, no caso de Teodora, eram os pelos faciais que eram o foco de toda a discussão. Entre as notícias, também são comuns frases como: “Com base em pareceres médicos, um (sic) transexual garantiu na Justiça o direito de realizar depilação a laser pelo Sistema Único de Saúde (SUS)” (G1). Isto é, em todas as três notícias, Teodora é citada no gênero masculino, sem nenhuma menção ao gênero feminino, até mesmo quando, numa fala da defesa, reproduzida em uma das notícias, o juiz da segunda instância, que sustentou a decisão da primeira, afirma o seguinte: “o autor [sic] é uma mulher no que se refere aos desejos, sentimentos [e] objetivos de vida”. Em todo momento que Teodora fosse citada, ela o era no gênero masculino: no site do TRF, encontramos frases como “liminar concedida a um [sic] transexual”, “o autor [sic] sofreria de mal semelhante ao hirsutismo”, “o tratamento almejado pelo autor [sic]”, no site do JusBrasil, “o [sic] transexual se preparava para a cirurgia de mudança de sexo”, “o autor [sic] ainda não havia mudado de sexo”, “relatórios [...] atestavam que ele [sic] possuía condição semelhante ao hirsutismo” e no G1, “condições físicas e psicológicas do [sic] paciente”, “por trás da aparência do [sic] transexual”, “não se poderia dizer que ele [sic] padeceria de um mal exclusivamente feminino”. Isso revela de

maneira interessante a forma como o caso de Teodora e categorias como transexualidade e mulheridade eram manejadas entre os operadores da justiça mineira, especialmente sobre como as fronteiras entre elas estavam sendo performadas.

Isso é bastante interessante, também, na forma como o município lida com as mesmas categorias: a decisão foi favorável em primeira instância, pois, como lemos na notícia do G1, “[ela] foi baseada nas condições físicas e psicológicas do [sic] paciente que autorizariam a invocação da proteção ampla a saúde, prevista nos artigos 5º, 6º e 196 da Constituição/88”. Contudo, o município de Juiz de Fora recorreu à decisão a partir de três fatores determinantes: em primeiro lugar, por “ainda não ser uma mulher completamente, pois não fez a cirurgia transformadora” (G1), Teodora não poderia ser diagnosticada com Hirsutismo, “um mal exclusivamente feminino” (G1) que afeta “exclusiva[mente] mulheres” (JusBrasil); em segundo lugar, o que se configurava era a “ausência de demonstração de dano irreparável ou de difícil reparação, não se verificando os requisitos de imprescindibilidade e urgência” (TRF); em terceiro lugar, isso tornaria a decisão “carente de fundamento legal e até mesmo lógico [...] altamente reprovável” (G1). Isto é, concordando com a existência de padrões de crescimento de pelos corporais diferenciais, o município de Juiz de Fora questiona a mulheridade de Teodora por ela ainda não ter feito a cirurgia de redesignação sexual, ainda que ela já estivesse em vias de agendamento pois sua transexualidade e, portanto, mulheridade já haviam sido reconhecidas pelo grupo multidisciplinar de médicos, assistentes sociais e psicólogos e outros profissionais que a acompanhavam há muito tempo.

A história/estória de Teodora é bastante interessante, ainda, pois o a remoção a laser gratuita dos pelos corporais para mulheres com o diagnóstico de hirsutismo era uma prática comum no estado de Minas Gerais. De acordo com a notícia publicada no Portal do Tribunal Regional Federal, as clínicas estéticas fazem o atendimento de paciente do SUS “como forma de crédito para quitação de imposto de ICMS de importação de aparelhos médicos de laser, nos termos da Resolução Estadual Conjunta nº 3.316/02, das Secretarias de Fazenda e Saúde de Minas Gerais” (TRF). De acordo com a resolução, “o interessado se compromet[e] a compensar o benefício com a prestação dos seguintes procedimentos, programados pela Secretaria de Estado da Saúde, em valor igual ou superior à desoneração” (Minas Gerais, 2002, n. p), procedimentos entre os quais estavam serviços médicos, exames radiológicos, exames de diagnóstico por imagem e exames laboratoriais. No caso, trata-se das complicadas máquinas de laser que tem, cada vez mais, se popularizado no Brasil, com o surgimento cada vez maior de diversas franquias de depilação a laser que acabam diminuindo os preços e popularizando o acesso a essas tecnologias.

De acordo com Herzig sobre o contexto norte-americano (2015, p. 76), foi no início do século XIX com a circulação de revistas impressas cheias de publicidade, as mudanças na vestimenta com o surgimento de peças mais “reveladoras” e o surgimento de novos padrões de higiene racializados que as clínicas de beleza e de saúde e os tratamentos modernos voltados ao manejo dos pelos corporais se tornaram populares. Ainda que houvesse no mercado uma variedade de opções para a remoção de pelos corporais, desde químicos, ceras até lâminas, os equipamentos que prometiam efeitos duradouros angariavam interessadas e popularidade. O primeiro exemplo que Herzig (*idem*, p. 81) cita, é a eletrólise, “uma técnica desenvolvida por médicos (*physicians*) no final da década de 1870 e difundida conjuntamente com a crescente disponibilidade de bateria elétricas portáteis”³⁵⁵. Similarmente ao ultrassom descrito por Barad na sessão acima, é possível entender esse equipamento como um aparato complexo tanto em sua composição quanto em seus usos³⁵⁶. Herzig (*ibidem*) chega a afirmar que “as técnicas não só requeriam atenção meticulosa e habilidade da parte do operador, mas também paciência extrema e tolerância à dor da parte do cliente, particularmente a cliente que estivesse buscando remover os pelos de uma área de pele grande”³⁵⁷.

Contudo, devido à complexidade e às limitações desse tipo de método, Herzig menciona o aumento de interesse popular e científico pelas tecnologias que garantiam melhores resultados e menos sofrimento e complicação a partir da longa exposição do folículo capilar à radiação, isto é, os equipamentos de raio x. Tais garantias estavam associadas à relação do raio x com a ciência³⁵⁸. Similarmente à forma como a vida de Krao Farini era espetacularizada através da ciência, os salões e clínicas de beleza utilizavam da aura de legitimidade e confiança que a

³⁵⁵ “[...] a technique developed by physicians in the late 1870s and diffused alongside the increasing availability of portable electric batteries.”

³⁵⁶ Em *Processos de materialização da raça e do racismo no campo da saúde: uma etnografia das práticas e narrativas profissionais*, ao falar sobre a tecnologia de depilação a laser como uma técnica de materialização da raça e do racismo, Tatiana Muniz afirma que a tratativa das clínicas e franquias de depilação a laser em peles negras retintas, ao afirmarem que “Até Thaís Araújo a gente consegue. Lázaro Ramos, não!” (Muniz, 2021, p. 110), “reproduz[em] o racismo institucional, na medida em que se sentem constrangidas/os de falar sobre raça e se mostram desinteressadas/os em procurar se informar e prestar informações adequadas ao paciente, apenas limitando-se a reproduzir o discurso de que o corpo negro é inadequado para o procedimento” (*idem*, p. 114-115). Para Muniz, então, “as noções de raça e especificidade racial resultam como efeitos biotecnológicos da referida infraestrutura de racialização” (*idem*, p. 115).

³⁵⁷ “The techniques not only required meticulous attention and skill on the part of that operator but also extreme patience and tolerance for pain on the part of the client, particularly the client seeking to remove hair from a large area of skin.”

³⁵⁸ Ainda que a primeira metade do século XX tenha sido marcada pelo surgimento e popularização das tecnologias de remoção de pelos corporais de raio x, Herzig nos chama atenção ao fato de que, um pouco antes do início da segunda metade do século passado, essas tecnologias já estavam desaparecendo. Segundo a autora (*idem*, p. 94-95), isso pode ter se dado devido a mudanças nas ideias de branquitude e o impacto negativo das políticas nazistas em noções como “pureza racial”, bastante correntes nas publicidades sobre mobilidade de classe de raça nas revistas da época, assim como o efeito no imaginário popular a partir da explosão da bomba atômica e a radioatividade do raio x.

referência à ciência causava em seus clientes – referência que, nesse caso, remete ao contexto físico de surgimento da tecnologia do raio x. Como é bastante comum de acontecer e desmistificando a característica necessariamente intelectual e objetiva da produção científica, contudo, a função depilatória do raio x foi descoberta acidentalmente ainda em 1896 (*idem*, p. 87). Logo após essa “descoberta”, segundo Herzig (*ibidem*), a nova tecnologia passou a ser usada no tratamento de hipertricose em casos como o de Viola M., sem, contudo, necessariamente se estender a casos como o de Krao Farini e Julia Pastrana, pois, como vimos, o acesso e a utilização de tecnologias de remoção de pelos corporais não era acessada igualmente por todos. Tal tecnologia, é interessante pensar, deve ser relacionado (intra-agido) com as próprias noções de feminilidade e masculinidade. Como vimos anteriormente, o desejo na remoção dos pelos e, efetivamente, o acesso a eles não é algo independente de questões de gênero, sexo e raça: a constatação de feminilidade e mulheridade de mulheres que são conspicuamente pilosas depende de seu interesse em livrarem-se desse problemático emblema de masculinidade e animalidade. Ainda que de uma forma específica, essas questões estão presentes no caso de Teodora.

* * *

A experiência de Teodora é descrita por ela mesma através do trabalho de Rodrigues (2018), mencionado acima. A partir da perspectiva de Teodora, podemos voltar um pouco no tempo e entender os eventos que antecederam aqueles narrados nas notícias acima. Quando ajuizou o direito à remoção dos pelos faciais com tratamento a laser pelo sistema público de saúde, em 2012, Teodora já estava há seis anos em acompanhamento multidisciplinar em um Ambulatório Trans, no município de Juiz de Fora. Teodora ficou sabendo da realização da cirurgia de transgenitalização (Rodrigues, 2018, p. 123) ou neovulvovaginoplastia (Conselho Federal de Medicina, 2019, s.p) ainda em 2005, tendo iniciado o acompanhamento psicológico e de serviço social apenas em 2006. Devido à ainda baixa oferta de tal acompanhamento, oferecido apenas por ambulatórios específicos das capitais de alguns estados, Teodora necessitou ir para outro município através do Tratamento Fora de Domicílio, o TFD, um benefício para deslocamento oferecido pelo SUS quando uma demanda médica não pode ser tratada no município de origem. Tal experiência foi permeada por diferentes percalços e dificuldades, como ser encaminhada para diferentes clínicas ou unidades de saúde e, ao chegar nelas, ouvir que não faziam mais tais procedimentos ali e que ela precisaria se encaminhar para outro lugar.

Somente em abril de 2007 Teodora teve sua primeira consulta psiquiátrica, através da qual poderia — ou não, já que “não havia garantia alguma de que, ao final do período de dois anos, iria obter o laudo autorizando a cirurgia” (Rodrigues, 2018, p. 125) — receber tal laudo e ser encaminhada para a fila de espera da cirurgia. Apesar do acompanhamento nesses ambulatorios ser multidisciplinar, sua primeira consulta urológica só aconteceu sete meses mais tarde, em novembro do mesmo ano, tendo recebido o pedido de exames e agendado o retorno para janeiro do ano seguinte. Ao retornar, foi informada que sua consulta não estava agendada. Como relata Teodora, por estar “ansiosa para ‘começar a transformar o corpo, diminuir a barba, os pelos’” (*idem*, p. 126), ela retorna à unidade, demanda que os atendentes confirmem em seu prontuário, constatando que, de fato, sua consulta havia sido requisitada e agendada. Após esse episódio, Teodora recebe a prescrição médica dos hormônios, descobrindo que a unidade de saúde não forneceria os medicamentos e o custeio deles eram de sua responsabilidade. O custeio de sua dieta hormonal foi a primeira judicialização, feita através da Defensoria do Estado de Minas Gerais, antecedendo o custeio, em 2012-2013, da depilação a laser.

Em 2009, Teodora recebeu o laudo autorizando sua entrada na fila para a cirurgia de transgenitalização, mas afirma que “até 2011 [ela] ainda tinha que usar roupas andróginas, *em razão da barba* [tendo] em 2009 uma crise depressiva fortíssima [...] por causa de todos esses sofrimentos” (*idem*, p. 127, ênfase minha). “Concomitantemente” à busca por ajuda psiquiátrica para lidar com os efeitos da depressão devido à lentidão do SUS e o preconceito, “Teodora continuou sua trajetória tentando ‘resolver o problema da barba’” (*idem*, p. 128, ênfase minha). Com isso em mente, Teodora retornou à Defensoria Pública e, seguindo orientação jurídica, juntou laudo psiquiátrico atestando sua transexualidade, laudo social, laudo psiquiátrico atestando seu estado depressivo e laudo dermatológico, com quem conseguiu atestado da condição de Hirsutismo. Teodora afirma que, apesar de ter ganhado o processo e o direito pelo custeio da depilação a laser em 2012,

eles negaram, eles relutaram durante um ano depois da decisão. Só faria sentido eles concederem depois da cirurgia, porque aí sim eu seria uma mulher. Pra eles eu não era uma mulher, tinha que ter a genitália lá pra falar que era uma mulher, porque só concedia pra mulher, ainda tive que escutar isso. (*idem*, p. 129)

Somente em maio de 2013, após cirurgia que a “transformou em mulher”, se emprestarmos o linguajar utilizado pelo município de Juiz de Fora para lhe negar o direito à depilação, deu-se início às dez sessões de depilação a laser. No entanto, o “momento de transformação” tão aguardado por Teodora, isto é, a cirurgia de neovulvovaginoplastia, foi marcado pela tristeza pois, como afirma, “[ela operou] de barba, a barba cresceu quando [ela]

tava no hospital [e] isso foi muito sofrido” pois “[estava] sensível, não tem como não ficar sensível” (*idem*, p. 130). Ao pedir que fizessem sua barba, ouviu a resposta negativa das enfermeiras, dizendo não saberem como fazer. “Assim,”, escreve Rodrigues no final do Itinerário Terapêutico de Teodora, “apenas quando [ela] esteve em condições de se levantar do leito hospitalar, ela própria conseguiu fazer a barba satisfatoriamente” (*idem*, p. 130).

A experiência de Teodora, “única informante da pesquisa que conseguiu concluir o processo de mudanças exclusivamente pelo SUS”, de acordo com Rodrigues (2018, p. 228), ilustra a “(des)assistência” experimentada, à época, pelos usuários dos Ambulatórios Trans. No caso de Teodora, para quem “a barba tava aí todo dia, crescendo [em seu] rosto” (*idem*, p. 228) dificultando sua transição de gênero, a ausência de integralidade do Processo Transexualizador foi motivo de muito sofrimento e labuta. Para ela, o não oferecimento de prótese de silicone, da depilação a laser e do hormônio foi o motivo pelo qual precisou “ficar lutando, lutando e lutando”, tendo que recorrer ao ajuizamento de suas demandas (*idem*, p. 228). Afirma ela que, devido à demora e pela alergia causada pela gilete,

[começou] a passar (o barbeador) duas vezes, mas ainda era muito sensível, sabe? Então, assim, isso trouxe muito sofrimento. *A questão da minha dificuldade na transição total foi por causa da barba, porque o hormônio, por mais que não tivesse diminuído tudo, acabado com a barba, com os pelos, tava me agradando o que tava mudando. Mas a barba tava ali [...]* e eu não queria, por alergia também, eu não queria cobrir ela com muita maquiagem, por medo também. (*idem*, p. 228, ênfase minha)

Além do mais, a presença dos pelos faciais, para Teodora, estava diretamente conectada à forma pela qual ela se apresenta socialmente, isto é, mais ou menos feminina (após a depilação facial), às vezes andrógina (quando os pelos voltavam a aparecer). Afirma ela que “[ficou] transitando: o dia que [...] fazia (a barba) [...] podia tá muito feminina; o dia que ela já tava espetando, [Teodora] já não podia tá, então eu tinha que tá mais andrógina” (*idem*, p. 229).

Além de evidenciar a precariedade constitutiva dos serviços voltados à população trans ou do atendimento de pessoas trans no SUS, o relato de Teodora também coloca em evidência, de forma paradigmática, a relação entre experiências de gênero e sexo, assim como de raça e humanidade. Nos documentos que tive acesso sobre Teodora, sejam eles as descrições nas notícias, nos documentos judiciais ou na tese de Rodrigues, a raça de Teodora não é mencionada, me levando a pensar que ela é uma mulher trans branca. Se o debate de raça, especialmente como apresentei anteriormente (através da desumanização dos povos não-brancos e não europeus), pode ficar um pouco secundarizado nas próximas páginas, ficará evidente que a questão da desumanização ainda está em operação nessa história/estória. Isto é,

se, como vimos na última sessão do terceiro capítulo, os pelos faciais, especificamente a barba, é um signo de distinção social e superioridade moral e física de homens europeus, funcionado, por ora, como indicador de possibilidade de assimilação indígena, o caso da Teodora ilustra quais os efeitos de se ter tal signo quando se é uma mulher trans. Como mencionei anteriormente, é bastante difícil acreditar que as capacidades intelectuais e morais de uma mulher sejam atreladas à posse ou à ausência de barba. Se isso era algo que acontecia entre os séculos XVIII e XX e a ausência de barbas em mulheres era um signo de inferioridade, assim como a ausência delas em homens colonizados, como demonstrei no terceiro capítulo, outra questão se coloca quando uma mulher – nesse caso, trans – possui pelos faciais. A barba, que nos artigos que antecederam o diagnóstico de Hirsutismo foi definida de forma absoluta como uma característica masculina, presente somente nos rostos de homens, então, é problematizada no rosto de Teodora.

* * *

Quando Teodora ajuizou seu direito ao acesso “ao tratamento de depilação a laser para retirada dos pelos da face como forma de eliminação/atenuação das características sexuais secundárias masculinas causadoras do Transtorno de Identidade Sexual”, Maria Helena Carreira Alvim Ribeiro, Juíza Federal Titular da 1ª Vara/JEF de Juiz de Fora, “[deferiu] a antecipação dos efeitos da tutela³⁵⁹, determinando que o Secretário Municipal de Saúde de Juiz de Fora [...] forneça ao Autor [sic] o tratamento de depilação a laser [...], conforme prescrito por profissionais de saúde da equipe multidisciplinar que o [sic] acompanha”³⁶⁰. É interessante como o ajuizamento ao tratamento de Hirsutismo é, por sua vez, relacionado ao Transtorno de Identidade Sexual, demonstrando a intra-ação não só dos pelos faciais em sua experiência de gênero mas das intra-ações entre categorias diagnósticas distintas. Antes dessa declaração, contudo, a juíza identificou e caracterizou Teodora da seguinte forma: além de algumas características psíquicas e emocionais (como a síndrome depressiva e ideação suicida) atestadas pela “documentação apresentada nos autos”, a juíza destaca que o autor [sic] “está aguardando

³⁵⁹ A antecipação dos efeitos de tutela é um recurso jurídico para lidar com a morosidade dos processos quando se entende que, ao final do julgamento do processo, a sentença será favorável, oferecendo acesso à demanda ao autor/à autora antes do final do processo. Isso se dá, além do mais, quando se constata perigo de dano, como é o caso de Teodora. Agradeço à Melissa Barbieri de Oliveira pela explicação técnica sobre a noção de “antecipação dos efeitos de tutela”.

³⁶⁰ Preferi manter a referência aos documentos judiciais ocultas, dado que ali constam referências ao nome civil de Teodora anterior à sua retificação. Contudo, é importante notar que, caso seja necessário, é possível acessar tais documentos na internet, dado que algumas informações, como o número do processo e os envolvidos, constam nas notícias que me baseei anteriormente.

a liberação do procedimento cirúrgico de transgenitalização [...] já [tendo] indicação de tratamento hormonal feminilizante”, não restando “dúvidas a respeito [de sua] *condição física e psicológica*” (ênfase minha). Afirmando que se inclui na assistência de saúde “a distribuição gratuita dos medicamentos e produtos necessários ao sucesso do tratamento médico” e que “o caso dos autos aproxima-se [...] aos pedidos de cirurgia plástica gratuita a partir do SUS [...] indispensáveis à qualidade de vida do paciente”, a juíza explica que “[o] autor [sic] [...] pede [...] a realização de um dos procedimentos estéticos complementares à atenuação do transtorno de que padece, qual seja, a extração a laser dos pelos da face”. Nesse ponto, dois elementos centrais ficam bastante evidentes: em primeiro lugar, percebemos o caráter patologizante e a perspectiva da transexualidade, ou, como denomina a juíza, do transtorno de identidade sexual como algo a ser medicamente tratado; em segundo, a articulação entre hirsutismo e transexualismo, ambos elementos tratados como patologias, evidencia as intra-ações implicadas na materialização da cisgeneridade. O corpo, os pelos e a própria vida de Teodora, como veremos, emergem dessa intra-ação.

Isso fica bastante evidente na forma como a própria juíza articula o hirsutismo em sua defesa: após afirmar que o autor [sic] “já possui parecer do médico perito psiquiatra [...] para realização da cirurgia de readequação sexual”, isto é, Teodora possui o reconhecimento técnico de sua mulheridade, a juíza continua dizendo que “esta doença”, o hirsutismo, “se apresenta em mulheres que tem pelos em áreas anatômicas de características de distribuição masculina, como por exemplo a barba”, sendo o tratamento com depilação a laser mais indicado que o tratamento hormonal, que, por sua vez, “não é suficiente” para acabar de vez com o crescimento dos pelos faciais. Se o tratamento a laser “estava sendo liberado pela Gerência Regional de Saúde de Juiz de Fora [...] como forma de crédito para quitação do imposto ICMS” e se “o autor [sic] já possui parecer psiquiátrico de médico do SUS para realizar a cirurgia de readequação sexual para que possa assumir a identidade do seu verdadeiro sexo”, então, “tratamento diverso”, isto é, negar-lhe o direito ao acesso ao tratamento, “não pode ser dado ao pedido aqui formulado”. Contudo, como sabemos, o pedido foi negado sustentando “a inexistência de demonstração do dano irreparável ou de difícil reparação, bem como a ausência de verossimilhança da alegação”, isto é, ao processo faltavam “requisitos de imprescindibilidade e de urgência” além da justificativa da juíza ter sido pautado num “sofisma falso”.

Após a decisão ter sido recorrida pelo município, a judicialização do direito ao tratamento de Hirsutismo de Teodora chegou nas mãos de Gláucio Maciel Gonçalves, Juiz Relator da 1ª Turma Recursal de Minas Gerais. Na defesa de Teodora, o juiz afirmou que ainda “que o inusitado pedido possa vir a suscitar debates acalorados e até servir injustamente de

motivo de pilhérias de setores mais conservadores”, a vida do autor [sic], “um enorme drama social e particular”, deveria ser levada em conta na “análise do pleito”. Um pouco mais adiante, no decorrer da defesa em segunda instância, o juiz afirma que “*por mais fútil que se possa parecer, em princípio, a autorização de um tratamento estético*, a decisão impugnada prestigiou o suporte dado pelos médicos que já assistiram o autor” (ênfase minha) levando em conta o conjunto de documentos, diagnósticos e relatórios anexados no processo. Apesar desse conjunto de documentos e sua autenticidade e autoridade médicas, o município simplesmente afirmou que, frente à ausência da “cirurgia transformadora”, “o autor [sic] ainda não é uma mulher por completo”, negando-lhe o tratamento. Portanto, o município sustenta que “não se poderia dizer que ele [sic] padeceria de um mal exclusivamente feminino [...] o que tornaria a decisão carente de fundamento legal e até mesmo lógico, tornando-a altamente reprovável”.

Em contraponto à “irresignação” do município em garantir o acesso de Teodora ao tratamento, o juiz afirma, em relação à urgência da medida, que apesar que “o tratamento deferido não tem, por fim último, salva a vida do autor”, levou-se em conta que “o tratamento almejado [...] faz parte de uma *série de etapas* para a construção do indivíduo [cujo] resultado final almejado não prescinde da completude estética, sem a qual o indivíduo jamais adequará o seu psiquismo à sua forma física”. Assim como nas palavras da juíza, a defesa do juiz deixa evidente uma compreensão patologizante da transexualidade de Teodora, especificamente a compreensão de que há uma ruptura, passível de ser concertada, entre as dimensões físicas e psíquicas. Tal compreensão obviamente emerge a partir de uma cisgeneridade presumida, a crença na existência de corpos e mentes que estão alinhadas. Uma das questões mais interessante, contudo, é a forma como fica bastante evidente que esse concerto do rompimento mente/corpo se faz através de uma diversidade de tratamentos e procedimentos, entre os quais se encontram, no caso dessa mulher trans, as cirurgias de readequação sexual e a remoção de pelos faciais.

O gênero, para o juiz, é a “identidade mais básica [...], sem a qual ele [sic] jamais definirá quem ele [sic] será e que papel ocupará na sociedade”. Contrariamente à ideia de que a juíza da primeira instância “incorreu em um sofisma equivocado ao igualar o mal do autor ao ‘hirsutismo’”, dado que o transexual [sic] ainda não passou pela readequação sexual, o juiz defende que “de nada adiantaria se garantir a mudança de sexo se não fosse concedido ao indivíduo [sic] o atendimento a outras necessidades, típicas de sua adequação ao gênero que sempre pertenceu”. A linguagem da patologia associada a uma linguagem de um construcionismo radical por parte do juiz faz emergir uma compreensão bastante interessante da cisgeneridade. Se por um lado, a experiência de gênero – que podemos presumir que o juiz

se refere a uma distinção entre masculino/homem e feminino/mulher – é uma dimensão indispensável na vida de todo e cada indivíduo para se localizar no mundo, vemos emergir essa experiência como indispensavelmente materializada. Ainda mais, essa materialização é exatamente o meio através do qual o gênero se constitui, dado que a cirurgia de readequação sexual e a depilação a laser são indispensáveis para se alcançar, da forma mais ideal possível, a experiência de gênero. Tal ideia se mostra de forma extremamente evidente quando o juiz afirma que “a eliminação dos pelos, *principalmente quando a parte aqui considerada é o rosto*, é uma das inúmeras condições a serem atendidas para a *concretização do fenótipo feminino*”.

Isso tudo não se dá, evidentemente, sem a própria defesa exercer certas violências contra Teodora. Primeiramente, o juiz insiste na capacidade descritiva do diagnóstico de transexualidade, afirmando que “a cirurgia de mudança de sexo pressupõe a verificação de ser o paciente transexual portador de desvio permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo”. A referência de transexualidade para o juiz, que faz a defesa de Teodora no ano de 2012, é a Resolução 1995/2010, documento que marcadamente diferencia transexuais de travestis, atribuindo ao primeiro grupo de pessoas o “desconforto com o sexo anatômico” e o “desejo de eliminar os genitais [e] perder as características primárias e secundárias do próprio sexo”, além dos critérios de temporalidade e da ausência de transtornos mentais, caracterizando, resumidamente, um “transexual verdadeiro”. É a partir desse enquadramento que, entre os anos de 2012 e 2012 em uma cidade de Minas Gerais, é possível fazer tal defesa de Teodora, especialmente levando em conta a forma como a questão é tratada como uma busca pela concretização do fenótipo feminino ideal: um rosto delicado, sem pelos faciais, exceto pelos cabelos no topo da cabeça e as sobrancelhas enquadrando os olhos.

Por fim, a evidência definitiva do funcionamento da cisgeneridade como um aparato de produção corporal na história/estória de Teodora está diretamente ligada ao que é descrito no quarto capítulo, especificamente sobre os limites do não-humano a partir dos pelos corporais. O juiz afirma que o deferimento do pedido de Teodora “é garantidor da mais completa justiça” sem a qual “o Estado chancelaria a transformação do transexual [sic] de baixa renda em uma *aberração*” (ênfase minha). Aqui, é possível estabelecer uma relação entre a situação contemporânea de Teodora com aquela experimentada pelas mulheres barbadas durante o século XIX. Os pelos corporais figuram como uma impossibilidade para Teodora, assim como para outras mulheres, e, não podemos esquecer, especialmente mulheres brancas. Aberração é o mesmo adjetivo utilizado para se referir às mulheres barbadas. Entre elas, contudo, uma distinção é importante: a produção diferencial da raça na atribuição, ou não, de humanidade. Nas diversas intra-ações que percorremos, é interessante ver como algumas coisas são muito

similares, como a crença do juiz, similarmente à crença dos médicos do século XIX, que o desejo em se estabelecer um fenótipo específico através da remoção dos pelos faciais era evidência da mulheridade de mulheres barbadadas brancas. Apesar de que a mulheridade de Teodora é presumida o tempo todo como pré-discursiva, dado que o juiz e a juíza frequentemente se referem à experiência de transição de gênero como uma “adequação” do corpo à uma mente que sempre estiveram lá, ou melhor, uma identidade de gênero pré-discursiva, os juízes não deixam de associar a mulheridade de Teodora com os procedimentos que ela deve fazer para, enfim, tornar-se verdadeiramente uma mulher.

* * *

O presente capítulo foi um esforço de tornar evidente a cama de gato que me propus fazer. Aqui, além de discutir conceitualmente tanto o percurso do conceito de cisgeneridade no Brasil quanto as noções de matéria, materialidade e materialização, busquei apresentar o caso de Teodora não como um exemplo do funcionamento de cisgeneridade, mas como um fenômeno (Barad, 2007) que emergiu a partir das intra-ações teórico-conceituais, etnográficas e material-discursivas que foram investigadas e propostas no decorrer da escrita da dissertação, isto é, parte integral da história/estória produzida através da cama de gato aqui montada. Além do mais, o caso de Teodora, assim como o caso de Agnes (Braz; Machado, 2023), desempenha um papel ativo na tentativa de esboçar uma compreensão do conceito de cisgeneridade a partir dos estudos sociais e feministas da ciência em sua interlocução – em sua relação difratária – com os estudos trans. Isto é, minha compreensão aqui exposta foi possibilitada por esse caso, encontrado por acaso durante a pesquisa. Então, o que afirmo “ser” a cisgeneridade está em relação direta com os recursos etnográficos aqui apresentados e analisados. Na próxima sessão, apresento os comentários finais que fecham, ainda que de maneira provisória, minhas considerações sobre o conceito de cisgeneridade. Neles, procuro apresentar os efeitos que o caso de Teodora produzem para essa dissertação com outros elementos tão importantes quanto, como o aparato teórico-metodológico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à nossa indagação quanto à possibilidade de se diagnosticar uma mulher transexual com Hirsutismo, duas respostas são possíveis: para a 1ª Vara do Juizado Especial Federal de Juiz de Fora e para a 1ª Turma Recursal de Minas Gerais, respectivamente personificados pela Juíza Maria Helena Carreira Alvim Ribeiro e pelo Juiz Gláucio Maciel Gonçalves, é possível. Tal possibilidade é devida aos documentos que atestam a condição de saúde dessa mulher transexual: além da constatação diagnóstica de especialistas tanto de Transtorno de Identidade Sexual, Transgenitalismo, Disforia de Gênero quanto de Hirsutismo, há também a correlação entre sua readaptação sexual, em vias de agendamento, e a retirada dos pelos faciais como etapas complementares, ainda que hierarquicamente diversas, “a serem atendidas para a concretização do fenótipo feminino”. Contudo, para o Secretário de Saúde do município de Juiz de Fora, tal diagnóstico é impossível. Em resposta à decisão que autorizava o tratamento a laser pelo SUS, o recurso interposto pelo município visou defender que tal demanda “se trata de um procedimento puramente estético, sem importância, fora de contexto”, baseando-se no pressuposto de que Teodora não era, ainda, uma mulher.

O Hirsutismo, de acordo com a definição exposta acima, e baseando-se no entendimento do município e do secretário, é uma condição exclusiva às mulheres. Neste caso, a completude – presumida na frase “ser uma mulher completamente” – se refere à presença imprescindível da vulva, ainda que, aparentemente, não importe quais as técnicas empregadas em sua fabricação: tanto o ato performativo de interpelação médica de gênero no momento de nascimento ou anteriormente, graças às tecnologias de ultrassom, quanto a fabricação cirúrgica da vulva pela qual mulheres transexuais, travestis e transgêneros passam. Sendo assim, “não se poderia dizer que ele (sic) padeceria de um mal exclusivamente feminino [...] o que tornaria a decisão carente de fundamento legal e até mesmo lógico [...]”, isto é, trata-se de uma questão descontextualizada e carente de sentido. A afirmação, e até mesmo a possibilidade de uma “mulher transexual” receber o diagnóstico de Hirsutismo, é um sofisma pois, para receber tal diagnóstico, ela deveria ser “mulher” anteriormente ao diagnóstico, e, para tanto, ela precisaria ter uma “vagina”. Como Teodora ainda não tinha tal genitália, ela não podia ser reconhecida com tal gênero e, consequentemente, não poderia ser diagnosticada com essa condição. A partir desse enquadramento, o fato de Teodora ter o diagnóstico e o acesso ao tratamento se torna uma impossibilidade, ainda que ela já tivesse o reconhecimento multidisciplinar dos especialistas atestando que ela é uma mulher. Em uma entrevista após a premiação da decisão que autorizou

o tratamento de Teodora, o juiz chegou a afirmar o seguinte, evidenciando quão desestabilizador esse caso é: “O aspecto de maior dificuldade foi saber pontuar a diferença entre *um homem que pede o mesmo tratamento de uma mulher e outro em vias de fazer a cirurgia de redesignação sexual*” (Monteiro, 2017, n.p., ênfase minha).

Tanto a decisão favorável quanto o recurso se baseiam não somente em noções cisnormativas sobre o que é a transexualidade, mas produzem uma certa materialização da cisgeneridade, isto é, o que constitui homens e mulheres *de verdade*. Por um lado, uma dada genitália é tomada como necessária para o reconhecimento de uma materialidade feminina, “a especificidade sexual do corpo da mulher” (Butler, 2019, p. 56). Por outro, a remoção dos pelos corporais se torna indispensável nessa materialização que, se não for performada, acabará resultando na criação de uma aberração: uma mulher barbada. Desse enquadramento, muito provavelmente nenhuma mulher, cis ou trans, escapará com facilidade, dado que a demanda pela remoção dos pelos, não somente os faciais mas do corpo todo, de mulheres é um pressuposto³⁶¹.

Além desse caso lançar luz à cisnormatividade no léxico e na prática médico-jurídicos (Oliveira, 2017), o ajuizamento da demanda pela remoção dos pelos faciais de Teodora contribui de duas formas com o presente trabalho. Em primeiro lugar, o relato de Teodora indica o incômodo com a presença dos pelos corporais, em especial os faciais, pois não condizem com o “fenótipo feminino” e por serem fonte de preconceito e sofrimento ao dificultarem sua leitura social como “mulher”³⁶². Em segundo lugar, o município que deveria custear o tratamento a laser de Teodora negou-se à tal responsabilidade devido ao fato dela não ser, até aquele momento, uma “mulher de verdade” por ainda não ter feito a cirurgia de “adequação sexual”. Como a defesa afirmou, o tratamento de Hirsutismo com depilação a laser, custeado pelo Estado, já era comum para aquelas pacientes que sofriam de tal condição de saúde, nomeadamente mulheres cisgêneras. Dado que tal tratamento é voltado para essas pacientes,

³⁶¹ Pietra Conceição Azevedo da Silva Paiva, em sua dissertação de mestrado intitulada “*As travas de jardim são unidas*”: *etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar*, nos informa que a prostituição é “[um entre outros indicadores] quanto a visibilidade dos pelos” (Paiva, 2020, p. 50), dado que esses “símbolos da masculinidade”, como a autora os chama, são menos evidenciados pelas “únicas interlocutoras que trabalham sistematicamente com sexo remunerado” (*ibidem*). De forma interessante, Paiva nota que “um corpo depilado é uma exigência da prostituição de forma geral, que incide até sobre prostitutas cisgêneras, não [sendo] algo próprio da travestilidade, mas sim da profissão [rompendo] com esta hiperespecificidade atribuída a nós travestis” (*ibidem*).

³⁶² Apesar de que não utilizei os grupos online para o compartilhamento de informação e o acolhimento de mulheres diagnosticadas com Síndrome do Ovário Policístico como campo etnográfico, é bastante comum encontrar ali relatos sobre a quantidade dos pelos corporais, expressando, geralmente, descontento, pavor, vergonha, dor física e psicológica, sentimentos compartilhados por Teodora. Além do mais, é recorrente à referência à capacidade androgeneizante/virilizante dos pelos, fazendo com que essas pacientes, similarmente aos sentimentos vividos por Teodora, se sintam menos mulheres.

mulheres com uma determinada configuração morfológica reconhecida no momento de nascimento, Teodora deveria, primeiramente, se encaixar em tal critério de mulheridade para, somente então, ter sua demanda atendida.

O diagnóstico de hirsutismo que a dermatologista conferiu à Teodora, amparado no acordo multidisciplinar de que se tratava de uma “transexual verdadeira”, ou seja, uma “mulher de verdade”, coloca em xeque a própria categoria diagnóstica ao mesmo tempo que materializa uma determinada mulheridade de Teodora. Contudo, ela encontra resistência quanto ao acesso ao tratamento, exatamente por não haver, por parte do município, o reconhecimento da materialidade de sua feminilidade/mulheridade, ainda que a defesa tenha se apoiado na autenticidade e autoridade científicas dos laudos que a reconhecia. Tal reconhecimento, portanto, não emergiu junto com o diagnóstico de Hirsutismo emitido por sua dermatologista, ainda que essa seja uma condição de saúde exclusivamente feminina/de mulheres. Pensar conjuntamente com o caso de Teodora com o intuito de considerar a produção da materialização da cisgeneridade e dos pelos corporais, nos faz pensar sobre a genealogia do diagnóstico e a teoria da seleção sexual. Se, como vimos, foi possível historicizar a cisgeneridade para além dos marcos temporais que a localizam nos momentos finais do último século, é possível perceber que esses elementos heterogêneos que elencamos para pensar sua materialização ainda atuam na performance diferencial do humano através de fronteiras de sexo, gênero e raça.

A cartografia dos pelos corporais se revela uma nuance nesses processos de materialização, não devendo ser tomada como o substituto para melhor avaliar a forma como os corpos, tanto cis quanto trans, emergem a partir da cisgeneridade como um aparato de produção corporal. É revelador que em nenhum dos estudos que analisei nos capítulos 3 e 4 tenham comentários sobre corpos que não sejam cisgêneros, nem tomem como digno de menção a ausência desses corpos. Como vimos, o dimorfismo sexual não aparece como um problema e, exatamente por isso, tais documentos etnográficos funcionam tão bem para conseguirmos vislumbrar a materialização da cisgeneridade na fabricação do diagnóstico de Hirsutismo e na teoria de seleção sexual. O caso de Teodora interpela e desestabiliza essas produções tecnocientíficas, mas como vimos, os padrões criados por elas se mantêm não só atuais e utilizados pela biomedicina, endocrinologia, antropologia, sociologia etc., mas são intra-ativos nessas práticas material-discursivas. Sendo uma situação etnográfica extremamente complexa, vemos nesse caso um ótimo exemplo de materialização da cisgeneridade a partir dos pelos corporais.

Os conceitos aqui mobilizados (gênero, homem/mulher, sexo, feminino/masculino, raça, branco/negro e civilidade, humano/não-humano) podem aparecer como realidades

tangíveis e óbvias para os *experts* em biologia, antropologia, endocrinologia, sociologia etc. É importante notar que, em minha elaboração, os conceitos não são anteriores ou exteriores ao aparato de cisgeneridade, ao contrário, eles emergem dele e são suas partes integrantes, intrínsecas, indispensáveis a uma dada fabricação. Por exemplo, “homem” e “mulher” não são termos que tive que utilizar por estar falando de cisgeneridade, como se o limite conceitual da cisgeneridade fosse definido de antemão a partir do dimorfismo sexual. Ao contrário, ao falar de cisgeneridade, fui convidada a tocar em determinados temas importantes para o debate, entre os quais as distinções de sexo e de gênero, pois esses são assuntos inerentes aos materiais com os quais minha pesquisa dialoga, isto é, intra-age. De acordo com a compreensão agencial de Barad (2007, p. 148), não se trata “meramente [de] conceitos humanos serem incorporados em aparatos, mas, ao contrário, de que aparatos são práticas discursivas, por sua vez, entendidas como reconfigurações específicas através das quais ‘objetos’ e ‘sujeitos’ são produzidos”³⁶³.

Além do mais, as aproximações teórico-conceituais emergiram a partir da utilização da cama de gato como metodologia para o desenvolvimento dessa dissertação. Menos elencar um conjunto heterogêneo de informações, fatos, datas, nomes etc., o que emergiu foi uma compreensão localizada do conceito de cisgeneridade, isto é, a própria cama de gato. O que busquei fazer, então, foi trabalhar com padrões material-discursivos heterogêneos sobre os pelos corporais de diversas áreas de conhecimento e, por meio de minha leitura e apropriação dos estudos feministas e sociais da ciência, produzir novos padrões. Essencialmente, o diagnóstico de hirsutismo não se conecta à cisgeneridade, a história/estória de Krao Farini ou a teoria de seleção sexual muito menos. Contudo, a cama de gato aqui elaborada propõe essas conexões, isto é, o trabalho é um esforço fabulativo de lidar com questões científicas e materiais e conceituais e discursivas simultaneamente, oferecendo uma dimensão a mais nos diálogos conceituais e práticos sobre a cisgeneridade. Então, utilizar o conceito de cisgeneridade como um aparato material-semiótico de produção corporal implicou em evidenciar como ele “performa o que importa/materializa (*matters*) e o que é excluído da materialização”³⁶⁴ (*ibidem*). Nesse sentido, a cisgeneridade não é a constatação de um corpo congruente em termos de sexo, gênero, identidade de gênero e práticas sexuais. Ao contrário, por meio da performatividade pós-humanista de Barad, foi possível construir a cisgeneridade com uma série de “práticas de criação de fronteiras” (*boundary-making practices*) (*ibidem*) através das quais

³⁶³ “[...] merely the case that human concepts are embodied in apparatuses, but rather that apparatuses are discursive practices, where the latter are understood as specific material reconfigurings through which “objects” and “subjects” are produced.”

³⁶⁴ “[...] they enact what matters and what is excluded from mattering [...] boundary-making practices.”

tal congruência é performada. Conjuntamente à constatação da realidade binária, pré-discursiva e permanente, a cisgeneridade foi utilizada como o aparato de produção dessa realidade assim como um importante elemento de sua desconstrução.

REFERÊNCIAS

- BAGAGLI, B. P. Cisgeneridade e silêncio. **Transfeminismo.com**: s.n., 2014.
- BAGAGLI, B. P. **Discursos transfeministas e feministas radicais**: disputas pela significação da mulher no feminismo. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2019.
- BARAD, K. Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter. **Signs**, v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003.
- BARAD, K. **Meeting the Universe Halfway**: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham & London: Duke University Press, 2007.
- BEEK, C. H. A Study on Extension and Distribution of the Human Body-Hair. **Dermatologica**, [s.l.], v. 101, n. 6, p. 317-331, 1950. DOI: <https://doi.org/10.1159/000257143>.
- BELL, D. Queernaturecultures. In: MORTIMER-SANDILANDS, C.; ERICKSON, B. (ed.) **Queer Ecologies**: Sex, Nature, Politics, Desire. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2010, p. 134-148.
- BELLERA, A. C.; FOSTER, B. J.; HANLEY, J. A. Calculating Sample Size in Anthropometry. In: PREEDY, V. R. **Handbook of Anthropometry**: Physical Measures of Human Form in Health and Disease, vol. 1. New York & London: Springer, 2012, p. 3-29.
- BESSEN, L. **“Pode tudo, até ser cis”**: Segredo de justiça, cisgeneridade e efeitos de estado a partir de uma peciografia dos processos de retificação do registro civil em Porto Alegre/RS. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social. Porto Alegre, 2018.
- BONDERSON, J. **A Cabinet of Medical Curiosities**. Ithaca: Cornell University Press, 1997.
- BRAZ, E. **O normal é tecnológico**: cisgeneridade como somatécnica. 2022. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2022.
- BRAZ, E.; MACHADO, P. S. Os estudos trans encontram os estudos sociais da ciência: uma aproximação teórico-metodológica a partir do problema da passabilidade. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 24, n. 64, p. 366-392, mai. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.130232>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/illuminuras/article/view/130232>. Acesso em: 12/07/2023.
- BROWNE, J. **Charles Darwin**: The Power of Place. New York: Alfred A. Knopf, 2002.
- BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York & London: Routledge, 1999.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. **Corpos que importam: Os limites discursivos do sexo**. São Paulo: crocodilo, 2019.

CATLIN, G. **Letters and Notes on the Manners, Customs, and Conditions of North American Indians**, vol. 1 & 2. New York: Dover Publications, 1973.

CAUDILL, Edward. The Press and Tails of Darwin: Victorian Satire Evolution. **Journalism History**, v. 20, n. 3/4, p. 107-115, autumn-winter 1994.

CHÉRY, A. Shades of Facial Hairiness at the French Court: The Case of Marie-Joséphine of Savoy, Countess of Provence. In: EVANS, J.; WITHEY, A. **New Perspectives on the History of Facial Hair: Framing the Face**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

COACCI, T. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. **História Agora**, v. 1, p. 134-61, 2014.

CRYLE, P. M.; STEPHENS, E. **Normalcy: a critical genealogy**. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM – Brasil). **Resolução CFM nº 2.265/2019 de 20 de setembro de 2019**. Dispõe sobre o cuidado específico à pessoa com incongruência de gênero ou transgênero e revoga a Resolução CFM nº 1.995/2010. Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, 2020. Disponível em: <https://sistemas.cfm.org.br/normas/visualizar/resolucoes/BR/2019/2265>.

DANFORTH, C. H.; TROTTER, M. The Distribution of Body Hair in White Subjects. **American Journal of Physical Anthropology**, [s.l.], v. 5, n. 9, p. 259-265, 1922.

DARWIN, C. **The Variation of Animals and Plants under Domestication**, vol. 1 & 2. London: John Murray, 1868.

DARWIN, C. **The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex**, vol. 1 & 2. London: John Murray, 1871.

DARWIN, C. **The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex**, vol. único. 2ª ed. London: John Murray, 1882.

DARWIN, C.; DARWIN, F. (ed.). **The Life and Letters of Charles Darwin, including an autobiographical chapter**, vol. 1, 2 & 3. London: John Murray, 1887.

DARWIN, C.; DARWIN, F. (ed.) **More Letters of Charles Darwin: A Record of His Work in a Series of Hitherto Unpublished Letters**, vol. 1 & 2. London: John Murray, 1903.

DE LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. XX-XX.

DESPRET, V. **O que diriam os animais?** São Paulo: Ubu, 2021

DUHRING, L. A. Case of a Bearded Woman. **Archives of Dermatology**, v. 3, p. 193-200, 1877.

DUNN, L. C. Races, A Study of the Problems of Race Formation in Man by Carleton S. Coon, Stanley M. Garn, Joseph B. Birdsell. **American Anthropologist**, Menasha, v. 53, n. 1, p. 105-106, 1951.

DUPERTUIS, C. W.; ATKINSON, W. B.; ELFTMAN, H. Sex Differences in Pubic Hair Distribution. **Human Biology**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 137-142, 1945.

DURBACH, N. The Missing Link and the Hairy Belle: Krao and the Victorian Discourses of evolution, Imperialism, and Primitive Sexuality. In: TROMP, M. (ed.). **Victorian Freaks: The Social Context of Freakery in Britain**. Columbus: The Ohio State University Press, 2008.

ESCHRICHT, D. F. Über die Richtung der Haare am menschlichen Körper. In: JOHANNES, M. **Archiv für Anatomie und Physiologie**, 1837.

ESPECIAL: Transexual pode realizar depilação a laser na rede pública de saúde. **Justiça Federal: Tribunal Regional Federal da 1ª Região**, 01 de março de 2017. Disponível em: <https://portal.trf1.jus.br/portaltf1/comunicacao-social/imprensa/noticias/especial-transexual-pode-realizar-depilacao-a-laser-na-rede-publica-de-saude.htm>. Acesso em:

EVANS, J. (ed.); WITHEY, A. (ed.). **New Perspectives on the History of Facial Hair: Framing the Face**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

FAUSTO-STERLING, A. Gender, Race, and Nation: The Comparative Anatomy of "Hottentot" Women in Europe, 1815-1817. In: TERRY, J. (ed.); URLA, J. (ed.) **Deviant Bodies: Critical Perspectives on Difference in Science and Popular Culture**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

FAVERO, S.; MACHADO, P. S.; FREITAS, R. V. Corpo da criança, corpo do adulto: um olhar sobre as revisões diagnósticas que compõem fronteiras entre pessoas trans. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 1-21, 2022. DOI: <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22306.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/WPvxTN3cjHcVbkXYmPQRMqQ/?lang=pt>. Acesso em: 12/07/2023.

FAVERO, S. Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. **Bagoas**, Natal, v. 13, n. 20, p. 169-197, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/18675>. Acesso em: .

FERRIMAN, D. G.; THOMAS, P. K.; PURDIE, A. W. Constitutional Virilism. **British Medical Journal**, [s.l.], v. 2, 1410-1412, 1957.

FERRIMAN; D. G. GALLWEY, J. D. Clinical Assessment of Body Hair Growth in Women. **Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, v. 21, n. 11, p. 1440-1447, 1961. DOI: <https://doi.org/10.1210/jcem-21-11-1440>.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade, volume 1: A vontade de saber**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, J. **Intersexualidades e biotecnologias**: um estudo antropológico acerca da inserção da hiperplasia adrenal congênita no teste do pezinho. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2014.

JUSTIÇA decide manter fornecimento de depilação a laser a transexual. **G1**, 20 junho 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/06/justica-decide-manter-fornecimento-de-depilacao-laser-transexual.html>.

GAMA, F. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 45, n. 2, p. 188-208, mai./ago. 2020.

GAMA, F.; RAIMONDI, G. A.; BARROS, N. F. Apresentação - Autoetnografias, escritas de si e produções de conhecimentos corporificadas. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 37, p. 1-10, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1590/1984-648.sess.2021.37.e21300.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/qrgSZc6BRNx5684qttKbKvj/?lang=pt>. Acesso em: 12/07/2023.

GAMBLE, E. B. **The Evolution of Woman**: An Inquiry into the Dogma of her Inferiority to Man. New York & London: G. P. Putnam's Sons, 1894.

GAMBLE, E. B. **The Sexes in Science and History**: An Inquiry into the Dogma of Woman's Inferiority to Man. Westporto: Hyperion Press, 1916.

GARN, S. M. COON, C. S.; BIRDSELL, J. B. **Races**: A Study of the Problems of Race Formation in Man. Springfield: Charles C. Thomas, 1950.

GARN, S. M. Types and Distribution of the Hair in Man. **Annals of the New York Academy of Sciences**, New York, v. 53, n. 3, p. 498-507, 1951. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1951.tb31952.x>.

GARN, S. M.; COON, C. S. On the Number of Races of Mankind. **American Anthropologist**, v. 57, n. 5, p. 996-1001, out. 1955.

GARN, S. M. Race and Evolution. **American Anthropologist**, v. 59, n. 2, p. 218-224, abr. 1957.

GOULD, L. Negro = Man. **American Anthropologist**, n. 67, v. 5, p. 1281-1282, 1965.

GRUNVALD, V. P. **Existências, insistências e travessias**: sobre algumas políticas e poéticas de travestimento. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2016.

HAECKEL, E. **Die Natürliche Schöpfungs-Geschichte**: Gemeinverständliche wissenschaftliche vorträge über die entwickelungslehre im allgemeinen und diejenige von Darwin, Goethe und Lamarck im besonderen. Berlin: George Reimer, 1868.

HAMILTON, J. B. Quantitative Measurement of a Secondary Sex Character, Axillary Hair. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 53, n. 3, 585-599, 1951. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.1951.tb31960.x>.

HAMLIN, K. A. The "Case of a Bearded Woman": Hypertrichosis and the Construction of Gender in the Age of Darwin. **American Quarterly**, v. 63, n. 4, p. 955-981, dez. 2011.

HAMLIN, K. A. **From Eve to evolution: Darwin, science, and women's rights in Gilded Age America**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2014.

HARAWAY, D. J. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988. DOI: <https://doi.org/10.2307/3178066>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3178066>. Acesso em: .

HARAWAY, D. J. The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others. In: GROSSBERG, N. (ed.); NELSON, C. (ed.); TREICHLER, P. A. (ed.). **Cultural Studies**. New York & London: Routledge, 1992.

HARAWAY, D. J. A Game of Cat's Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies. **Configurations**, Baltimore, v. 2, n. 1, p. 59-71, winter 1994.

HARAWAY, D. J. Modest Witness: Feminist Diffractions in Science Studies. In: GALISON, P.; STUMP, D. J. (eds.). **The Disunity of Science: Boundaries, Contexts, and Power**. Stanford: Stanford University Press, 1996, p. 428-442.

HARAWAY, D. J. **Modest-Witness@Second-Millennium.FemaleMan©-Meets-OncoMouse™: feminism and technoscience**. New York: Routledge, 2018.

HARAWAY, D. J. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023a.

HARAWAY, D. J. **A reinvenção da natureza: Símios, ciborgues e mulheres**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023b.

HARDING, S. **The Science Question in Feminism**. Ithaca & London: Cornell University Press, 1986.

HATCH, R.; ROSENFELD, R. L.; KIM, M. H.; TREDWAY, D. Hirsutism: Implications, Etiology, and Management. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, v. 140, n. 7, p. 815-830, 1981.

HAUSMAN, B. L. Demanding Subjectivity: Transsexualism, Medicine, and the Technologies of Gender. **Journal of the History of Sexuality**, v. 3, n. 2, p. 270-302, 1992.

HAUSMAN, B. L. **Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender**. Durham & London: Duke University Press, 1995.

HERZIG, R. M. **Plucked: A History of Hair Removal**. New York & London: New York University Press, 2015.

HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2023.

HOYME, L. E. Physical Anthropology and Its Instruments: An Historical Study. **Southwestern Journal of Anthropology**, v. 9, n. 4, p. 408-430, 1953.

HUSTAK, C. MYERS, N. Involutionary Momentum: Affective Ecologies and the Sciences of Plant/Insect Encounters. **Differences**, v. 23, n. 3, p. 74-118, 2012.

HUTCHINSON, H. N.; JOHNSTON, H.; LYDEKKER, R.; KEANE, A. H.; SAVAGE LANDOR, A. H.; SHUFELDT, R. W.; Prof. LONGFORD. **The Living Races of Mankind: A Popular Illustrated Account of the Customs, Habits, Pursuits, Feasts & Ceremonies of the Races of Mankind Throughout the World**. London: Hutchinson & Co, 1900.

HUXLEY, T. H. **Evidence as to Man's Place in Nature**. London & Edinburgh: Williams and Norgate, 1863.

JARRIN, A. **The Biopolitics of Beauty: Cosmetic Citizenship and Affective Capital in Brazil**. Oakland: University of California Press, 2017.

JORDAN-YOUNG, R. M.; KARKAZIS, K. **Testosterone: an unauthorized biography**. Cambridge & London: Harvard University Press, 2019.

JESUS; J. G.; KAAS, H. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Chronos**, v. 11, n. 2, n.p., 2012.

LATOUR, B. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. São Paulo: Unesp, 2017.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica**. 2ª ed. São Paulo: 34, 2019.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARKS, J. The Scientific and Cultural Meaning of the Odious Ape–Human Comparison. *In*: Ellison, G. T. H.; GOODMAN, A. H. **The Nature of Difference: Science, Society and Human Biology**. Boca Raton: CRC Press, 2006.

MARSHALL, W. A.; TANNER, J. M. Variations in the Pattern of Pubertal Changes in Girls. **Archives of Disease in Childhood**, v. 44, n. 235, p. 291-303, 1969.

MARSHALL, W. A.; TANNER, J. M. Variations in the Pattern of Pubertal Changes in Boys. **Archives of Disease in Childhood**, v. 45, n. 239, p. 13-23, 1970.

MCCLINTOCK, A. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. São Paulo: Unicamp, 2010.

M'CHAREK, A. Beyond Fact or Fiction: On the Materiality of Race in Practice. **Cultural Anthropology**, v. 28, n. 3, p. 420-442, 2013.

M'CHAREK, A. Race, Time and Folded Objects: The HeLa Error. **Theory, Culture & Society**, v. 31, n. 6, p. 26-56, 2014.

M'CHAREK, A. Race and Sameness: On the Limits of Beyond Race and the Art of Staying with the Trouble. **Comparative Migration Studies**, v. 10, n. 13, p. 1-16, 2022.

MELICK, R. TAFT, H. P. Observations on Body Hair in Old People. **Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism**, [s.l.], v. 19, n. 12, p. 1597-1607, 1959. DOI: <https://doi.org/10.1210/jcem-19-12-1597>.

MILAM, E. L. **Looking for a Few Good Males: Female Choice in Evolutionary Biology**. Baltimore: Johns Hopkins University, 2010.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Fazenda e Secretaria de Saúde. **Resolução Conjunta nº 3.316 de 30 de dezembro de 2002**. Dispõe sobre os procedimentos a serem observados na importação de equipamento médico-hospitalar, realizado por clínica ou hospital, com isenção do ICMS. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Fazenda, 2002. Disponível em: https://www.fazenda.mg.gov.br/empresas/legislacao_tributaria/resolucoes/2002/rr3316_2002.html. Acesso em:

MONTEIRO, I. Transexual pode remover barba pelo SUS, diz decisão premiada. **Conselho Nacional de Justiça**. 16 fevereiro 2017. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/transexual-pode-remover-barba-pelo-sus-diz-decisao-premiada/>. Acesso em:

MULVEY, L. Visual Pleasure in Narrative Cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, p. 6-18, 1975.

MUNIZ, T. **Processos de materialização da raça e do racismo no campo da saúde: uma etnografia das práticas e narrativas profissionais**. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2021.

NASCIMENTO, L. O. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

NOTT, J. C.; GLIDDON, G. R. **Types of Mankind**: or, Ethnological researches based upon the ancient monuments, paintings, sculptures, and crania of races, and upon their natural, geographical, philological and Biblical history. Philadelphia: J.B. Lippincott, Grambo & Co., 1854.

NURKA, C. **Female genital cosmetic surgery: deviance, desire and the pursuit of perfection**. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019.

OLDSTONE-MOORE, C. The Beard Movement in Victorian Britain. **Victorian Studies**, v. 48, n. 1, p. 7-34, autumn 2005.

OLIVEIRA, M. B. **Trans tornando o campo do direito: Uma análise da construção da categoria transexual na doutrina jurídica brasileira e seus efeitos no reconhecimento das pessoas trans como sujeito de direitos**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2017.

PAIVA, P. C. A. S. "**As travas de jardim são unidas**": etnografia da performance identitária das travestis em contextos rurais e interioranos do sertão potiguar. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte, Natal, 2020.

PEACOCK, S. **The Great Farini**: The High-Wire Life of William Hunt. Toronto: Viking, 1995.

PEDERSEN, J. Hypertrichosis in Women. **Acta Dermato-Venereologica**, v. 23, n. 1, p. 1-13, 1943.

PLEMONS, E. **The Look of a Woman**: Facial Feminization Surgery and the Aims of Trans-Medicine. Durham & London: Duke University Press, 2017.

PRECIADO, P. B. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

PRECIADO, P. B. **Transfeminismo**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022a.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.

PRECIADO, P. B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PROPÉCIA: Finasterida. [bula de medicamento]. Responsável técnica Telma Elaine Spina. Hortolândia: EMS, 2021. Disponível em: <https://www.sara.com.br/produto/finasterida-1-mg-comprimido-revestido-com-30-7896004706405?origin=qrcode>. Acesso em: 06/07/2023.

PROSCAR: Finasterida. [bula de medicamento]. Responsável técnica Telma Elaine Spina. Hortolândia: EMS, 2022. Disponível em: <https://www.sara.com.br/produto/finasterida-5-mg-comprimido-revestido-com-30-7896004703466?origin=qrcode>. Acesso em:

PROSCAR: Finasterida. [bula de medicamento]. Responsável técnico Ronoel Caza de Dio. Hortolândia: EMS, s.d. Disponível em: https://www.ems.com.br/arquivos/produtos/bulas/bula_finasterida_10146_1030.pdf. Acesso em:

RAYMOND, J. G. **The Transsexual Empire**: The Making of the She-Male. New York: Teachers College Press, 1994.

ROBERTS, C. **Messengers of Sex**: Hormones, Biomedicine and Feminism. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RODOVALHO, A. M. O cis pelo trans. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, jan.-abr. 2017.

RODRIGUES, C. O (cis)gênero não existe. **Blog do IMS**, 2014. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/o-cisgenero-nao-existe/>.

RODRIGUES, F. D. **(Des)caminhos em busca de cuidado**: uma análise da rede de assistência à saúde para pessoas transexuais e travestis em Juiz de Fora/MG. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Juiz de Fora, 2018.

ROHDEN, F. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. 2ª ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

ROHDEN, F. Prescrições de gênero via autoajuda científica: manual para usar a natureza? *In*: FONSECA, C.; ROHDEN, F.; MACHADO, P. S. **Ciências na vida**: Antropologia da ciência em perspectiva. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

RICHARDS, E. Darwin and the Descent of Women. *In*: OLDROY, D. (ed.); LANGHAM, I. (ed.) **The Wider Domain of Evolutionary Thought**. Dordrecht, Boston & London: D. Reidel Publishing Company, 1983.

RUSSET, C. E. **Sexual science**: the Victorian construction of womanhood. Cambridge & London: Harvard University Press, 1989.

SILVA, Mariah Rafaela. **Corpos antropofágicos**: supermáquina e interseccionalidade em cartoescrita de fluxos indisciplinados. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Amazonas – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Manaus, 2018.

SILVA, M. R. C. G. **Zonas de te(n)são entre desejo e o nojo: Cisgeneridade como paradigma de subjetivação sexual**. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023.

SHAFE, Laurence. An Exploration of Darwin's Beard. **Victorian Review**, v. 41, p. 2, p. 24-27, 2015.

SCHIEBINGER, L. **Nature's Body**: Gender in the Making of Modern Science. New Brunswick: Rutgers University Press, 2013.

SCHULTZ, A. H. The Density of Hair in Primates. **Human Biology**, v. 3, n. 3, p. 303-321, set. 1931.

SCHULTZ, A. H. Die Körperproportionen der erwachsenen catarrhinen Primaten, mit spezieller Berücksichtigung der Menschenaffen. **Anthropologischer Anzeiger**, v. 10, n. 2/3, p. 154-185, 1933.

SCHULTZ, A. H. **The life of primates**. New York: Universe Books, 1969.

SHAFE, L. An Exploration of Darwin's Beard. **Victorian Review**, v. 41, n. 2, p. 24-27, fall 2015.

SHAH, P. N. Human Body Hair: A Quantitative Study. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, [s.l.], v. 73, n. 6, p. 1255-1265, jun. 1957.

SMITH, C. H. **The Natural History of the Human Species**. Edinburgh: W. H. Lizards, 1848.

SMITH, J. Gender, Royalty, and Sexuality in John Gould's "Birds of Australia". **Victorian Literature and Culture**, v. 35, n. 2, p. 569-587, 2007.

STEBBING, T. R. R. Instinct and Reason. **Report and Transactions of the Devonshire Association for the Advancement of Science, Literature, and Art**, v. 4, n. 1, 1870.

STEPAN, N. **The Idea of Race in Science: Great Britain, 1800-1969**. Hamden: Archon Books, 1982.

THOMAS; P. K.; FERRIMAN, D. G. Variation in Facial and Pubic Hair Growth in White Women. **American Journal of Physical Anthropology**, v. 15, n. 2, p. 171-180, 1957. DOI: <https://doi.org/10.1002/ajpa.1330150208>.

TROTTER, M. A study of Facial Hair in The White and Negro Races. **Washington University Studies**, vol. IX: Scientific Series, p. 273-289, 1922.

VAN OOST, E. Materialized Gender: How Shavers Configure the User's Femininity and Masculinity. In: OUDSHOORN, N.; PINCH, T. (eds.). **How Users Matter: The Co-Construction of Users and Technologies**. Cambridge & London: The MIT Press, 2003, p. 193-208.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Salvador, 2015.

VIEIRA, H. Toda cisgeneridade é a mesma? Subalternidades nas experiências normativas. **Portal Geledés**, set. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/toda-cisgeneridade-e-a-mesma-subalternidade-nas-experiencias-normativas/>. Acesso em: 17/01/2024.

VIEIRA, M. C. **Figurações Primitivistas: Trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Centro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2019.

VIREY, J.J. **Histoire Naturelle du Genre Humain**. Paris: Crochard, 1824.

WALLACE, A. R. **Contributions to the Theory of Natural Selection: A Series of Essays**. New York: Cambridge University Press, 1871.

WEBER, M. I. **Die Lehre Von Den Ur- and Racen-Formen Der Schädel Und Becken des Menschen**. Düsseldorf: Arnz, 1830.

WHITE, R. G. **The Fall of Man or The Loves of the Gorillas:** A Popular Scientific Lecture Upon the Darwinian Theory of Development by Sexual Selection by a Learned Gorilla. New York: G. W Carleton & Co., 1871.

WITHEY, A. **Concerning Beards:** Facial Hair, Health and Practice in England 1650-1900. London: Bloomsbury Academics, 2021.